



Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 3 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 03 – Número 01 – Junho / 2017

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 03, n. 01, jun. 2017. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017. -
171 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zaroni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Revisão

Luciano Gonçalves Soares

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoração Eletrônica

Ms. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	-----------

ARTIGOS

Graça em Paulo

Grace in Paul

<i>Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa.....</i>	<i>11</i>
--	-----------

Propostas para uma leitura missional em Salmos

Proposals for a missional reading in Psalms

<i>Me. Daniel Aquino Torgan.....</i>	<i>23</i>
--------------------------------------	-----------

O Reino do Servir: o cidadão do Reino, o Reino e o Rei do Reino, em uma perspectiva bíblico-teológica

The Kingdom of Service: the citizen of the kingdom, the kingdom and the kingdom's King, on a biblical-theological perspective

<i>Renan Antunes Vieira Martinelli.....</i>	<i>36</i>
---	-----------

A hermenêutica e a exegese bíblicas como aliadas à educação cristã: da conceituação à prática

Hermeneutics and biblical exegesis as allied to Christian Education: from the concept to practice

<i>Roney Ricardo Cozzer</i>	<i>48</i>
-----------------------------------	-----------

Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional

Relevant Church: practicing principles of the missional church

<i>Anilton Oliveira da Silva.....</i>	<i>57</i>
---------------------------------------	-----------

A influência das migrações de povos dos primeiros séculos para a expansão do evangelho

The influence of the migration of peoples from the first centuries to the expansion of the Gospel

<i>Eduardo Balaniuk.....</i>	<i>73</i>
------------------------------	-----------

Uma introdução ao molinismo

An introduction to Molinism

<i>Fares Camurça Furtado e Carlos Alberto Bezerra</i>	<i>89</i>
---	-----------

Consumação do reino: os evangelhos sinópticos e a vida após a morte

Consummation of the Kingdom: The synoptic gospels and life after death

<i>Rosângela Ferro Dias Teck de Gamba</i>	<i>103</i>
---	------------

As perspectivas bíblica e histórica sobre vocação

The biblical and historical perspectives about vocation

Delize Gabriela Grandó..... 123

A temporalidade do Reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da Teologia do Novo Testamento

The temporality of the Kingdom of God in the prediction of Jesus from some thinkers of the New Testament Theology

Evandro Roque Rojahn 148

RESENHAS

Verdades arqueológicas

Dr^a Marivete Zanoni Kunz 163

Redescobrimo a missão da igreja

André Souza Silva..... 167

Normas para publicação170

APRESENTAÇÃO

A revista *Ensaios Teológicos* apresenta mais um volume com dez artigos e duas resenhas, para sua leitura.

O primeiro artigo foi escrito por *Vera R. B. Schmegel da Costa*. Através de sua pesquisa a autora aborda o assunto **“Graça em Paulo”**. Na sua escrita ficou evidenciado que, em Paulo, a graça que se apresenta salvadora é também a graça que capacita o cristão a viver conforme o padrão de Deus. Inicialmente, a autora traz uma visão panorâmica de graça em Paulo. Na sequência, expõe o aspecto ético da graça, expresso na identificação com Cristo e no serviço. A autora mostra que, na história cristã, o conceito de graça já esteve comprometido e distante da verdade bíblica, até mesmo ausente do vocabulário de alguns estudiosos. Ainda há destaque para graça instigada e apresentada nos ensinamentos de Paulo.

O segundo artigo **“Propostas para uma leitura missional em Salmos”**, escrito por *Daniel Torgan*, demonstra como a hermenêutica missional pode ser base de interpretação para o livro de Salmos. Além disso, apresenta importantes interpretações de Salmos, o conceito de *Missio Dei*, bem como a hermenêutica missional. O autor evidencia que tal leitura pode ajudar o intérprete na compreensão da revelação como consequência da missão de Deus.

O terceiro artigo foi escrito por *Renan A. V. Martinelli* e tem por título **“O Reino do Servir: o cidadão do Reino, o Reino e o Rei do Reino, em uma perspectiva bíblico-teológica”**. O objetivo é levar o leitor a compreender de uma forma mais profunda o Reino de Deus e aqueles que fazem parte dele. Além disso, o autor buscou mostrar como deve ser a atitude de um cidadão deste Reino.

Na sequência, temos o artigo **“A hermenêutica e a exegese bíblica como aliadas à educação cristã: da conceituação à prática”**. Nesse artigo, *Roney R. Cozzer* traz um olhar sobre a *práxis* educativa no contexto cristão como fator propiciador da leitura, ensino e assimilação prática dos textos bíblicos. Sendo assim, há a análise da relação entre a Educação Cristã e a Hermenêutica e a Exegese, pois as mesmas são vistas como disciplinas teológicas que incidem direta e indiretamente na vida das pessoas. Para o autor, a Hermenêutica e a Exegese dão “suporte” à Educação Cristã, pois fornecem o instrumental para a busca do sentido do texto. A Educação Cristã contribui fazendo a conexão com o educando e oportunizando a ligação entre o mundo da vida e a correta compreensão dos textos bíblicos não somente no meio acadêmico.

O quinto artigo **“Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional”**, foi escrito por *Anilton Oliveira da Silva*. Este artigo relata o planejamento de um seminário, denominado *“Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional”*, que foi realizado e aplicado na comunidade da Igreja Batista Independente em Marechal Cândido Rondon/PR. O trabalho surgiu das inquietações do autor a partir da pergunta: *“qual a melhor forma de capacitar a 2ª Igreja Batista Independente em Marechal Cândido Rondon sobre o conceito de igreja missional?”* Neste artigo, o autor mostra que para a compreensão do tema fez uso de textos de autores como Goheen, Wright e Keller. Nessa exposição, há detalhes sobre a igreja onde o

seminário foi realizado, bem como descreveu-se o contexto desta Igreja Batista Independente, sua localização geográfica e estrutura denominacional. A pesquisa apresenta a fundamentação do conceito de igreja missional, em diálogo com os termos evangelho, cultura e cosmovisão; apresenta a metodologia utilizada para construção de planos em conjunto com o público-alvo. O autor, através do projeto desenvolvido, encorajou tal comunidade cristã a ser missional em seus ministérios e atividades e concluiu que tal seminário pode ser útil para outras comunidades.

Eduardo Balaniuk foi quem escreveu o sexto artigo, que tem por título **“A influência das migrações de povos dos primeiros séculos para a expansão do Evangelho”**. O autor desenvolve sua pesquisa refletindo sobre as migrações de povos e sua influência na expansão do Evangelho. Mostra que muitos foram obrigados a migrar a fim de salvar suas vidas e, quando isso ocorreu, o próprio Evangelho foi espalhado. No seu texto, Balaniuk enfatiza que foi através das influências das migrações que o Evangelho se espalhou por todo o mundo, apesar de algumas vezes ter sido introduzido de maneira errada.

“Uma introdução ao molinismo” é o assunto desenvolvido por *Fares Camurça Furtado* e *Carlos Bezerra*, no artigo de número sete. Os autores mostram o molinismo e sua relação com a soberania divina e com a liberdade humana. Trazem informações sobre sua origem, bem como sua chegada ao meio acadêmico e teológico, e ainda sua proximidade com a filosofia. Os autores argumentam sobre algumas objeções que demonstram determinadas inconsistências em tal sistema e o tornam incompatível ao calvinismo.

Na sequência, *Rosangela Teck de Gamba* escreve sobre a **“Consumação do reino: os evangelhos sinópticos e a vida após a morte”**. A reflexão deste artigo surgiu da preocupação da autora diante da ênfase dada a algumas tradições e rituais que perpetuam certas crenças sobre a vida após a morte entre os ovimbundos. Desta forma, este artigo busca responder a questão do que os evangelhos sinópticos ensinam sobre a consumação do reino de Deus e como estes ensinamentos podem ajudar os crentes ovimbundos a vencerem o medo do reino das trevas. Questões que envolvem a cosmovisão dos ovimbundos, no que diz respeito ao mundo físico e espiritual, são apresentadas no texto, bem como o temor do cristianismo não ensinar sobre a soberania, amor e justiça de Deus, entre outras questões, o que pode ser uma porta para os rituais mágicos serem vistos como práticas normais. Por isso, nesse artigo a autora traz reflexões sobre os ensinamentos de Jesus nos evangelhos sinóticos com destaque para a instauração e consumação do reino de Deus. Além disso, a autora mostra alguns aspectos positivos das crenças que os ovimbundos têm sobre Deus, vida e morte e os põe em paralelo com algumas tradições que estão contra princípios bíblicos de Jesus sobre o reino do Pai.

Delize Grandó escreveu o artigo de número nove, **“As perspectivas bíblica e histórica sobre vocação”**. A autora evidencia que tal tema é o mesmo que “chamado”. Há destaque para o fato de que todos são convocados a colaborar com a missão de Deus, de diferentes formas. Nesse sentido, a história auxilia na compreensão de que isso ainda é algo tratado da maneira inadequada. A autora mostra a necessidade da compreensão do propósito de Deus para o ser humano e do cumprimento da vocação.

Finalizando, o artigo de número dez, escrito por *Evandro Roque Rojahn*, tem por tema **“A temporalidade do reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da teologia do Novo Testamento”**. Este artigo destaca que o Reino de Deus aparece na pregação do Batista. O autor destaca as palavras de João Batista acerca do arrependimento e da preparação frente à irrupção do Reino de Deus e o início do ministério de Cristo, após ser batizado e guiado pelo Espírito Santo ao deserto para ser tentado. No texto, o autor destaca a atenção dada pelo Senhor, por seus primeiros discípulos e por João Batista, ao conceito de Reino de Deus, além de sua recorrência na Teologia do Novo Testamento. A análise está baseada especialmente nos escritos de autores como Zuck, Jeremias, Ladd, Bultmann e Schnelle.

A revista ainda apresenta duas resenhas. Uma delas escrita por Andre Souza Silva, sobre o livro *“A igreja missional na Bíblia: luz para as nações”* (de Michael W. Goheen) e outra do livro *“Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia”* (de Rodrigo Silva), escrita por Marivete Kunz.

Que Deus use estes textos para abençoar graciosamente sua vida e que este material seja útil na seara do Senhor. Boa leitura a todos!!!

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

GRAÇA EM PAULO Grace in Paul

Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa¹

RESUMO

O ensaio, através do método de pesquisa bibliográfica, dedica-se ao assunto graça em Paulo, considerado o apóstolo da graça. Em Paulo, a graça que se apresenta salvadora é também a graça capacitadora para uma vida em conformidade com o padrão de Deus. Parte-se de uma visão panorâmica de graça em Paulo para o aspecto ético da graça, expressa na identificação com Cristo, a personificação da graça, graça que se traduz em serviço e graça que deve ser fomentada através da pregação. Por que debruçar-se sobre a graça em Paulo? Por causa das implicações da compreensão ou não da mesma. Na trajetória da história cristã, o conceito de graça por vezes apresentou-se comprometido e limitado, divorciado da verdade bíblica, ausentando-se até mesmo do vocabulário de alguns estudiosos. Transitando ora na obscuridade, ora na superficialidade, sobretudo em tempos em que a ênfase é posta na bondade do ser humano, o senso de necessidade da mesma é minimizado. O estudo do tema, ao passo que desconstrói uma mentalidade alicerçada em algum mérito, constrói outra realidade: a realidade de uma ética graciosa. Uma ética que responde e corresponde à graça de Deus, se traduzindo em uma vivência de transformação, identificação com Cristo e serviço. Existe uma responsabilidade ética no que se refere a graça. Existe uma consciência de graça a ser fomentada e nesse sentido, Paulo ensina e inspira.

Palavras-chave: Paulo. Graça. Jesus. Ética.

ABSTRACT

The article, through the bibliographical research method, is dedicated to the subject grace in Paul, who is considered the apostle of grace. In Paul, the grace that saves is also the

¹ A autora é bacharela em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e mestra em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: veraschmegel@gmail.com

enabler of a life according to God's standard. It starts with an overview of grace in Paul to the ethical aspect of grace, expressed in identification with Christ, the personification of grace, grace that is translated into service and which must be fomented through preaching. Why study about grace in Paul? Because of the implications of the comprehension of it. In the Christian trajectory, the concept of grace was sometimes compromised and limited, separated from the biblical truth, being missed even in the vocabulary of some scholars. Moving from the dimmer, sometimes in the superficiality, mainly in times when the emphasis is in the goodness of the human being, the sense of the necessity of the grade is diminished. The study of the topic, while it disrupts a mentality rooted in some merit, it also builds another reality: the reality of an ethic based on grace. An ethic that responds and corresponds to the grace of God, being translated in an experience of transformation, identification with Christ and service. There is an ethical responsibility in what refers to grace. There is a conscience of grace to be fomented and in this sense, Paul teaches and inspires.

Keywords: Paul. Grace. Jesus. Ethics.

INTRODUÇÃO E DEFINIÇÕES GERAIS

O vocábulo *χάρις* (*charis*), a partir dos apóstolos, carrega o sentido de graça de Deus. No entanto, o termo foi ressignificado em uma apropriação do seu cenário primeiro, o mundo grego. Goppelt afirma esse cunho religioso da expressão, com a ressalva de que esse se deu a partir de Paulo. *Charis* referia-se basicamente a “aquilo que faz feliz” e era atribuído ao ato de benevolência de um regente.² Meier, em sua obra *Política e graça*, assume que não pode chegar a uma definição de graça e dedica-se a reconstituir, aproximadamente, o quadro da graça daquela época. Provavelmente *charis* encontrava-se presente no conceito de beleza no contexto helênico³ e afirma-se que “Graça é uma beleza que não é dada pela natureza, mas desenvolvida pelos sujeitos.”⁴

Charis expressa-se em movimentos graciosos e parece estar ligada à identidade como sociedade. Encontra-se refletida também nas concepções de seus deuses, dotados de beleza humana e sobrenatural e também de alegria. Em suas muitas conotações, “ela abrange tanto o âmbito todo da generosidade, da convergência e da reciprocidade, quanto o modo cordial, educado e gracioso com o qual o doador e beneficiário se devem comportar.”⁵

Em Homero, poeta épico da Grécia Antiga (Odis. 7.175), também se constata o uso de *charis* em referência a personalidade atrativa. O texto de Colossenses 4.6 traz esse sentido: “A vossa palavra seja sempre amável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.”⁶ A comunicação graciosa tem potencial de atrair pessoas para um relacionamento com Cristo.⁷ Conclui-se que a compreensão de *charis*, no mundo grego, dá-se

² GOPPELT, Leonard. Graça. In: HENRY, Carl (org.). **Dicionário de ética cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 323.

³ MEIER, Christian. **Política e graça**. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 1997, p. 26-28.

⁴ SCHILLER *apud* MEIER, 1997, p. 28.

⁵ MEIER, 1997, p. 28-32.

⁶ A versão da Bíblia adotada na pesquisa é a Almeida Século 21.

⁷ BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 960.

no âmbito estético acima do religioso e, em Paulo, o termo é introduzido para o campo da teologia.

1. VISÃO PANORÂMICA DE GRAÇA EM PAULO

Através de Paulo, a graça tornou-se um dos termos basilares da teologia cristã; vindo a ser assimilado por todos os autores posteriores a ele no Novo Testamento.⁸ *Charis* aparece 155 vezes no Novo Testamento (expressão abreviada por NT, na sequência do texto), sendo largamente usado por Paulo (100 vezes). Antes, porém, se fará menção breve dos usos por outros autores bíblicos. Nas Epístolas Gerais ocorre com mais frequência: em 1Pedro (10 vezes) e em Hebreus (8 vezes). Já em Atos aparece (17 vezes), Lucas (8 vezes) e João (4), ausentando-se de Mateus e Marcos.⁹

Nos escritos de Paulo, *charis* é a essência da salvação de Deus em Jesus Cristo, bem como de todas as suas conseqüências no presente e no futuro (Rm 3.24ss). Desta forma, a graça se faz presente nas saudações das epístolas de Paulo não apenas como “expressão de um desejo de bem estar espiritual”.¹⁰ Muito além da expressão cortês que designa um desejo acerca da salvação, é qualificada como sendo a graça do Senhor Jesus Cristo (2Co 13.13).¹¹ O apóstolo está convicto de que a salvação se dá pela graça de Deus (Rm 3.24; 5.15; cf. Ef 2.5,7; Tt 2.11), sendo razão de louvor (Ef 1.6) e um dom comunicável (1Co 1.4; 3.10; 15.10; 2Tm 1.9).¹²

O apóstolo Paulo estende a realidade e poder da graça confrontando as ideias rabínicas acerca da justificação através das obras e do sinergismo, apresentando duas linhas antitéticas e excludentes: graça e lei (cada qual com suas palavras correlatas). A realidade da graça em Cristo implica a impossibilidade de apropriação da graça como direito conquistado, nem tampouco pode ser deixada a sua livre disposição. A graça encontra centralidade na argumentação de Paulo e, frequentemente, encontra definição em contrastes.¹³ O ser humano é redimido pela fé somente (Rm 3.24,28), não auxiliado por obras.

A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome de Jesus Cristo... Jesus Cristo é Deus por nós... Tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu e ressuscitou e “a graça veio por meio de Cristo Jesus (Jo 1.17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas o próprio ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento... outrossim, é da essência da graça que ela é livre... E visto que a graça é a decisão livre de

⁸ GOPPELT In: HENRY, 2007, p. 323.

⁹ ESSER, HANS H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 911.

¹⁰ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹¹ ESSER, 2000, p. 911.

¹² GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 390.

¹³ ESSER, 2000, p. 911-912.

Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede da sua graciosidade, segue-se que não temos a habilidade de conquistar sua graça e favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o N.T., e de modo expresso, em passagens como Rm 3.19 e ss; Jo 1.16; Gl 2.11-21 e Ef 2.8.¹⁴

A mentalidade de salvação alicerçada em obras não cabe diante da realidade da graça e verdade em Jesus (Jo 1.14; 2Co 1.12; Gl 1.6; 2 Tm 2.1; Tt 2.11; Hb 12.15). Esse contraste evidencia a graça como benefício, um dom da parte de Deus, mesmo que não merecido. Nesse sentido, destaca-se ainda a possibilidade de raiz em comum entre *Charis* e *Chario*, palavra para “regozijo-me”, o que de fato faz sentido, por ser a graça, em suas variadas formas de atuação, motivo de grande alegria.¹⁵

Deve-se frisar, no entanto, que, embora o NT apresente essa contraposição, não significa que obras sejam abolidas do vocabulário bíblico. Embora não sejam causa meritória da salvação, as obras têm o seu papel. Bentley coloca a graça e obras como sinônimas, na perspectiva de que, a partir da salvação, são resultantes da ação do Espírito Santo, “exteriorizações da graça divina”. O progresso na vida cristã, chamado, arrependimento e a própria fé se devem à graça (Gl 1.15; II Tm 3.15; Ef 2.8), que não faz concessões no que se refere ao imperativo da santificação (Rm 1.5; 6.17), não se dando essa por via de lei, e sim da graça, que a transcende em poder.¹⁶

Partindo do pressuposto básico do perdão e absolvição jurídica (Rm 8.31-32) provenientes da graça, Paulo enxerga toda a dinâmica da vida cristã residente na graça (2 Co 6.1-9; Rm 5.2), ancorada no propósito de Deus (Rm 8.28), agindo na fragilidade humana (2 Co 12.9); sendo ela a razão de ser do novo indivíduo (1 Co 15.10).¹⁷ *Charis* indica a inteireza da fé cristã, fé essa que “contém e dispensa a graça de Deus”.¹⁸ Esse favor de Deus manifestado à humanidade - e de maneira especial aos seus filhos - é tido como marca distintiva das epístolas de Paulo das demais cartas correntes na época. A graça é tida como “fonte propulsora da fé e da vida cristã”,¹⁹ que assim seja!

Interessante em Paulo é que a graça aparece por vezes quase de forma palpável, como na referência à generosidade dos macedônios em sua contribuição, sinal da graça de Deus (2Co 8.1; 2Co 8.7, “graça” essa que deveria inspirar os coríntios). O apóstolo enxerga seu chamado como obra dessa graça (Gl 1.15). A graça concede a Paulo a certeza da atuação de Deus em seu apostolado (1Co 15.10,11), sendo difícil diferenciá-la do “poder” do qual é dependente em meio às fraquezas (2Co 12.9-10; 13.4).²⁰ Paulo parece ter clareza da graça, e seu poder inerente, que se movia nos bastidores de sua vida.

A fim de ilustrar a dependência da graça, Esser introduz a imagem de um prisioneiro liberto que depende das conexões, ajudas no processo de acompanhamento posterior que

¹⁴ BENTLEY, 2008, p. 955.

¹⁵ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁶ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁷ ESSER, 2000, p. 913.

¹⁸ BENTLEY, 2008, p. 953-960.

¹⁹ LINDEN, G. L. Graça In: BORTOLLETO Filho, F. (edit). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008, p. 462.

²⁰ GUTHRIE, 2012, p. 390.

lhe possibilitam vida na liberdade. Realidade vivenciada em sua missão particular (Rm 1.5; 12.3; 15.5; 1 Co 3.10; Gl 2.9; Fp 1.7), tanto quanto na vida cristã em geral (Rm 12.3, 6; 1 Co 1.4; 2 Co 4.15; 6.1; 8.1; 9.8, 14; Fp 1.7).²¹ A graça que torna possível a caminhada é a mesma que se faz companheira a cada passo.

Ainda tratando da significação da graça, Berkhof afirma o papel do Espírito Santo. A graça, por vezes apresentada como inerente, é a “comunicação ativa das bênçãos divinas pela ação interior do Espírito Santo, provenientes daquele que é cheio de graça e de verdade” e acrescenta que, nesse sentido de qualidade ativa, não há muita distinção entre as expressões “cheio do Espírito Santo” e “cheio de graça e poder” (At 6.5,8), sendo até mesmo o Espírito Santo chamado “Espírito da graça” (Hb10.29)²² ou Espírito que traz graça.

2. GRAÇA NO PONTO DE VISTA ÉTICO

Goppelt sustenta que a compreensão da graça é determinante para a concepção de relacionamento entre Deus e o ser humano, e mais especificamente, de como este pode viver em conformidade com a vontade de Deus, ou seja, sua concepção de ética cristã. Acresce-se que a definição de graça, e como ela se expressa, constitui-se, ao longo dos séculos, o tema central da teologia.²³

Alguém pode perguntar o porquê do espaço dado ao assunto, o que pode denunciar uma “... tendência de se explicar a graça de Deus como sendo, simplesmente, um princípio de amor que deveria ter um desejado efeito psicológico de edificar uma comunidade amorosa”²⁴, ou seja, uma ideia “romantizada” e de caráter não muito prático.

Tendo se entendido a centralidade da graça de Deus no Novo Testamento, uma questão que poderia ser posta é como conciliar essa realidade com a existência considerável de imperativos éticos. Isso não ressaltaria, mesmo que indiretamente, a responsabilidade de obediência às ordens de Deus e, portanto, o aspecto do merecimento por parte daquele que se enquadra com o padrão ético apresentado?, pergunta Linden. Ao que ele, logo na sequência, responde:

O fato é que estes imperativos jamais são apresentados como requisitos para a entrada no reino. São, antes, normas para aqueles que já estão no reino, tendo recebido o chamado do Senhor, um chamado que é feito por graça (Jo 1.17; At 18.27; Rm 11.5; Gl 1.15; Gl 1.15; 2 Tm 1.9, etc.). Assim sendo, a ética do Novo Testamento é, por assim dizer, uma ética da graça. Nenhum dos imperativos éticos sugere que a pessoa tenha capacidade em si mesma, ou mérito próprio. Também aí a graça de Deus se manifesta, capacitando a pessoa para realizar aquilo que é da vontade de Deus para a sua vida (1 Co 15.10; 2 Co 4.15; 8.4; Ef 3.8; etc).²⁵

²¹ ESSER, 2000, p. 913.

²² BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o caminho, 1990, p. 422-423.

²³ GOPPELT, 2007, p. 323.

²⁴ GOPPELT, 2007, p. 323.

²⁵ LINDEN, 2008, p. 463.

Bridges afirma que o emprego de graça Novo Testamento expressa dois sentidos que se relacionam e se complementam. Primeiro, é o favor imerecido de Deus estendido por meio de Cristo, através do qual a salvação e as demais bênçãos são dadas livremente. Segundo, é o auxílio de Deus que nos é dado através do Espírito Santo. É claro que o segundo significado está incluso no primeiro, porque a ajuda do Espírito Santo se inclui nas “outras bênçãos” dadas em Cristo, esclarece. Destacam-se esses dois aspectos da graça “porque o primeiro enfoca a graça de Deus como fonte de todas as bênçãos, enquanto o segundo aspecto enfoca a graça de Deus expressa especificamente com a obra do Espírito Santo em nós”.²⁶

Bruce também atenta para a realidade da graça manifesta não apenas na aceitação dos pecadores por Deus, mas também na transformação dos que assim são aceitos, a fim de que sejam semelhantes a Cristo. O autor cita as palavras de Thomas Erskine:

[...] “no Novo Testamento, religião é graça, e ética é gratidão.” Se esta palavra fosse traduzida para o grego, uma palavra, *charis*, serve de equivalente tanto para graça quanto para gratidão, isto porque a gratidão que a graça divina gera em seu destinatário, também é expressão desta graça concedida e mantida pelo Espírito Santo, por meio do qual o amor de Deus é derramado no coração dos crentes.²⁷

Essa é a proposta cristã que Paulo ensina, e ele não se engana, sustenta Rega, ao tratar do capítulo 12 de Romanos. Apresentar-se no altar (Rm 12.1) é apenas o primeiro passo. Dada a natureza humana corrompida (Rm 7), bem como a realidade do mundo que segue os seus próprios cursos, faz-se imprescindível uma transformação radical de vida (Rm 12.2). Contudo, essa transformação não deriva de esforço próprio. Somente a graça restauradora de Cristo capacita o ser humano à possibilidade de corresponder aos padrões elevados de justiça (v. Rm 6; 2Co 12.7-10). Acresce-se que, por essa razão, o fruto do Espírito (Gl 5.22,23), por exemplo, é do Espírito, e não do ser humano. “Assim, vemos que não se pode falar da ética paulina sem pensar na graça capacitadora de Cristo e na ação mobilizadora do Espírito”.²⁸

Tudo isso mostra que a ética paulina, muito longe de ser uma ética decisionista, isto é, que enfoca apenas as decisões, é uma ética de transformação de vida e caráter. Essa preocupação de Paulo assemelha-se muito à preocupação de Jesus, que evidenciou uma ética essencialista e de princípios (Mt 5.21ss), ou seja, uma ética como “resposta livre à graça de Deus, que opera na vida do crente em Cristo e pelo Espírito”.²⁹

²⁶ BRIDGES, Jerry. **Graça que transforma**. Tradução de Elizabeth Stowell Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 136.

²⁷ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 14.

²⁸ REGA, Lourenço Stelio. **Paulo e sua teologia** (org.). 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 63.

²⁹ REGA, 2009, p. 64.

3. EXPRESSÕES DA GRAÇA

3.1 A graça evidenciada na identificação com Cristo

Notório se faz o fato de que Jesus não usou a palavra graça, no entanto “no seu ensino e especialmente na ação desenvolvida entre as pessoas, Jesus mostrou concretamente a forma graciosa de Deus agir em favor daqueles que nada tinham a oferecer”,³⁰ sendo a própria personificação da *charis* de Deus. No “evento” Cristo foi abolido o “emaranhamento na anterior história da desgraça”.³¹ Nele, a graça é uma dádiva preciosa (1Co 1.4) e, sem ele, não faz sentido falar em graça (1Co 1.31).³²

A igreja constitui-se de pessoas alcançadas pela graça salvadora de Jesus, creu nele e se comprometeu com ele. Isso é a base. O resto é adereço. Em Paulo há o auxílio para o aprofundamento do conceito bíblico de igreja. Não são suficientes declarações elaboradas de propósitos, se o alicerce da fé não é Cristo. Rega atenta para um perigo a que a igreja contemporânea está exposta, o perigo de caracterizar mais um evento cultural que teológico. Mas o evento teológico deve triunfar sobre o sociológico, sempre, sustenta. A reflexão em Paulo é necessária e contemporânea.

Se, mais que uma instituição, igreja é gente, os relacionamentos devem valer mais que projetos institucionais. A prática dessa ideia renovaria nossas igrejas, dando-lhes uma dinâmica nova, tornando-as muito mais atraentes para o mundo, pois as pessoas procuram relacionamentos. A igreja se fundamenta no maior relacionamento já proposto: Deus deseja viver com o ser humano e lhe estende a mão na pessoa de Jesus. Vivendo com Deus, como igreja, os homens podem descobrir a proposta divina de relacionamento horizontal sadio, que é a vida em comunhão na ekklesia.³³

Diante da realidade desse tempo, onde existe uma busca frenética por novos métodos a fim de dar “um gás” à igreja, o autor sugere que necessitamos é de retornar ao pensamento de Paulo,³⁴ pensamento esse que remete a Cristo.

Michael Frost e Alan Hirsh, em sua recente obra “ReJesus”, propõem-se a explorar a conexão entre o caminho de Jesus e o cristianismo, na tentativa de acesso ao movimento através da revelação bíblica de Jesus e “propor formas pelas quais a igreja pode reconfigurar a si mesma e realmente calibrar sua missão em torno do exemplo e ensino do Rabino Radical de Nazaré.”³⁵ Suscitam-se as perguntas:

Onde está a continuidade? Por que o que experimentamos com o cristianismo está descontinuado com o caminho de Jesus? O quanto nosso testemunho é consistente com sua vida e seu ensino? Podemos nos afastar

³⁰ LINDEN, 2008, p. 461.

³¹ SCHNELLE, Udo. Paulo: **Vida e pensamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 621.

³² ESSER, 2000, p. 912.

³³ REGA, 2009, p. 22- 23.

³⁴ REGA, 2009, p. 22- 23.

³⁵ FROST, Michael; HIRSH, Alan. **ReJesus: um messias radical para uma igreja missional**. Tradução de Josiane Zanon Moreshi. Curitiba: Esperança, 2015, p. 21.

de seu protótipo de espiritualidade sem causar danos irreparáveis à integridade da nossa fé? Como saberemos se fomos longe demais?³⁶

Em suma, o assunto é “Rejesusar”. Em Jesus, Deus modelou como o ser humano deveria ser, e isso carrega implicações a serem seriamente consideradas. “Isso estabelece reconhecer que Jesus, como nosso modelo, mestre e guia é normativo para a vida cristã”. Ele é padrão pelo qual se medem os seus seguidores e sua espiritualidade.³⁷

Destaca-se essa esfera da educação contemplada por Paulo, quando apresenta um evangelho em que a didática é conduzida pelo exemplo. Paulo chama a que o imitem, assim como ele imitava a Cristo (1Co 11.1). Para um mundo onde cada um se faz referência para si mesmo e busca sua própria exaltação, Paulo aponta a derrocada da natureza humana (Rm 7). “Jesus não é apenas o varão perfeito, nosso modelo, mas também agente da graça (2Co 12.9,10) que em que em nós opera concretizando a manifestação do fruto do Espírito (Gl 5.22,23)”.³⁸

A teologia de Paulo se pauta em uma vida orientada pela busca “das coisas que são do alto” (Cl 3.1), ou seja, uma vida cujos interesses concordam com o Reino de Deus, numa perspectiva de ética cristã,³⁹ a ética de Cristo. “O evangelho da justificação e da adoção gratuitas e cheias da graça não é apenas o caminho para o reino; também é o caminho para crescermos em conformidade com a imagem de Cristo”.⁴⁰

Os cristãos são enviados ao mundo para que se identifiquem com os outros, assim como Cristo se identificou com a humanidade. Stott aponta essa como uma das principais falhas das igrejas evangélicas. “Raramente parecemos levar a sério esse princípio da encarnação”.⁴¹

Da mesma forma, a igreja existe para nada mais do que atrair os homens a Cristo, torná-los pequenos Cristos. Se não estamos fazendo isso, todas as catedrais, o clero, as missões, os sermões, e até a própria Bíblia são uma perda de tempo. Deus se fez homem com nenhum outro propósito. É até discutível se todo o universo foi criado para algum propósito. A Bíblia diz que o universo inteiro foi criado para Cristo e tudo deve ser reunido em torno dele.⁴²

Se existe a falha, essa não se dá pela falta de recursos disponibilizados. Todos os cristãos de todos os tempos e lugares podem desfrutar da plenitude de Cristo, graça sobre graça (cf. Jo 1.16). Para Boor, essa sucinta afirmação expressa a verdadeira essência da vida cristã:

Viver como cristão jamais significa ter algo em si próprio, mas retirar e receber incessantemente de uma plenitude inesgotável. Em todas as visões de mundo e religiões, a questão gira em torno de nossas realizações e nossos méritos. No evangelho tão somente podemos enaltecer com gratidão o que

³⁶ FROST; HIRSH, 2015, p. 21.

³⁷ FROST; HIRSH, 2015, p. 31.

³⁸ REGA, 2009, p.13.

³⁹ REGA, 2009, p 12.

⁴⁰ KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 363.

⁴¹ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 28.

⁴² LEWIS, C. S. *apud* FROST; HIRSH, 2015, p. 35.

temos recebido. E o que obtivemos nele é graça sobre graça. Enquanto no início da vida cristã nos deparamos, assombrados, com a graça, que nos trouxe de maneira redentora das trevas para a sua maravilhosa luz, da morte para a vida, no decorrer de nossa vida essa graça do início é inundada por graças sempre novas, assim como de uma fonte cheia jorra água sobre água.⁴³

Em Cristo, expressão caracteristicamente paulina (em torno de 104 ocorrências), há graça capacitadora para a vivência cristã.

3.2 Graça que se traduz em serviço

A graça não se restringe ao decreto benevolente de um governante, nem tampouco se limita à oferta de algo. A graça também é um poder que induz aquele que a recebeu ao serviço, enquanto o liberta do domínio do mal (Rm 5.20), a amar ao próximo (Rm 12.9-21) e agir como cristão dentro da sociedade (Rm 13.1-7; cf. Cl 3.18-4.1) e todas as virtudes repousam sobre a graça de Deus.⁴⁴

A graça impulsiona o serviço e capacita para tanto. Paulo chama de *charisma*, um revestimento especial com graça. Trata-se da única graça, em sua expressão multiforme. O significado de *charisma* foi desenvolvido para a vida da comunidade (Rm 12 e 1 Co 12), com alguns aspectos voltados para dentro e outros para fora.⁴⁵

Stott, acerca desse assunto, propõe uma importante distinção. A “graça salvadora” é concedida a todos quantos creem, enquanto a que poderia ser chamada de “a graça para o serviço”, é dada em distintos níveis, segundo a medida do dom de Cristo (Ef 4.7).⁴⁶ Se a existência da igreja se dá pela graça (*charis*), sua edificação se dá por meio dos dons da graça (*charismata*), conferidos pelo Espírito Santo.⁴⁷ Reforça-se que, dada sua gratuidade, essa capacitação não pode ser galgada por quaisquer esforços humanos.

A graça remete ao ministério, o exercício do serviço a Deus. A Bíblia apresenta ministérios particulares, como o de Paulo (Rm 12.3; 1 Co 3.10; Gl 2.9; Ef. 3.2), bem como diversos ministérios incumbidos aos crentes (Rm 12.6; Fp 1.7), e esse serviço, concedido aos indignos, é dom de Deus (Lc 5.8 ss). Reconhece-se que toda a atividade que se dá é ação da graça, e nesse sentido, “o homem não é ativo ao lado da graça, mas a graça é ativa nele e por ele (1 Co 15.10; 2 Tm 2.1; At 18.27)”.⁴⁸

Consciente de que seja o homem indigno, condenável e sem mérito algum, Deus concedeu em sua graça, em virtude de Cristo e em Cristo, riquíssima justiça e salvação, de maneira que agora é necessário crer. Resoluto, Lutero afirma sua disposição:

⁴³ BOOR, Werner de. **Evangelho de João**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2002, p. 48.

⁴⁴ GOPPELT, 2007, p. 323.

⁴⁵ ESSER, 2000, p. 912.

⁴⁶ STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. A nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: ABU, 2001, p. 111.

⁴⁷ SNYDER, Howard A. In: BRADFORD, Kevin; WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (edit.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁴⁸ BRAUDAZ, F. Graça. In: ALLMEN, Jean Jacques V. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 215.

Mas, por minha parte, farei também por tal pai, que me cumulou de benefícios tão valiosos, tudo quanto possa agradá-lo. Fá-lo-ei livre, alegre e gratuitamente. Serei para com o meu próximo um cristão, à maneira como Cristo foi comigo, [...]. Porque assim como o meu próximo padece necessidade e há falta daquilo que para nós sobra, assim também nós padecíamos grande necessidade e fomos socorridos pela graça divina em Jesus Cristo. Por conseguinte, socorreu-nos gratuitamente por Cristo. Auxiliemos nós também ao próximo com todas as obras de nosso corpo. Claramente se vê quão nobre e elevada é a vida cristã, ainda que hoje desgraçadamente em todo o mundo é desdenhada e, mais, esquecida e não se prega sobre ela.⁴⁹

Não se pode escapar da responsabilidade ética, justificando que, “embora a prática seja ruim, a beleza, a pureza e a verdade da Bíblia não são prejudicadas”.⁵⁰ “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles [os outros apóstolos]; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10). A realidade do ser de Paulo se explica pela graça de Deus e nela reside sua disposição para o seu serviço.

3.3 A Pregação da graça

Imprescindível a fim de fomentar uma vivência da graça é que se pregue sobre a graça, afirma Timothy Keller. Tanto crentes quanto não crentes devem estar expostos à mensagem de que a salvação e adoração se dão apenas pela graça. Se não existe convicção quanto à eficácia da pregação orientada pela graça, e até mesmo desconfiança de que os ouvintes ficarão entediados, isso revela falta de compreensão do evangelho.⁵¹

Portanto, existe uma mensagem básica que tanto cristãos quanto não cristãos precisam ouvir repetidamente: o evangelho da graça. Ela pode ser aplicada a ambos os grupos de modo direto e eficaz. Sermões moralistas aplicam-se somente a um dos dois grupos: ou a cristãos, ou a não cristãos. É verdade: se o culto de domingo e a mensagem estão focados primeiro no evangelismo, os crentes acabarão ficando entediados. E, se em nossa pregação focamos sempre e primeiramente a instrução, os não cristãos ficaram entediados e confusos. Mas, quando o culto e a mensagem estão focados no louvor a Deus que salva pela graça, desafiaremos e instruiremos tanto crentes quanto não crentes.⁵²

Paulo, de perseguidor a construtor do que antes estava determinado a destruir, e o seu típico rigor transformou-se em versatilidade e adaptabilidade. Com o propósito de fazer conhecido o Senhor que ele agora conhecia, “tudo foi subordinado à propagação das boas novas dessa graça, e a essa causa todos os seus talentos e energias foram dedicados”.⁵³ Paulo,

⁴⁹ LUTERO, Martinho. **Da liberdade cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 46-47.

⁵⁰ FROST; HIRSH, 2015, p. 77.

⁵¹ KELLER, 2014, p. 363.

⁵² KELLER, 2014, p. 364.

⁵³ BRUCE, 2003, p. 445.

considerado o apóstolo da graça, manteve-se entregue, sem agregar à sua vida valor demasiado, a fim de testemunhar do evangelho da graça de Deus (cf. At 20.24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mesmo tempo em que a interpretação integral que Paulo tem do evangelho é que a salvação é totalmente uma obra da graça de Deus, recebida só por intermédio da fé em Cristo, não obtida por meio de nossas obras; ele está igualmente convicto de que a principal razão da graça operar em nós é produzir o fruto de vidas transformadas, no lado desfavorável, de renunciar ao mal e, no lado favorável, de fazer o bem de forma incansável (Ef 2.8-10). Paulo vê a transformação ética que o evangelho realiza como obra da graça de Deus – graça que está operando desde a primeira vinda de Cristo, e graça que nos molda para viver com ética, à luz escatológica da sua segunda vinda (Tt 2.11-14).⁵⁴

Em Cristo se fazem acessíveis todos os recursos da graça:

O que os seguidores de Cristo tiram do oceano da plenitude divina é graça – cada onda é constantemente substituída por outra. Não há limites no suprimento de graça que Deus pôs à disposição do seu povo em Cristo; assim como Paulo, o evangelista também experimentou que é verdade o que Deus disse: “A minha graça te basta” (2 Co 12.9).⁵⁵

Todos quantos são beneficiados com a graça são responsabilizados a um estilo de vida na qual ela seja evidenciada, como recipientes, que não a retêm, mas dela transbordam. Por fim, faz-se empréstimo da sugestão de Stott:

Certamente podemos orar por nós mesmos, para que tenhamos a benção e a misericórdia de Deus, e a luz de seu rosto – não para que possamos monopolizar sua graça e nos aquecer sob os raios de seu favor, mas para que outros vejam a benção e a beleza dele em nós, e sejam atraídos para ele por nosso intermédio.⁵⁶

REFERÊNCIAS

ALLMEN, Jean Jacques V. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o caminho, 1990.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2002.

⁵⁴ WRIGTH, Christopher. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 233.

⁵⁵ BRUCE, F. F. **João: Introdução e Comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 48.

⁵⁶ STOTT *Apud* WRIGTH, 2012, p. 128.

BRADFORD, Kevin; WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (edit.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**: perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BRIDGES, Jerry. **Graça que transforma**. Tradução de Elizabeth Stowell Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

BRUCE, F. F. **João**: Introdução e Comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1990.

_____. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003.

ESSER, HANS H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 907-911.

FROST, Michael; HIRSH, Alan. **ReJesus**: um messias radical para uma igreja missional. Tradução de Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2015.

GOPPELT, Leonard. Graça. In: HENRY, Carl (org.). **Dicionário de ética cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 376-393.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LINDEN, G. L. Graça In: BORTOLLETO Filho, F. (edit). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

MEIER, Christian. **Política e graça**. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

REGA, Lourenço Stelio. **Paulo e sua teologia** (org.). 2.ed. São Paulo: Vida, 2009.

SCHNELLE, Udo. Paulo: **Vida e pensamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

STOTT, John. **A mensagem de Efésios**. A nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: ABU, 2001.

_____. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.

WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

PROPOSTAS PARA UMA LEITURA MISSIONAL EM SALMOS Proposals for a missional reading in Psalms

Me. Daniel Aquino Torgan¹

RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito de demonstrar como a hermenêutica missional pode ser base de interpretação para o livro de Salmos. As várias nuances de uma leitura bíblica onde o conceito de Missio Dei seja visto e aplicado dão ao saltério nova possibilidade de leitura e aplicação. Para tanto, é necessário também apresentar as mais importantes interpretações de Salmos, o conceito de Missio Dei, bem como a hermenêutica missional. As propostas para ler Salmos nesta hermenêutica, depois de tais apresentações, são meios de ajudar o intérprete na busca de uma leitura em que pese a revelação como consequência da missão de Deus.

Palavras-chaves: Salmos. Missio Dei. Hermenêutica missional.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how the missional hermeneutic can be the basis for the interpretation of the book of Psalms. The various nuances of a biblical reading where the concept of Missio Dei is seen and applied would give to the psalter new possibilities of reading and application. Therefore, must also be presented the most important interpretations of the Psalms, the concept of Missio Dei and the missional hermeneutic. The proposals to read Psalms in this hermeneutics, after such presentations, are ways to help the interpreter in the search for a reading where the revelation is seen as a result of God's mission.

Keywords: Psalms. Missio Dei. Missional hermeneutic.

¹ Mestre em Teologia pelo programa de pós-graduação das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Possui graduação em Teologia e pós-graduação em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP). E-mail: daniel.torgan@gmail.com

INTRODUÇÃO

O livro de Salmos já foi amplamente discutido e ainda gera debates em contextos hermenêuticos, exegéticos e teológicos. Como interpretar determinados salmos e de que maneira relacioná-los à vida do leitor moderno? Mais do que isso, qual seria a forma de perceber o saltério como uma produção dentro de um contexto maior – o Antigo Testamento? Estas e outras perguntas relacionadas à interpretação do livro de Salmos têm recebido respostas distintas por diferentes propostas hermenêuticas.

A hermenêutica missional é também uma proposta de interpretação bíblica que abrange Antigo e Novo Testamento, buscando relacionar as atividades práticas e reflexivas dos escritores com a concepção conhecida como *Missio Dei*. Dessa maneira, a pesquisa procura fazer perguntas de interpretação a essa proposta hermenêutica: é plausível, na leitura missional, interpretar o livro de Salmos? Se for viável, quais seriam, então, as diretrizes mais importantes para um intérprete no empenho de ler os Salmos a partir dessa hermenêutica? Diante disso, pode também ser indagado como o compêndio de cânticos se encaixa na estrutura do Antigo Testamento percebida pela proposta missional.

A essas perguntas acrescenta-se o caminho percorrido para se chegar a uma proposta de interpretação missional dos Salmos. Pois, antes das sugestões em si, o leitor deverá, de forma introdutória, ser apresentado a algumas interpretações que já foram dadas ao livro, à perspectiva missional no contexto geral do Antigo Testamento e ao seu conceito fundante, a *Missio Dei* – o caminho, portanto, será por si só enriquecedor.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO

De maneira similar a outros escritos sagrados, os Salmos estão em formato de poesia. Uma poesia onde a correspondência se dá nas ideias tratadas e não necessariamente nas rimas fonéticas. Essa característica é chamada de paralelismo.² A poesia é distinta da prosa por sinais internos e externos: os internos dizem respeito à elevação do pensamento, uso de imagens e figuras de linguagem; os sinais exteriores são, por exemplo, ritmo, estrofes, rimas, acróstico, entre outros. A literatura hebraica em formato de poesia não falta com nenhuma dessas características.³ Inclusive, sua peculiaridade mais distinta - que é o uso do paralelismo - apesar de já ser conhecida em escritos de outros povos, nunca havia sido tão frequente e bem elaborado como na poesia bíblica.⁴

No saltério de hinos encontram-se variados tipos de salmos. Os mais recorrentes são os cânticos de lamento, também conhecidos como salmos de petição, e os cânticos de louvor. Há uma porção de salmos que tratam de temas específicos, como alguns que falam sobre o rei e sua relação com Deus – salmos régios; os afamados cânticos de Sião – enaltecendo a

² CHISHOLM Jr, Robert B. Uma teologia dos Salmos. In: ZUCK, Roy B. (ed). **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 228.

³ ALVES, Eduardo Leandro. **Salmos missiológicos: princípios bíblicos para a prática missionária da igreja**. Londrina: Descoberta, 2011, p. 20.

⁴ ALVES, 2011, p. 20.

santa cidade, escolhida por morada divina na terra; há salmos sapienciais, os quais consistem em apresentar os estilos de vida do justo e do ímpio – uma proposta parecida com o livro de Provérbios; também há salmos de entronização: os quais descrevem Deus reinando sobre o mundo,⁵ entre outros.

O nome do livro na língua original é *Tehillim*, plural de *tehillah*, que significa “louvor” ou “hino de louvor”. O que dá indicação de como os compiladores do livro entendiam esses cânticos – apesar de haver, como dito, hinos de lamento, entre outros temas. Dos 150 salmos arrolados no saltério, 57 trazem no título a especificação “*mizmor*”, que possui o sentido de “cantar acompanhado de um instrumento de corda”.⁶

Por fim, a divisão geral do livro de Salmos se dá em cinco partes. Elas compreendem, respectivamente, os capítulos: 1-41; 42-72; 73-89; 90-106 e 107-150.⁷ Cada parte termina com uma doxologia, ou seja, uma expressão de louvor a Deus (veja 41.14; 72.19; 89.56 e 106.48), sendo que o último capítulo do saltério, o salmo 150, é todo ele formado por doxologia, pois compreende a conclusão geral do livro.⁸

2. A DISCUSSÃO SOBRE COMO INTERPRETAR O LIVRO DE SALMOS

Tem se discutido por inúmeras vezes como interpretar o livro de Salmos. Não foi tão cedo que se percebeu a necessidade do saltério ser lido a partir do seu contexto maior (o Antigo Testamento, com suas implicações hermenêuticas), lembrando-se, porém, de seu contexto próximo – a literatura sapiencial.

Entre o Novo Testamento e a Reforma, a maioria das interpretações em Salmos usava o método alegórico. Com isso se buscava em cada detalhe possibilidades de aplicar o texto a Jesus Cristo.⁹ O desejo de se interpretar todo o Antigo Testamento a partir do Novo Testamento surgiu bem cedo no cristianismo, possivelmente por meio de embates entre a Igreja e a comunidade judaica. O método alegórico, em que o Antigo Testamento se torna alegoria para o Novo, fazia com que as escrituras da “antiga aliança” se tornassem impossíveis de serem interpretadas corretamente por judeus – especialmente por não terem o Novo Testamento como “chave hermenêutica” do Antigo. Os cristãos reivindicavam “para si a Bíblia judaica, insistindo em que os judeus não compreendiam as escrituras”.¹⁰

Lutero e, de modo especial, Calvino trouxeram novos ares às interpretações em Salmos. Ambos entendiam que esse texto deveria ser lido levando em consideração seu contexto imediato, histórico e sua língua original. Tampouco deixaram de ressaltar a natureza cristocêntrica deste livro.¹¹

Daquele tempo em diante, as mudanças na natureza da hermenêutica bíblica se refletiram também na interpretação de Salmos. Em 1811, Wilhelm de Wette publicou uma

⁵ CHISHOLM JR, 2009, p. 228.

⁶ RAGUER, Hilari. **Para compreender os Salmos**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 21.

⁷ HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005, p. 519-520.

⁸ RAGUER, 1998, p. 22.

⁹ HOUSE, 2005, p. 515.

¹⁰ GONZÁLEZ, 2015, p. 41.

¹¹ HOUSE, 2005, p. 515.

obra que, dentre outros detalhes, duvidava da possibilidade de entender que muitos salmos previssem a vinda de Cristo. O maior impacto, entretanto, veio pela obra de Hermann Gunkel. Com a utilização do método conhecido como “crítica da forma”, o teólogo primeiramente agrupou os salmos a partir de seus tipos literários e com isso passou a sugerir o contexto histórico em que eles haviam sido escritos. Por tal análise e também por não aceitar a fidelidade histórica dos salmos, situou quase todos em período muito recente, no pós-exílico.¹²

Os esforços mais recentes não puderam desconsiderar obras como a de Gunkel e, até por isso, tiveram de superar dificuldades apresentadas em sua análise. Pela crítica das formas, os Salmos ficaram isolados uns dos outros, não dando espaço para nenhuma continuidade dentro da estrutura do livro.

Em resposta a esse resultado, Childs propôs uma teologia canônica, tendo em vista a importância dos superescritos e ênfase nos salmos davídicos contidos no Novo Testamento. Mays também aborda vínculos de conteúdo dentro dos salmos e tenta demonstrar a influência de alguns destes cânticos para a teologia bíblica.¹³

House acompanha a ênfase canônica e entende que a teologia de salmos é o que liga as composições individuais em um compêndio só. Em sua visão, as circunstâncias e intempéries específicas demonstradas nas seções e até mesmo nos salmos individuais, são ligadas pelo destaque do escritor na “soberania de Deus sobre Israel e o restante da criação”.¹⁴ Os salmos expressam o culto prestado a Deus na condição de governador do mundo.

Von Rad também contribui para o entendimento dos salmos quando fala sobre a história da salvação. Para tal teólogo, Israel entendia que Javé havia atuado duas vezes de maneira fundamental em sua história. De forma resumida, essas duas vezes seriam: de Abraão a Josué e na confirmação do trono de Davi. Von Rad não deixou de dizer que Israel cria na intervenção constante de Deus, entretanto, essas duas ações foram fundamentais na teologia de Israel e na construção do que ele chamou de “história da salvação”.¹⁵ Dessa forma, os salmos podem ser vistos como uma maneira de Israel reagir diante das ações de Deus, pois foi “principalmente no culto que Israel glorificou as intervenções de Javé na história”.¹⁶

De forma mais simples, o salmo enumerava puramente os atos de Deus, tanto na criação como na história da salvação. Com seu desenvolvimento, segundo von Rad, passou-se também a falar das atitudes de Israel, mesmo as que o envergonhava. A palavra *hōdâh* ajuda a entender essa percepção, pois, sendo geralmente traduzida por “louvar”, seu real significado é “confessar, reconhecer, aprovar” e, sempre quando empregada nos salmos, refere-se a fatos divinos já ocorridos.¹⁷ O que o salmista fazia, ora individualmente, ora representando a

¹² HOUSE, 2005, p. 515-517.

¹³ HOUSE, 2005, p. 517-518.

¹⁴ HOUSE, 2005, p. 520.

¹⁵ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**: teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973, vol. 1, p. 340-341.

¹⁶ Von RAD, 1973, vol. 1, p. 342.

¹⁷ Von RAD, 1973, vol. 1, p. 342.

comunidade, era descrever a ação de Deus perante o mundo (criação) e perante Israel (história da salvação), bem como as reações de Israel para com lavé.

Salmos possui, então, suas próprias noções teológicas centrais e que propriamente norteiam a vida da comunidade – pois os hinos são também produções das preocupações de seu tempo. Merrill as resume em três: a soberania presente de Deus, o exercício de tal soberania por meio de um governante messiânico que ainda estava para vir, e Sião como o local para o reinado desse governante.¹⁸ O mais interessante para a pesquisa é a fácil percepção de que os temas principais em Salmos são também levados adiante, chegando a serem conceitos que precisam de explicações até mesmo no Novo Testamento.

As interpretações demonstradas até aqui não são concordantes entre si em todos os aspectos. Todavia, de modo especial, elas demonstram que para se entender o livro de salmos é necessário perceber a teologia israelita e compreender como o saltério se encaixa nessa teologia e contribui para sua construção. Da mesma maneira, a proposta da hermenêutica missional, que será vista mais abaixo, busca ser uma interpretação de toda a Escritura Sagrada, Antigo e Novo Testamentos, e ainda que não se foque exclusivamente no livro de Salmos, será possível visualizar como este compêndio pode ser interpretado pela hermenêutica missional e como pode contribuir para tal interpretação.

3. A HERMENÊUTICA MISSIONAL: PROPOSTA DE LEITURA A PARTIR DO ANTIGO TESTAMENTO

A hermenêutica missional é uma proposta de leitura bíblica baseada no conceito de *Missio Dei*. Chamada também de “método missiológico”,¹⁹ é sustentada muito mais por sua forma de interpretar o Antigo Testamento. De certa maneira, baseia-se no método de Eichrodt, pois, para tal teólogo, a tarefa hermenêutica consiste em chegar ao cerne do Antigo Testamento, isto é, “compreender a unidade estrutural da crença do Antigo Testamento e iluminar o seu mais profundo significado”²⁰ – e, tendo encontrado tal significado, interpretar o texto canônico a partir dele.

Foi, portanto, a partir de um entendimento do que seria a “Missão de Deus” e que ela seria a “unidade estrutural da crença do Antigo Testamento” que surgiram esforços para que ela fosse percebida no cânon sagrado. Dessa forma, antes de se falar de uma hermenêutica missional, é necessário, ainda que introdutoriamente, esboçar as ideias principais do conceito de *Missio Dei* e sua relevância para o contexto hermenêutico atual.

3.1 *Missio Dei*: história e conceito

O conceito de *Missio Dei* deriva-se das discussões teológicas sobre onde poderia se encaixar a ideia de “missões”. Durante séculos, o pensamento sobre missão tinha muito mais

¹⁸ MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2009, p. 546.

¹⁹ ALVES, 2011, p. 41.

²⁰ ALVES, 2011, p. 40.

relação com aquilo que era feito do que algo propriamente característico da centralidade da Igreja.

Missão já foi compreendida como um esforço para salvar indivíduos da condenação do inferno, isto é, seu sentido era puramente soteriológico. De forma ainda menos gloriosa, missão já foi considerada como um esforço cultural, pelo qual pessoas do Ocidente levavam as bênçãos e alegrias do cristianismo aos outros povos. Missão também se resumiu à esfera da Igreja, particularmente ligada à expansão de tal e tal denominação. Por último, pode ser dito que o conceito de missão foi até mesmo confundido com a história da salvação: “um processo através do qual o mundo – pela evolução ou por um evento cataclísmico – seria transformado no reino de Deus”.²¹ Todas essas ideias de missão se distanciavam da compreensão bíblica do envio (do latim *missio*) do Filho pelo Pai e do Espírito pelo Pai e Filho.

Tais eram os conceitos sobre “missão” até o início do século passado. Resumidamente, eles poderiam descrever a missão como algo que se faz, mas não algo que atua na essência da Igreja – e do próprio Deus. Ainda no início do século (1932), Karl Barth revolucionou o pensamento missiológico, ao propor que a missão era uma atividade propriamente de Deus. Num congresso missionário em Tambaram, no ano de 1938, a delegação alemã destacou que os novos céus e nova terra seriam estabelecidos apenas por um ato criativo de Deus;²² tal proposta batia de frente com o conceito liberal de construção do reino de Deus na terra por um esforço moral. Apesar dos esforços, foi somente no ano de 1952, na conferência missionária de Willingen, que se falou da missão emanando da natureza de Deus, ou seja, comparando as propostas anteriores, pode ser dito que a missão foi inserida na doutrina da Trindade e não mais na doutrina da Igreja (eclesiologia), nem da salvação (soteriologia).²³

Vicedom contribuiu amplamente nessa ligação da missão com a Trindade.²⁴ Para ele, o atuante na missão, segundo as Escrituras, sempre é o próprio Deus e nunca a Igreja. Essa instituição é apenas instrumento para a missão iniciada em Deus, sendo ela própria resultado de seu “esforço missionário”, o qual envia e salva.²⁵

O termo “*Missio Dei*” possivelmente foi criado pelo missiólogo Karl Hartenstein, como forma de resumir o pensamento de Karl Barth. A proposta destes dois teólogos é de que a missão, antes de qualquer coisa, é um movimento intratrinitário de Deus consigo mesmo, todavia, que chega a abranger seu poder na história.²⁶

Como dito, o termo *missio* é latim e significa basicamente “envio”. O conceito de *Missio Dei* começou no entendimento desse movimento de Deus consigo mesmo, ou seja, o envio eterno de Deus Pai ao Filho e do Pai e Filho ao Espírito, e se expandiu à ideia de que toda missão humana, é nada mais que uma participação desse envio – como se fosse uma extensão

²¹ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2002, p. 466.

²² BOSCH, 2002, p. 467.

²³ BOSCH, 2002, p. 467.

²⁴ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida nova, 2014, p. 63.

²⁵ VICEDOM, George F. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 15.

²⁶ WRIGHT, 2014, p. 63.

dele.²⁷ *Missio Dei* caracteriza a missão como uma obra de Deus. Nas palavras de Vicedom: “ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão”.²⁸

Um resultado desta atividade teológica é o novo atributo dado a Deus. O soberano também pode ser chamado de “missionário”,²⁹ pois missão é uma de suas características, tais quais a infinitude e imutabilidade.

Portanto, se faz parte da constituição de Deus ser missionário, tal atributo, bem como ações que derivem deste, deve ser visto na atuação dele mesmo perante a nação de Israel. É nesse ponto que se pode começar a indagar o que seria uma “hermenêutica missional”.

3.2 A hermenêutica missional

À proposta de interpretação que vê como cerne da Bíblia, a “*Missio Dei*” (chamada de metanarrativa) dá-se o nome de hermenêutica missional. Tal leitura fora apresentada por Christopher Wright, em seus livros “*A missão de Deus*”³⁰ e “*A missão do povo de Deus*”,³¹ os quais servirão de base para esta parte da pesquisa.

Em primeiro lugar, para se falar de uma leitura missional da Bíblia é preciso compreender que o cânon bíblico já é puramente só uma testemunha da existência da missão de Deus. Obviamente, isso se relaciona apenas com quem defende que há ligação entre o texto bíblico e a revelação do Deus criador (descrito em suas páginas). Se há cânon, é porque houve doação do próprio Deus, autorrevelação que o fez ser percebido aos escritores. Como resume Wright: “o cânon inteiro das Escrituras é um fenômeno missional”.³²

Mas o que as Escrituras, mais propriamente o Antigo Testamento, afirmam sobre Deus e sua missão? Qualquer leitor que se depara com os textos contidos na primeira parte da Bíblia, percebe que são, em sua maioria, histórias, poesias, conselhos e profecias. A chave para a hermenêutica missional consiste em perguntar qual seria a narrativa por trás das histórias, dos discursos e conclusões. É buscando elucidar essa questão que o Antigo Testamento responde a quatro perguntas básicas de toda cosmovisão: “onde estamos, quem somos, o que deu errado, qual é a solução”. Sua história se encontra no desvendar do grande propósito divino para as nações, de modo geral, e para toda criação.³³ Essa narrativa bíblica é dividida em quatro partes: criação, queda, redenção e esperança futura.³⁴

Em segundo lugar, pode-se perguntar como se encontra a chave para a leitura missional da Bíblia. Em outras palavras: se o Deus missionário fez contato com a humanidade para cumprir seus propósitos a todas as nações, onde isso se encontra nas Escrituras? Abraão e a

²⁷ WRIGHT, 2014, p. 63.

²⁸ VICEDOM, 1996, p. 16.

²⁹ BOSCH, 2002, p. 468.

³⁰ WRIGHT, Christopher. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

³¹ WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012. 352 p.

³² WRIGHT, 2014, p. 47.

³³ WRIGHT, 2014, p. 54-55.

³⁴ WRIGHT, 2014, 64.

promessa feita por Deus a ele é onde a metanarrativa da missão começa a se delinear – “o texto fundamental não só do livro de Gênesis, como da Bíblia inteira”.³⁵

Em Gênesis 12.1-3 encontra-se o chamado e a promessa de bênção feitos por Deus ao patriarca. O que mais chama atenção à hermenêutica missional é o aspecto de abençoar as nações: “em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Tais versículos demonstram que, apesar de tudo já ocorrido (narrado em Gn 1-11), o propósito de Deus ainda é de abençoar a humanidade.

Para que isso ocorra, o patriarca precisa sair da sua terra, pois a bênção para as nações não pode ser encontrada nos impérios erigidos pelo homem – a bênção não vai emergir deste mundo.³⁶ É Deus quem está respondendo à condição em que o homem se encontra, e não o contrário. Esse contraste, pode ser visto na indicação do narrador de que os construtores da torre de Babel possuíam um desejo específico: “façamo-nos um nome” (Gn 11.4); todavia, Deus age e acaba com essa possibilidade. Já na conversa que tem com Abraão, sua promessa chega a contar com um “abençoar-te-ei e engrandecerei o seu nome” (Gn 12.2).

A missão de Deus se dará em torno dessa bênção, que deverá ser preservada e levada ao auge no crescimento e dispersão das nações ao redor do mundo. A bênção oriunda de Abraão se torna o contato de Deus com o mundo. Sua incidência na humanidade deve manter a diversidade de nações, na realidade pós-Babel, entretanto remover a influência maligna de todo pecado e arrogância do ser humano – pintadas com cores vivas na construção da torre. O homem Abraão é como um gatilho para que o processo dê início, todavia, no fim, todas as nações deverão estar incluídas na bênção de Deus.³⁷

Abraão torna-se, desta forma, aquele que carrega a promessa. Obviamente, o cumprimento não se dá na pessoa do patriarca, mas com seus descendentes. A comunidade que surge com os filhos de Abraão é conhecida como nação de Israel. Tal nação deveria ser ensinada a andar nos caminhos justos e retos do Senhor. A missão seria cumprida através da vivência dessa comunidade numa ética baseada nos padrões divinos, pois, dessa forma, a promessa a Abraão estaria sendo cumprida, e as nações abençoadas.³⁸ De fato, Deus trataria do pecado por meio do povo oriundo deste homem.³⁹ Essa foi considerada, portanto, a promessa mais importante da Bíblia, de onde todas outras se derivam. O povo de Israel seria instrumento usado por Deus para trazer salvação a todos os povos da terra.⁴⁰

A “história da Bíblia” continua depois de Abraão e mostra uma nação destinada a ser luz entre as nações, povo-modelo, vivendo de maneira contrária à lei dada por Deus. Esta lei, dada no Sinai, que serviria para fazer de Israel uma nação única entre todas outras, expôs de modo claro como Israel necessitava de Deus, tanto quanto as outras nações. Os profetas surgem apontando que o Senhor manterá sua promessa de abençoar as nações e salvar o mundo;

³⁵ WRIGHT, 2014, p. 200.

³⁶ WRIGHT, 2014, p. 209.

³⁷ WRIGHT, 2014, p. 210.

³⁸ WRIGHT, 2012, p. 99-100.

³⁹ WRIGHT, 2012, p. 50.

⁴⁰ CARRIKER, C. Timóteo. **A visão missionária na Bíblia: uma história de amor**. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 24.

ainda mais, esses arautos insistem que será por meio de Israel que isso vai acontecer.⁴¹ Para o cânon cristão - e somente a partir deste cânon é que se pode pensar numa hermenêutica missional - a resposta de Deus veio no Novo Testamento. A chegada do Messias não destruiu a cosmovisão construída no Antigo Testamento, apenas deu continuidade à proposta missional trazida por Deus à humanidade através de Abraão e Israel.

O intuito dessa pesquisa é pensar na hermenêutica missional e como ela pode ser aplicada ao livro de Salmos, portanto falar sobre Novo Testamento não é tarefa primordial aqui. São válidas, entretanto, apenas algumas considerações.

Jesus é o Messias esperado no Antigo Testamento. Ao se encarnar, ele representa Israel e cumpre a restauração dessa nação, sendo vitorioso naquilo em que eles falharam. A cruz e a ressurreição de Cristo fazem com que a história da redenção de Deus à humanidade chegue ao ponto central. A comunidade que se reúne “pelo nome de Jesus” é o Israel restaurado e expandido para realizar e cumprir a promessa feita a Abraão – Deus estava resolvendo o problema do pecado e da queda (Gn 3) e também da divisão racial e discórdia étnica (Gn 11). A criação da Igreja, na leitura missional, é o cumprimento da esperança de Israel, de que as nações da terra seriam abençoadas pela descendência de Abraão.⁴² Segundo Wright, Paulo, entendendo essa narrativa, pôde afirmar: “se estamos em Cristo, também estamos em Abraão”.⁴³ Desta maneira, a hermenêutica missional faz um trajeto que se inicia na sua compreensão de Deus, passando pela “história por trás das histórias” do Antigo Testamento, chegando à pessoa do Messias cristão – Jesus Cristo.⁴⁴

A perspectiva da missão de Deus que dá base à interpretação de toda a Bíblia, gerando essa hermenêutica, deve tanto ser fundamento para o estudo do cânon, isto é, gerar a leitura missional da Bíblia, como também ser fruto destes textos vistos separadamente. Como num movimento de “fora para dentro” e de “dentro para fora”. Segundo Wright, “interpretar toda a Bíblia à luz dessa perspectiva abrangente da missão de Deus é, assim, interpretá-la à luz de toda esta coleção de textos que constitui o cânon das nossas Escrituras”.⁴⁵ Isso faz com que, de modo final, o texto (qualquer perícopo ou livro da Bíblia) seja lido pela perspectiva missional, porém, inicialmente, tal texto seja, antes disso, um contribuinte para a formação dessa hermenêutica.

E como seria possível propor uma leitura do livro de Salmos inteirando-se de todos esses conceitos *missionais*: a *Missio Dei*, a bênção de Abraão, a participação na promessa, os termos legais da participação descritos na aliança, Israel como modelo de Deus no mundo e a atração das nações a Deus por meio de Israel? Sem dúvida esses temas necessitam, cada um, de espaço próprio de estudo, entretanto, juntos na formação da hermenêutica missional, podem contribuir para uma proposta de leitura do livro de Salmos.

⁴¹ WRIGHT, 2012, p. 51.

⁴² WRIGHT, 2012, p. 51-52.

⁴³ WRIGHT, 2014, p. 58.

⁴⁴ CARRIKER, 2005, p. 34.

⁴⁵ WRIGHT, 2014, p. 65.

4. PROPOSTA PARA LEITURA MISSIONAL NO LIVRO DE SALMOS: A MISSIO DEI EM SALMOS E O SALMOS NA MISSIO DEI

O livro de Salmos, como apresentado, demonstra a fé do povo de Israel em um Deus único, soberano, criador e dirigente da história. Tais concepções não precisam ser discutidas, pois se encontram no compêndio de cânticos de forma visível e clara.⁴⁶ A questão a ser debatida é como se encaixam as declarações de Salmos na perspectiva missional? Algumas propostas para uma percepção missional no saltério foram relacionadas, de maneira que, introdutoriamente, possa auxiliar o hermenêuta em sua leitura do livro. Estas são:

1. Salmos contribui para uma teologia missional por sua visão de adoração: adorar o Deus soberano era muito mais importante que provar que Ele era o único Deus – enxergar a soberania de Deus sendo adorada é, talvez, a forma mais objetiva de um intérprete ler em salmos uma visão missional. Pode ser dito, ainda, que todas as conclusões deverão estar abaixo dessa concepção de soberania de Deus e adoração do ser humano;

2. O aberto e declarado convite às nações em seus vários formatos pode denotar a perspectiva de abençoá-las: começando pelo convite individual ao estrangeiro e chegando à declaração de que as nações poderiam ficar felizes por causa do controle direto de Deus em relação aos poderes do mundo. Relacionado ao ponto acima, pode-se dizer que é feito um convite para que as nações participem da adoração feita por Israel ao Deus soberano;

3. A leitura da história é também muito perspicaz no livro de Salmos: Deus cria, chama, salva, resgata. Os salmistas, em todo tempo, buscaram olhar “por baixo da cortina da história” e apresentar o real significado – como toda construção de uma cultura. Basicamente, definem que Deus é Senhor sobre todos e que a história, sendo desenrolada por Israel, é controlada por esse Senhor, às vezes por meio de conselhos e direcionamentos, outrora por atos de justiça;

4. Obviamente, também deverá chamar atenção do hermenêuta em busca de uma leitura missional a lembrança da promessa a Abraão feita pelos escritores. É fácil notar que tal promessa, bem como a própria pessoa do patriarca, é raramente lembrada nos *tehilim*. O Salmo 105, que busca recontar a história de Israel, demonstrando que esta se desenrola pela atuação do Soberano lavé, faz alusão à promessa feita a Abraão. Na verdade, tal salmo indica que tudo o que lavé fez ao livrar seu povo da escravidão do Egito, fê-lo porque “se lembrou da sua santa palavra, e de Abraão, seu servo” (Sl 105.42). As poucas vezes em que a promessa ao pai de Israel é lembrada em Salmos podem fazer com que se chegue a uma das duas concepções distintas: a) a bênção de Abraão não teve significado tão profundo para a fundação de Israel e sua própria compreensão de si mesmo, ou b) a promessa e bênção a Abraão é característica fundamental para a formação do povo, sua percepção de si mesmo e formação de propósito, de tal forma que se torna um fato dado como real e indiscutível, sendo deixado de lado o debate, ou mesmo sua apresentação repetida, pela falta de necessidade de ter que demonstrá-la várias vezes. A perspectiva missional vai pela segunda opção;

⁴⁶ CHISHOLM Jr, 2009, p. 233.

5. Os salmos individuais também são preocupações para uma proposta de leitura missional: o que eles têm a ver com o conceito de *Missio Dei*? Ou perguntando de outra forma: se os salmos devem ser lidos pela perspectiva missional, por que existem cânticos falando de indivíduos e preocupando-se com problemas individuais? Em nível de exemplo, pode ser falado dos salmos mais difíceis de serem discutidos nessa perspectiva: os salmos de maldição, ou orações imprecatórias. O que a promessa de bênção a Abraão tem a ver como o desejo que Deus quebre os dentes do ímpio (Sl 58.6)? Sem dúvida, não será apenas a leitura missional que terá dificuldade para interpretar tais textos, mas todo teólogo bíblico precisará compreender estes salmos, além da aparente “falha de conduta”. É claro a qualquer leitor que desejar “lavar os pés no sangue dos ímpios” (Sl 58.10) não se encaixa facilmente numa ética que pressupõe abençoar as nações. A resposta a esta parte seria uma evocação do primeiro ponto: a soberania de Deus. Lembre-se de que todo o saltério deve ser entendido como declaração de Soberania de Deus e adoração do homem.

As expressões de maldição invocam o justo caráter de Deus. A oração do salmista pressupõe a sua não-reação, ou seja, ao orar demonstrava fé na ação justa e poderosa do Soberano. A preocupação recaía tanto em seu bem-estar, quanto na reputação de Deus perante as nações: “caso [Deus] falhasse a este respeito, haveria razão para questionar sua soberania e os ímpios ficariam mais complacentes e arrogantes”.⁴⁷ O desfecho de qualquer arrogante e ímpio teria de ser visível a todos, de tal maneira que, ao verem a situação, ficassem impressionados com a justiça divina e o Deus que trouxe tal julgamento.⁴⁸ As orações individuais (nesse exemplo, mais especificamente as maldições aos ímpios) são baseadas na concepção de um Deus soberano universalmente, portanto que tem domínio sobre as nações.

Soberania de Deus, convite às nações se regozijarem no Deus de Israel, o Senhor como autor da história universal, a bênção de Abraão e a concepção de justiça imparcial de Deus podem ser pontos importantes para começar uma leitura missional no livro de Salmos.

O conceito fundante dessa hermenêutica, a *Missio Dei*, é também representado em vários cânticos: “servi ao Senhor com temor e alegrai-vos com tremor” (Sl 2.11), foi convite feito aos reis e juizes da terra. É o Senhor quem julgará os povos com retidão, repreenderá as nações e será um refúgio para o oprimido (Sl 9.8,5,9). A soberania de Deus e sua autorrevelação graciosa são conceitos encontrados grandemente no saltério. A própria criação através de sua rotina testemunha dessa soberania (Sl 19.1-6). E certamente a nação escolhida, por meio de sua ética (Sl 19.7-13), e mais especificamente por causa do controle régio do Senhor sobre ela (Sl 33.12), demonstra participar da atuação de Deus na história da criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ávido leitor e intérprete bíblico poderá chegar ao final dessa pesquisa com a sensação de que a hermenêutica missional não propôs muita coisa nova para a busca de significado dos

⁴⁷ CHISHOLM Jr, 2009, p. 254.

⁴⁸ CHISHOLM Jr, 2009, p. 254.

Salmos. Temas como soberania de Deus, adoração por parte de Israel, e até mesmo o convite às nações, já foram amplamente tratados em outras perspectivas e hermenêuticas. Onde estaria a contribuição para enxergar além do que já é conhecido?

Primeiramente é necessário relacionar o conceito de *Missio Dei* com a realidade dos Salmos. Dizer que Deus tem uma missão é muito mais que nomear uma de suas atividades. Segundo esse conceito, é propor que o próprio Deus seja um missionário. Como dito anteriormente, é assumir que o Soberano de Israel possuía um atributo ainda não declarado e definido pela teologia. No livro de Salmos, se há a possibilidade de que esse atributo seja conhecido, ele só poderá se fazer conhecido dos homens pela sua atividade. Se a proposta fosse discutir sobre Deus, poder-se-ia dizer que a incidência, isto é, a atuação gerou a percepção da essência. No entanto, antes de agir como missionário, Deus já teria essa realidade em si – ou seria também uma característica intratrinitária. Talvez possa ser traduzido para a teologia sistemática da seguinte maneira: ser missionário é um atributo externo ou comunicável de Deus. Com certeza, outros textos do Antigo Testamento apresentem mais características que possam apoiar essa afirmação, entretanto o saltério de cânticos, ao ler a história a partir da atuação de Iavé, apresenta também, de maneira aberta e clara, a atividade de autorrevelação de Deus, o convite à adoração feito a Israel e por meio dele às nações. Com isso, pode se dizer que é plausível fazer uma interpretação missional no livro de Salmos.

Mais importante para a leitura missional é a contribuição da “bênção de Abraão”. A diferença nessa proposta é o convite a olhar Salmos dentro do contexto da relação de Deus com a humanidade como atividade missionária e especialmente Israel como seu instrumento para abençoar as nações. Desta forma, ler os Salmos de maneira missional é algo que se faz “a priori”, ou seja, a leitura é condicionada à proposta hermenêutica em questão. Conceitos como soberania, entre outros, são apresentados como forma de perceber a atividade missional de Deus. Tais conceitos servem de base para essa hermenêutica quando, juntos num contexto maior, testemunham que a proposta é viável e pode ser encontrada em todo o texto sagrado.

Por fim, ler o livro de Salmos numa perspectiva missional é entendê-lo dentro de um contexto onde a chave se encontra na promessa de bênção feita por Deus ao patriarca Abraão. Tal promessa é mais que simples comprometimento entre um deus e um homem, mas o ponto de contato feito pelo Deus soberano com a humanidade no intuito de abençoá-la com sua presença. Salmos, portanto, começa sendo testemunha dessa “presença”, mas vai além, reagindo a tal presença com adoração e relacionamento com o Deus que se faz presente, percebendo também que a incidência desse Deus na realidade humana (e em toda criação) a transforma de maneira irreversível e para o seu bem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eduardo Leandro. **Salmos missiológicos**: princípios bíblicos para a prática missionária da igreja. Londrina: Descoberta, 2011. 130 p.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. 1248 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2002. 690 p.

CARRIKER, C. Timóteo. **A visão missionária na Bíblia:** uma história de amor. Viçosa: Ultimato, 2005. 136 p.

CHISHOLM Jr, Robert B. Uma teologia dos Salmos. In: ZUCK, Roy B. (edit.). **Teologia do Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 227-277.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2005.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Shedd, 2009.

RAGUER, Hilari. **Para compreender os Salmos.** São Paulo: Loyola, 1998.

VICEDOM, George F. **A missão como obra de Deus:** introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996. 127 p.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento:** teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus:** desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

_____. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O REINO DO SERVIR: O CIDADÃO DO REINO, O REINO E O REI DO REINO, EM UMA PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA.

The Kingdom of Service: the citizen of the kingdom, the kingdom and the
kingdom's King, on a biblical-theological perspective

Renan Antunes Vieira Martinelli¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender de forma mais profunda o Reino de Deus e aqueles que fazem parte dele. Como deve ser a atitude de um cidadão deste Reino? É esta a pergunta que se deseja responder. Mas para compreender na totalidade essa questão, é necessário primeiramente entender o que é o Reino de Deus e esclarecer alguns fatos sobre o Rei deste Reino. Então, o artigo inicia respondendo esse questionamento para, enfim, compreender a pergunta primeira.

Palavras-chaves: Reino. Deus. Jesus. Servir. Cidadãos. Rei. Verbo.

ABSTRACT

The objective of this article is to comprehend deeply the Kingdom of God and those who belong to it. How should be a kingdom's citizen attitude? This is the question that is tended to be answered. However, to fully comprehend this question, it is firstly important to know: what is de Kingdom of God and clarify some facts about this Kingdom's King. Therefore, the article begins answering this question to finally understanding the first question.

Keywords: Kingdom. God. Jesus. Serve. Citizen. King. Verb.

¹ O autor é estudante terceiranista do curso de bacharel em teologia pela FABAPAR. E-mail: renanantunes15@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando se ouvem as palavras Reino, Rei, logo pensa-se em impérios, exércitos e pessoas servindo como escravos. Porém, quando o assunto é o Reino de Deus, todas essas perspectivas são levadas a um novo prisma, ganhando uma nova imagem. O Reino se desprende de limitações territoriais, o Rei é servo e os servos são livres. Neste estudo, pretende-se aprofundar nesse novo prisma, em busca de compreender que Reino é este, que foge de tudo aquilo que assim se compreende como Reino em nossos dias.

1. O REINO DE DEUS

O Reino de Deus é um termo que aparece muitas vezes nos evangelhos. Jesus tem nele o centro de sua mensagem e não é por acaso. Claiton Kunz, citando Martínez, comenta:

O conteúdo das parábolas proferidas por Jesus corresponde aos grandes temas de sua pregação relativos a Deus, a Sua soberania, ao homem, ao sentido de sua vida, a sua responsabilidade e destino, à oração, ao serviço cristão, etc, todos eles sobre um tema central: O Reino de Deus. Em muitas das parábolas a alusão ao Reino é clara. Em algumas a relação não é explícita, mas sua mensagem forma parte do conjunto de ensinamentos que, como vimos, gira essencialmente em torno do Reino.²

Essa afirmação é compartilhada por outros teólogos, como George E. Ladd. Ele fala:

Depois vem Jesus de Nazaré com a proclamação: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4.17). O tema da vinda do Reino de Deus foi central na missão dele [Jesus]. Seu ensino visava mostrar aos homens como entrar no Reino de Deus (Mt 5.20; 7.21). Suas obras poderosas pretendiam provar que o Reino de Deus chegara a eles (Mt 12.28). Suas parábolas ilustraram para seus discípulos a verdade a respeito do Reino de Deus (Mt. 13.11). E quando ele ensinou seus seguidores a orar, no cerne do pedido deles estavam as palavras: “Venha o teu Reino; seja feita a sua vontade aqui na terra como no céu” (Mt 6.10). Ele, na véspera da sua morte, assegurou a seus discípulos que ainda compartilharia com eles a alegria e a comunhão do Reino (Lc 22.22-30). Ele também prometeu voltar à terra, em glória, para trazer a bem-aventurança do Reino àqueles para quem o Reino foi preparado (Mt 25.31,34).³

O Reino de Deus é tratado com muita ênfase por Jesus. Para poder se compreender de modo satisfatório a mensagem do evangelho, é preciso compreender o Reino de Deus. O que de fato é esse Reino? Quais são suas implicações? Ladd mostra que ele é um Reino presente:

“A Palavra do Senhor diz que o Reino de Deus é uma realidade espiritual presente. ‘Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo’ (Rm 14.17). Retidão, paz e alegria são frutos do

² MARTÍNEZ, José M. *apud* KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 36.

³ LADD, George Eldon. **O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino de Deus**. São Paulo: Shedd, 2008, p. 15.

Espírito que Deus concede agora àqueles que entregam sua vida ao governo do Espírito.⁴

José Antonio Pagola também segue por esse caminho, ao comentar sobre os ensinamentos de Jesus: “Seu objetivo não é aperfeiçoar a religião judaica, mas contribuir para que se implante o quanto antes o tão suspirado Reino de Deus e, com ele, a vida, a justiça e a paz.”⁵

É claro que o Reino de Deus é algo que está presente em nosso meio. É percebido o poder deste Reino todos os dias, porém ele ainda não está totalmente entre nós, mas parcialmente. Paulo expressa essa verdade na sua primeira carta aos coríntios, mais exatamente no capítulo 13, versículos 9, 10, 11 e 12: nesta passagem, Paulo mostra que apenas conhecemos em partes, porém virá a hora em que conheceremos em sua totalidade, dessa maneira deixando bem claro que o Reino de Deus não é simplesmente algo já estabelecido aqui em nosso meio, mas algo que está aqui, mas será completo futuramente.

O Evangelho de João esclarece um pouco sobre esse assunto, ao mostrar o que Jesus disse a Pilatos. O evangelho de João, capítulo 18, versículo 36, fala assim: “Disse Jesus: ‘O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui’.”⁶

Ora, mas se o Reino está aqui e não é daqui, como funciona esse Reino? Ladd explica deste modo:

O Reino de Deus está aqui; mas em vez de destruir a autoridade humana, ele ataca a autoridade de Satanás. O Reino de Deus está aqui, mas em vez de fazer mudanças externas na ordem política das coisas, ele está mudando a ordem espiritual e a vida de homens e mulheres.⁷

Um Reino não é necessariamente uma área geográfica delimitada, na verdade é muito mais do que isso. Para compreender esse Reino, é preciso chegar à origem das palavras para Reino utilizadas no texto em hebraico e grego. Ladd afirma que “o sentido primário tanto da palavra hebraica *malkuth*, do Antigo Testamento, como da grega *basileia*, do Novo Testamento, é a posição, autoridade e soberania exercida por um rei.”⁸ Desta forma, o Reino de Deus não está preso às questões político-geográficas, ou a limites humanos. O Reino de Deus é a sua soberania. Deus domina sobre céus e terra.

Deus já exerce essa autoridade sobre a nossa era e por isso se veem claramente manifestações do seu Reino na sociedade e na vida dos indivíduos que dela fazem parte; porém, essa soberania e autoridade excederá tudo o que aqui se é vivenciado quando chegar a completude do Reino. Essa completude ocorrerá com e após a volta de Jesus Cristo, onde se desfrutará da vida eterna, em perfeita comunhão com Deus.⁹

⁴ LADD, 2008, p. 17.

⁵ PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 115.

⁶ **BÍBLIA DE ESTUDO NVI**. Organizador Geral Kenneth Barker; Coorganizadores Donald Burdick... [et al.]. São Paulo: Vida, 2003, p. 1831.

⁷ LADD, 2008, p. 56.

⁸ LADD, 2008, p. 20.

⁹ “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviastes” (Jo 17.3)
A noção bíblica de conhecimento não é a mera apreensão de fatos pela mente. Essa é a noção grega. Na Bíblia, conhecimento é muito mais que apreensão intelectual. Conhecimento quer dizer experiência.

2. CIDADÃOS DO REINO

Compreende-se que o Reino de Deus é o seu domínio redentor sobre tudo o que há no céu e na terra.¹⁰ Se é preciso meditar sobre quem são os cidadãos deste Reino, quem é o povo que faz parte deste Reino? A Bíblia, em 1Pedro 2.9-10, atenta para o fato de que, antes do sacrifício de Jesus na cruz, apenas os Israelitas eram o povo de Deus, porém, após esse ato de graça e misericórdia, não só os israelitas são o povo de Deus, mas todo aquele que crer e em fé vive segundo os preceitos de Deus, o cristão¹¹.

Quanto ao assunto dos cidadãos do Reino de Deus, é preciso trabalhar com duas vertentes: a primeira é a individual, como é esse cidadão em seu particular, e a segunda em seu meio social, na coletividade destes indivíduos do Reino.

2.1 O Indivíduo do Reino

Para se pensar a respeito do cristão como indivíduo, precisa-se compreender algo que foi dito por Paulo de Tarso. Na primeira carta que Paulo envia à igreja de Coríntios, no capítulo 11, versículo 1, nos orienta a imitá-lo em algo que ele faz: ele é um imitador de Cristo. Paulo em momento algum se coloca como alguém a ser imitado por excelência, mas convida aquelas pessoas a imitarem-no no ato de imitar a Cristo, ou seja, ele está dizendo: sejam imitadores de Cristo. Na carta aos Efésios, que muitos apontam como de autoria paulina,¹² no capítulo 5, versículo 1, a igreja é chamada (coletividade dos cristãos) a ser imitadora de Deus. “Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados”.¹³

O cidadão do Reino de Deus, em sua individualidade, é alguém que busca em tudo imitar a Cristo. Ele é convidado a pautar as suas atitudes mediante aquilo que Cristo faria em seu lugar,¹⁴ mediante aquilo que a Bíblia o ensina a viver, uma vida em busca da santidade¹⁵ (1Pe

Conhecimento quer dizer relacionamento pessoal. Conhecimento quer dizer comunhão. (...). Conhecer uma pessoa quer dizer que travei amizade com ela, que tenho um relacionamento com ela, que compartilhamos amizade mútua. (...). Comunhão com Deus; amizade com Deus; relacionamento pessoal com Deus: isso é vida eterna. (...). Na era por vir, a vida nesse glorioso Reino representa comunhão perfeita com Deus e conhecimento perfeito de Deus. Nós o veremos face a face” (LADD, 2008, p. 75).

¹⁰ O Reino é o Reino de Deus, o reinado de Deus, o governo de Deus” (LADD, 2008, p. 66).

¹¹ CRISTÃO. As três ocorrências desse substantivo no NT (At 11.26; 26.28; 1Pe 4.16) indicam que era um título geralmente reconhecido, embora os próprios cristãos usassem, e talvez preferissem, outros títulos. A palavra parece latina e pode ter significado "soldados de Cristo", "a família de Cristo" ou "partidários de Cristo" (WILLIAMS, Derek (edit.). **Dicionário bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, et al. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 84).

¹² “O autor identifica-se como Paulo (1.1; 3.1; cf. 3.7,13; 4.1; 6.19,20). Alguns entendem que a ausência das costumeiras saudações e a semelhança vocabular entre esta carta e Colossenses (entre outras razões) são motivos para duvidar da autoria do apóstolo Paulo. É provável, no entanto, que essa fosse uma carta circular, com o objetivo de alcançar outras igrejas além de Éfeso (...). É possível que Paulo a tenha escrito por volta da mesma ocasião que escreveu Colossenses, c. 60 d.C., enquanto estava aprisionado em Roma (v. 3.1; 4.1; 6.20).” (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 2015).

¹³ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 2025.

¹⁴ Para uma compreensão religiosa a respeito, ver o livro: SHELDON, Charles M. **Em seus passos o que faria Jesus?** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

¹⁵ “Orígenes salientava a necessidade de santificação pessoal para o progresso nessa peregrinação ascendente não dispensava a utilização da Escritura. Nela, segundo dizia, os crentes encontram a presença real de Cristo,

1.15,16). O cristão, como cidadão do Reino, é convidado a perdoar (Ef 4.32), a amar ao seu próximo (Mt 22.39), a servir (Jo 13.1-17), a refletir em suas ações à luz de Cristo (Mt 5.14-16).

2.2 A Sociedade do Reino

Primeiro, deve-se deixar bem claro, o porquê da palavra sociedade para descrever a Igreja. O que é uma sociedade?

Sociedade (...) Grupo de indivíduos que vivem por vontade própria sob normais comuns; comunidade. (...). Meio humano em que o indivíduo está integrado. Contrato pelo qual pessoas se obrigam a reunir esforços ou recursos para a consecução dum fim comum.¹⁶

A igreja é uma sociedade de cristãos; independentemente da época, onde houver dois ou três reunidos em nome de Jesus (Mt 18.20), ali haverá uma sociedade do Reino. Nesta sociedade, homens e mulheres, imperfeitos e pecadores¹⁷, mas que procuram diariamente serem imitadores de Cristo, se reúnem com os mesmos objetivos. Mas, quais objetivos são esses? Glorificar a Deus e levar o evangelho do Reino a todos os homens.¹⁸ Destaca-se neste ponto o objetivo da igreja de propagar esta mensagem, pois a palavra de Deus, no evangelho de Marcos, capítulo 16, versículo 15, diz: “E disse-lhes: ‘Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura’”.¹⁹ Esta ordem está sendo cumprida, porém com algumas falhas. Temos pregado verdadeiramente o Evangelho bíblico? Sobre essa pergunta, Karl Barth alerta:

A pergunta pela verdade é: se a comunidade [igreja] compreende *corretamente* a palavra proclamada em e com todo esse evento como sendo a verdade, se a compreende em sua pureza, na sinceridade que lhe é adequada, se reflete profundamente sobre ela e a expressa em termos claros, portanto se é capaz de dar o seu testemunho ‘de segunda ordem’ com responsabilidade e de boa consciência? Jamais uma resposta positiva a tal pergunta pela verdade que se lhe coloca – da forma radical que essa assume só no meio do povo de Deus – poderá ser coisa natural. Mesmo a mais válida manifestação verbal da fé mais viva não passa de obra humana. E isso significa que a comunidade, ao proclamar a palavra de Deus, ao interpretar o testemunho bíblico e mesmo ao viver sua própria fé, poderá errar o caminho, passando a ser embrulhada por sua compreensão ‘errada pela metade’ – ou mais do que pela metade -, por um raciocínio fantástico ou tortuoso, por um linguajar infantil ou caracterizada por exageros, de modo que, em vez de servir a causa de Deus no mundo, chega a prejudica-la. Será

mas somente se buscarem a santidade e o sentido espiritual do texto” (MCDERMOTT, Gerald R. **Grandes Teólogos**: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 22).

¹⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010, p. 706.

¹⁷ O autor, comentando sobre a teologia de Agostinho, diz: “A igreja não é um grupo de pessoas perfeitas, e sim uma comunidade de pecadores enfermos numa longa etapa de convalescença que só terminará no dia da ressurreição (MCDERMOTT, 2013, p. 55).

¹⁸ “Não sei quando o fim virá. Contudo, sei o seguinte: quando a igreja terminar sua tarefa de evangelizar o mundo, Cristo retornará. A Palavra de Deus anuncia isso. Por que ele não veio em 500 d.C.? Porque a igreja não tinha evangelizado o mundo. Por que não voltou em 1000 d.C.? Porque a igreja não tinha cumprido sua tarefa de evangelizar o mundo” (LADD, 2008, p. 144).

¹⁹ **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1785.

tarefa da comunidade orar, a cada dia, para que tal não aconteça; mas ela também deverá fazer o que lhe compete em labor sério. Esse é o labor teológico.²⁰

E Karl Barth complementa: “Na medida em que cada cristão é responsável frente à pergunta pela verdade, ele é chamado a ser teólogo”.²¹

Barth faz um profundo atento ao labor do cristianismo, da missão dada ao cristão por Deus. Antes de levar a mensagem do evangelho a todas as criaturas, é necessária uma busca profunda pelo conhecimento da verdade. Meditar dia e noite na palavra de Deus (Js 1.8), pois todas as Sagradas Escrituras são úteis para ensinar, repreender, corrigir e instruir, a fim de nos preparar a toda boa obra. (1Tm 3.16,17). Se é preciso conhecer profundamente a verdade do evangelho, para que assim seja levado o evangelho verdadeiro a todos os homens, a fim de cumprir com a nossa missão, diferentemente de construir templos que aos olhos do homem são coisas magníficas deve-se construir vidas edificadas na palavra.²²

3. O SERVIÇO DO REINO

Pois bem, quando a vida do homem está edificada verdadeiramente na palavra de Deus, ele é, de fato, verdadeiramente cristão, membro da sociedade igreja e cidadão do Reino de Deus, então, este é considerado servo. A Bíblia, em Mateus 20.25-28 e Marcos 10.42-45, revela uma perfeita explanação sobre a vocação do cristão ao serviço. Jesus começa falando sobre o domínio dos reis gentios sobre seu povo e a autoridade de homens poderosos, deixando claro que esse domínio e autoridade não cabem em seu Reino. No Reino de Deus os padrões são outros, muito mais elevados do que os dos homens.²³ É imprescindível destacar que, antes de Jesus encorajar o discípulo a ser servo, ele deu o exemplo, em sua vinda a terra, se humilhando e tomando a forma humana, e em seus atos como homem. Essa verdade é expressa não somente nestas passagens já citadas, mas também na carta de Paulo aos filipenses, capítulo 2, do versículo 4 ao 11:

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso, Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo

²⁰ BARTH, Karl. **Introdução à Teologia Evangélica**. Tradução de Lindolfo Weingärtner. 5.ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 30.

²¹ BARTH, 1996, p. 31. “Quem fala ou pensa muito sobre Deus cria uma estrutura na qual Deus é enquadrado. Essa estrutura é sua teologia. É a lente por meio da qual o indivíduo lê a Bíblia, ouve sermões, ora a Deus, lê livros e reflete a respeito dele. (...). Concluimos, então, que todo cristão que gosta de pensar traz consigo alguma teologia” (MCDERMOTT, 2013, p. 12).

²² Agostinho, falando sobre a sedução dos olhos, nas suas confissões, escreveu: “Os olhos amam a beleza e as variedades das formas, o brilho e a amenidade das cores” (AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 249).

²³ “Ele lhes mostrou que, enquanto no reino dos homens, o teste de grandeza está no número de pessoas que alguém consegue controlar (v.42), no seu Reino está no número de pessoas que alguém pode ajudar (v. 43,44)” (BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2012, p. 1119).

nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus pai.²⁴

Nota-se que o maior homem que pisou na terra veio e serviu, não tinha nenhum tipo de vaidade, mas um incondicional amor aos homens, a ponto de passar por uma morte de cruz, para nesta cruz lavar e lavar os pecados do ser humano caído, a fim de que, assim, o homem pudesse ter a vida eterna do Reino de Deus.

A Bíblia também revela que este homem, servo, chamado Jesus, deu o exemplo do servir com muito mais do que palavras, mas também com ações, como visto no evangelho de João 13.2-17:

Durante a ceia, quando já o diabo pusera no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo pusera em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depõe o manto²⁵ e, tomando uma toalha²⁶, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxuga-los com a toalha com que estava cingido.²⁷ Chega, então, Simão Pedro, que lhe diz: ‘Senhor, tu, lavar-me os pés?!’²⁸ Respondeu-lhe Jesus: ‘O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde’. Disse-lhe Pedro: ‘Jamais me lavarás os pés!’ Jesus respondeu-lhe: ‘Se eu não lavar, não terás parte comigo’. Simão Pedro lhe disse: ‘Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça.’ Jesus lhe disse: ‘Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, por que está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos. Ele sabia com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: ‘Nem todos estais. Puro: ‘Compreendeis o que voz fiz? Vós mês chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés um dos outros.’²⁹ Dei-vos o exemplo para que como eu vos fiz, também vós os façais. Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior que o seu senhor, nem o enviado

²⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2049, 2050.

²⁵ “Com esse ato, Jesus retrata a humilhação que, na sua expressão mais plena, significa para ele a entrega de sua vida” (BRUCE, 2012, p. 1194).

²⁶ “Jesus assumiu a posição de um escravo, quando tomou a toalha, posição que ele de fato adotou de forma soberana como o Servo do Senhor” (BRUCE, 2012, p. 1194).

²⁷ Os divãs seriam dispostos ao redor da mesa que continham o alimento, ficando a parte superior do corpo de cada pessoa de frente para o alimento, e seus pés afastados da mesa. Jesus passaria para o lado de fora deste círculo para lavar os pés de cada um presente. Havendo os peregrinos percorrido uma longa distância, ficava o anfitrião incumbido de fornecer água para lavarem seus pés como sinal de hospitalidade, conforme exemplificado por Abraão (Gn 18.4). Contudo, desatar as sandálias e pessoalmente lavar os pés de outra pessoa era considerado servil, normalmente tarefa de criado ou de esposas e filhos muitos submissos (cf. 1Sm 25.41)” (KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2004, p. 309).

²⁸ “O ato de Jesus viola tão completamente as fronteiras do *status* cultural, que Pedro acha inconcebível” (KEENER, 2004, p. 309).

²⁹ “Jesus já falou a cerca daquela purificação fundamental que ele trouxe por meio de sua vida e morte. Agora os que foram purificados por ele precisam expressar a sua purificação no serviço humilde uns aos outros (BRUCE, 2002, p. 1195).

maior do que quem o enviou. Se compreenderes isso e o praticardes, felizes sereis.³⁰

Jesus lavou os pés dos discípulos para dar exemplo de serviço, mas esse não foi o maior exemplo que Jesus deu no servir; o maior exemplo foi passar pela cruz, para lá derramar de sua misericórdia e graça. O texto tomado como base para argumentação sobre o servir deixa clara essa realidade. O evangelho de Mateus, no capítulo 20, versículos 27 e 28, vai dizer: “e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir³¹ e dar a sua vida como resgate por muitos”.³² Essa passagem sinaliza a necessidade do compromisso cristão ao servir. E, por servir, Karl Barth declara:

Servir, definindo de modo geral, é uma forma de querer, de atuar e de agir na qual a pessoa não procede em defesa da própria causa nem segue seus próprios planos, mas na qual age com vistas à causa de outrem, de acordo com as necessidades de ordens desse.³³

Como indivíduos imitadores de Cristo, participantes da sociedade do Reino de Deus, os cristãos são chamados a exercer um ministério, cujo objetivo é propagar a palavra de Deus. Essa é a missão dada por Deus a seus discípulos, serem ministros, ou seja, serem servos.³⁴ Os cristãos estão aqui a serviço do Reino de Deus, sob o comando do Rei.

4. O REI DO REINO

O Reino do qual os cristãos são cidadãos é o domínio de um Rei. Jesus Cristo é o Rei da presente era. No livro de Isaías, capítulo 9, versículos 6 e 7, encontra-se a seguinte profecia:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso.³⁵

Esta profecia é cumprida na pessoa de Jesus Cristo, como relatado no evangelho de Lucas, capítulo 1, versículos 31, 32 e 33:

³⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1877. “*Felizes serão se as praticarem*: A lição precisa ser atrativa para a vontade deles, como também para o seu intelecto. E aquele que colocar em prática o que sabe encontra a verdadeira felicidade” (BRUCE, 2002, p. 1194).

³¹ Comentário com base no mesmo versículo, porém postado no evangelho de Marcos 10.45. “É bem provável, que por dedução, ele fez a reivindicação aqui de cumprir o papel do ‘Servo’ de Deus predito em Isaías 52.13 – 53.12, de quem o profeta declarou: ‘ele derramou a sua vida até a morte’ e: ‘levou o pecado de muitos’ (Is 53.12); pois ele retratou o seu ato supremo de serviço a favor dos homens como dando sua vida em resgate de muitos. A palavra ‘resgate’ implica libertação de servidão por meio do pagamento de um preço. A palavra ‘por’ - gr. *anti*) normalmente traz o sentido substitutivo (como em Mt 2.22). Com relação à palavra ‘muitos’” (BRUCE, 2002, p. 1119).

³² BÍBLIA DE JERUSALEM, 2002, p. 1746.

³³ BARTH, 1996, p. 115.

³⁴ DICIONÁRIO DA BÍBLIA DE ALMEIDA. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 215.

³⁵ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1153.

Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe dará o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim.³⁶

A Jesus foi dada toda a autoridade³⁷, Ele reina soberanamente, o seu poder e autoridade são infinitamente maiores do que qualquer autoridade humana que no mundo há.³⁸

Mas quais são as características, por assim dizer, mais marcantes deste Rei? A primeira a se destacar é a sua humildade³⁹. Jesus era tomado por uma modéstia⁴⁰ sem igual. Mesmo sendo o Rei, ele não tinha onde reclinar a cabeça, como visto em Mateus 8.20. Jesus era tomado por uma grandiosa mansidão, e há um versículo que aborda, conjuntamente, essas duas características aqui já faladas, em Mateus 11.29, fala: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas almas”.⁴¹ Jesus era um Rei inclusivo, que acolhia os marginalizados. É possível ver, por diversas vezes, os fariseus e mestres da lei acusando Jesus de comer junto a publicanos e pecadores.⁴² Em um mundo onde a intolerância imperava, Jesus demonstrou que não é condenando que se faz alguém enxergar os seus erros, mas cuidando e ensinando. Jesus orava. Essa verdade está expressa no evangelho segundo Lucas, capítulo 6, versículo 12: “Num daqueles dias, Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus”.⁴³ Jesus falava com sinceridade o que precisava ser dito, ele não falava o que era agradável, mas sim o que era precisava ser ouvido. No evangelho de João 8.31ss, há um embate retórico entre Jesus e os fariseus, Jesus é totalmente franco, sincero com eles. O versículo 44 faz uma pesada afirmação ao dizer:

Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira.⁴⁴

O Rei Jesus, além de todas as características mencionadas, tem uma missão muito bem definida. Ele é o Rei Salvador. No evangelho de João, capítulo 3, versículo 16, tem-se o que talvez seja o versículo mais conhecido da Bíblia: “Pois Deus amou tanto o mundo, que deu seu

³⁶ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1723.

³⁷ “Jesus, aproximando-se deles, falou: ‘Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra’ (Mt 28.18)” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1758).

³⁸ “Que ele fez operar em Cristo, ressuscitando-o de entre os mortos e fazendo-o assentar à sua direita nos céus, muito acima de qualquer Principado e Autoridade e Poder e Soberania e de todo nome que se possa nomear não só neste século, mas também no vindouro” (Ef 1.20,21). (BÍBLIA DE JERUSALEM, 2002, p. 2040). “Vós, filhinhos, sois de Deus e vós o vencestes. Por que o que está em vós é maior do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4). (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2130).

³⁹ “Modéstia” (FERREIRA, 2010, p. 404).

⁴⁰ “Ausência de vaidade” (FERREIRA, 2010, p. 511).

⁴¹ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1635.

⁴² “Todos os publicanos e ‘pecadores’ estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: ‘Este homem recebe pecadores e come com eles’” (Lc 15.1,2). (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1760).

⁴³ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1737.

⁴⁴ BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1809.

Filho único, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁴⁵ Se não fosse pelo sacrifício na cruz de Cristo, não haveria como o homem ser salvo, pois só existe um único caminho para a vida eterna com Deus, Jesus Cristo, é Ele o caminho.⁴⁶ Ele também é a verdade que liberta o homem.⁴⁷

5. O REI É O VERBO

Ele é o Verbo, Jesus é o Verbo no evangelho de João, capítulo 1, versículos 1 a 5, nos fala:

No princípio⁴⁸ era o Verbo⁴⁹ e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.⁵⁰ No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.⁵¹

Esse é um dos textos mais profundos de toda a Bíblia, na nota de rodapé, da Bíblia de Estudo NVI, encontra-se o seguinte comentário. “(...) A Palavra era distinta do Pai, era Deus. Jesus era Deus no sentido mais pleno”.⁵² McDermott, citando Henri de Lubac, comenta:

Nas palavras de Henri de Lubac, o grande historiador da hermenêutica bíblica, para Origines, Jesus Cristo consolida a unidade da Escritura, por que é o fim e a plenitude dela. Tudo nela se refere a ele. No fim das contas, ele é o único tema. Consequentemente, ele é, por assim dizer, sua exegese plena.⁵³

A Bíblia inteira aponta para a verdade que liberta o homem, Jesus é essa verdade como já visto. McDermott mostra que essa verdade não foi compreendida apenas por Orígenes. Outro pai da igreja que compactuava com essa visão era Atanásio:

Contudo, foi seu trabalho [trabalho de Atanásio] sobre a pessoa de Jesus como Palavra de Deus que deixou uma marca duradoura na igreja. Ele insistiu

⁴⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1848.

⁴⁶ “Respondeu Jesus: ‘Eu sou o caminho a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai a não ser por mim’” (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1822).

⁴⁷ “Por tanto, se o filho os libertar, vocês de fato serão livres” (Jo 8.36). (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1808). “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1808).

⁴⁸ “No princípio leva a nossa concepção do propósito de Deus para além da Criação, de forma que aquela *Palavra*, como a segunda pessoa da Trindade, existia por si mesma” (BRUCE, 2012, p. 1174).

⁴⁹ “A Palavra, o Logos no texto de João (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13); aqui significa a natureza pré-existente de Cristo, i.e., aquela natureza espiritual e divina, mencionada nos textos judaicos, antes e durante a época de Cristo, sob vários nomes, por exemplo, Filho do Homem (Dn 7.13); Palavra do Senhor (usada nos Targums aramaicos, as traduções que eram usadas nas sinagogas judaicas, justamente com as Escrituras dos hebreus). Sobre esta palavra divina, os judeus daquela época parecem ter tido muitas discursões sutis e astutas, e por isso, provavelmente, o apóstolo começa afirmando: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’ (Jo 1.1); e então também declara que este Verbo se fez carne e por isso era o Messias (Jo 1.14)”. (BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVES. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 2286).

⁵⁰ “Diferente dos autores sinópticos, o quarto evangelho começa a história na eternidade; e é a partir daqui que ele entende o significado da obra de Cristo” (BRUCE, 2012, p. 1174).

⁵¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1842.

⁵² BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 1786.

⁵³ LUBAC, H. *apud* MCDERMOTT, 2013, p. 23.

que foi a obra de Jesus como Deus encarnado que levou cura ao mundo doente e que essa obra se cristalizou na cruz.⁵⁴

No evangelho de João, capítulo 1, versículo 14, fala: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como filho único, cheio de graça e de verdade”.⁵⁵

McDermott volta a trazer à luz do conhecimento argumentos de Atanásio, ao refutar Ário sobre o assunto, ao comentar:

Atanásio respondeu ainda a outras inquirições filosóficas suscitadas por Ário. A mais importante delas foi a de que a encarnação exigia que o Deus imutável mudasse, o que parecia ser uma contradição de termos. Atanásio respondeu dizendo que, quando a Palavra se tornou carne, Deus Filho conservou a sua natureza divina. Ele disse que *se tornou* não significa ‘transformou-se em’. Ao se encarnar, Deus não mudou; ele desceu ao mundo dos seres humanos.⁵⁶

Assim fica claro que não houve uma transformação de Jesus, ele continuou sendo 100% Deus, apesar de que aqui estando foi 100% homem. Jesus é a Palavra última de Deus. Warren W. Wiersbe afirma:

Assim como nossas palavras revelam a outros o que se passa em nossa mente e coração, também Jesus Cristo é o "Verbo" de Deus, que nos revela sua mente e seu coração. "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9). Uma palavra é composta de letras, e Jesus Cristo é "Alfa e Ômega" (Ap 1.8) a primeira e a última letra do alfabeto grego. De acordo com Hebreus 1.1-3 Jesus Cristo é a última palavra de Deus para a humanidade, pois ele é o ápice da revelação divina.⁵⁷

Jesus é o Rei do Reino e o Verbo de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Reino de Deus foi inaugurado na vinda da pessoa de Cristo Jesus. Este teve o Reino como tema principal de sua mensagem. Este Reino não é um Reino humano, mas a soberania de Deus. Ele é um Reino presente, pois já se manifesta entre nós, porém será completado na volta de Jesus, onde a era por vir irá começar e será vivida em perfeita comunhão com Deus. Como cidadãos do Reino de Deus, os cristãos são chamados a serem imitadores de Cristo e assim sendo viverem uma vida em uma busca profunda pela santidade. A sociedade deste Reino vive para glorificar a Deus e propagar as boas novas do Reino. Assim sendo, a maior ambição do cidadão do Reino é proclamar o Reino a todos os que ainda não o conhecem, vivendo para servir. Seria incoerente não servir, já que, como cristãos, são imitadores de Cristo; este foi o maior de todos os servos, humilhando a si mesmo ao descer a terra e morrer numa cruz, para assim, derramar de sua graça sobre todos. O cristão vive para servir a todos quanto necessitarem de seu servir e a serviço do nosso Rei, este sendo Jesus Cristo, Filho

⁵⁴ MCDERMOTT, 2013, p. 37.

⁵⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1843.

⁵⁶ MCDERMOTT, 2013, p. 44.

⁵⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Santo André: Geográfica, 2006, p. 362.

unigênito de Deus, que veio ao mundo para trazer a salvação aos eleitos. Ele é o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. O Rei Jesus é o único caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai se não pelo Rei Jesus. Este sempre foi e sempre será. Ele é o Verbo de Deus, toda a Palavra de Deus a ponta para ele e se completa nele. Jesus é à palavra última do Pai aos seus imitadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTH, Karl. **Introdução à Teologia Evangélica**. Tradução de Lindolfo Weingärtner. 5.ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

BÍBLIA DE ESTUDO NVI. Organizador Geral Kenneth Barker; Coorganizadores Donald Burdick... [et al.]. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVES. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2012.

DICIONÁRIO DA BÍBLIA DE ALMEIDA. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2004.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LADD, George Eldon. **O evangelho do reino**: estudos bíblicos sobre o reino de Deus. São Paulo: Shedd, 2008.

MCDERMOTT, Gerald R. **Grandes Teólogos**: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2014.

SHELDON, Charles M. **Em seus passos o que faria Jesus?** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Santo André: Geográfica, 2006.

WILLIAMS, Derek (edit.). **Dicionário bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, et al. São Paulo: Vida Nova, 2000.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A HERMENÊUTICA E A EXEGESE BÍBLICAS COMO ALIADAS À EDUCAÇÃO CRISTÃ: DA CONCEITUAÇÃO À PRÁTICA

Hermeneutics and biblical exegesis as allied to Christian Education: from the
concept to practice

Roney Ricardo Cozzer¹

RESUMO

Considerando a *práxis* educativa no contexto cristão como fator propiciador da leitura, ensino e assimilação prática dos textos bíblicos, este artigo se propõe a analisar a relação entre a Educação Cristã e a Hermenêutica e a Exegese, vistas aqui como disciplinas teológicas que incidem direta e indiretamente na vida das pessoas. Considera a fundamentalidade dessa relação e as contribuições que podem ser extraídas entre as disciplinas, permitindo transdisciplinaridade. Se a Hermenêutica e a Exegese dão o "suporte técnico" à Educação Cristã, na medida em que fornecem o instrumental para a busca do sentido do texto, a Educação Cristã, por sua vez, contribui com as disciplinas interpretativas no sentido de "conectá-las" com educandos contemplados pela Educação Cristã, permitindo elo concreto entre o mundo da vida e a correta compreensão dos textos bíblicos, possibilitando utilização real da Hermenêutica e da Exegese, geralmente vistas como comprimidas ao ambiente acadêmico e só em poder dos especialistas.

Palavras-chaves: Educação Cristã. Exegese. Hermenêutica. Interpretação. Vida. Prática.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, possui formação em Psicanálise Clínica, licenciado em Pedagogia e História, pós-graduado em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Metodologia do Ensino da História e da Geografia, e mestrando no programa de Pós-Graduação em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Contato: roneycozzer@hotmail.com / Site: Teologia e Discernimento.

ABSTRACT

Considering the educational praxis in the christian context as a factor that propitiates reading, teaching and practical assimilation of the biblical texts, this article aims to analyze the relationship between the Christian Education and Hermeneutics and Exegesis, all seen here as theological disciplines that focus directly and indirectly in people's lives. It considers the fundamentality of this relationship and the contributions that can be drawn between the disciplines, thus allowing transdisciplinarity. If both Hermeneutics and Exegesis give "technical support" to the Christian Education as they provide the instruments to the pursuit of the text's meaning, Christian Education, in turn, contributes to the interpretative disciplines in order to "connect" them with student which is contemplated by the Christian Education, thus allowing a concrete link between the world of life and the correct understanding of biblical texts, enabling real use of Hermeneutics and Exegesis, usually seen as compressed to the academic circle and only in the hands of experts.

Keywords: Christian Education. Exegesis. Hermeneutics. Interpretation. Life. Practice.

INTRODUÇÃO

Há, aparentemente, dois extremos alocados nesse artigo: a Hermenêutica e a Exegese, vistas ao lado e como aliadas da Educação Cristã. Com efeito, tem-se a impressão de que a Hermenêutica e a Exegese, enquanto disciplinas teológicas, tornaram-se propriedade exclusiva dos seminários e faculdades teológicas e dos exegetas profissionais, ao passo que a Educação Cristã, vista como algo mais presente na concretude da Igreja, está assim (e por isso mesmo) mais acessível às pessoas. Contudo, o objeto de estudo da Hermenêutica e da Exegese – a interpretação bíblica – é inerente mesmo ao mais leigo dos cristãos que se apropria da Bíblia e a recebe como Palavra de Deus. Em recebendo-a nesse *status* – como Palavra de Deus –, ele recorrerá a ela por meio da leitura no sentido de tomar decisões, fazer suas escolhas, conduzir sua liturgia, etc., o que acaba por tornar a questão da interpretação ainda mais séria, justamente por esse elo entre a Bíblia e o leitor, promovido pela leitura popular que se faz da Bíblia nas comunidades eclesiais.

1. A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA COMO OCORRÊNCIA INERENTE

A Hermenêutica e a Exegese Bíblicas inegavelmente avançaram muito em seu campo de pesquisa. Num certo sentido, pode até ser admitido que estas ciências se tornaram também multidisciplinares, na medida em que dialogam com outras áreas do conhecimento humano como a Linguística, a Crítica Textual (manuscritologia bíblica), a Teologia Sistemática², Cultura Bíblica em seus variados aspectos, História. A Hermenêutica e a Exegese Bíblicas se tornaram também disciplinas complexas, requerendo conhecimento avançado e trabalho de peritos no

² O que se reconhece aqui é que há uma dependência mútua entre a Teologia Sistemática e a Hermenêutica e Exegese. Mesmo que estas duas últimas pretendam ser imparciais em sua abordagem e até mesmo livres de qualquer dogma, é admitido mesmo por exegetas profissionais que ninguém se aproxima do texto bíblico isento absolutamente de pressupostos teológicos. Cf. WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 23-25.

assunto. Mas é preciso que se diga que o elemento “interpretação bíblica” é inerente às igrejas locais e as pessoas se apropriam disso até mesmo sem se darem conta, de maneira inconsciente. Assim, o processo interpretativo, que parte do senso comum, é automático. Nicodemus comenta:

Nem todos se apercebem do fato de que cada leitura de um texto envolve um processo de interpretação do mesmo. Não existe compreensão de um texto sem que haja interpretação, mesmo que esta leitura seja do jornal e o processo de interpretação aconteça inconscientemente. Sendo um texto, a Bíblia não foge a esta regra.³

Wegner chega a reconhecer que a leitura popular da Bíblia, pautada por essa interpretação inerente, chega a trazer contribuições à Exegese, pois ela “logrou enriquecer-nos com uma série de intuições e orientações que visam assegurar uma leitura da palavra de Deus mais engajada e sensível à realidade do povo e de suas expressões de fé”. Em outras palavras, a leitura popular da Bíblia, com sua interpretação a partir do senso comum, aproxima a Exegese da comunidade de fé, tirando-a de um “claustró” científico. De fato, hoje existem vários métodos hermenêuticos ligados à realidade das sociedades, em suas variadas demandas. Fala-se de “leituras” da Bíblia: leitura negra, feminista, ecológica, dentre outras.⁴

Ao longo da história, temos visto essa apropriação do texto bíblico e sua consequente aplicação nas comunidades. Entre os judeus, já no primeiro século antes de Cristo, e prosseguiu depois de Cristo, na História da Igreja. Um bom exemplo é o caso de Luciano, a quem se atribui a fundação da escola de interpretação bíblica de Antioquia da Síria, que em sua obra **A Autólico**, afirma o seguinte:

Eu leio as Sagradas Escrituras dos santos profetas, os quais pelo Espírito de Deus predisseram as coisas que têm realmente acontecido, exatamente como vieram a ocorrer, e as coisas que agora estão ocorrendo no presente, e as coisas futuras na ordem em que ocorrerão. Aceitando, portanto, a prova evidente com a ocorrência de coisas preditas anteriormente, eu não descreio. Ao contrário, creio, obediente a Deus, a quem você deveria também se sujeitar, crendo nele, para que não seja condenado depois e atormentado com a punição eterna.⁵

2. EDUCAÇÃO CRISTÃ, HERMENÊUTICA E EXEGESE: DIÁLOGO E CONTRIBUIÇÕES

Não é novidade que as disciplinas teológicas são cooperativas entre si e que a compreensão de uma ajuda na assimilação de outra. As disciplinas contempladas aqui também fazem este intercurso entre si e mesmo com outras. Essa é uma característica interessante da Teologia, que se apresenta como um ramo do conhecimento humano bem concatenado, entrelaçado, “amarrado”. Benthó faz uma interessante comparação para com a Teologia:

³ LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 21.

⁴ WEGNER, 1998, p. 24.

⁵ LUCIANO in: LOPES, 2013, p. 135.

A Teologia pode ser comparada a um edifício de cinco andares, cada um desses com suas respectivas salas e funções. Estas, por sua vez, dependem uma das outras numa correspondência recíproca, formando todas o mesmo edifício. De modo análogo a um edifício de cinco andares, a Teologia em sentido restrito, pode ser agrupada e classificada em cinco formas usuais. Assim, na medida em que se conhece uma disciplina teológica, esta obsequiará a compreensão da disciplina seguinte.⁶

Mas se entendemos a Educação Cristã como a prática educativa da Igreja tendo a Bíblia como livro texto, compete perguntar como se dá esse ensino, que, via de regra, depende da interpretação da mesma Bíblia que se propõe ensinar. E no caso do ensino, os conceitos precisam estar muito claros para que sejam assim bem comunicados. É somente por meio de um trabalho interpretativo adequado que se obtém isso. Portanto, educação cristã e interpretação bíblica acabam se imbricando na realidade eclesial.

Um ponto muito importante – mas muito negligenciado – é que a comissão de Jesus dada aos discípulos, de evangelizarem o mundo, consiste de ensinar. O pentecostalismo dá uma forte ênfase à pregação e, como é majoritário em nosso país, parece que essa é uma verdade que aos poucos foi sendo margeada⁷ em seu contexto. Em Mateus 28.19,20 lemos: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. Como podemos notar, a comissão de Jesus consiste de ensinar e esse ensino é discipulador.

2.1 Hermenêutica e Exegese para identificar o *Sitz im Lebem* dos textos bíblicos

Enquanto a Educação Cristã lida diretamente com a realidade vivencial dos alunos, em seu momento atual, a Exegese busca identificar o *sitz im lebem* do texto bíblico. Essa identificação é fundamental para que se possa produzir uma aplicação correta dos textos bíblicos. Embora seja admissível que a interpretação hermenêutica e exegética dos textos bíblicos possa ser fria, rígida, apegada a princípios inflexíveis de compreensão do texto, a aplicação é multiperspectiva, contextual e até individual. Tal distinção entre interpretação em termos hermenêuticos e exegéticos e aplicação não é sinônimo, porém, de indissociabilidade. Na verdade, os dois processos devem andar de mãos dadas. Em outras palavras, a Educação Cristã, no reconhecimento e na identificação do *sitz im lebem* do texto bíblico, produz aplicações coerentes, fiéis e contextualizadas para o aprendente do século 21.

Essa internalização dos textos escriturísticos é vista no desenvolvimento da própria narrativa bíblica e na evolução dos blocos de livros. Josué aplica conceitos teológicos do Pentateuco aos eventos de seus dias; os livros de Juízes a Reis usam o Pentateuco e o livro de Josué para identificar os resultados da quebra ou não da Aliança, e os Profetas Posteriores (Isaías a Malaquias) também fazem uso dos cinco livros de Moisés, reinterpretando-os e

⁶ BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica fácil e descomplicada**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 17ss.

⁷ Nessa afirmação, não se pretende fazer uma abordagem generalizante. Com efeito, denominações histórico-pentecostais têm dado passos importantes no que tange à Educação Cristã e é notável a elevação no número de pentecostais que estão cursando em instituições de ensino superior.

aplicando-os em seus próprios dias⁸, com suas demandas específicas.⁹ Os Escritos seguem também na mesma direção em termos de aplicabilidade das demais Escrituras:

Podemos dizer que os profetas escritores desenvolveram temas do Pentateuco, e aplicaram seus princípios e leis no relacionamento de Deus com seu povo. A esta altura é preciso lembrar que a maior parte do ministério dos profetas do Antigo Testamento consistia em aplicar a Lei de Moisés às suas circunstâncias. Os profetas eram geralmente homens da hora. Quando a nação decaía espiritualmente e sua liderança real e sacerdotal falhava em orientar o povo na Lei de Deus, os profetas surgiam em cena, convocando todos, inclusive reis e sacerdotes, a que se arrependessem e voltassem para o Senhor. Essas exortações consistiam em ameaças e advertências ao povo de que os castigos de Deus, conforme os termos da sua aliança com Israel, estavam para vir, caso a nação persistisse na desobediência. Por outro lado, Deus estaria pronto a conceder a sua misericórdia e o seu perdão a todos os que se arrependessem e voltassem a ele. O referencial da obediência e da apostasia era a Lei de Deus, que havia sido dada a Moisés.¹⁰

Como se pode notar, os conceitos de aplicação, bem como de interpretação e reinterpretção, não são inéditos. Já são notados no próprio desenvolvimento do Cânon Sagrado pelos próprios autores bíblicos que se leram, interpretaram, reinterpretaram e construíram sobre essas ações hermenêuticas.

Essa busca pelo "lugar vivencial" do texto bíblico permite ao leitor contemporâneo da Bíblia identificar os contextos que cercaram a produção da mensagem bíblica, bem como as vicissitudes que envolveram os autores e leitores imediatos e como isso refletiu na entrega do texto final. Permite ainda identificação entre o leitor contemporâneo e os próprios autores do texto escriturístico, na medida em que se percebe que esses tiveram demandas bem semelhantes às daquele.

2.2 Hermenêutica e Exegese como ferramentas auxiliares para aprimorar a qualidade do ensino

A qualidade do que será ensinado em sala de aula passa, inequivocamente, pela qualidade da assimilação e absorção do conteúdo por parte do professor. Tendo em vista que ele é agente fundamental no processo de ensino-aprendizagem, o seu papel enquanto agente educativo precisa ser levado muito a sério. O educador cristão precisa ter suas ferramentas de pesquisa e realizar uma boa preparação de material para suas aulas. Pode até ser dito que o educador cristão, num certo sentido, é um hermeneuta, já que seu principal objeto de estudo é a Bíblia, e o acesso à compreensão de sua mensagem se dá através da Hermenêutica e da Exegese, e isso, claro, depois de sua dependência da iluminação do Espírito Santo em seu percurso na preparação de suas aulas. Com efeito, a espiritualidade não deve ser dissociada

⁸ LOPES, 2013, p. 38-47.

⁹ Considere, por exemplo, o caso do profeta Jeremias, que aplica ao falso profeta Hananias (Jr 28.9) o teste para identificar o verdadeiro profeta registrado em Deuteronômio 18.22.

¹⁰ LOPES, 2013, p. 44, 45.

da prática educativa cristã. A Educação Cristã procura sempre contemplar a espiritualidade dos alcançados por ela. As finalidades a que ela se destina visam essencialmente aportes espirituais. Com efeito, se tais prerrogativas forem removidas da Educação Cristã, ela deixa de ser cristã. Isso significa dizer também que a prática educativa, com seus encontros educativos (aulas), devem produzir reflexão, criticidade, escrutínio sobre o que fazemos e como fazemos. Zabatiero comenta que a reflexão crítica faz parte do processo pedagógico e menciona que em "Colossenses 1.9-11, essa atividade é chamada de *discernimento*, e não é só fruto de nossa razão, memória e imaginação, mas também da ação do Espírito em nós e através de nós". A Hermenêutica e a Exegese aplicadas nesse contexto ajudam, sem dúvida, a produzir reflexão e criticidade, tendo em vista que elas permitem uma transposição do texto bíblico à nossa realidade na medida em que os desvelam para nós. Tal "encontro" nem sempre corresponde ao que se esperava ou ao que se havia recebido nas comunidades eclesiais.¹¹

A aplicação do texto bíblico é resultado de sua interpretação. Se dispomos de uma interpretação equivocada, isso resultará em problemas conceituais, espirituais, filosóficos e funcionais em nossa realidade não apenas eclesial, mas social.¹² Assim, pode-se concluir que a interpretação do texto e a ação pedagógico-cristã que redundam numa ação concreta no mundo estão intimamente relacionadas. São indissociáveis. Conhecendo o conteúdo do que ensinará, o professor motiva e ajuda os alunos a conhecerem *criticamente* esse mesmo conteúdo. Quais são as diferenças entre um conhecer *crítico* e um conhecer *tradicionalista*? Como a sua ação pedagógica pode ajudar sua classe a desenvolver um conhecimento crítico da realidade e da teologia?

Conhecendo o conteúdo do que ensinará, o professor motiva e ajuda os alunos a conhecerem *criticamente* esse mesmo conteúdo. Quais são as diferenças entre um conhecer *crítico* e um conhecer *tradicionalista*? Como a sua ação pedagógica pode ajudar sua classe a desenvolver um conhecimento crítico da realidade e da teologia?¹³

Assim, cumpre considerar de que maneiras práticas as disciplinas interpretativas contribuem para a Educação Cristã. Em primeiro lugar, pode ser mencionada **a superação dos distanciamentos** presentes no texto bíblico. São vários. Lopes menciona oito distanciamentos encontrados nas Escrituras:

1. Temporal
2. Contextual
3. Cultural
4. Linguístico
5. Autoral
6. Natural
7. Espiritual

¹¹ ZABATIERO, Júlio. **Novos caminhos para a educação cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 39.

¹² Considere-se o caso de alguns movimentos sectários que, apoiados em interpretações equivocadas de determinados textos bíblicos, partem para extremos, como isolamento social, medidas internas que interferem em questões de saúde, dentre outras práticas.

¹³ ZABATIERO, 2009, p. 30.

8. Moral¹⁴

Esses distanciamentos evidenciam o quão remota a Bíblia está do leitor contemporâneo e pode indicar também o grande desafio que é diminuí-los. Com efeito, alguns chegam mesmo a pensar que eles são intransponíveis.¹⁵ Isso, contudo, não é, via de regra, um indicativo de que as Escrituras estejam inacessíveis a esse leitor contemporâneo que, no contexto deste artigo, é um aprendente, contemplado pela Educação Cristã e o próprio professor. Assim, a Hermenêutica e a Exegese são vistas como auxiliares fundamentais na redução desses distanciamentos. Reconhecem que a Bíblia está distante, mas podemos nos aproximar pelo instrumental oferecido pelas ciências interpretativas. Elas são assim "pontes" para se chegar ao ponto de partida, o texto bíblico. O próprio papel da Exegese¹⁶, em sua busca, o sentido da palavra enquanto evento histórico e como foi pretendida pelo seu autor original, pode ser encarado como uma forma prática na redução dos distanciamentos. Em outras palavras, a Exegese se move baseada numa inquirição contínua: saber o que o autor desejava que seus leitores imediatos entendessem daquela mensagem escrita por ele produzida. E é nessa inquirição que os distanciamentos são diminuídos. Tal "chegada ao sentido original" por parte do leitor, hoje, se dá mediante o uso de ferramentas fornecidas pela própria Exegese, como por exemplo, a análise lexical das palavras e textos que permitem a aproximação desse sentido pretendido, originalmente. Outro exemplo muito prático e concreto é **a percepção de como o texto está estruturado**, na medida em que se vão identificando as perícopes bíblicas. Isso possibilita identificar as mudanças de abordagens, temas, personagens, histórias, parábolas, eventos, dentre outros elementos presentes nos textos do Antigo e Novo Testamentos, redundando na identificação de alterações de elementos teológicos. Como se sabe, a mudança de uma perícopa para outra pode apontar para o desenvolvimento, evolução ou mesmo mudança de certos elementos teológicos presentes no texto. Considere-se o caso da perícopa que começa em Romanos 8.1, o que é indicado pela palavra "portanto" (na ARC e NVI¹⁷), onde o apóstolo desenvolve o conceito de liberdade em Cristo, logo depois de comentar o grande dilema em que se encontrava (Rm 7.7-24). A partir de 8.1, o apóstolo passa a indicar uma nova condição, uma nova realidade, ou por que não dizer, uma nova vida alicerçada em Cristo. **Reduzir o distanciamento cultural** é outra importante forma de se aproximar do sentido pretendido pelo autor bíblico. Isto porque determinados relatos de fundo cultural presentes na Bíblia nos parecem estranhos e, por vezes, dão margem a interpretações dúbias e incertas, por parte do leitor contemporâneo, que desconhecendo esse distanciamento, parte para percepções equivocadas a respeito do que o texto está de fato dizendo. Um bom exemplo disto encontra-se em Mateus 8.18-22, onde aparentemente temos uma resposta extremamente grosseira de Jesus a um dos discípulos que desejava segui-lo depois de sepultar o seu pai. Todavia, como bem explica Lawrence O. Richards,

¹⁴ LOPES, 2013, pp. 23-28.

¹⁵ Cf. OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 30.

¹⁶ Numa perspectiva reformada, já que as hermenêuticas pós-modernas são todas elas sincrônicas. Cf. LOPES, 2013, p. 225.

¹⁷ Almeida Revista e Corrigida e Nova Versão Internacional.

primeiramente devemos observar que o pai do homem não estava doente naquela ocasião. Na época de Jesus as pessoas eram enterradas no mesmo dia em que morriam, tão rapidamente quanto fosse possível. Se o pai já estivesse morto, o filho teria estado organizando o enterro, e teria sido esperado que Jesus se unisse aos pranteadores, pois isto era considerado um dever religioso no século I.

Assim, o que o jovem quis dizer foi: "eu tenho a obrigação de cuidar do meu pai idoso. Quando este dever estiver cumprido, então poderei lhe seguir". Para os ouvintes do século I, a resposta de Jesus era tão clara quanto o pedido: "Sua primeira obrigação é Me seguir".¹⁸

O exemplo acima nos permite perceber que o texto bíblico, tantas vezes distante do leitor em face do pano de fundo cultural, ganha "cor" e "vida" quando compreendido dentro desse contexto.

A Exegese e a Hermenêutica, por fim, também são fundamentais para que se aplique o que foi aprendido e apreendido a partir do ensino do texto bíblico. Sim, pois a finalidade última da Exegese é possibilitar uma aplicação do texto bíblico.

A exegese é a atividade que lança os alicerces. A exegese procura responder à pergunta: Esse texto, passagem ou livro da Bíblia foi escrito para transmitir o quê? O que o escritor humano estava dizendo aos leitores que tinha em mente, a respeito de Deus e dos seres humanos debaixo da soberania de Deus e, portanto, a respeito de si mesmo e deles mesmos? Somente depois de a exegese ter demonstrado o que uma passagem significava como comunicação no nível humano, é que podemos ter a esperança de discernir as verdades universais a respeito de Deus e do homem nela embutidas, aplicar aquelas verdades à nossa própria situação e, assim, ver o que ela agora significa como uma palavra da parte de Deus até nós. A interpretação, o processo de mostrar o significado das Escrituras, como a Palavra de Deus aos leitores em nossos dias, começa com a exegese e é completada pela aplicação.¹⁹

Essa aplicação é o ponto alto da *práxis* cristã, o resultado pretendido por ela. Não pode haver vida cristã se não houver prática cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a Educação Cristã é um processo de ensino e aprendizagem baseado nas Escrituras, e a Exegese e a Hermenêutica são disciplinas que procuram escrutinar o que de fato as Escrituras ensinam à Igreja, então não há por que dissociá-las. Essa colaboração mútua é primordial para que a docência cristã progrida em seus esforços no sentido de formar o homem, conforme o modelo apresentado no Novo Testamento e, por extensão, em toda a Bíblia.

¹⁸ RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 39.

¹⁹ PACKER *In*: DYCK, Elmer (edit.). **Hermenêutica**: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Shedd, 2012, p. 74.

REFERÊNCIAS

BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica fácil e descomplicada**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

DYCK, Elmer (edit.). **Hermenêutica**: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Shedd, 2012.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

ZABATIERO, Júlio. **Novos caminhos para a educação cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

IGREJA RELEVANTE: PRATICANDO PRINCÍPIOS DA IGREJA MISSIONAL Relevant Church: practicing principles of the missional church

Anilton Oliveira da Silva¹

RESUMO

Este artigo relata o planejamento de um seminário, denominado “*igreja relevante: praticando princípios da igreja missional*”, com ele, apresentou-se à 2ª Igreja Batista Independente o conceito de igreja missional e seus desdobramentos. O trabalho surgiu da seguinte pergunta norteadora: “*qual a melhor forma de capacitar a 2ª Igreja Batista Independente sobre o conceito de igreja missional?*” O trabalho foi subsidiado pela perspectiva da igreja missional; para isso, recorreu-se a autores que contribuem para a compreensão do tema, como: Goheen, Wright e Keller. Primeiramente, descreveu-se o contexto de inserção da 2ª Igreja Batista Independente, levando em conta, tanto sua localização geográfica, quanto sua estrutura denominacional. Posteriormente, fundamentou-se o conceito de igreja missional, em diálogo com os termos evangelho, cultura e cosmovisão. A pesquisa é norteadada pela metodologia pesquisa-ação, diante da possibilidade da construção de planos de ações em conjunto com o público-alvo. Assim, a partir da análise do contexto social e do tema igreja missional, elaborou-se formulário que reuniu planos de intervenção da igreja na sociedade de Marechal Cândido Rondon / PR. Desta forma, encorajou-se a comunidade cristã a ser missional, em todos os seus ministérios e atividades. Como resultado, observou-se que o seminário “*Igreja Relevante: praticando princípios da igreja missional*”, pode ser uma possibilidade para tal capacitação. A pesquisa é aplicável tanto à 2ª Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon quanto a outras igrejas de cidades diversas, ressalvadas as devidas contextualizações.

Palavras-chaves: Igreja missional. Igreja na cidade. Evangelho. Cultura. Cosmovisão.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: anilton_contato@hotmail.com.

ABSTRACT

This paper reports the planning of a seminar about the missional church approach. With it, was presented to the 2nd Independent Baptist Church the concept of missional church and its development. The idea came from the problem: how to enable the 2nd Independent Baptist Church to understand the concepts of the missional church? The authors on which this research is based are Goheen, Wright, and Keller. First of all, is described the context of the 2nd Independent Baptist Church, considering the geographic location of the church and its denominational structure. After that, the missional church concept was presented in a dialogue with the terms Gospel, culture, and worldview. The research is guided by the methodological approach research-action, faced with the possibility of a development of an action plan together with the target audience. Starting with the analysis of the social context and the missional church subject, a form with guidelines to actions of the church in the society of Marechal Cândido Rondon was created. The church community was encouraged to be missional in all its ministries and activities. As a result, was observed that the seminar “Relevant Church: practicing the principles of the missional church” can be used to equip churches. The research can be applied not only to the 2nd Independent Baptist Church of Marechal Cândido Rondon but also to other churches in different cities, paying attention to the necessity of contextualization.

Keywords: Missional Church. Church in the city. Gospel. Culture. Christian Worldview.

INTRODUÇÃO

A igreja cristã recebeu a missão de pregar o evangelho a todo o mundo, dada à amplitude dessa responsabilidade, muitas vezes, as comunidades evangélicas se perdem nas múltiplas possibilidades de execução da tarefa da pregação do evangelho. Nesse sentido, o conceito de igreja missional pode auxiliar igrejas locais na delimitação de ações estratégicas que cooperem com a expansão do evangelho e impacte positivamente suas localidades. Assim, cada comunidade precisa atentar para sua realidade e se mover de acordo com as necessidades de sua própria região, cidade, bairro, e outros. A proposta de ser igreja missional não promove o abandono à missão nacional ou mundial, antes, destaca a responsabilidade local da igreja evangélica.

Diante das questões apresentadas no parágrafo anterior, levanta-se o questionamento: como apresentar, de forma clara e organizada, à perspectiva da igreja missional à 2ª Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon (PR) e encorajar essa comunidade a propor ações em prol da sociedade local?

Como possível resolução a esse problema, elaborar-se-á um seminário,² com 6 (seis) encontros, denominado “*Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional*”. O seminário terá os seguintes objetivos: 1. Promover reflexão sobre a cultura local da igreja; 2. Disseminar o termo igreja missional, em diálogo com os conceitos de evangelho, cultura e cosmovisão; 3. Elaborar formulário para preenchimento de ações da igreja na sociedade.

A pesquisa adotará a metodologia pesquisa-ação como paradigma para reflexão, execução e análise. Pois o formulário, a ser desenvolvido, anexado ao artigo, prevê seu

² “Seminário é técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate” (LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 35). Ainda de acordo com as autoras, no seminário elege-se um tema central para auxiliar na divulgação e fomento de ideias (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 38).

preenchimento em conjunto, entre o pesquisador, na supervisão, e os participantes, com o objetivo de propor ações para minimizar problemas coletivos.³ O trabalho será subsidiado pela perspectiva da igreja missional, para isso, recorrer-se-á a autores que contribuem para a compreensão do tema, como: Goheen⁴, Wright⁵ e Keller⁶.

Por fim, o artigo terá a mesma estrutura adotada no seminário, a saber: 1. Descrição do contexto cultural da comunidade; 2. Exposição dos conceitos Evangelho, cultura e cosmovisão; 3. Estudo da temática igreja missional; 4. Formulário para proposições de intervenções da igreja na sociedade rondoniense, em anexo.

1. DESCRIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO E DE SUA COMUNIDADE

O seminário *“Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional”* terá como público-alvo membros da 2ª Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon. Essa igreja está vinculada à CIBILA (Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã) e à CIBI (Convenção das Igrejas Batistas Independentes do Brasil). A CIBILA se organiza por fatores linguísticos e culturais, com foco em comunidades formadas por descendentes de alemães. Há cinco igrejas no Rio Grande do Sul, duas em Santa Catarina, nove no Paraná e duas no Mato Grosso. Além dessas igrejas, há sete congregações e campos missionários no Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.⁷ Por sua vez, a Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI) foi “[...] fruto de um movimento missionário vindo da Suécia. O trabalho batista independente no Brasil nasceu no interior do Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina, numa região conhecida como Região das Missões”.⁸

Em 2017, a 2ª Igreja Batista Independente completará dez anos. Em seu décimo aniversário, a comunidade conta com cerca de cem membros. A frequência aos cultos de domingo também é, por volta, de cem pessoas. A denominação desenvolve os seguintes ministérios: Escola Bíblica para Crianças, Ministério de Adolescentes, Ministério de Jovens, Escotismo para Jovens e Adolescentes, Escola de Capacitação de Líderes, Ministério de Integração e Ministério de Casais. Além disso, a igreja se organiza em células, com cerca de oito pequenos grupos espalhados pela cidade.

Sobre a cidade de localização da igreja, Marechal Cândido Rondon, está localizada na Região Oeste do Paraná e tem as seguintes características:

Marechal Cândido Rondon é uma cidade típica germânica onde os traços do povo e as construções enxaimel preservam a cultura europeia. A ocupação do território local foi estimulada a partir das ações da Empresa Colonizadora,

³ THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985, p. 14.

⁴ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2014.

⁵ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

⁶ KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁷ <http://cibila.org/a-cibila/igrejas/>.

⁸ SCHULZ, Almiro [et. al.]. **Da Suécia ao Brasil: uma história missionária**. Campinas: Batista Independente, 2012, p. 31.

denominada Industrial Madeireira Rio Paraná S/A – Maripá, em meados dos anos cinquenta. A busca do alargamento da fronteira agrícola, aliada à proposta de exploração da erva mate, a policultura de subsistência, dentre outros fatores econômicos, foram determinantes à formação do núcleo populacional que deu origem ao município de Marechal Cândido Rondon. A Companhia Colonizadora Maripá, além de explorar as riquezas vegetais presentes no território Oeste do Paraná, desmembrou o espaço em pequenas propriedades rurais e comercializou-as para colonos oriundos dos vizinhos Estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.⁹

A estimativa da população, em 2016, era de 51.306 pessoas.¹⁰ Já o PIB per capita era de R\$ 35.739,55.¹¹ Ressalta-se que a economia paranaense é a quarta maior do País. O Estado é responsável por 6,3% do PIB nacional, com renda per capita de R\$ 30,3 mil, em 2013.¹² Logo, a renda per capita de Marechal Cândido Rondon está acima da média do Paraná.

Assim, a referida igreja está inserida em uma comunidade de predominância urbana e germânica. A influência germânica pode ser observada em diversas construções, nas características físicas dos moradores e na linguagem dos cidadãos. Todavia, como qualquer cidade, há diversos problemas e desafios. Podem ser apontados, de forma geral, problemas no sistema de saúde, segurança pública, recepção e gerenciamento de imigrantes, alcoolismo, drogas, dentre outros. Destarte, cabe à igreja conhecer sua cidade e apresentar propostas bíblicas para os desafios existentes.¹³

Para finalizar, compreender o local em que se está inserido é essencial para o sucesso do crescimento do evangelho, como disse Jairo de Oliveira: “*É importante lembrar a esta altura que o lugar onde servimos será apenas mais um lugar se ele não se tornar a nossa casa*”.¹⁴ Por isso, apresentar-se-á a perspectiva da *Igreja Missional*, demonstrando a importância da evangelização, mas também da transformação social por meio da ação da comunidade cristã. Visto que a igreja é formada por pessoas que atuam em diferentes segmentos da sociedade, é importante voltar-se a elas para reunião de demandas e planos de ações visando à intervenção no âmbito social. Os temas evangelho, cultura e cosmovisão estão inseridos na perspectiva da igreja missional, todavia, eles serão abordados separadamente com fins didáticos.

2. EVANGELHO, CULTURA E COSMOVISÃO

Para alcançar o objetivo de capacitar a igreja em se apropriar dos princípios de igreja missional, é essencial o estudo dos conceitos evangelho, cultura e cosmovisão, esses termos se relacionam intrinsecamente com igreja missional. Pois, a missão primordial da igreja é

⁹ <http://www.mcr.pr.gov.br/nossacidade>.

¹⁰ <http://cod.ibge.gov.br/BV2>.

¹¹ <http://cod.ibge.gov.br/1TVN8>.

¹² http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1.

¹³ Alguns desses problemas sociais fazem parte de um consenso nacional. Sobre esse consenso, veja-se a reportagem da Carta Capital, 2012 <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-saude-e-corrupcao-sao-os-principais-problema-do-pais>>.

¹⁴ OLIVEIRA, Jairo. **Vida, ministério e desafios no campo missionário**. São Paulo: Abba Press, 2007, p. 35.

pregar o evangelho; todas as demais ações devem ir ao encontro desse objetivo: *“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”* (Mc 16.15). No entanto, necessita-se distinguir o evangelho dos aspectos culturais de um povo. É comum a confusão entre esses dois aspectos: *“[...] Isso significa que quem leva o evangelho de uma cultura a outra deve estar consciente de que o leva envolto em um contexto cultural; que leva consigo não o evangelho puro, abstrato, mas o evangelho encarnado em sua própria cultura”*.¹⁵ Por outro lado, o Evangelho também define aspectos de nossas culturas que devem ser rejeitados; ninguém melhor para essa reflexão do que os próprios cristãos inseridos na cultura.¹⁶

2.1 Evangelho e Cultura

Timothy Keller argumenta existir, entre as crenças doutrinárias e a prática da igreja, uma terceira zona - a cultura. Keller explica a terceira zona da seguinte forma:

Desse modo, se você pensa em sua base doutrinária como o ‘hardware’ e nos programas de ministério como o ‘software’, é importante entender a existência de algo chamado ‘middleware’. Não sou perito em informática (para dizer o mínimo), mas meus amigos que dominam o assunto me explicaram que ‘middleware’ é a camada de software que fica entre o hardware, o sistema operacional e os vários aplicativos empregados pelo usuário. Da mesma forma, deveria existir, entre nossas crenças doutrinárias e nossas práticas ministeriais, uma visão muito bem concebida de como aplicar o evangelho à cultura e ao momento histórico em particular. Isso é algo mais prático do que simples crenças doutrinárias, mas muito mais teológico do que os passos de um ‘manual’ sobre como desenvolver determinado ministério. Quando essa visão é implantada, com suas ênfases e valores, os líderes da igreja são levados a tomar boas decisões sobre culto, discipulado, evangelismo, serviço e engajamento cultural em sua área de ministério - seja em uma região central, em bairros mais afastados e de classe média alta ou em cidades menores.¹⁷

Assim, ainda que de forma imperceptível, a cultura influencia a igreja, atrapalhando ou cooperando com ela. Keller levanta seis perguntas para se pensar a cultura: 1. O que é evangelho e qual sua aplicabilidade aos corações humanos nos dias de hoje? 2. Como estabelecer uma conexão com a cultura e desafiá-la? 3. Qual a nossa localização e como ela afeta nossa igreja? 4. Qual deve ser o grau de envolvimento cultural dos cristãos na sociedade? 5. Que tipo de relacionamento pode-se ter com outras igrejas da cidade? 6. Qual abordagem de defesa da verdade deve-se abraçar em nossa cultura?¹⁸ As palavras de Ed. Stetzer servem como síntese aos pontos elencados por Keller: *“Portanto, acolher a mudança cultural, sem com isso acolher a cultura toda, pode nos colocar em um novo contexto”*.¹⁹

¹⁵ GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e Evangelho**. São Paulo: Editora Hagnos, 2011, p. 127.

¹⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 129.

¹⁷ KELLER, 2014, p. 20 e 21.

¹⁸ KELLER, 2014, p. 22.

¹⁹ STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: Como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 52.

Keller também propõe que a comunidade desenvolva uma visão teológica, pregando o evangelho para sua cultura, focalizada com o momento histórico. Isso significa envolver-se na sociedade, reforçando aspectos culturais bíblicos e criticando os que se afastam da Palavra de Deus.²⁰ Para isso, o autor indica a visão de três eixos: 1. A centralidade do evangelho: se a igreja se deslocar da centralidade do evangelho, ela enfatizará o legalismo ou o antinomianismo. 2. O eixo da cidade/cultura: desviar-se desse eixo, levará ao isolamento ou à acomodação cultural. 3. O eixo do Movimento: afastando-se desse eixo, incorre em tradicionalismo organizacional, no outro extremo está a desorganização institucional. No centro do movimento está a cooperação com outras igrejas, visando ao crescimento do reino.²¹ Por fim, *“Talvez o modo mais insidioso em que o pecado afeta as culturas consista na forma pela qual essas mesmas culturas entendem o que é e o que não é pecado”*.²²

Desta forma, será reforçado à 2ª Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon a necessidade de analisar sua cultura criticamente, refletindo sobre quais práticas culturais são reconhecidas e ignoradas como pecado, tanto pela igreja quanto pela comunidade urbana.

2.2 Evangelho e Cosmovisão

Ferreira e Myatt defendem que os membros devem assumir seus lugares na sociedade, executando uma cosmovisão cristã. Para isso, eles precisam ser conscientes de que a igreja pertence a Deus e ter como maior objetivo ser fiel a Ele. Nesses termos, o crescimento da igreja deve ser subordinado à obediência.²³ Sobre o engajamento social dos membros, os autores esclarecem:

O ministério do povo de Deus assume um lugar importantíssimo na vida da igreja. Alguns cristãos realizarão seu ministério na própria igreja, entre outros cristãos, mas muitos encontrarão seu ministério no mundo, em seu trabalho, na ação social, na política, nas artes, nos esportes, na música, até que todas as áreas da cultura sejam atingidas. Existem vários métodos e modelos que podem ser empregados para implementar isso. Acreditamos que a igreja não deve se envolver em movimentos políticos, mas sugerimos que a igreja mantenha ministérios para alcançar e ajudar grupos específicos com necessidades especiais na sociedade. Isso sempre deve ocorrer segundo a iniciativa e os dons do povo de Deus. Por exemplo, se houver médicos na igreja que queiram montar uma clínica para atender pessoas carentes, ou se houver alguém que queira montar um orfanato ou um ministério para alcançar as diversas seitas, estes podem ser ministérios da igreja local, na medida em que o povo da igreja já realiza esse ministério. A igreja deve dar apoio, talvez com alguns recursos, contanto que isto não seja uma distração para a igreja, que a impeça de cumprir suas tarefas principais. É importante

²⁰ KELLER, 2014, p. 23 e 27.

²¹ KELLER, 2014, p. 27-29.

²² GONZÁLEZ, 2014, p. 71.

²³ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 914 e 1005.

destacar que esses ministérios são iniciativas dos membros da igreja e não dos pastores.²⁴

Hiebert assume a posição de que as culturas se organizam em conjuntos de temas e contra temas. Ele cita o exemplo da sociedade americana, que exalta o tema individualismo. Mas o contra tema família, por exemplo, impede que o indivíduo seja extremamente egoísta, cuidando de alguém além de si mesmo.²⁵ O autor, também, distingue cosmovisão de cultura:

Utilizaremos o termo ‘cosmovisão’ porque ele é bem conhecido e porque não temos uma palavra mais precisa. Entretanto, definiremos o conceito quando utilizado neste estudo como os ‘pressupostos fundamentais cognitivos, afetivos e avaliadores que um grupo de pessoas adota sobre a natureza das coisas e que utiliza para organizar sua vida’. Cosmovisão é aquilo que as pessoas, em uma comunidade, presumem como realidade certa, são os mapas que elas têm da realidade e que utilizam para viver.²⁶

Desta forma, a cosmovisão influencia as emoções, conduta e reação de indivíduos. A cosmovisão subsidia as crenças e convicções, mas ela está em um nível mais profundo, não sendo facilmente percebida.²⁷ Em síntese, a cultura e a cosmovisão são conceitos essenciais à igreja missional, pois é na cultura e na construção de uma cosmovisão cristã que a igreja se move.

Finalmente, a última parte do seminário “*igreja relevante: praticando princípios da igreja missional*”²⁸ abordará o termo igreja missional. Entende-se que as bases para se refletir sobre esse tema já foram dadas ao se discutir os conceitos de evangelho, cultura e cosmovisão.

3. A IGREJA MISSIONAL

Estudar o tema Igreja missional pode ser uma tentativa de organizar a igreja e seus ministérios para fora de si. Pois um dos postulados da igreja missional é que “*cada aspecto da igreja é voltado para fora, preparando-se para a presença de não cristãos e apoiando os leigos em seu ministério na sociedade*”.²⁹ Desta maneira, serão explorados importantes conceitos desse assunto. “Na sua melhor definição, ‘missional’ descreve não uma atividade específica da igreja, mas a própria essência e identidade da igreja, à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo”.³⁰

²⁴ FERREIRA; MYATT, 2008, p. 1004.

²⁵ HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 24 e 25.

²⁶ HIEBERT, 2016, p. 19.

²⁷ GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. **Fundamentos inabaláveis**: respostas aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã - macro evolução, bioética, clonagem, aborto, eutanásia. São Paulo: Vida, 2003, p. 53 e 54.

²⁸ Essa não é exatamente a última parte do seminário, mas a última parte do artigo. Pois, há, também, um formulário a ser preenchido no último encontro com propostas de ações da igreja na sociedade, veja-se o anexo desse artigo.

²⁹ KELLER, 2005, p. 30.

³⁰ GOHEEN, 2014, p. 20.

3.1 Distinção entre missional e missões

Missões designa a ação em novos campos missionários. A palavra missional descreve não a ação, mas a natureza da igreja, delimitando seu papel no mundo como representante do resgate da natureza caída.³¹ Enquanto missões expressa a ação de uma pessoa, missional expressa o papel de todo o corpo de Cristo para cumprimento da missão de Deus – resgatar a humanidade caída pelo pecado. Assim, missional tem perspectiva eclesiológica que desafia a igreja a realizar sua missão onde ela se encontra. Para tanto, a congregação precisa se tornar referência para a cultura, bem como chamar outros a si. Desta forma: *“O ser igreja missional é mais bem compreendido quando fundamentado na ação do Espírito Santo de Deus, que chama a igreja a existir como uma comunidade engajada, equipando, preparando e enviando-a ao mundo para ser participante da missão de Deus”*.³²

Christopher J. H. Wright também distingue esses conceitos, enquanto, para ele, missão é a ação de Deus em restaurar a humanidade caída, missões *“engloba a variedade de coisas para as quais as pessoas foram enviadas”* a realizar por Deus.³³ As missões não se restringem a ações evangelísticas, estando as diversas atividades da igreja contidas na missão de Deus. Para consolidar a distinção entre os dois termos, o autor contrapõe o caráter macro dos conceitos ciência, arte e esporte aos conceitos de ações específicas e diversas de ciências, artes e esportes, estando estes igualmente contidos em seus correspondentes singulares.

Por consequência, missão é a ação de Deus na história, bem como seu comprometimento com sua criação. Já missional percebe-se na diversidade dos atos colocados em práticas pelos cristãos, em cooperação com a missão de Deus, veja-se a sentença seguinte: *“A existência da igreja no mundo tem que ser entendida em termos missionários. A igreja não pode ajudar a missão de Deus, somente ser participante na missão de Deus no mundo. Isto é parte do que significa ser igreja, fazer menos, seria contrário à sua natureza”*.³⁴

3.2 A grande comissão da igreja iniciou-se no Antigo Testamento

Wright propõe uma revisão das ações missionárias da igreja cristã. Pois elas são alicerçadas em Mateus 28, passagem conhecida como a grande comissão. Porém, para o autor, a grande comissão não foi a mola propulsora a impulsionar os apóstolos à tarefa evangelística:

Se a simples obediência à Grande Comissão foi a maior razão na consciência dos cristãos primitivos, é surpreendente que isso nunca tenha sido mencionado em lugar algum do Novo Testamento. Não me interprete mal. Em momento algum estou sugerindo que a Grande Comissão jamais tenha acontecido, mas apenas que nunca foi mencionada explicitamente como a

³¹ GOHEEN, 2014, p. 20.

³² GENDER, Craig Van. **The Ministry of the Missional Church: A Community Led by the Spirit**. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007, p. 85.

³³ WRIGHT, 2012, p. 52.

³⁴ GENDER, Craig Van. From corporative church to missional church: the challenge facing congregations today. Review and expositor, n. 101, SUMMER, 2004, p. 445.

força motriz que levou à expansão da igreja no Novo Testamento, após o período de Atos, capítulo 1.³⁵

A partir dessa afirmação, o autor desenvolve uma visão completa da história da redenção, iniciada no Antigo Testamento e ampliada na tarefa evangelística da igreja. Essa história se divide em três partes, englobando outros momentos do plano de Deus: 1. Criação: implica a identidade humana, criada à imagem e semelhança e Deus; 2. Queda: essa etapa culminou em uma série de consequências físicas, intelectuais e sociais; 3. Redenção: este contexto envolve a missão de Deus com o intuito de desfazer a consequência da queda sobre toda sua criação, o autor engloba uma série de ações que perpassam o Antigo Testamento até a consumação dos séculos, a saber: chamado de Abraão; eleição. Êxodo: Redenção. Sinai e a história de Israel como nação. Encarnação de Deus em Cristo. Morte e ressurreição de Cristo; Nova aliança. Pentecostes, Espírito Santo, missão da igreja, *parousia*, ressurreição, julgamento e nova criação.³⁶ Desta forma, a chamada de Abraão é definida pelo autor como a grande comissão do Antigo Testamento:

A eleição de Abraão ocorreu, de forma explícita, para abençoar todas as nações da terra. O mandamento e a promessa de Deus dados a Abraão podem ser chamados legitimamente de a primeira Grande Comissão - 'vai... [e] sê tu uma bênção!; em ti serão benditas todas as famílias da terra' (Gn 12.1-3; ARA).³⁷

Assim, a vinda de Jesus é a continuidade do plano de Deus, colocado em prática após a queda do homem. Goheen igualmente explica que, para a igreja entender seu papel na missão de Deus, ela precisa primeiramente olhar para o Antigo Testamento, verificando como Deus realizou o seu propósito por meio daquela nação.³⁸ Pois o Antigo Testamento demonstra a preocupação de Deus com o resgate da humanidade caída. Em Abraão, a perspectiva deixa de ser universal para tornar-se individual. Todavia, isso fazia parte do Plano de Deus de preparar um povo para ser luz para as nações – Israel. Com o estabelecimento da nação, a perspectiva de Deus ganha dimensão nacional. O propósito de Deus com a Torá era que Israel fosse um povo diferente, um testemunho para as nações a sua volta.³⁹

Há textos-chaves na Bíblia que demonstram a comissão da igreja já no Antigo Testamento, a saber: 1) Gênesis 12.1-3. Este texto relata o chamado de Abraão que, após sua obediência, resultou no posterior estabelecimento de Israel como nação. Todavia, apesar de Deus haver chamado um único homem, sua visão era, desde o início, universal. Esse texto também se relaciona com Gênesis capítulos 1 a 11:

A grande promessa de Deus a Abraão, geralmente chamada de aliança abraâmica, aparece em Gênesis 12.1-3. Mas Gênesis 12 vem depois de Gênesis 1-11. Isso pode parecer óbvio, mas é crucialmente importante, porque toda a questão sobre aquilo que Deus inicia com sua promessa a

³⁵ WRIGHT, 2012, p. 44.

³⁶ WRIGHT, 2012, p. 49-58.

³⁷ WRIGHT, 2012, p. 50.

³⁸ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Bartholomew. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 24.

³⁹ GOHEEN, 2014.

Abraão só se torna clara quando a vemos em contraste com o contexto tenebroso daqueles capítulos.⁴⁰

Desta forma, a promessa de Abraão olha para o passado - a situação caótica do mundo pós-queda; mas também olha para futuro:

Deus, quando começou seu grande projeto de redenção do mundo no encaixe de Gênesis 12, escolheu fazê-lo não transportando indivíduos rapidamente para o Céu, mas chamando à existência uma comunidade de bênção. Começando com um homem e sua mulher estéril, transformando-os milagrosamente numa grande família ao longo de várias gerações, depois, numa nação chamada Israel e, a seguir, por meio de Cristo, numa comunidade multinacional de crentes de todas as nações - através de toda a história, Deus tem moldado um povo para si mesmo. Mas também um povo para os outros. 'Em ti... todas as nações'.⁴¹

2) Outro texto do Antigo Testamento, que relacionado com uma referência neotestamentária, demonstra a plenitude do plano de Deus, passando pela nação de Israel e culminando na igreja é Êxodo 19.3-6 e 1 Pedro 2.9-12. Êxodo 19.3-6 demonstra que Deus colocou seu plano redentor em ação, escolhendo uma nação e libertando-a em diversas dimensões, como: dimensão política, econômica, social e espiritual. Assim, Deus estabeleceu um modelo holístico de Redenção. A redenção de êxodo tem paralelo na redenção de Cristo: *"Assim como Deus, no êxodo, causou uma grande derrota das reivindicações e poder usurpador dos Faraós, a cruz foi a vitória do Senhor sobre os principados e potestades (Cl 2.15). As imagens do êxodo talvez sejam mais fortes em Colossenses"*.⁴²

Êxodo 19.3-6 é uma extensão de Gênesis 12 e se desdobra em outros textos como Levíticos 19, demonstrando o modo de viver da nação de Israel, que deveria ser um modelo para todos os povos. Essa função de modelo é expressa também em Deuteronômio 4.5-8 e tipifica a responsabilidade da igreja de ser um modelo em seu estilo de vida: *"Nossa missão é, no mínimo, fazer com que aqueles que nos rodeiam fiquem curiosos a respeito do Deus que adoramos e de nosso estilo de vida"*.⁴³ Já 1 Pedro 2.9-1 é essencial por sua ligação com o Antigo Testamento e pela aplicação feita por Pedro à igreja. Assim, esse trecho demonstra a continuidade da história da redenção, iniciada em Abraão e continuada na história de Israel, culminando na igreja.

3.3 O insucesso de Israel em ser um povo missional

Apesar do privilégio de representar a Deus entre as nações, Israel desprezou sua responsabilidade de chamar as nações a Deus. Os diversos períodos de sua história foram marcados por constantes quedas e rebeldias contra o Senhor. Ainda que os profetas os tenham alertado, dada a contínua rebeldia, Deus os enviou ao exílio. O exílio tornou Israel vulnerável às nações, ampliando, a partir desse período, a expectativa da vinda do Messias para o estabelecimento de um novo reino.

⁴⁰ WRIGHT, 2012, p. 78.

⁴¹ WRIGHT, 2012, p. 88.

⁴² WRIGHT, 2012, p. 124.

⁴³ WRIGHT, 2012, p. 158.

Com a vida do Messias - Jesus Cristo, houve o estabelecimento do Reino de Deus. Todavia, esse Reino não foi implantando de forma plena, daí a necessidade de a igreja viver hoje os aspectos espirituais do reino futuro. Desta forma, a igreja dá continuidade ao papel de Israel de ser luz para as nações. Destarte, a igreja é chamada primeiramente a *ser*; em seguida, ela é enviada aos povos. A igreja do século 21 enfatiza os benefícios e as responsabilidades advindas no reino como individuais. Entretanto, tais dádivas e compromissos são também comunitárias, para que o corpo de Cristo cumpra sua missão no lugar em que está inserido, primeiramente vivendo e depois declarando o padrão de Deus para toda a humanidade.

A igreja missional na Bíblia: luz para as nações postula que a compreensão da natureza da igreja deve avançar de conceitos para imagens. Essas imagens são dadas na Bíblia por meio de suas histórias. Iniciando esse quadro mental no Antigo Testamento, a partir da formação histórica de Israel, em seus primórdios: em Abraão e em Moisés, no Egito; passando pelo estabelecimento do país e seus diversos momentos históricos como: tribal, monárquico e exílico. Desta forma, a compreensão do objetivo do estabelecimento de Israel contribui para o entendimento do papel da igreja contemporânea.⁴⁴ Essas imagens alcançaram o clímax com a vinda do Messias, esse, por meio de sua morte e ressurreição, estabeleceu um povo escatológico, conforme promessa dos profetas, para, a partir da história de Israel, continuar a missão de Deus. Todavia, o Messias incluiu um novo aspecto, ao invés de ser como Israel que se fechava em sua própria cultura, esse novo povo deve ser participante de culturas diversas, sem seguir o rumo idólatra delas.⁴⁵

3.4 Iluminando a sociedade

Lopes, em seu livro *Polêmicas na igreja*, destaca que a comunidade evangélica tem se deixado influenciar negativamente pela cultura. Ele ilustra essa afirmação com o predomínio do materialismo nas pregações, bem como, com a atitude de membros, que se colocam como consumidores e não como discípulos de Cristo.⁴⁶

David Platt sustenta que a Bíblia confronta a sociedade.⁴⁷ Não se trata de um confronto bélico, mas de propostas divergentes sobre como se deve viver no dia a dia. Assim, a sociedade é o lugar propício para o cristão ser sal e luz, sendo grande a responsabilidade da igreja. Pois,

Se um pedaço de carne apodrece, não adianta culpar a carne. É isso que acontece quando a carne é deixada por conta própria. A pergunta a se fazer é esta: Onde está o sal? Se uma casa fica escura à noite, não adianta culpar a casa. Isso é o que acontece quando o sol se põe. A pergunta a se fazer é esta: Onde está a luz? Se a sociedade se torna mais corrupta e mais tenebrosa, não adianta culpar a sociedade. Isso é o que a natureza humana decaída faz quando é deixada sem controle nem confrontação. A pergunta a se fazer é

⁴⁴ GOHEEN, 2014, p. 23.

⁴⁵ GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 25.

⁴⁶ LOPES, Augustus Nicodemus. **Polêmicas na Igreja**: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

⁴⁷ PLATT, David. **Contracultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza... São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 19.

esta: Onde estão os cristãos? Onde estão os santos que realmente viverão como santos - o diferente povo de Deus, a contracultura de Deus - na esfera pública?⁴⁸

Lopes salienta que, cultura é um apanhado de coisas que incluem coisas boas e ruins, pois “ao mesmo tempo em que a Bíblia define o mundo de maneira negativa, ele a admite que existem coisas boas na sociedade, isso porque, a despeito da Queda, o homem ainda mantém a imagem de Deus”.⁴⁹ O conhecimento espiritual adquirido gera responsabilidade. A igreja não pode limitar-se a mensagem pregada, mas precisa assumir responsabilidades com sua cidade. Para isso, ela necessita viver em sua sociedade de forma diferente, Kivitz saliente que o modo de vida da igreja pode impactar o mundo: “*É verdade que a gente vive num mundo imponderável, mas também é verdade que vivemos com esperança*”.⁵⁰

A igreja deve ampliar sua visão de viver para si, para uma ação mais efetiva, seja capacitando os membros a assumirem papéis na sociedade, seja ao levantar sua voz contra a injustiça. Para isso, John Stott propõe que a igreja olhe para humanidade: “*O ensino Cristão sobre a dignidade humana e o valor do ser humano é de suma importância hoje, não só por amor à nossa própria autoimagem, mas para o bem-estar da sociedade*”.⁵¹

Nesse sentido, a igreja precisa não apenas proclamar a verdade, mas incorporar suas verdades, pois “*em Cristo, deparamo-nos com a proposta de participar, simultaneamente, da realidade de Deus e do mundo, uma não sem a outra*”.⁵² Visto que o povo de Deus sempre estará em evidência, seu estilo de vida tanto poderá atrair as pessoas, quanto repulsá-las. “*Mas note que é o segundo elemento (nosso estilo de vida) que leva ao primeiro (curiosidade a respeito de Deus)*”.⁵³ A responsabilidade ética não isenta a igreja de anunciar as boas novas, mas, ela evidencia que as boas novas precisam ser vividas. Para John Stott, o viver ético passa pela valorização do ser humano como criação de Deus:

Mas quando os seres humanos são valorizados como pessoas, em virtude de seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças são honrados. Os enfermos são cuidados e os idosos capacitados a viver e morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros reabilitados, as minorias protegidas e os oprimidos libertados. Os trabalhadores recebem salário digno, condições de trabalho decentes e uma parcela de participação, tanto na gerência como nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. E por que isso? Porque as pessoas importam. Porque todo homem, mulher e criança tem valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.⁵⁴

⁴⁸ WRIGHT, 2012, p. 284.

⁴⁹ LOPES, 2015, p. 79.

⁵⁰ KIVITZ, Ed René. **O livro mais mal-humorado da Bíblia**: a acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 130.

⁵¹ STOTT, John. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**: como ser um cristão contemporâneo. 2 ed. São Paulo: ABU, 2005, p. 102.

⁵² BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 125.

⁵³ WRIGHT, 2012, p. 158.

⁵⁴ STOTT, 2005, p. 102.

Dada à amplitude da missão de Deus, Wright esclarece que ela não pode ser delegada somente aos missionários transculturais, nem aos ministros que se dedicam exclusivamente à igreja. Antes, a missão pertence também aos cristãos que têm diversas tarefas profissionais.⁵⁵ A visão de que, profissionais cristãos não são chamados por Deus para fazer parte de Sua missão, gera um pensamento dicotômico, Kivitz argumenta que o autor de Eclesiastes postula a ruptura de tal pensamento:

Para o Eclesiastes está claro que o mundo onde vive o religioso é igual ao mundo onde vive aquele que não é religioso. No entanto, a religião pretende convencer o religioso de que o mundo onde vive é diferente, que Deus faz ali coisas que não faz no mundo do não religioso. Assim, o diferencial esperado pelo religioso é ver a atuação de Deus em seu mundo. Mas o Eclesiastes nos diz que isso é mentira, que o mundo dos dois é o mesmo, e mostra que o religioso deve reconhecer esse fato.⁵⁶

Isto posto, as atividades públicas e profissionais também são um campo de batalha espiritual. Nelas sempre surgirão conflitos e, muitas vezes, os cristãos poderão ser injustiçados por sua fé. Tais conflitos são complexos e de difícil solução.⁵⁷ Todavia, é essencial que o cristão veja sua atuação ética na sociedade em que vive como um serviço ao senhor.⁵⁸ De fato, a vivência prática do evangelho se inicia ao sair do templo.⁵⁹ Resumindo, o cristão deve exercer seus compromissos sociais em obediência ao evangelho, não distinguindo o crer do viver.

Destarte, o evangelho tem sua dimensão verbal, mas essa dimensão acarreta em decisões que precisam ser tomadas. Pois, *“Não há evangelho onde não há mudança”*.⁶⁰ Ou seja, a perspectiva humana do evangelho é proveniente do Criador e não do humanismo.⁶¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a abordagem da igreja missional contribui para eliminar a ideia de que a missão é realizada somente por missionários e pastores. A igreja deve ir além da evangelização, nesse aspecto, a distinção entre missões e missional pode ajudar a igreja atual a assumir sua parcela de responsabilidade, não deixando apenas para os missionários e pastores a tarefa de pregar o evangelho. Embora se deva distinguir teoria de prática, o estudo e a reflexão sobre a própria cultura desafia a igreja a viver os princípios do evangelho em sua cultura, buscando separar o que é cultura e o que é o evangelho de Jesus Cristo. Neste sentido, espera-se que o estudo da igreja missional resulte em ações concretas voltadas à comunidade, primeiramente com a pregação do evangelho e, como consequência, vivendo na cultura fundamentada em uma cosmovisão cristã.

⁵⁵ WRIGHT, 2012, p. 265.

⁵⁶ KIVITZ, 2009, p. 87.

⁵⁷ WRIGHT, 2012, p. 291.

⁵⁸ SILVA, Anilton Oliveira da. O papel do Cristão na política brasileira. In: SOUZA, José Neivaldo; SOUZA, Edilson Soares. **Teologia e ética no cuidado pastoral**. Curitiba: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2017, p. 129.

⁵⁹ WRIGHT, 2012, p. 326.

⁶⁰ WRIGHT, 2012, p. 234.

⁶¹ STOTT, 2005, p. 102.

A pesquisa buscou verificar como seria possível capacitar a 2ª Igreja Batista Independente sobre a temática “igreja missional” e como resultado observou-se que o seminário “*Igreja Relevante: praticando princípios da igreja missional*”, pode ser uma possibilidade para tal capacitação. A pesquisa se solidifica por ser aplicável, não apenas à 2ª Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon, mas, com as devidas contextualizações, pode-se, também, aplicá-la a outras igrejas de cidades diversas.

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

CARTA CAPITAL. **Violência, saúde e corrupção são principais problemas do país**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-saude-e-corrupcao-sao-os-principais-problema-do-pais>>. Acessado em: 15 de julho de 2007.

CIBILA. **Igrejas**. Disponível em <<http://cibila.org/a-cibila/igrejas/>>. Acessado em: 20 de agosto de 2017.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. **Fundamentos inabaláveis: respostas aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã - macroevolução, bioética, clonagem, aborto, eutanásia**. São Paulo: Vida, 2003.

GENDER, Craig Van. **From corporative church to missional church: the challenge facing congregations today**. Review and expositor, n. 101, Summer, 2004.

GENDER, Craig Van. **The Ministry of the Missional Church: A Community Led by the Spirit**. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2017.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2014.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Bartholomew. **Introdução à cosmvisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e Evangelho**. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmvisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KIVITZ, Ed René. **O livro mais mal-humorado da Bíblia: a acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/marechal-candido-rondon/panorama>>. Acessado em: 21 de setembro de 2017.

IPARDES - O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1>. Acessado em 22 de setembro de 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Polêmicas na Igreja**: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

OLIVEIRA, Jairo. **Vida, ministério e desafios no campo missionário**. São Paulo: Abba Press, 2007.

PLATT, David. **Contracultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza... São Paulo: Vida Nova, 2016.

PÚBLICO. **Nossa cidade**. Disponível em < <http://antigo.mcr.pr.gov.br/nossacidade>>. Acessado em: 21/09/2017.

SCHULZ, Almiro [et. al.]. **Da Suécia ao Brasil**: uma história missionária. Campinas: Batista Independente, 2012.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: Como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SILVA, Anilton Oliveira da. O papel do Cristão na política brasileira. In: SOUZA, José Neivaldo; SOUZA, Edilson Soares. **Teologia e ética no cuidado pastoral**. Curitiba: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2017.

SPROUL, R. C. **O que é a igreja?** São José dos Campos: Fiel, 2014. (Série: Questões cruciais, Vol. 16).

STOTT, John. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**: como ser um cristão contemporâneo. 2.ed. São Paulo: ABU, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ANEXO

PROJETO IGREJA MISSIONAL

No último encontro do seminário “*Igreja relevante: praticando princípios da igreja missional*”, supervisionados pelo ministrante do seminário, os participantes elaborarão propostas de ações de engajamento social por parte da igreja. Em momento posterior ao seminário, a igreja elegerá algumas dessas ações para serem colocadas em prática, segundo cronograma estabelecido pela própria igreja. Como o ministrante do curso é membro da 2ª Igreja Batista Independente, ele fará o acompanhamento dos projetos.

1. Qual o público-alvo da ação?

2. Local de realização da ação (rua, quadras, bairro, cidade etc.)? Seja o mais específico possível.

3. Qual a atividade principal?

4. Quais atividades são secundárias?

5. Quando acontecerá?

6. Nome dos organizadores?

7. Cite dois versículos que embasam a ação.

8. Dê um nome à ação?

9. Outros ministérios da igreja poderão apoiar a ação? Quais?

10. Quantos reais custarão à ação?

11. Número de reuniões necessárias para planejamento?

12. Convide dois Intercessores

13. Após a realização da ação, marque uma reunião para discutir os resultados da ação, pontos positivos e negativos.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DAS MIGRAÇÕES DE POVOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS PARA A EXPANSÃO DO EVANGELHO

The influence of the migration of peoples from the first centuries to the
expansion of the Gospel

Eduardo Balaniuk¹

RESUMO

Através das perseguições ao longo dos primeiros séculos até o século XIX, as migrações de povos foram uma das consequências. Diante disso, surge o questionamento: será que as migrações de povos influenciam a expansão do Evangelho? Uma vez que as pessoas se viam obrigadas a migrar para salvar suas vidas, elas levavam consigo suas crenças e expandiam o Evangelho. Dessa forma, o cristianismo aumentava silenciosamente e inúmeros povos foram influenciados. Nota-se que o Evangelho transpassou e transpassa qualquer barreira cultural ou geográfica e assim se estende a todas as pessoas e povos. As imigrações ensinaram, e ensinam ainda hoje, que é preciso haver acolhimento para imigrantes e refugiados, para dessa maneira demonstrar pertencimento ao local em que estão. Foi através das influências das migrações que o Evangelho se espalhou por todo o mundo, apesar de algumas vezes ter sido introduzido de maneira errada.

Palavras-chaves: Migrações. Evangelho. Cristianismo. Povos.

ABSTRACT

The migration of people was one of the consequences of the persecutions throughout the first centuries until the nineteenth century. In the face of it the following question arises: do the migration of people influence the expansion of the Gospel? Once people were forced to migrate to save their lives, they took their beliefs with them and expanded the Gospel. In this way Christianity increased silently and countless people were influenced.

¹ O autor é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS) e pós-graduando em Libras e educação para surdos pela Universidade Pitágoras Unopar. E-mail: balaniuk_4@hotmail.com

It is noticed that the Gospel passed through and pass through any cultural or geographical barrier and thus extends to all people and peoples. Immigration has taught, and still teaches today, that there must be a reception for immigrants and refugees, in order to demonstrate that they belong to the place where they are. It was through the influences of the migrations that the Gospel spread throughout the world, although it was sometimes introduced in the wrong way.

Keywords: Migrations. Gospel. Christianity. Peoples.

INTRODUÇÃO

Diante do crescente fluxo migratório em todo o mundo, percebe-se que há a necessidade de atentar os olhos para o passado, e dessa forma buscar entendimento para as questões presentes e futuras. Segundo dados da Organização das Nações Unidas, de 2013, há aproximadamente 232 milhões de migrantes em todo o mundo. Muitos dos que emigram buscam melhores condições de vida. Quando o imigrante passa a viver em outro lugar, leva consigo suas crenças, experiências e culturas.

Através da história nota-se que houve influências deixadas pelos imigrantes. Desde os tempos bíblicos até os dias atuais, a imigração é um tema recorrente, que se modifica ao longo dos anos através de situações diversas, como desastres naturais, guerras, problemas socioeconômicos, entre outros.

Diante desses fatos, o trabalho apresentará as migrações históricas causadas por perseguições. Ao longo do primeiro ponto, demonstrar-se-á como os cristãos se expandiram tanto geograficamente quanto numericamente nos primeiros séculos, pelo fato de estarem sendo perseguidos. Será vista a perseguição contra a Igreja Primitiva, entre judeus e gentios. Na sequência, a ênfase será em questões que envolvem a perseguição do Império Romano contra os cristãos, levando muitos à morte. No final da Idade Média, que havia se iniciado no final do século III, o cristianismo havia se expandido em diversas regiões do mundo. Com isto, houve o movimento dos reformadores, que visava acabar com as heresias. Ainda nos séculos XV e XVI, muitos cristãos emigraram para outros lugares e contribuíram para a expansão da fé cristã.

Será abordada no terceiro ponto a influência que a imigração à América do Norte causou para a expansão do Evangelho. Inclusive foi nos Estados Unidos que os morávios se fixaram para expandir a missão missionária que impactou diversos países. O comunismo, fascismo e nazismo, e de que maneira isso influenciou a Europa e a América do Sul é descrito no quarto ponto. Durante essa época, milhares de pessoas se deslocaram para salvar suas vidas das guerras, ou procurar melhores condições de vida. Também é durante este período, ainda no século XIX, que se estendeu durante muitos anos, que grandes contingentes de imigrantes protestantes desembarcaram no Brasil. Esses emigrantes, trouxeram consigo suas práticas religiosas em seus novos países, com elas novas possibilidades de expansão do cristianismo.

1. AS MIGRAÇÕES CRISTÃS NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Desde sua origem, a fé cristã não foi fácil nem simples, e Justo L. González dá um sentido para esta expressão. Ele descreve que o próprio Senhor, a quem os cristãos serviam, havia morrido na cruz, condenado como um malfeitor qualquer. Algum tempo depois, muitos que se diziam cristãos começaram a ser perseguidos por causa de sua crença em Jesus Cristo.² Por isso, nos primeiros séculos as migrações da Igreja aconteceram por causa de perseguições. Conforme Aldery Souza de Matos, a Igreja cristã nasceu com uma vocação para crescer e se tornar universal.³ E certamente, uma das principais vias de expansão foi a perseguição sofrida durante anos.

Lucas relata no livro de Atos que a perseguição se iniciou com o martírio de Estêvão, “todos, exceto os apóstolos, foram dispersos [*diesparesan*] pelas regiões da Judeia e Samaria”. Lucas demonstrou o crescimento do movimento geográfico e cultural externo do evangelho. Geograficamente, com a missão indo para o norte. Culturalmente, a missão passou dos judeus para os gentios.⁴ Por onde andavam, levavam a nova fé.

Matos complementa, descrevendo que, nos três primeiros séculos, a igreja experimentou notável expansão geográfica. Afirma que as regiões atingidas até o final do primeiro século formavam um semicírculo em torno da extremidade oriental do Mar Mediterrâneo, indo desde Cirene (Líbia), ao sul, até a Itália central, ao norte, incluindo todas as regiões intermediárias – Egito, Palestina, Síria, Ásia Menor, Grécia e Macedônia. As maiores concentrações de comunidades cristãs estavam na Palestina, na Síria e na chamada Ásia, o oeste da Ásia Menor, em torno da cidade de Éfeso.

No segundo e no terceiro séculos, as novas regiões alcançadas incluíam, no Oriente, a Mesopotâmia (Iraque), a Pérsia e a Armênia, e no Ocidente, toda a Península Balcânica ao sul do rio Danúbio, a região ao sul do rio Reno (Tchecoslováquia, Iugoslávia, Albânia), toda a Península Itálica, partes da Alemanha, França, Espanha e Lusitânia (Portugal) e o sul da Britânia (a futura Inglaterra). No norte da África, um novo e florescente centro cristão foi a Numídia (a atual Tunísia) e sua capital Cartago. É verdade que em muitos desses lugares a presença cristã era ainda pequena, mas crescia continuamente.⁵

1.1 A perseguição na Igreja Primitiva

Os primeiros cristãos não criam que pertenciam a uma nova religião. Eles eram judeus, e a principal diferença que os separava do restante do judaísmo era que criam que o Messias já tinha chegado, enquanto que os demais judeus ainda aguardavam o seu advento.⁶ Porém,

² GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 38.

³ MATOS, Aldery Souza. **“O crescimento da igreja através dos séculos”**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 2000, p. 226.

⁵ MATOS, 2016.

⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 38.

os judeus não cristãos acreditavam que o cristianismo era uma nova religião, mas uma seita herética dentro do judaísmo. González descreve que, ao aparecer o cristianismo, os judeus não o viam senão como mais uma seita.⁷ O apóstolo Lucas relata em Atos que, mesmo com a prisão, oposição e perseguição aos que pregavam, nada impedia o avanço da Palavra de Deus.⁸

Outro motivo de perseguição à Igreja Primitiva foi o nacionalismo. Sabe-se que o sentimento nacionalista e patriótico se exacerbava diante da possibilidade de que esses novos hereges pudessem uma vez mais provocar a ira de Deus sobre Israel. Por estas razões, em boa parte do Novo Testamento os judeus perseguem os cristãos.⁹ É interessante notar que o nacionalismo judeu foi crescendo em intensidade e encontrou expressão particularmente perigosa nas atividades dos Zelotes, grupo que considerava a si mesmo como a verdadeira linha sucessória dos antigos Macabeus. Os Zelotes consideravam o governo estrangeiro dos romanos uma situação intolerável. Esse grupo contribuiu para a guerra com Roma, que assolou de 66 a 70 d.C. e terminou com a destruição de Jerusalém e de todo o Estado judeu. Jerusalém foi remodelada como cidade pagã. Os judeus já não tinham Jerusalém, nem Templo, e estavam lutando pela sobrevivência de Israel.¹⁰

Matos mostra que, nos primeiros tempos, houve sério obstáculo a ser transposto. Muitos cristãos judeus queriam que os conversos gentios praticassem a lei de Moisés, isto é, se tornassem adeptos do judaísmo, para poderem se tornar cristãos. Somente crer em Cristo não era suficiente. O “concílio de Jerusalém”, descrito em Atos 15, resolveu o problema de maneira sábia e equilibrada, dizendo que os cristãos gentios não precisavam seguir a lei mosaica, mas apenas se abster de determinadas práticas, visando manter a comunhão com os seus irmãos judeus. Isso permitiu que o movimento cristão deixasse de ser uma simples seita dentro do judaísmo e abraçasse plenamente a sua vocação universal. Inicialmente restrito aos judeus, cada vez mais o evangelho passou a ser pregado deliberadamente aos gentios, fato que ocorreu de maneira ampla, pela primeira vez, na cidade de Antioquia da Síria (At 11.19-21). A partir de então, esse processo se tornou irreversível.¹¹

À medida que o cristianismo foi se estendendo entre os gentios, houve distinções cada vez mais claras entre o judaísmo e o cristianismo. Foi então que começou a história dos dois séculos e meio de perseguições por parte do Império Romano.¹²

1.2 O Império Romano

Como no caso do livro de Atos, em que Paulo descreve a perseguição aos cristãos pelo governo da época, os imperadores acusavam os cristãos de crerem em um Deus único. Nesta

⁷ GONZÁLEZ, 2011, p. 38

⁸ STOTT, 2000, p. 105.

⁹ GONZÁLEZ, 2011, p. 38

¹⁰ RUSSEL, David S. **Entre o Antigo e o Novo Testamento**: o período interbíblico. Tradução de Eliseu Pereira.

São Paulo: Abba Press, 2005, p. 35-37.

¹¹ MATOS, 2016.

¹² GONZÁLEZ, 2011, p. 39.

época, o Panteon (conjunto de deuses) se aproximava de 30 mil divindades.¹³ O governo também acusava os cristãos de não prestar cultos aos imperadores, e consideravam-nos hostis por parte dos judeus, por não seguirem as leis mosaicas. Afirmavam que os crentes perturbavam o comércio dos artesãos de amuletos. Na noite de 18 de julho de 64, o Imperador Nero, sedento pela construção de novos edifícios públicos, ateou fogo em uma parte da velha cidade. O imperador, acuado, jogou a culpa sobre os cristãos e por todo império difundiu-se a ordem de que não era lícito ser cristão.¹⁴

Com a acusação aos cristãos por terem ateadado o fogo, cerca de 3000 judeus foram condenados à morte pelo procurador Gessio Floro, o que levou a nação a se revoltar. Após um longo período, Nero enviou Vespasiano para negociar com os revoltosos, porém este nada fez. Em 70 d.C., Tito destruiu a cidade por completo. A comunidade cristã levou a sério o oportuno aviso, refugiando-se em Péla, que se localizava em Perea, região que já havia sido pacificada por Vespasiano.¹⁵

O historiador Tácito descreve que, além de matar os cristãos, Nero fez eles como diversão para o público. Deixava que cachorros os matassem a dentadas, outros foram crucificados. Usou cristãos para atear fogo para iluminar a noite. O castigo era excessivo, e a perseguição não aconteceu em prol da justiça. Pelo contrário, era apenas para atender aos caprichos do Imperador. Muitos foram os mártires, incluindo Pedro e Paulo. Mas no ano de 68, o Império depôs o tirano. Nero fugiu e suicidou-se. Com a morte de Nero, muitas de suas leis foram abolidas. Todo o Império parecia ter se esquecido dos cristãos, mas o número continuava aumentando silenciosamente.¹⁶

Os cristãos primitivos se encontravam em catacumbas, que eram esconderijos para garantir a própria segurança. Começam a buscar refúgio por causa da antipatia popular, da oposição judaica e da perseguição do governo romano em esconderijos subterrâneos, que se estendiam pela Via Ápia, em Roma. Em média, sete milhões de catacumbas existiam ao redor de Roma.¹⁷

As perseguições não foram generalizadas nem contínuas, mas causaram consideráveis danos à igreja em algumas de suas regiões mais prósperas, como a Ásia Menor, Itália, Egito e sul da Gália. Apesar da repressão, não teve o efeito esperado, porque, quando a mesma cessava, o exemplo dos mártires e outros que sofreram por sua fé, inspiravam os cristãos a um esforço renovado pela difusão das boas novas.¹⁸

O povo desta religião foi considerado como “inimigos da raça humana”. Parece, portanto, que o ódio despertado contra os cristãos nessa ocasião foi tanto que, desse momento em diante, eles seriam considerados necessariamente como corruptores da

¹³ SANTOS, Ismael dos. **Atos 29**: breves notas sobre os três primeiros séculos da igreja cristã. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 70.

¹⁴ SANTOS, 2006, p. 72.

¹⁵ WAND, J. W. C. **História da Igreja Primitiva**: até o ano 500. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custom, 2004, p. 26.

¹⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 42-43.

¹⁷ SCOTT, Benjamin. **As catacumbas de Roma**. Tradução de José Luiz Fernandes Braga Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 1923, p. 70-71.

¹⁸ MATOS, disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

sociedade, colocados como marginais.¹⁹ Cerca do ano 200 d.C., Tertuliano (150 – 220 d.C.), teólogo que buscou unificar a fé, escreveu a célebre frase: “O sangue dos mártires é semente”.²⁰ Ele também fez a seguinte afirmação dirigida aos pagãos: “Nós somos um grupo novo, mas já penetramos em todas as áreas da vida imperial – nas cidades, ilhas, vilas, mercados, e até mesmo no campo, nas tribos, no palácio, no senado e no tribunal. Somente deixamos para vocês os seus templos”. O cristianismo crescia espontaneamente através do testemunho de cristãos anônimos que no seu dia a dia compartilhavam informalmente a fé com seus parentes, amigos, vizinhos, conhecidos e colegas de trabalho.²¹

Além de Tertuliano, outros pais apostólicos influenciaram o pensamento cristão da Igreja. Ireneu de Lião (130 - 177 d.C.) preocupou-se com a doutrina na Igreja. Clemente de Alexandria (150 – 215 d.C.) e Orígenes de Alexandria (185 – 254 d.C.) defenderam a fé diante dos pagãos e tentaram descobrir os segredos de Deus.²² Os pais apostólicos estavam escrevendo para instruir os cristãos na crença e para defender a integridade do cristianismo contra mal-entendidos e perseguições.²³

2. ANTECEDENTES DA REFORMA PROTESTANTE NO FINAL DA IDADE MÉDIA

No final do terceiro século, a situação do mundo cristão era muito diferente. Apesar das revoltas dos judeus no começo da Igreja Cristã, o cristianismo tornou-se a religião dos gentios por excelência. Com sua expansão no Ocidente, chegando à Bretanha romana, seu centro informal mudou de Jerusalém para Roma. O imperador Constantino abraçou o cristianismo em 312 d.C. Ao final do século IV, o cristianismo já seria a religião oficial do império.²⁴ No ano 313, Constantino assinou o Edito de Milão, garantindo a liberdade religiosa dentro do Império. Este edito visava garantir tanto aos cristãos quanto a todos os outros a plena autoridade de seguir qualquer culto que o homem desejar. Dessa forma, a igreja passou de perseguida a privilegiada.²⁵ A autoridade dos papas aumentou e muitas igrejas foram edificadas na época do papa Silvestre I (314-35) e seus sucessores. O cristianismo falava a homens e mulheres de todas as classes.²⁶

2.1 Wycliffe e Hus: movimentos reformadores

Considerados “hereges” pela igreja apostatada da fé, os verdadeiros cristãos não possuíam as Escrituras Sagradas no seu todo. Para impedir a disseminação das doutrinas

¹⁹ WAND, 2004, p. 31.

²⁰ CURIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 27.

²¹ MATOS, disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 03 de mar. 2016.

²² GONZÁLEZ, 2011, p. 85.

²³ OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001, p. 52.

²⁴ DOWLEY, Tim. **Atlas Vida Nova**: da Bíblia e da história do cristianismo. Tradução de Robinson Malkomes e Eber Cocareli. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 75.

²⁵ CURIS, 2003, p. 38.

²⁶ DOWLEY, 2006, p. 79.

evangélicas, a igreja romana adotou muitos planos e movimentos para destruir os escritos bíblicos relacionados com os “hereses”. Todos os que persistiam em ensinar estas doutrinas, eram duramente perseguidos.²⁷

Contudo, no século XIV, houve um movimento de reforma que visava corrigir as doutrinas da igreja medieval, ajustando-as à mensagem bíblica.²⁸ João Wycliffe (1330-1384) foi um dos que defendeu que as Escrituras pertenciam ao povo e por isso precisavam ser traduzidas à língua comum do povo. Wycliffe teve sua expressão no movimento dos “lollardos” – expressão holandesa que quer dizer “murmuradores”. Vários de seus discípulos divulgaram suas doutrinas entre o povo, parte das Escrituras foi traduzida para o inglês. Em 1382, o arcebispo de Londres, Guilherme Courtenay, condenou o lollardismo, e alguns deles chegaram a ser perseguidos. O resultado foi que este movimento tornou-se popular. No século XVI, o número dos mártires executados por defender estas doutrinas aumentou consideravelmente. Mais tarde, o remanescente lollardo misturou-se com os primeiros protestantes.²⁹

João Hus (1369-1415) foi nomeado reitor e pregador da capela de Belém, em Praga. Porém, nas paredes da Capela de Belém, as pinturas construíam o comportamento dos papas e de Cristo: enquanto os papas eram reverenciados, Jesus era ofendido. Hus fez com que o clero odiasse suas pregações, pois denunciava o estilo de vida moral e extravagante do clero, e afirmava que somente Cristo é o cabeça da igreja. Em 1414, Hus foi convocado ao Concílio de Constança para defender seus ensinamentos. O concílio já tinha uma opinião formada sobre Hus. Ele se recusou a negar suas convicções. No ano de 1415, Hus foi condenado à morte. Após ser queimado em uma fogueira, aumentou muito seu reconhecimento. Seus seguidores se rebelaram contra a Igreja Católica e seu império controlado pelos germânicos.³⁰

2.2 Migrações no decorrer do século XV

Os portugueses foram os primeiros a se aventurarem pelo oceano Atlântico, enquanto a maior parte da Europa se encontrava, no século XV, dividida em várias pequenas regiões rivais entre si. O aprimoramento dos instrumentos de navegação e o fato de existir uma população portuária enriquecida e com desejo de expandir seu comércio, permitiram aos portugueses e espanhóis empreender grandes viagens pelo oceano.³¹ Um dos períodos de expansão do Evangelho teve início com as navegações empreendidas por diversas nações europeias no final do século XV e início do século XVI. Em muitas regiões, os missionários

²⁷ ALMEIDA, Abraão de. *Lições da história que não podemos esquecer*. São Paulo: Vida, 1996, p. 137.

²⁸ GONZÁLEZ, 2011, p. 487.

²⁹ GONZÁLEZ, 2011, p. 491-492.

³⁰ CURIS, 2003, p. 99-101.

³¹ SOUZA, Wanessa. *As grandes navegações e o descobrimento do Brasil*. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

católicos chegaram ao mesmo tempo que os conquistadores e colonizadores, como foi o caso da América Latina e de algumas partes da América do Norte, África e Extremo Oriente.³²

Nem sempre na história da igreja os grupos imigrantes foram agentes da evangelização, e sim objeto da mesma. Nos séculos IV e V houve invasões bárbaras na Europa. Esses povos da Ásia e da Europa oriental migraram para o rico Império Romano em busca de melhores condições de vida. E à medida que foram conquistando, foram conquistados. Chegaram pagãos e se tornaram cristãos. Outros grupos como os francos, burgúndios, vândalos, alanos, suevos também adotaram o cristianismo quando se estabeleceram na Península Ibérica. Nas Ilhas Britânicas, nos primeiros séculos da era cristã, o cristianismo se instalou em vários povos daquela região. Em meados daquele século, dois povos pagãos do norte da Europa, os anglos e os saxões, invadiram a Britânia, que assim passou a chamar-se Inglaterra. Esses povos eliminaram boa parte do cristianismo celta e foram cristianizados pelos esforços de missionários enviados pelo papa Gregório Magno (590-604). A missão cristã foi levada através dos nestorianos da Ásia, durante muitos séculos. Considerados hereges pela igreja oficial, levaram a mensagem de Cristo a muitos lugares inóspitos e longínquos que nunca tinham sido atingidos pelo cristianismo majoritário.³³

As grandes navegações e os grandes descobrimentos efetuados pelos espanhóis e portugueses nos séculos XV e XVI produziram um fato novo: pela primeira vez na história da igreja, grandes contingentes populacionais cristãos se transferiram para outras partes do mundo e contribuíram para a expansão da fé em territórios nunca antes alcançados. Muitas regiões da Ásia e da África, e mais especialmente da América Latina. Estas conquistas e colonização dessa última região foi ao mesmo tempo um empreendimento político, comercial e religioso. Os conquistadores não só expandiram territórios, mas a cristandade.³⁴

Com a morte de João Hus, houve grande revolta na Boêmia. Uma das fontes destes protestos foi a proibição da ministração do cálice da Ceia aos leigos, prática que era símbolo comum aos hussitas. Surgiram duas facções no movimento hussita: um partido moderado e aristocrático, em Praga, e outro partido radical, popular. Após um período de conflito, as duas facções se uniram em 1420, adotando uma agenda religiosa comum, exigindo a livre pregação da Palavra de Deus, o cálice para os leigos, a pobreza apostólica e uma vida de austeridade para clérigos e leigos.³⁵

3. COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA DO NORTE

Os séculos XVI e XVII foram um período de intensa atividade missionária católica em vários continentes, enquanto que os protestantes pouco fizeram em termos de missões mundiais. Mas nessa época surgiram as primeiras missões evangélicas inglesas, voltadas para

³² MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 158.

³³ MATOS, 2005, p. 151.

³⁴ MATOS, 2005, p. 151.

³⁵ MATOS, Alderi Souza de. **A tua palavra é a verdade**: a saga dos Irmãos Morávios. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/287/a-tua-palavra-e-a-verdade-a-saga-dos-irmaos-moravios>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

a América do Norte: a Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra (1649), a Sociedade para a Propagação do Conhecimento Cristão (1698) e a Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras (1710).³⁶

As treze colônias, que depois vieram a ser os Estados Unidos, foram fundadas por imigrantes, em sua maioria da Inglaterra, mas também da Alemanha e de outras regiões da Europa. No fim do século XVIII e durante o século XIX, houve um grande movimento migratório da Europa para os Estados Unidos, causado pelas guerras napoleônicas, as convulsões sociais causadas pela industrialização, a tirania de alguns regimes. A outra grande migração, a involuntária, foi dos escravos vindos da África, conforme foi aumentando a necessidade de mão de obra barata.³⁷

Desde os primeiros dias da exploração inglesa do Novo Mundo, houve um forte impulso de ganhar a população nativa para o cristianismo. A cristianização dos nativos tornou-se razão poderosa para o colonialismo, e os alvarás de colonização enfatizam a evangelização junto aos índios.³⁸

Os primeiros colonos na América do Norte eram, em geral, indivíduos profundamente comprometidos com suas convicções cristãs.³⁹ Embora inicialmente eles não tivessem uma motivação missionária, em pouco tempo começaram a evangelizar os indígenas e mais tarde colaboraram para criar uma cultura religiosa que desembocou no gigantesco empreendimento missionário norte-americano do século 19.⁴⁰

A Igreja Católica havia perdido as forças e tenta acordos com os hussitas. Muitos abandonaram a igreja que havia se formado na Boêmia, e mais tarde fundaram a *Unitas Fratrum* – Unidade dos Irmãos. Durante a reforma do século XVI, eles estabeleceram uma relação com o protestantismo. Pouco tempo depois, os imperadores da casa da Áustria, que davam apoio ao catolicismo, começaram a persegui-los.⁴¹

Com o advento da Reforma, os “irmãos unidos” abraçaram o protestantismo. Nessa época, eles contavam com cerca de 400 igrejas locais e 150 a 200 mil membros na Boêmia e na vizinha Morávia. Expulsos de sua pátria durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), espalharam-se por diversas regiões da Europa e perderam muitos adeptos.⁴²

Com a dominação do rei católico romano Venceslau IV (1363-1419), desencadeou-se terrível perseguição contra os morávios. Líderes foram decapitados, membros foram mandados para calabouço e para minas de trabalhos forçados. Escolas foram fechadas, Bíblias, hinários, catecismos e escritos históricos foram queimados. Os morávios então se dispersaram. De fato, 16 mil famílias repentinamente se tornaram refugiadas. Durante quase

³⁶ MATOS, 2005, p. 159-160.

³⁷ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 375.

³⁸ TUCKER, Ruth A. “... E até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 88.

³⁹ MCGRATH, Alister E. **Teologia histórica**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: CEP, 2007, p. 235.

⁴⁰ MATOS, 2005, p. 153.

⁴¹ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 501.

⁴² MATOS, 2005, p. 169.

cem anos, procuravam fugir à perseguição. Por causa disso, formaram uma poderosa rede de cristãos “clandestinos”, organizada em pequenas células.⁴³

Em 1721, Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-1760) entrou em contato com os morávios. Começou uma comunidade que se reunia para receber pessoas que professavam o nome de Jesus. Em 1727, Zinzendorf assumiu a liderança espiritual do grupo. A Igreja Morávia restaurada permaneceu pequena, mas sua influência se fez sentir em toda a Europa.⁴⁴ Em 1741, Zinzendorf visitou a América e deu o nome de Bethlehem (Belém) à colônia que os morávios estavam criando na Pensilvânia. Essa cidade se tornaria a sede americana do movimento.⁴⁵

Zinzendorf faleceu em 1760, após uma vida intensa de atividade missionária e pastoral na Europa e na América do Norte. Iniciou missões entre os índios, organizou sete ou oito congregações morávias e fundou escolas.⁴⁶ No ano da morte de Zinzendorf, os morávios haviam enviado 226 missionários a dez países e cerca de 3000 mil convertidos tinham sido batizados. Os primeiros campos missionários eram locais difíceis e inóspitos, traço que caracteriza o trabalho desse grupo.⁴⁷

4. O COMUNISMO

Em 1848, Karl Marx (1818-1883) escreve o Manifesto Comunista. O comunismo seria a verdadeira teoria revolucionária desenvolvida por Marx. O comunismo é um movimento político que surge com a Revolução Russa e que se espalhou por todo o mundo. Para Marx, a sociedade comunista é onde não existirão mais exploradores e explorados, sem classes sociais com a figura do Estado, que desaparece.⁴⁸ Segundo esta teoria, todos os assuntos sociais e religiosos devem estar rigorosamente sob a vigilância do governo, visando à construção de uma desejada igualdade entre as pessoas, com distribuição de renda segundo as necessidades de cada um e a construção de uma sociedade sem classes.⁴⁹

4.1 Antecedentes na Europa

A Europa, ao longo do século XIX, viveu intensas mudanças através das guerras. As atenções da Europa voltaram-se para o crescente colapso do Império Turco, e isto criara diversos estados com fronteiras e governos instáveis. Essas terras tornaram-se motivo de discórdia entre as potências europeias, e essa desavença dá início à Primeira Guerra

⁴³ WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas movimento cristão mundial**. Tradução de Andrea Mezner. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 278.

⁴⁴ MATOS, 2005, p. 170.

⁴⁵ MATOS, 2005, p. 171.

⁴⁶ WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. Tradução de Paulo D. Siepiskowski. São Paulo: ASTE, 2006, p. 697.

⁴⁷ MATOS, p. 171-172.

⁴⁸ GUARESCHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1984, p. 47.

⁴⁹ SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 488.

Mundial.⁵⁰ Na Rússia, o caos causou a revolução. Vladimir Ilitch Lênin (1870-1924) passou a implementar um programa de reorganização social, estatizando a terra e todos os bancos e colocando as fábricas nas mãos de sindicatos controlados pelo governo. Dentro desse programa, todas as propriedades da igreja também foram confiscadas. Por fim, sem devolver os bens confiscados, o Estado abrandou as medidas demasiado severas contra a igreja. O fascismo, sob liderança de Benito Mussolini (1883-1945), surgiu com o propósito de transformar a nação inteira em uma máquina militar totalitarista. O movimento expandiu-se para outros países. O partido nazista, na Alemanha, chegou ao poder em 1933, acabando por ofuscar o fascismo italiano.⁵¹

Houve, durante este conflito, deslocamentos em massa de populações que fugiam do avanço nazista e, ao mesmo tempo, um deslocamento forçado, para fazendas e fábricas, que utilizavam pessoas para o trabalho escravo ou sua colocação em campos de concentração.⁵² O fim da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a ruína do Império Otomano colocaram o mundo diante de movimentos massivos de pessoas, com cerca de 1,5 milhão de deslocados e refugiados. O problema dos refugiados continuou com a Segunda Guerra Mundial. Dezenas de milhões de pessoas se deslocam por diversas partes do mundo.⁵³

Nos países bálticos, o comunismo ocupou cidades e vilas. Em todo momento eram decretadas novas leis que restringiam a tudo e a todos e executavam barbaridades em nome da justiça e da cultura. Nenhuma propaganda religiosa era permitida. Em 1941, milhares de cidadãos, nas cidades e nos campos, foram arrancados de suas residências e deportados para lugares ignorados da Sibéria, para serem feitos de escravos da Rússia. Os alemães expulsaram as tropas russas, mas em 1944 os comunistas voltaram a ocupar o país. Então começou nova grande fuga do povo evangélico para a Alemanha, Suécia, América do Norte, Canadá, Austrália e Brasil, conforme as oportunidades que cada um conseguia aproveitar.⁵⁴

4.2 A influência para a América do Sul

Na Alemanha da década de 1820 sentiam-se as consequências das Guerras Napoleônicas: instabilidade política, divisão do território, destruição de lavouras e vidas humanas. Famílias inteiras marcadas pelo turbilhão da guerra, da fome e do desemprego

⁵⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 497.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 498-499.

⁵² PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda Guerra Mundial**: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁵³ BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. **Refúgio no Brasil**: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf?view=1>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁵⁴ RONIS, Osvaldo. **Uma epopeia de fé**: história dos batistas letos no Brasil. Rio de Janeiro: JUERP, 1974, p. 97-99.

passaram a migrar pela própria sobrevivência.⁵⁵ A partir de 1824, os alemães se espalharam pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Em 1866, os norte-americanos foram para diversas partes do Brasil, especialmente São Paulo. Depois de 1871, vieram os italianos, que desenvolveram os cafezais em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No começo de 1875, vieram os escravos, que são poloneses, ucranianos e outros, fixando-se no planalto paranaense. A partir de 1890, aportaram os holandeses, húngaros, lituanos e os letos.⁵⁶

No século XIX, emigraram de terras alemãs aproximadamente 10 milhões de pessoas, entre 1860-1930. As quotas anuais de emigrantes foram influenciadas por acontecimentos políticos como a revolução de 1848, as guerras de 1864, 1866 e 1870, pela guerra do Paraguai de 1864-1870 e crises econômicas. O início da emigração de alemães havia sido estimulado pela fantasia do Brasil ser terra virgem. Ainda não tinham informações sobre sofrimento e miséria dos emigrantes.⁵⁷

Ouviam-se histórias de terras férteis a perder de vista, paz para trabalhar e oportunidade de ser dono de seu próprio destino.⁵⁸ O contraste entre o ambiente que conheciam na Europa com aquele que se deparavam no Brasil, produziu nos recém-chegados um impacto negativo. Alguns dispersaram pelas cidades do Sul, enquanto outros voltaram.⁵⁹ Nesta época, houve a substituição da mão de obra escrava recém-liberta por imigrantes. Políticas promocionais de imigração massiva, que para o migrante significou enfrentar situações acompanhadas do desconhecimento ou violação de seus direitos humanos.⁶⁰

Os contingentes de emigrantes continuavam as suas antigas práticas religiosas em seus novos países. Muitos traziam consigo os seus pastores, e seu objetivo não era pregar aos nativos do país, por isso muitos imigrantes guardaram para si a fé de seus antepassados.⁶¹ Porém, existiam missões na América do Norte que se interessavam pela América Latina. O Brasil, com sua maioria absoluta de católicos romanos, poderia ser considerado um país cristão. Mas, não era o que pensavam os norte-americanos. Conheciam o catolicismo e o sabia que era idólatra e apegado ao culto aos santos. Estes missionários consideravam perigoso o desvio dos ensinamentos evangélicos, então entendiam que era necessário pregar aos brasileiros.⁶²

Desse modo, quase que desde o seu início, a igreja na América Latina teve duas faces. Uma era a face dominante, que justificava o que estava sendo feito em nome da

⁵⁵ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil.** Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010, p. 19.

⁵⁶ RONIS, 1974, p. 105.

⁵⁷ PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da igreja evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001, p. 25, 27.

⁵⁸ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 19.

⁵⁹ RONIS, 1974, p. 108.

⁶⁰ MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes.** Disponível em: <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wpcontent/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dos-Migrantes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

⁶¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 476.

⁶² PEREIRA, José dos Reis da Silva. **História dos batistas no Brasil.** Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 67-68.

evangelização. Outra era feita por igrejas que protestaram contra a injustiça, e particularmente contra a injustiça em nome do cristianismo.⁶³ Entre os imigrantes que vieram de diversas partes da Europa para o Brasil, buscando novas oportunidades para bem viver, havia alguns que eram diferentes. Eram cristãos, como os católicos e os luteranos, porém denominavam-se “batistas”. Na bagagem carregavam suas Bíblias; nos seus corações, a fé, a esperança e o amor.⁶⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das perseguições ao longo dos séculos, viu-se que a expansão do Evangelho foi influenciada por ela, uma vez que as pessoas se viam obrigadas a migrar para salvar suas vidas. Por onde passavam, os cristãos expandiam suas crenças, e assim, apesar da presença cristã ser pequena em algumas áreas, a fé em Jesus Cristo cresceu continuamente. Como visto, até mesmo o apóstolo Paulo descreveu que a oposição e perseguição não impediu o avanço da Palavra de Deus, inclusive entre grupos de judeus, que constataram o cristianismo se expandindo entre os gentios. A partir daí, tratou-se do Império Romano como responsável por inúmeras mortes de cristãos. Porém, como relatado, os cristãos aumentavam à medida que ouviam falar de mártires pela difusão da fé cristã.

O cristianismo expandiu-se de tal forma que Constantino oficializou a liberdade religiosa dentro do Império Romano. Esta medida fez com que a Igreja Católica Romana se tornasse detentora do conhecimento das Escrituras. Entretanto, houve movimentos de reformas na Igreja para que o povo conseguisse ter acesso a elas. Através das novas expedições além mar, o Evangelho foi espalhando-se por todo o mundo. As invasões para outros povos também fizeram com que os pagãos se tornassem cristãos. Muitas migrações não expandiram apenas territórios, mas também a comunidade cristã.

De igual modo, a migração para a América do Norte influenciou a expansão do Evangelho. Mais tarde, os americanos foram responsáveis pela expansão do cristianismo em outros países. Um dos grupos responsáveis por isso foram os de influência morávia, que conseguiram levar o Evangelho a locais inóspitos e difíceis, trazendo milhares de pessoas a Cristo. Também foi estudado o Comunismo, como movimento político que visava ter na mão do governo todos os assuntos sociais e religiosos. Após guerras, reorganizações sociais e governamentais, houve grandes deslocamentos de pessoas para outros países em busca de refúgio, conforme as oportunidades que cada um podia aproveitar. Ao longo dos séculos XIX e XX, emigraram inúmeras pessoas ao Brasil. Estes migrantes trouxeram a fé que é vista ainda hoje.

Apesar de todas as perseguições que os cristãos dos primeiros séculos enfrentaram, nota-se que a propagação do Evangelho aumentava gradativamente e silenciosamente. Não houve governo, lei ou imposição que parasse o crescimento do cristianismo. Através da vida de homens e mulheres usados por Deus, o cristianismo difundiu-se em várias culturas e povos.

⁶³ GONZÁLEZ, Ondina E.; GONZÁLEZ, Justo L. **Cristianismo na América Latina: uma história**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 17.

⁶⁴ CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 21.

Deus usou e ainda usa as reorganizações populacionais para expandir a sua Palavra a todos os povos, como aconteceu em Atos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão de. **Lições da história que não podemos esquecer**. São Paulo: Vida, 1996. 278 p.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. **Refúgio no Brasil**: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf?view=1>. Acesso em: 18 mar. 2016.

CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros 1910-2010**: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010. 288 p.

CURIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003. 205 p.

DOWLEY, Tim. **Atlas Vida Nova**: da Bíblia e da história do cristianismo. Tradução de Robinson Malkomes e Eber Cocareli. São Paulo: Vida Nova, 2006. 160 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Key Yuassa. São Paulo: Vida Nova, 2011. 592 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2011. 608 p.

GONZÁLEZ, Ondina E.; GONZÁLEZ, Justo L. **Cristianismo na América Latina**: uma história. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2010. 480 p.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1984. 124 p.

MARITZA, Natália. **DDHH dos migrantes**. Disponível em: <<http://www.ccj.ufpb.br/pos/wpcontent/uploads/2013/07/Maritza-Nat%C3%A1lia-DDHH-dos-Migrantes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005. 256 p.

MATOS, Alderi Souza de. **A tua palavra é a verdade**: a saga dos Irmãos Morávios. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/287/a-tua-palavra-e-a-verdade-a-saga-dos-irmaos-moravios>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MATOS, Alderi Souza de. **O crescimento da igreja através dos séculos**, 2016. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7127.html>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Histórica**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: CEP, 2007. 384 p.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001. 668 p.

PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda Guerra Mundial: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960**. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

PEREIRA, José dos Reis da Silva. **História dos Batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 400 p.

PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da igreja evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001

RONIS, Osvaldo. **Uma epopeia de fé: história dos batistas letos no Brasil**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1974. 634 p.

RUSSEL, David S. **Entre o Antigo e o Novo Testamento: o período interbíblico**. Tradução de Eliseu Pereira. São Paulo: Abba Press, 2005. 174 p.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087 p.

SANTOS, Ismael dos. **Atos 29: breves notas sobre os três primeiros séculos da igreja cristã**. Blumenau: Nova Letra, 2006. 96 p.

SCOTT, Benjamin. **As catacumbas de Roma**. Tradução de José Luiz Fernandes Braga Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 1923. 176 p.

SOUZA, Wanessa. **As grandes navegações e o descobrimento do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoeseodescobrimentodobrasil.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 2000. 462 p.

TUCKER, Ruth A. **“... E até aos confins da terra”**: uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989. 590 p.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. Tradução de Paulo D. Siepiskowski. São Paulo: ASTE, 2006. 888 p.

WAND, J. W. C. **História da Igreja Primitiva: até o ano 500**. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custom, 2004. 328 p.

WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas movimento cristão mundial**. Tradução de Andrea Meznar. São Paulo: Vida Nova, 2009. 792 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

UMA INTRODUÇÃO AO MOLINISMO¹ An introduction to Molinism

Fares Camurça Furtado²Carlos Alberto Bezerra³

RESUMO

O molinismo é um sistema que compatibiliza de maneira radical a soberania divina com a liberdade humana. Tendo origem a partir das ideias do jesuíta Luís de Molina, no século XVI, ganhou o campo dos debates filosóficos em meados do século XX, e a partir de então tem adentrado nas discussões da academia teológica. Trata-se mais de um sistema filosófico com aplicações teológicas, sendo oriundo de uma modificação da epistemologia divina, a partir da elaboração de uma categoria denominada conhecimento médio, por meio do qual Deus conhece os contrafactuais e através do mesmo decreta criar as coisas existentes no mundo. Este esquema modifica a soteriologia calvinista, mas o faz às custas de muita argumentação filosófico-teológica e pouca exegese bíblica. Algumas objeções demonstram inconsistências no sistema molinista quanto ao caráter divino e findam por incompatibilizá-lo com o calvinismo.

Palavras-chaves: Molinismo. Conhecimento médio. Libertarismo. Compatibilismo. Presciência Divina.

¹ Trabalho apresentado durante o I Congresso de Música e Teologia do Seminário Batista do Cariri, realizado de 30 de julho a 3 de agosto de 2012.

² Bacharel em Medicina pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e teólogo formado em Teologia com ênfase em Exegese do Seminário Batista do Cariri, no ano de 2014.

³ O autor é mestrando em Teologia nas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri.

ABSTRACT

The molinism is a system that in a radical way tries to make compatible the divine sovereignty and the human freedom. Its origins are in the ideas of the jesuit priest Luis de Molina, in the 16th century, and more recently, at the second half of 20th century, it has been part of philosophical debates and discussions of the theological academy. It is more a philosophical system with theological applications, with roots in a modification of divine epistemology, through the elaboration of a category named middle knowledge, where God knows the counterfactuals, and for this, decrees to create the existent things in the world. This outline changes the Calvinistic soteriology, but do this with many philosophical and theological argumentation but few biblical exegesis. Some objections show the inconsistency of the molinist system when it comes to the divine character and make it incompatible with the Calvinism.

Key Words: Molinism. Middle Knowledge. Libertarianism. Compatibilism. Divine Foreknowledge.

INTRODUÇÃO

Parece existir uma tensão entre soberania divina e responsabilidade humana, pois se Deus é soberano, em um sentido amplo, como pode o homem ser livre para tomar decisões e responder por seus atos? Se, por outro lado, o homem é livre para escolher, como Deus pode ser soberano sem interferir na liberdade humana?

O grande pregador inglês Charles Spurgeon, certa vez, foi perguntado sobre como reconciliaria a responsabilidade humana e a soberania divina. Sua resposta foi categórica: “Eu nem ousaria tentá-lo”. “Eu nunca reconcilio amigos”.⁴ Certamente, os dois conceitos encontram-se na Bíblia, mas o antinômio⁵ entre os mesmos permanece. Um exemplo clássico disto é Lucas 22.22: “Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas aí daquele por intermédio de quem ele está sendo traído”.

Porém, a despeito da advertência de Romanos 9.18-20, muitas tentativas de reconciliação têm sido feitas. Uma delas é o molinismo, objeto de estudo do presente artigo, cujos ideais, tendo surgido em ambiente católico, nas últimas décadas tem atingido o evangelicalismo norte-americano e, mais recentemente, o brasileiro. Nesta perspectiva, o presente artigo tem por objetivo fazer uma abordagem introdutória do molinismo, mostrando suas origens, bases doutrinárias, seu diálogo com o calvinismo e o arminianismo e suas decorrentes implicações. Não tem pretensões de ser exaustivo, nem de fazer uma abordagem completa do debate filosófico-teológico molinista, dadas as limitações e o propósito de ser uma introdução à temática em destaque.

Este trabalho parte de um pressuposto soteriológico calvinista e postula a hipótese de que a tentativa molinista de explicar a conciliação entre a soberania de Deus e a liberdade humana, a partir do conhecimento médio, carece de fundamentação bíblica.

⁴ PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 31.

⁵ Antinômio: sustentação de duas verdades aparentemente contraditórias, mas que existem em um mesmo contexto, apesar da impossibilidade de explicar como se conciliam. Ex.: soberania divina e responsabilidade humana; a unipersonalidade de Cristo e sua dupla natureza.

1. HISTÓRICO DO MOLINISMO

O termo molinismo é atribuído àqueles que comungam das ideias filosóficas, teontológicas e soteriológicas do jesuíta espanhol Luís de Molina, que viveu entre 1535 e 1600 d.C. Em 1553, ele entrou para a Companhia de Jesus. Suas aptidões para o ensino logo foram notadas e ele passou a ensinar em Coimbra (1563-1567) e Évora (1568-1583). Em seguida, foi para Lisboa, lugar onde escreveu sua *opus magnum*: “*Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis*”.⁶

Numa época em que a Reforma começava a disseminar doutrinas monergísticas, a Igreja Católica lutava para garantir a continuidade do sinergismo. Na linha de frente da Contra-Reforma, os teólogos jesuítas tentavam desenvolver um sistema que pudesse resgatar os “fiéis católicos” perdidos para o protestantismo. Foi neste contexto que “Luis de Molina desenvolveu sua doutrina do conhecimento médio⁷ de Deus como resposta às visões fortemente predestinacionistas de reformadores protestantes como Lutero e Calvino”.⁸ Porém, no século XVI e XVII, as discussões soteriológicas foram travadas eminentemente em solo protestante. O polo arminiano⁹ foi bem delimitado, em 1610, com a publicação do documento *Scriptorum Remonstrantium*, estabelecendo os cinco pontos do arminianismo; o polo calvinista foi bem delimitado em 1618-1619, durante o Sínodo de Dordrecht (Dort)¹⁰, base dos cinco pontos do calvinismo, resumidos no acrônimo TULIP.¹¹

A posição intermediária entre estes dois sistemas, no contexto histórico protestante, foi o Amyraldianismo, desenvolvida pelo francês Moisés Amyralt (1596-1664)¹², da escola de Saumur. Este teólogo considerava-se um genuíno calvinista, mas dos cinco pontos de Dort, ele

⁶ CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **Dictionary of the Christian Church**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007, p. 1100. A obra “*Concordia*”, de Molina, ainda não foi traduzida para o Português; em inglês há disponível a tradução do latim da parte IV deste livro, que versa sobre a presciência divina. Cf.: MOLINA, L. **On Divine Foreknowledge** (Part IV of the Concordia). Translation by Alfred J. Freddoso. Ithaca: Cornell University, 1988.

⁷ Apesar de que há quem diga que este conceito foi primeiramente descrito pelo jesuíta português Pedro da Fonseca, sendo Luís de Molina apenas aquele que tornou o conhecimento médio público. Cf: http://www.monergismo.com/textos/arminianismo/ciencia-media-arminianismo-tr_Daniel-Guanaes.pdf. Acesso em: 27/02/2012.

⁸ <http://www.reasonablefaith.org/molininism>. Acesso em: 04/07/2012.

⁹ Ainda assim, alguns teólogos acreditam que Jacobus Armínius teve contato com os escritos de Luís de Molina, e que seus pensamentos acerca da salvação foram influenciados pelo jesuíta espanhol e pelos escritos de Suarez, o qual tentou conciliar realismo e nominalismo, a partir dos escritos de Tomás de Aquino. Cf. LAING, J. D. The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge. **JETS**, 47/3 (September, 2004), p. 457; MONDIN, B. **Curso de filosofia**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2003, Vol. 2, p. 47. Em ambiente católico, a discussão soteriológica nesta época, apesar de mais discreta, deu-se entre jesuítas e dominicanos. Confira mais detalhes em: CRAIG, W. L. **The Middle-Knowledge View**. In: BEILBY, J. K.; EDDY, P. R. **Divine foreknowledge: four views**. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2001, p. 121-123.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o debate entre livre arbítrio e soberania divina, consultar a obra: SPROUL, R. C. **Sola Gratia: a controvérsia sobre o livre-arbítrio na História**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

¹¹ TULIP – T = Depravação Total; U = Eleição Incondicional; L = Expição limitada; I = Graça irresistível; P = perseverança dos santos. Michael Horton, um calvinista do Seminário de Westminster, prefere os termos “redenção particular”, ao invés de “expição limitada”, e “graça eficaz”, ao invés de “graça irresistível”. In: HORTON, M. **For calvinism**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

¹² COSTA, H. M. P. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 331.

não concordava com a expiação limitada. A partir daí, começou-se a usar o termo calvinismo de quatro pontos, calvinismo moderado¹³, universalismo hipotético¹⁴, etc.

A fundamentação da tese amyraldiana prioriza os decretos divinos, ao contrário do molinismo, que a partir de um entendimento bíblico-filosófico dos atributos divinos, explica como foram realizados os decretos. Com base no ensino de Amyraut é que se popularizou o dito “semicalvinista”: “a morte de Cristo foi suficiente para todos, mas eficiente somente para os eleitos”. Sobre a ordem dos decretos da escola de Saumur, Berkhof afirma:

Distinguiam um duplo decreto de Deus: a) um decreto para enviar a Cristo ao mundo para salvar todos os homens por Sua morte expiatória, com a condição da fé nele. Contudo, porque Deus viu que este propósito fracassaria, dado que ninguém aceitaria a Cristo pela fé, Ele propôs um segundo decreto ao primeiro. b) Um decreto para dar a um certo número de pecadores, a saber, aos eleitos, uma graça especial, com o fim de gerar fé nos seus corações e garantir a sua salvação.¹⁵

Assim posto, esta ordem dos decretos de maneira inconsistente coloca o decreto de eleição posterior ao de redenção,¹⁶ além de possibilitar a salvação e não garanti-la. Trata-se, isto sim, de uma tentativa de casar o universal com o particular. Neste sentido, Beeke afirma: “A diferença entre o amiraldismo e o arminianismo é que naquele a limitação é a escolha de Deus, enquanto neste a limitação é a escolha daquele que crê”.¹⁷ Mesmo que não se considerem amyraldianos¹⁸, são muitos os teólogos que subscrevem a “expiação universal”.¹⁹

Os verdadeiros responsáveis pelo ressurgimento do molinismo, nas últimas décadas, foram os filósofos da religião. Mais especificamente, Alvin Plantinga, em seu livro “*The Nature of Necessity*”, redescobriu os escritos de Luís de Molina e os aplicou à natureza de Deus, a partir da lógica modal.²⁰ Desde então, muitos filósofos e teólogos têm se inclinado para o molinismo e sua “pedra fundamental”: o conhecimento médio.

Principalmente, os teólogos que não tinham muita afinidade com o calvinismo têm se valido do molinismo para assegurar a liberdade humana e a expiação universal, tendo em vista que a ordem dos decretos do amyraldianismo, uma vez assumida, poderia gerar graves problemas a quem quisesse defender a expiação universal. Neste sentido, o molinismo “caiu como luvas”. Entre os principais filósofos cristãos que aderiram ao molinismo, encontram-se William Lane Craig e Thomas Flint.

Porém, até pouco tempo, a penetração do molinismo na academia teológica nacional era quase inexistente; a julgar pela quantidade ínfima de obras teológicas que fizessem uma exposição mínima que fosse do sistema molinista. O que tem ajudado a disseminar o

¹³ É como se auto intitula Norman Geisler in: GEISLER, N. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio. São Paulo: Vida, 2001, p. 59-62.

¹⁴ COSTA, 2004, p. 331.

¹⁵ COSTA, 2004, p.

¹⁶ Por este motivo, o amyraldianismo também é chamado de pós-redencionista.

¹⁷ BEEKE, J. **Vivendo para a glória de Deus**: uma introdução à fé reformada. São José dos Campos: Fiel, 2010, p. 96.

¹⁸ Até porque o amyraldianismo foi condenado, em 1675, pelas igrejas reformadas da Suíça.

¹⁹ Richard Baxter, Augustus H. Strong, Lewis S. Chafer, Millard J. Erickson e Norman Geisler, só para citar alguns.

²⁰ LAING, 2004, p. 455.

molinismo no Brasil é a popularização dos escritos de William Lane Craig, cuja argúcia filosófica, destreza apologética e persuasão arrebatadora tem atraído milhares de seguidores.

2. DEFINIÇÃO

O molinismo é mais um sistema filosófico que uma opção soteriológica. Esta percepção depreende-se a partir dos escritos de Keathley:

O molinismo defende que Deus cumpre perfeitamente sua vontade em criaturas livres através de Sua onisciência. Ele reconcilia duas verdades bíblicas cruciais: (1) Deus exerce controle soberano sobre toda sua criação e (2) seres humanos fazem livres escolhas e decisões pelas quais devem prestar contas.²¹

Este conceito inicialmente genérico já evidencia traços de que a liberdade de escolha do homem tem grande peso para o molinismo; porém, a soberania de Deus é um obstáculo ao exercício da liberdade das criaturas. Para isto, uma teoria é elaborada, levando-se em conta a onisciência divina, visando conciliar o Deus soberano com o homem livre. Isto se observa do desdobramento da conceituação do molinismo proposta por Keathley:

O molinismo ensina que Deus exerce sua soberania primariamente através de sua onisciência, e que Ele conhece infalivelmente o que criaturas livres fariam em uma determinada situação. Deste modo, Deus controla soberanamente todas as coisas, enquanto os seres humanos são genuinamente livres. Deus é capaz de cumprir sua vontade através do que os molinistas intitulam de *conhecimento médio*.²²

O molinismo apresenta uma visão calvinista da soberania divina e uma visão arminiana da liberdade humana.²³ Não é para menos que é atacado tanto por calvinistas quanto por arminianos.

Por exemplo, o conselho editorial das edições Vida Nova, de orientação calvinista, afirma sobre o molinismo: “é uma visão não tradicional da onisciência divina (...), doutrina segundo a qual Deus conhece todas as possibilidades futuras, sabendo como cada criatura dotada de livre-arbítrio agirá em qualquer conjunto de circunstâncias possíveis.”²⁴ Diante das críticas, os molinistas defendem-se da acusação de adesão a um mero sistema filosófico:

O molinismo é um sistema filosófico preciso que se originou de um comprometimento a certos princípios claramente ensinados na Bíblia: (1) Deus pode e criou seres com significante e genuína liberdade; (2) Deus pode e exaustivamente conhece o que criaturas livres fariam em todos os cenários possíveis; e (3) Deus pode e soberana e meticulosamente faz cumprir sua

²¹ KEATHLEY, K. **Salvation and the sovereignty**: a molinist approach. Nashville: B & H, 2010, p. 4.

²² KEATHLEY, 2010, p. 4.

²³ KEATHLEY, 2010, p. 5.

²⁴ MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 629. (Nota dos editores). Ainda assim, parece que as Edições Vida Nova estão preocupadas em entender os detalhes deste debate, tendo em vista que publicou um dos principais livros de PLANTINGA, Alvin. **Deus, liberdade e o mal**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

vontade através de sua onisciência – este aspecto de seu conhecimento nós chamamos de conhecimento médio.²⁵

Eis uma bela definição do que vem a ser a essência do molinismo; porém, nota-se que, mesmo tomando como base os ensinamentos bíblicos, sua sistematização é filosófica. Sendo assim, para compreender melhor este sistema, o estudante deve estar a par de alguns conceitos filosóficos imprescindíveis nesta matéria.

3. CONHECIMENTO MÉDIO

Molina desenvolveu tal teoria a partir da análise da presciência divina, partindo das categorias epistemológicas de Tomás de Aquino acerca do conhecimento de Deus: o conhecimento natural, chamado por Aquino de Inteligência Simples, e o conhecimento livre, que Aquino chamou de Conhecimento de Visão.²⁶ A estas duas categorias, Molina acrescentou um conhecimento intermediário, que denominou conhecimento médio. Desta forma, segundo o esquema molinista, Deus utiliza seu conhecimento a partir de três momentos lógicos e não cronológicos:

1º momento: é o **conhecimento natural**²⁷ de Deus, onde ele conhece todas as verdades possíveis, tanto as contingentes quanto as necessárias. Trata-se de um conhecimento pré-volicional, pois independe da vontade de Deus, o qual conhece todas as possibilidades, independente de desejá-las ou não; Deus conhece as coisas naturalmente antes de desejá-las ou escolhê-las²⁸. Segundo Keathley, neste primeiro momento, Deus:

conhece todas as possibilidades, tudo o que poderia acontecer. Ele conhece qual seria a realidade em um mundo que não tivesse criado nem eu nem você; não tivesse criado ninguém ou nada. Esses cenários possivelmente formados são chamados de *mundos possíveis*.²⁹

A palavra-chave aqui é “o que poderia ser”.

2º momento: chamado de conhecimento médio, é exatamente um conhecimento contrafactual.³⁰ É uma extensão do conhecimento natural de Deus. “Contém todas as verdades contingentes do que cada criatura possivelmente faria (não apenas poderia fazer) em algum conjunto possível de circunstâncias. Este momento contém as verdades contrafactuais concernentes às escolhas contingentes de criaturas genuinamente livres”.³¹ É logicamente anterior ao decreto criativo e ao conhecimento livre de Deus. A palavra-chave aqui é “o que seria”.

²⁵ KEATHLEY, 2010, p. 18.

²⁶ LAING, 2004, p. 456.

²⁷ É assim chamado porque se refere ao conhecimento relativo à natureza ou essência divina. Como a essência divina é necessária, tal conhecimento inclui todas as verdades metafisicamente necessárias. Por ser necessário, Deus não poderia ter um conhecimento diferente deste conhecimento natural que possui.

²⁸ Cf. LAING, J. D. **Middle Knowledge**. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/middlekn/>. Acesso em 26/06/2012.

²⁹ KEATHLEY, 2010, p. 39.

³⁰ CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 120.

³¹ KEATHLEY, 2010, p. 39.

3º momento: denominado como conhecimento livre de Deus, estabelece que “após o decreto de criar um mundo particular, Deus conhece todas as verdades contingentes sobre o mundo atual, incluindo seu passado, presente e futuro”.³² Este é o que poderia ser considerado “conhecimento decretivo”, pois é exatamente o conhecimento das coisas que acontecerão. A palavra-chave aqui é que Deus possui conhecimento “do que será”. A tabela abaixo resume bem o conhecimento de Deus em seus três momentos.

Os três momentos do molinismo em termos de “poderia ser”, “seria” e “será” Deus usa sua onisciência para cumprir perfeitamente sua vontade		
1º momento: Conhecimento natural de Deus	“Poderia ser” Tudo que poderia acontecer	Deus conhece todas as possibilidades
2º momento: Conhecimento médio de Deus	“Seria” Tudo que aconteceria	Deus conhece quais possibilidades são viáveis
Entre o 2º e o 3º momento: Deus livre e soberanamente escolhe este mundo particular, a partir de um número infinito de possibilidades viáveis.		
3º momento: Conhecimento livre de Deus	“Será” Tudo que acontecerá	Deus conhece todas as coisas exaustivamente.

Tabela 1: Molinismo em um resumo³³

Com o objetivo de fixação, sugiro um exemplo: Deus conhece todas as possibilidades onde Charles Spurgeon poderia ter nascido: na Inglaterra, no Brasil, nos EUA, na Malásia, na Oceania, etc. Este é o conhecimento natural de Deus: tudo o que poderia acontecer. Deus conhece não somente as possibilidades, mas também o que ocorreria a Spurgeon se tivesse nascido em cada um destes lugares. É o conhecimento das contrafactuais, onde Deus sabe como Spurgeon reagiria a cada uma dessas contingências. Este é o seu conhecimento médio.

Pelo seu conhecimento médio, Deus decreta eleger ou não Spurgeon para a salvação. Pelas evidências, a maioria da cristandade crê que Spurgeon tenha sido salvo. Segundo tal hipótese, Deus decretou elegê-lo, após verificar seu conhecimento médio, pois observou que o indivíduo livre (possuidor de liberdade libertária) Spurgeon, uma vez que fosse apresentado à revelação divina, iria escolhê-la em qualquer um dos mundos possíveis. Por tal motivo, Deus resolve atualizar um mundo em que Spurgeon seja salvo. Então, pelo seu conhecimento livre, após o seu decreto, Deus resolve criar um mundo em que Spurgeon nasce na Inglaterra, seja submetido ao Evangelho e seja salvo. Desta forma, parece ficar assegurada a soberania divina, onde Deus é quem escolhe o mundo que quer e Spurgeon é livre para escolher o que quer (de acordo com as contingências obtidas no conhecimento médio divino).

Base Bíblica para o Conhecimento Médio. Algumas passagens mostram claramente que Deus conhece o que aconteceria a determinada pessoa, cidade ou evento, se as circunstâncias fossem diferentes. Com isto em mente, os molinistas usam tais passagens como texto-prova para a existência do conhecimento médio de Deus. Exemplo: 1 Samuel 23.10-13; Jeremias

³² CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 121.

³³ Extraída de: KEATHLEY, 2010, p. 17.

38.17-18; 1 Samuel 13.13-14; Mateus 11.21-23; João 15.22-24; Lucas 4.24-46; Romanos 9.29; Jeremias 38.17-18; João 21.6; João 18.36; Mateus 26.24; 1 Coríntios 2.8.³⁴

4. SOTERIOLOGIA MOLINISTA

Nem todos os molinistas subscrevem a mesma fórmula soteriológica. O que é certo quanto a este sistema é a crença na expiação universal de Cristo. Abaixo segue um modelo desenvolvido por Keathley (2010), denominado ROSES. Este modelo analisa os cinco pontos do calvinismo e já inicia com a pressuposição de que abraça apenas três dos cinco, negando a expiação limitada e a graça irresistível.³⁵

O esquema ROSES coloca-se como alternativa ao TULIP, que na visão molinista é inconsistente, conforme a tabela abaixo:

SOTERIOLOGIA MOLINISTA	SOTERIOLOGIA CALVINISTA
R = <i>Radical Depravity</i> (Depravação Radical).	T = <i>Total Depravity</i> (Depravação Total)
O = <i>Overcoming grace</i> (Graça triunfante)	I = <i>Irresistible Grace</i> (Graça irresistível)
S = <i>Sovereign Election</i> (Eleição Soberana)	U = <i>Unconditional Election</i> (Eleição Incondicional).
E = <i>Eternal Life</i> (Vida Eterna)	P = <i>Perseverance of the Saints</i> (Perseverança dos Santos)
S = <i>Singular Redemption</i> (Redenção Sigular)	L = <i>Limited Atonement</i> (Expiação Limitada)

Tabela 2. Comparação entre a soteriologia molinista e calvinista³⁶

Observa-se, entretanto, que ao negar o “I” e o “L” da TULIP, o molinismo finda tendo que modificar os demais pontos também.

4.1 Depravação Radical

A depravação total transforma-se em depravação radical, pois, conforme o sistema molinista, para que o homem tenha liberdade, ele não pode estar incluso em um sistema determinista. Para a maioria dos calvinistas, a liberdade que o homem possui é uma liberdade de inclinação “que alguém possui para fazer o que quer, mas não para mudar sua inclinação”.³⁷ Para o molinista, tal liberdade não passa de “cativeiro”, pois o indivíduo não poderia escolher a opção diferente.

Então, a depravação é radical (todo o ser do homem foi atingido pela queda), mas Deus, pelo seu conhecimento médio, sabe qual seria a escolha do homem em qualquer um dos mundos possíveis; sendo assim, Deus resolve salvar aqueles que optariam por escolhê-lo. O molinismo nega o determinismo (não haveria a possibilidade de fazer outra opção), mas aceita a depravação radical (o homem está radicalmente afastado de Deus, mas pode escolher crer; porém só o fará pelo trabalho da graça divina em seu coração).

³⁴ In: A brief look at Molinism1. <http://www.youtube.com/watch?v=SQpNPEiAedg>. Acesso em: 09/07/2012.

³⁵ KEATHLEY, 2010, p. 1.

³⁶ Adaptação de KEATHLEY, 2010, p. 1.

³⁷ KEATHLEY, 2010, p. 67.

4.2 Graça Triunfante

A graça irresistível é substituída pela graça triunfante, pois na concepção molinista a expressão “graça irresistível” causa a impressão de que a pessoa é salva contra a sua própria vontade. Para entender como a graça age na vida dos pecadores, Keathley vale-se de uma ilustração: uma ambulância levando um doente para o hospital. O trabalho de salvar aquela vida é exclusivo do motorista da ambulância, pois o doente nada pode fazer para ser salvo; por outro lado, o paciente pode recusar-se a continuar indo para o hospital; neste caso, o motorista da ambulância não pode obrigá-lo a entrar em uma unidade hospitalar. Da mesma forma, a obra de salvação é exclusiva do Espírito Santo; o homem, entretanto, pode resistir à graça e não ser salvo. Assim sendo, “a salvação é totalmente obra da graça; mas a condenação é totalmente do pecado”.³⁸ Em outras palavras, a graça é monergística, mas é resistível.

4.3 Eleição Soberana

O molinista prefere o termo eleição soberana, porque o termo eleição incondicional “dá a impressão de que aqueles que morrem sem receber a Cristo, somente morrem nesta condição porque Deus nunca desejou a salvação deles em primeiro plano”.³⁹

O termo eleição soberana preconiza que Deus deseja a salvação de todos os homens, indistintamente, e, ao mesmo tempo, baseia sua eleição no fato de Deus escolher o homem e não o contrário. O molinismo não tenta descobrir a ordem lógica dos decretos divinos, pois, na concepção molinista, o decreto divino é simples e ocorre logicamente em um único momento. O que o molinismo procura entender é a ordem lógica da presciência divina, para, a partir do momento lógico chamado “conhecimento médio”, efetuar o seu decreto de eleição. Tentam fugir da tarja de “eleição pela presciência” dos arminianos, porém, no mínimo, trata-se de uma eleição pelo conhecimento médio.

4.4 Vida Eterna

Este termo é preferível em relação à perseverança dos santos. O último causa a impressão de que a segurança do crente é garantida mais em sua capacidade de perseverar do que no fato de que é declarado justo em Cristo.⁴⁰ Com o termo vida eterna, os molinistas tencionam afirmar que “os crentes se deleitam numa vida transformada que é preservada; os crentes submetem-se à fé na qual permanecem”.⁴¹

4.5 Redenção Singular

Nos escritos molinistas há uma ênfase em mostrar que Deus deseja que todos os homens sejam salvos e em negar que Jesus Cristo morreu apenas pelos eleitos. Para eles, a

³⁸ KEATHLEY, 2010, p. 101.

³⁹ KEATHLEY, 2010, p. 3.

⁴⁰ KEATHLEY, 2010, p. 3.

⁴¹ KEATHLEY, 2010, p. 3.

redenção é singular, ou seja, é única e ilimitada. Ou seja, na cruz, Jesus Cristo providenciou salvação para todos, mas a aplicou apenas aos que creem.⁴²

5. OBJEÇÕES AO MOLINISMO⁴³

5.1 Os argumentos bíblicos de Molina para o conhecimento médio são inconclusivos

Os textos bíblicos usados no tópico 3 deste artigo demonstram que Deus possui conhecimento de contrafactuais; mas isto não quer dizer que ele possua um conhecimento médio. Por exemplo, o texto de Mateus 11.21,22 afirma: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras”. Isto não quer dizer que Deus utilizou um conhecimento médio para saber o que Tiro e Sidom fariam em circunstâncias diferentes. O texto apenas indica que Deus possui conhecimento de contrafactuais ou “conhecimento das coisas possíveis”.⁴⁴ O ponto aqui não é o conhecimento médio, mas a existência de graus de punição proporcional à quantidade de revelação recebida.

Mesmo molinistas, como William Lane Craig, admitem a falta de suporte bíblico para a teoria do “conhecimento médio de Deus”, porém infelizmente tentam tirá-la do campo exegético para colocá-la no campo filosófico. Utilizando-se deste subterfúgio, nenhum exegeta à parte da filosofia poderá contestar o conhecimento médio. Desta forma, Craig joga para fora das Escrituras o embasamento da tese molinista:

Desde que as Escrituras não refletem sobre esta questão, nenhuma soma de textos-prova pode provar que o conhecimento de Deus dos contrafactuais é logicamente anterior ao seu decreto criativo, **isto é uma matéria para reflexão filosófico-teológica, não para exegese bíblica.**⁴⁵ (grifo do autor)

5.2 O conhecimento médio compromete a auto-existência de Deus

Como ser auto-existente Deus é pura atualidade (ou seja, não possui potencialidade alguma). Ele é totalmente independente e não-causado. Entretanto, se Deus possui conhecimento médio, de alguma forma, torna-se dependente de suas criaturas. Para o molinista, a liberdade libertária do homem é quem determina quais contrafactuais são verdadeiras.

Desta forma, o conhecimento médio de Deus é condicionado e dependente da liberdade libertária humana. Como diz Campbell: “o conteúdo do conhecimento médio de Deus é determinado pela criatura”.⁴⁶ Isto, no mínimo, produz potencialidade passiva ao conhecimento de Deus e, como tal atributo relaciona-se ao seu ser, tal potencialidade no atributo pode gerar potencialidade em todo o ser de Deus, comprometendo Sua absoluta

⁴² KEATHLEY, 2010, p. 194.

⁴³ Boa parte das objeções foram extraídas de: CAMPBELL, T. J. **Middle knowledge: a reformed critique.**

⁴⁴ CAMPOS, H. C. **O Ser de Deus e os seus atributos.** 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 225.

⁴⁵ CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 125.

⁴⁶ CAMPBELL, T. J. **Middle knowledge: a reformed critique,** p. 24.

independência. Avaliando tal raciocínio sob a ótica tomista, “se Deus tivesse potencial, ele precisaria de uma causa. Como é a Causa Suprema de todas as coisas, Deus não tem potencial”.⁴⁷

O fato é que a autoexistência de Deus é claramente exposta em João 1.1-4; João 5.26; Atos 17.24,25,28. Mais do que isto, a Escritura nos mostra que o conhecimento de Deus não é baseado e/ou dependente da criatura, mas o conhecimento divino é baseado e procedente do próprio Deus. “Ele consegue seu conhecimento de si próprio, ele não o recebe de ninguém”⁴⁸ (cf. Isaías 40.12, 15-17).

5.3 Mesmo não sendo determinista, o molinismo, com o seu conhecimento médio, parece implicar determinismo de circunstância

T. J. Campbell exemplifica o ponto acima a partir de Pedro e sua negação a Cristo:

os proponentes do conhecimento médio insistirão que Deus, conhecendo aquelas circunstâncias nas quais Pedro (uma vez submetido às mesmas) escolheria negar a Cristo, colocou Pedro sujeito exatamente a tais circunstâncias. Mas nós (**os calvinistas**) poderíamos perguntar: “e quanto às circunstâncias que influenciaram Pedro a fazer sua escolha?” Se a resposta for “nenhuma das circunstâncias influenciou Pedro”, então nós poderíamos perguntar acerca da relevância de dizer: “Deus conheceu sobre quais circunstâncias Pedro escolheria negar a Cristo”. Se a resposta (**dos molinistas**) for: “existe algo nas circunstâncias que influenciou Pedro a fazer sua escolha”, então, a circunstância torna-se o fator determinante na decisão e não Pedro em si mesmo.⁴⁹ (grifo do autor)

A partir daí podemos esboçar o seguinte silogismo:

Premissa 1: Deus decreta com base no seu conhecimento de circunstâncias.
Premissa 2: Nenhuma das circunstâncias influencia a decisão humana.
Conclusão: O conhecimento médio é irrelevante.

Tal conclusão é estabelecida porque, se as circunstâncias não alteram em nada a decisão humana, então Deus não precisaria ter o conhecimento médio de circunstâncias diferentes para poder decretar em que mundo possível alguém tomaria certa decisão.

Outro silogismo:

Premissa 1: Deus decreta com base no seu conhecimento das circunstâncias.
Premissa 2: As circunstâncias influenciam a decisão humana.
Conclusão: Existe determinismo de circunstância.

Seja qual for a variação na segunda premissa, sempre haverá um elemento de choque com a tese molinista: na primeira, o conhecimento médio é desnecessário; na segunda, os molinistas terão que aceitar um determinismo circunstancial, coisa que negam, por absoluto.

Geisler arremata a questão da seguinte maneira:

⁴⁷ GEISLER, N. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002, p. 610.

⁴⁸ CAMPBELL, p. 25.

⁴⁹ CAMPBELL, p. 28.

Os molinistas dizem que o conhecimento de Deus é determinado por futuros atos livres. Isso sacrifica Deus como Causa suprema. Ele é determinado pelos eventos, não o Determinador. Isso é contrário à natureza de Deus, pois ele se tornaria espectador epistemológico.⁵⁰

5.4 A crença consistente na soberania de Deus deve negar o conhecimento médio

Este ponto corresponde à hipótese postulada no presente artigo, tendo em vista que um sistema que procura explicar logicamente como a soberania de Deus se concilia com a liberdade humana, findará por suprimir um dos dois. Aqui, é a soberania divina que é suprimida.

Isto ocorre porque, segundo o molinismo, Deus realiza seu decreto soberano com base no conhecimento médio que possui dos atos livres dos homens. Logicamente, o decreto soberano de Deus é condicionado à vontade do homem, pois Deus só decretará um mundo em que a liberdade libertária do homem será satisfeita. Em última instância, é a vontade do homem que determinará qual mundo Deus escolherá para a humanidade e não o Deus Soberano em si. Percebe-se que a vontade do homem é que se torna determinante para que o decreto divino seja realizado.

5.5 A doutrina do conhecimento médio é supérflua

O conhecimento natural de Deus é suficiente para decretar. Sem tal conhecimento, Deus não teria um conhecimento para criar, mas criaria para depois conhecer. Sem o conhecimento livre, Deus não é soberano sobre o mundo que obtém. Desta forma, Deus não precisa de um conhecimento médio para decretar, pois seu conhecimento natural concede subsídios suficientes para sua ação decretiva. Se Deus precisasse de um conhecimento médio a impressão que se apresenta, é que seu conhecimento natural não seria suficiente, precisando ser desenvolvido ou desdobrado, gerando potencialidade. Desta forma, o conhecimento médio tanto é desnecessário quanto reformula de maneira heterodoxa a presciência divina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O molinismo é um sistema filosófico que de maneira corajosa procura entender em seus detalhes como a soberania de Deus se compatibiliza com a liberdade humana. Ao fazer isto, procura o caminho do meio sem seguir os extremos do calvinismo e do arminianismo, ao passo que procura evitar a posição intermediária amyraldiana.

O debate é filosófico, porém as implicações teológicas do mesmo é que se transformam no “calcanhar de Aquiles” dos molinistas. O que parece estar nas entrelinhas da questão soteriológica é que o molinista precisa negar a “expição limitada”, ao mesmo tempo em que procura defender uma visão consistente de soberania divina. Molina fez isto a partir da reformulação da presciência divina, criando uma subdivisão denominada “conhecimento

⁵⁰ GEISLER, 2002, p. 610.

médio”, a qual parece explicar detalhadamente como um Deus soberano atua sem infringir a liberdade libertária do homem.

Conclui-se, porém, com base nas evidências expostas ao longo das objeções ao molinismo, que o conhecimento médio, além de não possuir embasamento direto das Escrituras, cai em uma tentativa frustrada de refutar o calvinismo, tendo em vista que, no final das contas, o molinismo subscreve a um determinismo de circunstâncias.

As ameaças à natureza divina inferidas da doutrina do conhecimento médio e a ordem lógica que coloca a soberania divina em submissão à vontade humana no sistema molinista são fatores que devem ser avaliados antes de procurar compatibilizar calvinismo e conhecimento médio.⁵¹

REFERÊNCIAS

BASINGER, D.; BASINGER, R. **Predestinação e livre-arbítrio**: quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

BEEKE, J. **Vivendo para a glória de Deus**: uma introdução à fé reformada. São José dos Campos: Fiel, 2010.

BEILBY, J. K.; EDDY, P. R. **Divine foreknowledge**: four views. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2001.

CAMPOS, H. C. **O Ser de Deus e os seus atributos**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

COSTA, H. M. P. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **Dictionary of the Christian Church**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.

GEISLER, N. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio. São Paulo: Vida, 2001.

_____. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

HORTON, M. **For calvinism**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

LAING, J. D. The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge. **JETS**, 47/3 (September, 2004).

KEATHLEY, K. **Salvation and the sovereignty**: a molinist approach. Nashville: B & H, 2010.

MOLINA, L. **On Divine Foreknowledge** (Part IV of the Concordia). Translation by Alfred J. Freddoso. Ithaca: Cornell University, 1988.

MONDIN, B. **Curso de filosofia**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2003. Volume 2.

⁵¹ Isto porque não são poucos os teólogos que procuram compatibilizar o calvinismo com a doutrina do conhecimento médio, entre eles: John L. Daing e Bruce Ware.

MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

PLANTINGA, Alvin. **Deus, liberdade e o mal**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

SPROUL, R. C. **Sola Gratia**: a controvérsia sobre o livre-arbítrio na História. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

<http://www.iep.utm.edu/middlekn/>. Acesso em 26/06/2012.

http://www.monergismo.com/textos/arminianismo/ciencia-media-arminianismo-tr_Daniel-Guanaes.pdf. Acesso em: 27/02/2012.

<http://www.reasonablefaith.org/molism>. Acesso em: 04/07/2012.

<http://sollox.blogspot.com.br/2012/03/conhecendo-os-calvinistas.html>. Acesso em 13/07/2012.

<http://www.vidanova.com.br/noticia.asp?codigo=139>. Acesso: 25/07/2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=SQpNPEiAedg>. Acesso em: 09/07/2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONSUMAÇÃO DO REINO: OS EVANGELHOS SINÓPTICOS E A VIDA APÓS A MORTE

Consummation of the Kingdom: The synoptic gospels and life after death

Rosângela Ferro Dias Teck de Gamba¹

RESUMO

A temática “Consumação do Reino: o que os sinópticos dizem sobre a vida após a morte” é uma reflexão que surge de uma preocupação diante da ênfase dada a algumas tradições e rituais que perpetuam certas crenças sobre a vida após a morte entre os ovimbundos.² A questão que se coloca é: o que os evangelhos sinópticos ensinam sobre a consumação do reino de Deus e como estes ensinamentos podem ajudar os crentes ovimbundos a vencerem o medo do reino das trevas. Um dos aspectos importantes da cosmovisão dos ovimbundos é a busca da harmonia entre o mundo físico e visível e o espiritual e invisível. O cristianismo evangélico parece não ter ensinado claramente a respeito da soberania, amor e justiça de Deus sobre todos os seres, deixando uma brecha para que os rituais mágicos sejam continuados e tidos como práticas normais. Este artigo pretende fazer um estudo sobre os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos Sinóticos. Destacando a instauração e consumação do reino de Deus, abordará os aspectos positivos das crenças que os ovimbundos têm sobre Deus, a vida e a morte e confrontará algumas tradições que não vão de encontro com os princípios bíblicos de Jesus sobre o reino do Pai. Este artigo espera contribuir para um despertar e fortalecimento da fé nas promessas de Jesus sobre o Reino de Deus e sua consumação.

Palavras-chaves: Evangelhos sinóticos. Reino de Deus. Vida após a morte. Ovimbundos. Tradições.

¹ Aluna do Mestrado Profissional em Teologia, das Faculdades Batista do Paraná. Missionária da Junta de Missões Mundiais da CBB em Angola desde 1991 e professora de Missões e Educação Cristã no Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola, na cidade do Huambo. E-mail: rosangelateck@gmail.com

² Grupo étnico linguístico que povoa o centro sul de Angola.

ABSTRACT

The essay is a reflection that arises out of a concern before the emphasis given to some traditions and rituals that perpetuate certain beliefs about the afterlife among the Ovimbundu. The question at hand is: what do the synoptic gospels teach about the consummation of the Kingdom of God and how can these teachings help the Ovimbundu believers defeat the fear of the kingdom of darkness? One of the important aspects of the worldview of the Ovimbundu is the search for harmony between the physical and visible and the spiritual and invisible. The evangelical Christianity seems to not have taught clearly concerning sovereignty, love, and justice of God above all beings, leaving a gap allowing magical rituals to happen as if they were normal practices. This article intends to do a study about the teachings of Jesus inside the synoptic gospels pointing out the establishment and consummation of the Kingdom of God; Positive aspects about the beliefs Ovimbundu have about God will be approached, as well as life and death in order to confront some traditions that do not go according to the biblical principles of Jesus about the Kingdom of Father. This article is intended to contribute to an awakening and fortification of the Faith of people in the promises of Jesus about the Kingdom of God and its consummation.

Keywords: Synoptic gospels. Kingdom of God. Afterlife. Ovimbundos. Traditions.

INTRODUÇÃO

Muitos povos têm crenças sobre a vida e vida após a morte. Estas crenças são resultado de seus pressupostos mais profundos sobre Deus, o homem e a criação. Uma das maiores preocupações do ser humano está relacionada à preservação da vida na terra e sua continuidade na eternidade; sobre a vida e a vida depois de sua morte.

Quando se tem uma compreensão correta do reino de Deus ensinado por Jesus nos evangelhos sinóticos, é possível confrontar os pressupostos culturais que oprimem os povos e os escravizam a tradições contrárias à natureza do Reino. Os ovimbundos, povo que vive na região centro sul de Angola, recebeu o evangelho do reino, mas preservou tradições que denotam falta de compreensão profunda em relação a alguns pressupostos ensinados por Jesus sobre o reino do Seu Pai. É importante perceber que o povo ovimbundo já tinha pressupostos que ajudaram na percepção de alguns princípios do reino, mas que ainda está preso àqueles que vão contra os princípios do Reino de Deus.

Os crentes ovimbundos como os crentes pertencentes a qualquer outro povo que recebeu o evangelho do reino, precisam libertar-se de todas as tradições e temores que são influências diabólicas na cultura, depositando sua confiança e obedecendo aos princípios ensinados por Jesus.

1. INSTAURAÇÃO DO REINO DE DEUS NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

“O reino de Deus é o centro da mensagem do Novo Testamento.”³ Por isto é necessário compreender o significado do reino de Deus. Segundo Kunz:

³ DOCKERY, D. (edit). **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 613.

O Reino de Deus é o domínio redentor de Deus, ativo dinamicamente, visando estabelecer seu governo entre os homens e que este Reino, que aparecerá como um ato apocalíptico na consumação dos tempos, já entrou para a história humana na pessoa e missão de Jesus com a finalidade de sobrepujar o mal, de libertar os seres humanos do seu poder e propiciar-lhes a participação das bênçãos da soberania de Deus sobre suas vidas.⁴

É interessante a colocação de Kunz de que o Reino de Deus é o domínio redentor de Deus, trazendo o homem de volta, libertando-o de poderes opressores e dando-lhe novamente a bênção de confiar na sua soberania. Esta libertação só pode acontecer através da missão de Jesus.

Hodge chama o Reino de Deus de Reino de Cristo:

É em virtude de ele ser igual a Deus, 'a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz', que Deus também o exaltou sobremaneira, e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus e na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai'. Todo o poder no céu e na terra foi entregue em suas mãos; e todas as coisas, *τα παντα*, o universo, foram postas debaixo de seus pés. Inclusive os anjos são seus espíritos ministradores, enviados por ele para ministrar àqueles que hão de ser os herdeiros da salvação.⁵

Vale ressaltar que Jesus é Deus que se fez homem para vir a ser Senhor de nossas vidas, glorificando, assim, Deus Pai. O Reino de Jesus é o Reino de resgate do que pertence ao Pai desde a eternidade. O reino de Deus, inaugurado por Jesus, deu continuidade ao plano redentor prometido a Abraão e ratificado através da aliança com a nação de Israel. Kunz esclarece a necessidade desta inauguração sobre a terra através do cumprimento da vinda do Messias ao mundo. Afirma, ainda, que o reino de Deus, inaugurado por Jesus, se apresenta de duas formas: o reino presente e o reino escatológico. O Reino presente é "o poder real de Deus atacando o domínio de Satanás e libertando os homens do poder do mal". O reino escatológico é o fim desta era presente e inaugurará a era vindoura quando haverá a comunhão perfeita com Deus e destruição total do diabo e seus anjos quando Jesus voltar (Mt 25.41).⁶

1.1 O Reino presente

O Reino presente, inaugurado por Jesus quando irrompeu a história da humanidade, cumpriu e continua cumprindo todos os propósitos do Pai. Jesus veio para libertar os homens dos poderes do reino das trevas, para chamar os pecadores ao arrependimento e para estabelecer um compromisso com seus discípulos. Jesus também se importou em estabelecer um relacionamento com os que o receberem e se tornarem participantes deste reino cujas

⁴ KUNZ, Claiton. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 40.

⁵ HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1648 e 1649.

⁶ KUNZ, 2014, p. 39

características são novidade, diferenciação e onde os súditos servem uns aos outros. Para tanto, Jesus veio para reinar nas vidas dos que o receberem.

1.1.1 Jesus veio para libertar dos poderes do reino das trevas

Jesus foi batizado, provado no deserto e apto para iniciar seu ministério, cujo tema central foi o Reino de Deus. Depois de ter chamado seus primeiros discípulos, foi a uma sinagoga em Cafarnaum num dia de sábado. Enquanto ensinava, um homem possesso de um espírito impuro gritou: “Que temos nós contigo, Jesus nazareno? Vieste destruir-nos? Sei quem tu és, o Santo de Deus. Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele” (Mc 1.24 e 25). Jesus, de fato, veio para libertar os oprimidos dos poderes malignos do reino das trevas. Este reino das trevas composto por demónios “seres malignos desprovidos de um corpo e que entram em pessoas ...”⁷ Estes seres espirituais são liderados por Satanás. Wright comenta que Deus estava reinando em Jesus e, por meio de Jesus, por intermédio de suas palavras e obras e cita Lucas 11.21: “Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, então o reino de Deus chegou a vós”.⁸ Jesus veio libertar da opressão do reino das trevas, precisando para isto cumprir o propósito de chamar os pecadores ao arrependimento.

1.1.2 Jesus veio chamar os pecadores ao arrependimento

Após Jesus ter chamado Levi e estando em casa dele, os discípulos foram questionados pelos fariseus e escribas sobre o fato de estar Jesus comendo com os publicanos. Apercebendo-se Jesus, fez a seguinte comparação: “Os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes; eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.17).

A parábola da semente (Palavra de Deus) tem vida em si mesma e ela produz fruto de arrependimento no coração dos homens. O senhor mesmo dá oportunidade a todos ao arrependimento dos seus pecados.⁹

1.1.3 Jesus veio para estabelecer um compromisso com seus discípulos

Quando preparava os discípulos para uma investida evangelística, ele os alertou dizendo: “Não penseis que vim trazer paz a terra; não vim trazer paz, mas espada. Porque vim causar hostilidade entre o homem e seu pai, entre a filha e a mãe entre a nora e a sogra; assim, os inimigos do homem serão os de sua própria família” (Mt 10.34-36). Jesus estava dizendo aos discípulos que seriam rejeitados e hostilizados até por pessoas de sua própria família por causa do evangelho.

Para suportar a hostilidade e pressões do mundo é necessário que os filhos do Reino estejam fundamentados na Palavra do Rei e prontos a cumprir seus mandamentos. Jesus conta a parábola dos dois fundamentos para esclarecer esta verdade (Mt 7.24; Lc 6.46-49).

⁷ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 7.ed. Tradução de Lawrence Olson. EUA: Vida Nova, 1978, p. 97.

⁸ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 223.

⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 343.

1.1.4 Jesus veio para estabelecer um relacionamento de comunhão com os que o receberem

Ao responder às críticas sobre o comportamento de João Batista e o seu próprio, Jesus disse: “e veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: É um glutão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores, mas a sabedoria é comprovada por suas obras” (Mt 11.19). Jesus veio restaurar a comunhão do homem com Deus, dando oportunidade a todos, sem distinção, para um relacionamento amigável, “uma restauração da imagem de Deus no homem pode recapacitá-lo a participar do reino e anunciar à todas as nações a chegada deste glorioso reino”.¹⁰

1.1.5 Jesus veio estabelecer um reino novo e diferenciado

Quando Jesus foi interrogado pelos fariseus sobre quando o reino de Deus viria Ele respondeu: “O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: ‘Está aqui’ ou: ‘Está ali’, pois o reino de Deus está entre vós” (Lc 17.21).

Jesus disse que o seu reino não é deste mundo. Não é análogo aos reinos existentes entre os homens. Não é um reino de esplendor riquezas ou poder terrenos. Não tem nada que ver com os assuntos civis ou políticos dos homens, exceto em suas relações morais. Suas recompensas e desfruto não são as coisas boas desse mundo. Lemos que ele consiste em “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”.¹¹

Kunz comenta que “[...] Jesus veio para dar uma nova e correta interpretação concernente ao reinado de Deus”. Através da parábola do remendo novo em panos velhos, Jesus mostrou que o seu ensino era superior às tradições dos fariseus.

Afirmou que veio para regulamentar os jejuns e as festas e nem para ratificar o ritual judeu. Isto teria sido como remendar um vestido velho. Esta religião cerimonial havia cumprido seu propósito. Porém, Jesus havia vindo como algo novo e melhor. A vida de liberdade não ‘cabia’ dentro dos formalismos estreitos e dos ritos do judaísmo.¹²

Jesus reforçou a mesma verdade com a parábola do vinho em odres velhos. Kunz comenta sobre o fato de que alguém se acostuma com a religião que sempre professou e tem dificuldades de deixar práticas antigas. Esta pessoa precisa experimentar o novo e, saboreando, já não vai querer mais o velho.¹³

1.1.6 Jesus veio para estabelecer um reino cujos súditos servem uns aos outros

Falando sobre a atitude dos discípulos no reino de Deus, Jesus testemunhou: “a exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos” (Mt 20.28 e Mc 10.45). O Reino de Deus é um reino de servos e não de chefes, onde cada um vive em função do bem-estar do outro.

¹⁰ CARRIKER, Timóteo. **Missões na Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

¹¹ HODGE, 2001, p. 1650.

¹² KUNZ, 2014, p. 48.

¹³ KUNZ, 2014, p. 52.

1.1.7 Jesus veio para reinar nas vidas dos seres humanos

Antes de entrar em Jerusalém e ser aclamado rei, Jesus fez lembrar a profecia: “Eis que o teu Rei vem a ti, humilde e montado num jumento, cria de animal de carga” (Mt 21.5). E ao entrar em Jerusalém, a maior parte da multidão, estendendo seus mantos e folhas de palmeiras pelo caminho à frente de Jesus, clamava: “Hosana ao Filho de Davi. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas!” (Mt 21.8). Marcos traz uma pequena variação: “Bendito o reino de nosso pai Davi”.

Jesus veio para reinar nos corações, para governar os seus filhos, não através de um sistema político, mas inaugurando o processo de redenção, como afirma Hodge: “Não só se assevera que o reino de Cristo há de abarcar paulatinamente extensão universal, mas seu progresso gradual é ilustrado de várias formas. Nosso Senhor compara seu reino a um grão de mostarda, que é a menor de todas as sementes; mas, quando cresce, se torna a maior entre as hortaliças; e ao fermento que uma mulher tomou e ocultou em três medidas de farinha, até que levedou toda a massa”.¹⁴

O reino não foi instaurado com força e violência, mas com a humildade daquele que deixou seu trono na glória e ao se tornar homem, cumpriu sua missão redentiva. O Messias, O Cristo, veio reinar nas vidas dos que o recebem. Entretanto, o Senhor Jesus veio para instaurar, mas ensinou também que voltaria para consumir o seu reino.

1.2 O Reino escatológico

“O reino não chegou plenamente”.¹⁵ Jesus revelou como seria sua vinda para a consumação do reino. Ele esclareceu que viria novamente já não mais para instaurar, mas para consumir. Jesus voltará como rei com a glória de seu Pai e desta vez não para salvar, mas para julgar aqueles que o rejeitaram como o Filho de Deus.

1.2.1 Virá como rei com a glória do Pai

Revelou que viria em glória e os que o desprezassem durante seu tempo de vida, não participariam deste reino futuro. “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um segundo suas obras. Em verdade vos digo” (Mt 16.27; Mc 13.24-41; Lc 21.25-33). A vinda do Senhor será com grande glória: “Então o Filho do homem será visto vindo nas nuvens, com grande poder e glória” (Mc 13.26; Lc.27).

1.2.2 Virá para julgar os que o rejeitaram como Filho de Deus

Depois de sua entrada triunfal em Jerusalém, no final de um duro discurso dirigido aos escribas e fariseus, Jesus diz: “Pois desde agora vos digo que de modo algum me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). Jesus proferiu estas palavras depois de sua entrada triunfal em Jerusalém, portanto não estava se referindo àquela aclamação, mas referia-se à sua volta gloriosa na consumação do seu reino.

¹⁴ HODGE, 2001, p. 1650.

¹⁵ DOCKERY, 2001, p. 613.

A parábola do trigo e do joio mostra que, ao mesmo tempo em que a palavra de Deus é semeada, o inimigo também faz sua sementeira.¹⁶ No mundo, o joio e o trigo crescem juntos, isto é, as pessoas vivem juntas na terra, tanto as que amam ao Rei, quanto aos que o rejeitam. A colheita será na consumação dos séculos.

Também a parábola do homem sem vestes nupciais (Mt 22.11-14) tem um elemento chave, que é o homem que entrou na festa sem vestes apropriadas.

O convidado que não estava usando a veste nupcial, no banquete real, sem dúvida representa o pecador que se auto justifica e é como aquele que não precisa da morte sacrificial e do sangue expiatório de Cristo, para entrar no céu.¹⁷

Quando Jesus voltar, julgará todos os que o rejeitaram durante o tempo de graça, na qual foi oferecida oportunidade para todos de participarem do seu reino. Isto acontecerá quando todos povos da terra estiverem representados em seu reino e num momento em que ninguém espera.

1.2.3 Virá quando todos os povos estiverem representações em seu reino

“E este evangelho do reino será pregado pelo mundo inteiro, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24.14 e Mc 13.10).

Desde o princípio do mundo, Deus planejou que a terra fosse cheia de seres humanos. Depois do Dilúvio, Deus repetiu a mesma ordem de multiplicação para encher a terra novamente. Também estava dentro dos planos de Deus o surgimento de muitas nações, povos e etnias. É possível dizer que, desde a dispersão da torre de Babel, surgiram muitos grupos étnicos e muitos desapareceram. Reinos se levantaram e reinos foram extintos. Esta dinâmica continua, por isso, somente Deus sabe o número total das nações a serem alcançadas e em que tempo isto sucederá.

1.2.4 Virá quando ninguém esperar

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim também será a vinda do Filho do homem” (Mt 24.28).

“Pois a vinda do Filho do homem se dará à semelhança dos dias de Noé. Porque nos dias anteriores ao dilúvio, todos comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; e não se deram conta até que veio o dilúvio e levou todos; assim também será a vinda do filho do homem” (Mt 24.37-39).

“Portanto, vigiai, pois não sabeis em que dia vem o vosso Senhor; mas compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora da noite o ladrão viria, vigiaria e não deixaria arrombar sua casa. Por isso, ficai também preparados, pois o Filho do homem virá numa hora que não esperais” (Mt 24.42-44).

Várias parábolas falam sobre a vigilância, estar preparados para a volta de Jesus, como a parábola do Pai de família (Mt 24.43-44), o servo prudente (Mt 24; 45-51), dez virgens (Mt 25.1-13).

¹⁶ KUNZ, 2014, p. 70.

¹⁷ KUNZ, 2014, p. 185.

O Rei certamente voltará e os filhos do reino se alegrarão e não se surpreenderão por crerem em Sua promessa. Entretanto, será uma terrível surpresa para todos os que duvidaram da veracidade desta promessa. Ele virá para julgar todas as nações como o grande Eu sou.

1.2.5 Virá para jugar todas as nações

"Quando, pois, o Filho do homem vier na sua glória, e todos os anjos com ele, então se sentará no seu trono glorioso; e todas as nações serão reunidas diante dele; e ele separará uns dos outros, à semelhança do pastor que separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25 31-34). O julgamento será para os indivíduos, pois cada um dará conta de si mesmo a Deus, mas também será um julgamento das nações rebeldes. Ele virá como o grande "Eu Sou" o único Deus verdadeiro.

1.2.6 Virá como o grande "Eu sou"

Quando forçado pelo sumo sacerdote, durante seu julgamento no sinédrio a fazer uma confissão de que dizia ser o Cristo, o Filho de Deus, Jesus respondeu: "É como disseste. Contudo, digo-vos que de agora em diante vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo sobre as nuvens do céu" (Mt 26.64). Marcos acrescenta o detalhe da resposta de Jesus à frase: "Eu sou" (Mc 14.62). Jesus apresentou-se como o único Deus verdadeiro que veio para ser Rei (o Cristo).

Jesus deixou bem claro qual era a sua missão como Cristo. Ele Inaugurou um tempo de libertação do reino das trevas, um tempo de arrependimento, de estabelecimento de um compromisso de obediência, um tempo de quebra de tradições velhas e inadequadas aos princípios do Reino de Deus, um tempo de serviço altruísta entre os súditos e um tempo de reconhecimento de Jesus como Rei. Enfim, Ele inaugurou um tempo de sementeira, de redenção e restauração do seu reinado entre os homens.

Este tempo terá sua continuidade até que Ele volte para consumir o que iniciou em sua primeira vinda. Será um tempo em que Jesus virá como Rei e com a Glória do Pai, como Rei e juiz das nações, virá quando ninguém esperar e virá como o Grande "Eu sou".

O reino de Deus inaugurado por Jesus veio para libertar o homem do reino das trevas e será consumado com a volta de Jesus, quando voltará como Rei para julgar as nações. Interessa, neste trabalho, confrontar o evangelho do Reino aceito pelos cristãos ovimbundos com seus aspectos culturais que vão de encontro ou que contradizem os princípios bíblicos do Reino de Deus.

2. ASPECTOS DA CULTURA QUE SE IDENTIFICAM COM OS PRINCÍPIOS DO REINO

Segundo Nicholls, "há aspectos de cada cultura que não precisam ser ameaçados nem descartados e transformados".¹⁸ Estes aspectos até contribuem para a compreensão e

¹⁸ NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida, 1983, p. 9.

aceitação do evangelho. Aqui, destaca-se nas crenças do povo ovimbundo a onipotência, onipresença e onisciência de Deus, a vida comunitária e a crença na continuidade da vida.

2.1 Crença na Onipotência, Onipresença e Onisciência de Deus

Nash define cosmovisão como uma série de crenças sobre os assuntos mais importantes da vida¹⁹ e o assunto mais importante é Deus, o manancial e a plenitude da vida. Sobre Deus, os ovimbundos creem que os primeiros antepassados receberam a vida dele. Esta vida é energia que impregna todo o universo.²⁰ Segundo Altuna, os bantos, dos quais se originaram os ovimbundos, não dão um nome a Deus, mas o chamam por atributos. Creem que chamá-lo pelo nome significaria ter poder sobre ele e ninguém tem poder para manipulá-lo. A tradução aproximada de algumas palavras relacionadas a Deus seria: O Altíssimo, O Excelso, o Grande, o Impenetrável.²¹ A palavra selecionada pelos missionários e aceita pelos ovimbundos para se referir a Deus é “Suku”. Não obstante, não se consegue dar uma interpretação segura sobre o significado da palavra. Altuna apresenta várias possibilidades: “o Altíssimo, o Excelso, o Grande, o Impenetrável, o que socorre as necessidades de suas criaturas, medula das árvores, o último, o primeiro de todos. Mas que talvez o mais provável fosse a derivação da palavra ‘ise-yukulu’ (o velho dos velhos) ou o Pai mais velho de todos os pais.”²² Este significado da palavra revela a crença em Deus como o criador e doador da vida a todos os seres humanos. “Para os ovimbundos Deus é o criador, o doador da força que anima os seres, para sinalizarem o realismo da existência”.²³

Entretanto, as explicações sobre Deus não provêm de uma revelação escrita como no caso do cristianismo, mas dos mitos transmitidos de geração em geração. Segundo Altuna, a noção de Deus não é ensinada, mas um instinto inato de que existe alguém por trás da existência.²⁴ Altuna também concluiu que o mundo visível revela Deus para os povos bantos. Podemos comparar esta afirmação à argumentação de Paulo: “Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas, de modo que esses homens são indesculpáveis” (Rm 1.20).

A ideia de um Deus todo poderoso, criador do céu e da terra, que não pode ser manipulado, é admirável, pois assim Ele é. A concepção de um Deus que recebe ordens, um Deus que existe para nos satisfazer, como é apresentado por determinadas linhas da teologia

¹⁹ NASH, Ronald H. **World views in conflict**: choosing christianity in a world of ideas. Nashville: Zondervan, 1992, p. 3

²⁰ ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Banto**. 2.ed. Luanda: Edição do Secretariado Ariquidiocesano de Pastoral, 1993, p. 52.

²¹ ALTUNA, 1993, p. 404.

²² ALTUNA, 1993, p. 405.

²³ GAMBÁ, Sabino Teck de. **A Odisséia do filhote bantu**: o Umbundo entre Mitos e Milagres, Contracenando com o “Beschichte”, Bultmanniano. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, p. 24.

²⁴ ALTUNA, 1993, p. 393.

da prosperidade, está muito mais distante da ideia do Reino de Deus. O Reino pertence a Ele. Nós pertencemos a Ele. Não se manipula o Rei dos Reis.

O conceito dos atributos de Deus na compreensão dos ovimbundos é bastante aproximado aos princípios encontrados na Bíblia sobre aquele que reina e é dono do universo. Relacionado a crença de um Deus supremo está a concepção de que os seres humanos devem estar em harmonia uns com os outros.

2.2 Vida comunitária

A concepção de um Deus supremo une-se à ideia de que todos os seres por Ele criados devem viver em harmonia. A unidade vital é o fundamento do sistema de crenças do ovimbundo²⁵. Todos os seres estão interligados e devem conviver harmoniosamente. Segundo Altuna,²⁶ para se compreender os costumes de povos de origem bantu, é necessário considerar o pressuposto de que existe uma união vital entre os seres.²⁷ Existe uma comunhão entre todos os seres, pois se servem de uma mesma fonte de vida.

A ênfase numa integração familiar e comunitária parte do princípio de que receberam vida dos antepassados e dão sequência a ela nesta corrente vital. A comunhão com outra pessoa da mesma família é imprescindível.

A solidariedade entre as pessoas, a comunhão e busca de harmonia entre pessoas da mesma linhagem familiar pode ser fortemente notada nos casamentos, quando duas famílias se tornam uma só, e nos óbitos, quando todos os que estão relacionados por parentesco ou por localidade devem estar reunidos. Esta vida comunitária é positiva, pois existe uma solidariedade natural entre o povo.

Os ovimbundos em geral, não são individualistas, mas prezam pelo relacionamento. Gastam tempo convivendo, conversando, procurando saber da saúde um do outro, dividindo alimento, espaço, enfim, compartilhando a vida. Alegam-se por serem muitos e sentem-se bem quando estão em coletividade. Estão próximos da cultura do reino no que diz respeito a compartilhar, conviver, ter amizade e se alegrar simplesmente por estarem juntos. Por isto, para os cristãos, o culto é uma festa, porque é um momento de reencontro e as expressões de alegria em conviver são música, dança, gritos, palmas e às vezes saltos. Esta celebração à vida, prazer de estar juntos, é algo que vale a pena conservar! A preocupação pela preservação da linhagem produz solidariedade entre famílias e tribos. A vida em comunidade é parte fundamental de sua cultura.

“A vida em comum, em solidariedade, a reciprocidade, o calor, o amparo, a dedicação, a generosidade, a amizade, e a defesa comunitária são as manifestações mais belas e decisivas da cultura banto”.²⁸ O homem dificilmente está sozinho e sim interligado com a comunidade e seus valores são comunitários. Raramente se encontrará uma casa, ainda que pequena, habitada apenas por uma ou duas pessoas. Filhos e outros agregados vivem juntos e sentem-

²⁵ Grupo étnico linguístico que vive no centro sul de Angola originários dos bantos ou povos negros da África.

²⁶ Padre de nacionalidade espanhola que viveu muitos anos em Angola.

²⁷ ALTUNA, 1993, p. 46.

²⁸ ALTUNA, 1993, p. 204.

se completamente à vontade dividindo pequenos espaços. Entretanto, a solidariedade dos ovimbundos certamente não é perfeita, mas, sem dúvida, a vida comunitária deste povo serviu de abertura para a mensagem do cristianismo e para a compreensão do pressuposto de que, através de Jesus, somos família de Deus e membro uns dos outros. Além da solidariedade, outro elemento que prepara o coração deste povo para compreender as verdades do reino eterno inaugurado por Jesus é a crença na continuidade da vida.

2.3 Crença na continuidade da vida

O nascimento de bebês é imprescindível para a continuidade da vida e a quantidade de filhos gerados é muito importante para a maioria do povo. Esta é uma maneira da vida abundar e ser continuada. Muitos acreditam que há mais probabilidade dos pais não serem esquecidos quando vivos ou depois de mortos se tiverem gerados filhos.

Compreender o que uma pessoa pensa sobre o que vem depois da morte é muito importante. O que ela crê sobre o seu destino final, determina como viverá nesta terra. A morte e o que vem depois dela é uma preocupação universal e os ovimbundos também tem sua filosofia a respeito deste assunto:

Apesar da perturbação causada pela morte, o banto morre com o consolo de que o ser que habita em seu corpo material com a morte começa a viagem, ao encontro de seus ancestrais. A imortalidade não alcançada do corpo visível e natural que almejava, é minimizada, com os fundamentos que determinam sua cosmovisão. A morte não elimina os laços vitais. Acredita os umbundos que, vive-se morrendo e morrendo vive-se.²⁹

A ausência de revolta de muitas pessoas em relação à morte é explicada pela certeza de que existe uma continuidade e que a morte é uma passagem de um estado para o outro. Embora seja uma ideia incompleta, prepara o coração para entender a eternidade. Em geral, a pessoa de etnia umbundo não costuma se desesperar facilmente diante das mazelas da vida. Na cosmovisão mais antiga do povo ovimbundo, não existiam mortos, mas espíritos vivos e conscientes. A morte é uma passagem. As pessoas encontram-se numa outra dimensão, mas seus espíritos vivem.

Há muito mais para se apreciar na cultura dos ovimbundos que vão de encontro aos princípios do Reino de Deus, mas estes três são suficientes para comprovar os elementos supraculturais divinos na cosmovisão dos ovimbundos.

Entretanto, elementos supraculturais diabólicos estão presentes em toda cosmovisão e não é diferente na cultura dos ovimbundos. Entre estes elementos, este trabalho pretende destacar: a crença de que Deus está distante, de que o homem é o centro de tudo, a necessidade de culto aos antepassados e o medo aterrador do sobrenatural.

²⁹ GAMBA, 2010, p. 46.

3. ASPECTOS DA CULTURA QUE CONTRARIAM OS PRINCÍPIOS DO REINO

Nicholls ressalta que alguns de nós “são lentos para refletir criticamente sobre o impacto da sua própria herança cultural e experiências pessoais sobre seu modo de entender e interpretar o evangelho”.³⁰ Embora o ovimbundo creia que Deus é Onipotente e Onipresente, muitos deles não acreditam que Deus interfira na vida do homem e isto pode estar relacionado aos fatores culturais que não foram devidamente analisados criticamente. Na maioria dos mitos bantus, por exemplo, predomina a ideia de que Deus criou e viveu entre os homens em harmonia com este, mas um dia aborreceu-se com sua desobediência e se afastou.

3.1 Crença num Deus indiferente

Olson Grenz diferencia a transcendência e imanência, dizendo que crer que Deus é autossuficiente e não precisa do mundo para existir, que ele está acima do universo e muito além do mundo é crer que Deus é transcendente. Crer que Deus está presente em sua criação e ativo no universo, envolvido nos acontecimentos do mundo e da história humana é crer na sua imanência. Defende uma posição equilibrada em que Deus está além do mundo e ao mesmo tempo presente no mundo, isto facilita uma relação adequada entre Teologia, a razão e a cultura.³¹

A expressão ‘A Suku Yange’ (Ah, meu Deus!) pode significar que Deus está perto e ouvindo, mas não necessariamente agindo. Embora Deus esteja entre os homens, raramente age a favor deles. Acreditam que Deus deixou normas éticas para que os homens vivam em harmonia.³² Portanto, o ovimbundo crê em Deus como o causador da vida, o criador dos homens e de todo o universo, mas que o abandonou e que se mostra indiferente aos seus problemas do dia a dia. Assim sendo, o que acontece na vida quotidiana não tem causalidade em Deus. Ele é o causador final por ser soberano, mas os fenômenos são causados por interferências espirituais.

Quando não conseguem explicar um acontecimento, muitas vezes pessoas do povo ovimbundo atribuem-nos aos poderes místicos. A vida é para estas pessoas, misteriosa e dirigida pelo sobrenatural. A causa de tudo para o ovimbundo é atribuída a pessoas que manipulam poderes mágicos ou aos espíritos irados dos antepassados familiares. Ao mesmo tempo, em alguns casos é atribuído a Deus aquilo que não se pode manipular, tendo então uma atitude de resignação e raramente de revolta. No entanto, esta crença contraria o pressuposto bíblico de que Deus continua se interessando e intervindo na história do homem a quem ele mesmo criou. Deus está presente (Salmo 139).

Um considerável número de ovimbundos crê em Deus, mas Ele não está no centro de sua vida. O centro da vida é o próprio ser humano e que de fato interessa é sua autossatisfação.

³⁰ NICHOLLS, 1983, p. 8.

³¹ GRENZ, Stanley; OLSON, Stanley. **A teologia do século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 9.

³² ALTUNA, 1993, p. 397.

3.2 Antropocentrismo

A perceptível respeitosa formalidade entre os ovimbundos denota normas comportamentais que visam manter a harmonia com os outros. A frase repetida muitas vezes: 'Fica assim'. Quando não se quer contrariar uma opinião demonstra que estar em paz é mais importante do que se provar ter razão em algum assunto. Este conceito exemplifica o que o ovimbundo normalmente crê sobre os relacionamentos entre os vivos. Um problema com alguém que vive pode trazer consequências, pois este pode recorrer a feitiçaria, envenená-lo ou fazer-lhe algum outro mal. Para estes, Deus também não impedirá o mal, pois deixa os vivos à mercê do poder dos espíritos desencarnados dos mortos que vagueiam pela terra. Neste caso, Deus não intervém na vida dos seres humanos, mas deixa esta tarefa a cargo dos feiticeiros e curandeiros.³³

Portanto, o uso da magia é justificável para manter a harmonia, a paz entre os seres. Lídório explica como utilitarismo é motivo para justificar a magia.³⁴ Muitos pensam que o importante é a felicidade do homem. Pode-se chamar a isto de antropocentrismo – o homem no centro de tudo, manipulando tudo. O homem na busca poder e felicidade procura manipular forças sobrenaturais para poder viver em paz e morrer em idade avançada. Muitos acreditam que os antepassados que estiverem contrariados com sua conduta possam tirar a sua paz e prosperidade e por isto procura honrá-los e homenageá-los.

Segundo a Bíblia, no Reino de Deus, Deus é o Rei. O homem não pode ocupar o trono que pertence a Ele. A glória de Deus é a razão da existência do homem. Por se revoltar contra este princípio e querer ser Rei no lugar de Deus, o homem trouxe sobre si a maldição da morte.

Todos os homens buscam explicações para a morte. Grande parte dos ovimbundos creem que a morte não é o fim para aqueles que são lembrados pelos vivos e, quando esquecidos, tentam chamar a atenção dos familiares para que se lembrem deles. Os vivos, para não serem incomodados pelos que já passaram pela morte, praticam tradições e ritos prestando a eles homenagens.

3.3 Culto aos antepassados

Pode-se verificar conflitos familiares entre os ovimbundos, mas normalmente eles acontecem entre famílias diferentes e por isto precisa de pessoas intermediárias para restabelecer a harmonia entre elas e fortalecer a unidade da comunidade. Quando se tem problemas com uma pessoa, terá também com toda a família dela. Os laços consanguíneos são valorizados e defendidos até depois da morte. Quando alguém descobre que tem algum laço familiar com outra pessoa, passa a tratá-la de forma mais amigável. Os laços são estendidos entre pessoas que descobrem ser oriundas de uma mesma aldeia ou linhagem.

Não se busca harmonia somente entre vivos, mas também com os espíritos dos que já morreram fisicamente, pois existem aqueles que creem na existência continua numa forma invisível. Para tanto, as oferendas ou comidas colocadas num canto da casa ou numa casota

³³ GAMBA, 2010, p. 25.

³⁴ LIDÓRIO, Ronaldo. **Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 91.

no quintal são tradições observadas para mostrar ao espírito ancestral de que estão lembrando-se dele. Não acreditam que os antepassados comerão a comida, mas de que estes agradecerão o gesto e retribuirão com benefícios. É atribuído a estes espíritos poderes sobre a vida dos vivos.

A tradição de comer juntos depois do funeral é para muitos ovimbundos, hoje em dia, principalmente para os cristãos, uma forma de comunhão e consolação aos que perderam o ente querido. Entretanto, ainda paira, de forma consciente ou inconsciente, na mente de outros tantos, que é necessário fazer uma festa com muita comida e bebida em homenagem do falecido para ajudá-lo a se conformar com seu novo estado. Comer juntos para alguns é obrigatório, para que o espírito não dê por conta da sua ausência. É de ressaltar que alguns não faltam para que também sua família não fique sozinha quando ele (o que faltou) venha a falecer.³⁵

O medo das ações dos antepassados que interferem na vida dos vivos e os rituais e ofertas para agradá-los é contra o princípio de soberania de Deus sobre a vida e destino dos que, uma vez que se separam deste corpo, aguardam a ressurreição final.

A crença de que se deve agradecer os antepassados também leva à procura dos adivinhos. A reverência pela memória dos antepassados é motivada mais pelo medo do que pelo respeito.

3.4. Medo do sobrenatural

O pressuposto de que os mortos são os familiares que continuam existindo e precisam ser lembrados para que sua vida não se extinga prende o ovimbundo a uma série de rituais e tradições. O medo é um sentimento constante na vida do ovimbundo. Este medo provém do pressuposto de que sempre alguém pode fazer-lhe o mal, pode enfeitiçá-lo.

O ovimbundo é geralmente muito discreto e não costuma revelar seus planos para que os vivos ou os mortos não procurem frustrar seus intentos. Alguém pode querer atrapalhar sua felicidade ou prosperidade.

Por entender que existe uma comunicação com aqueles que já morreram procuram saber as causas do que acontece de ruim em sua vida. Acreditam que os bons sonhos são provenientes de Deus ou de algum antepassado e que os pesadelos são mensagens ou avisos provenientes de antepassados ou de feiticeiros. Como afirmou Munza, o espiritual é responsável por todas as coisas boas ou más que acontecem no mundo físico. Há uma intercomunicação entre as duas esferas através de sonhos, visões e sinais.³⁶

Como pensam que todo o sonho é uma mensagem do sobrenatural, sentem medo de algumas pessoas que contam sonhos e que chegam a ser tidas como feiticeiras. Alguns têm a sensação de que estão sempre sendo perseguidos, este medo pode ser real ou imaginário. O constante medo de perder a harmonia tira a paz do seu coração. O medo dos feiticeiros e dos bruxos supera o temor a Deus.

³⁵ Análise de discursos informais em comunidades de ovimbundos.

³⁶ MUNZA, Kasongo. **A letter to Africa about Africa**. Johannesburg: Trans-World Radio, 2008, p. 11.

Jesus disse que não deveríamos temer os que tiram a vida, mas não tem poder sobre os nossos destinos eternos. A ideia de que os feiticeiros têm mais poder do que os crentes é uma mentira do inimigo, crível por muitos que já são cristãos. Se o não crente põe a culpa de tudo o que acontece de ruim aos antepassados e por isto os temem, por outro lado, os que entenderam e creram que os espíritos não perambulam na terra, mas os demônios e Satanás transferem seus medos dos mortos para o medo de Satanás. A culpa das coisas ruins que acontecem é do Diabo e não da pessoa que deu ouvidos ao Diabo. O medo do feiticeiro como alguém que lida com as obras dos maus espíritos é presente no dia a dia das pessoas. As causas das doenças e mortes são atribuídas a poderes maléficos. O medo e a raiva de quem possa ter causado o mal é notório nas conversas das pessoas. Este medo dos mortos, dos feiticeiros e do Diabo não honra a Deus como Rei, que detém todo o poder no céu e na terra.

É necessário que os crentes ovimbundos sejam libertos das crenças e tradições contrárias aos princípios bíblicos; precisam ser libertos do medo que os leva à prática dos rituais que perpetuam crenças falsas. A ideia de um Deus distante e centralidade do homem precisa ser banida do consciente e subconsciente dos crentes. Precisam ser libertos pela confiança nas promessas do Rei Salvador Jesus Cristo.

4. PRESSUPOSTOS QUE PRECISAM SER COMPREENDIDOS, CRIDOS E VIVIDOS SOBRE O REINO DE DEUS

“A conversão abrange as três dimensões da cultura: cognitiva (crenças), afetiva (sentimentos) e avaliadora (normas)”.³⁷ Uma compreensão dos pressupostos bíblicos sobre o Reino de Deus e suas promessas é imprescindível para uma verdadeira mudança de cosmovisão que liberte o povo ovimbundo do medo dos espíritos e dos feiticeiros.

4.1 Pressupostos sobre o Reino Presente

Jesus inaugurou o Reino e explicou a natureza espiritual dele. Jesus veio para estar conosco, para libertar os homens da escravidão do pecado e de toda a opressão consequente a ele.

Entregaram-lhe (a Jesus) o livro do profeta Isaías; ele o abriu e achou o lugar em que estava escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos presos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos’ e para proclamar o ano aceitável do Senhor. [...] Então ele (Jesus) começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir (Lc 4.20).

Jesus veio libertar os povos dos pressupostos incutidos na mente dos homens por Satanás. Veio libertar das influências diabólicas na cosmovisão dos povos. Satanás convenceu a alguns de que Deus não existe, mas, como a maioria das pessoas não conseguem crer nesta mentira, ele convenceu muitos outros de que Deus existe, é Criador, mas não se importa com

³⁷ HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 340.

a vida e destino de sua criação. Reforçou sua mentira fazendo crer que seu reino tem mais poder do que o Reino de Deus, argumento que utilizou ao tentar o Senhor Jesus (Mc 4.8,9). Não satisfeito, outro pressuposto mentiroso incutido por Satanás: O reino das trevas é poderoso, mas Deus como é bom, deu poderes a alguns homens para manipularem o poder do bem e do mal, podendo ocupar o lugar de Deus.

4.1.1 Jesus é Deus e inaugurou seu reino entre os homens – Ele está conosco

João, testemunha ocular da inauguração do reino de Deus entre os homens, confirma o que o Senhor Jesus ensinou acerca dele mesmo: “Eu Sou” (Mc 14.61-62). “E nós temos visto e testemunhado que o Pai enviou seu Filho como salvador do mundo. Todo aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus” (1 Jo 4.13-15).

Para a maioria dos povos bantos, Deus se aborreceu com os homens e os abandonou. Pela observação da natureza, o ovimbundo crê que Deus é o criador, mas não se importa com o homem. Deus é inacessível e distante.

As Escrituras nos afirmam que Jesus é o plano de Deus para restabelecer sua comunhão conosco. Jesus é Deus conosco (Lc 1.23). Ele irrompeu a história para restabelecer a harmonia perdida com a desobediência do ser humano. Deus que é o rei dos reis, o Criador, decidiu se tornar como uma criatura, na forma de servo para que, morrendo e ressuscitando, através do seu Espírito voltasse a ocupar seu lugar nos corações dos homens. Veio para estar conosco e em nós (Fp 1.6-10). Porque nos ama, veio reinar em nós e não nos abandona, nem nos abandonará (Mt 28.20). E porque nos ama, cuida de nós. Jesus tem todo o poder para interferir na vida das pessoas.

O segundo pressuposto mentiroso do inimigo é que: Deus existe, está conosco, mas o reino das trevas é mais poderoso. Assim, o inimigo escraviza o homem ao medo do reino das trevas. Jesus promete libertação deste medo.

4.1.2 Jesus veio libertar do poder do mal – Ele é onipotente

Jesus ensinou que não se deve temer os homens ou outros seres. Deve-se temer aquele que decide onde nós passaremos a eternidade.

Satanás implementou o medo no coração das pessoas para que sejam escravas dele. A mensagem do inimigo é: tenham medo de mim, tenham medo dos demônios, tenham medo dos fantasmas, tenham medo dos feiticeiros. O medo escraviza e não provem de Deus. De Deus provém o amor que lança fora o temor. “No amor não há medo pelo contrário, o perfeito amor elimina o medo, pois o medo implica castigo e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4.18).

Deus, em Jesus, provou seu poder e os ensinou a confiar nele. Quando os discípulos temeram a morte, estando em meio a uma tempestade: Jesus lhes disse: “Porque temeis, homens de pequena fé?” (Mc 8.25-27). Pessoas que atribuem as causas dos problemas da vida aos espíritos e feiticeiros diriam que eles ou Satanás teriam causado a tempestade. Entretanto, os judeus atribuíam a Deus as bênçãos e maldições. Buscaram socorro no mestre e viram o Seu poder capaz de acalmar os ventos e o mar.

O amor de Deus Pai nos liberta do temor do reino das trevas e nos garante o cuidado de um rei que é Pai e Salvador, “socorro bem presente na angústia” (Sl 46.1). É preciso assimilar o pressuposto de que Jesus tem todo o poder e de que temos livre acesso ao Pai. É preciso crer que Ele, não somente tem poder, mas que interfere em nossas vidas, ajudando-nos em tudo o que precisamos. É preciso crer no amor de Jesus que usa sua onipotência para cuidar de nós.

O terceiro pressuposto mentiroso que se pretende confrontar e solucionar é de que, sendo Deus indiferente e o reino dos espíritos poderoso para tirar nossa paz, harmonia e felicidade, Deus como é bom, deu poderes ao homem para manipular as forças espirituais. Isto faz do homem o rei de sua própria vida.

4.1.3 Jesus veio para ser o nosso rei – Ele é o Senhor

Lidório aborda o aspecto utilitário da magia, concluindo que magia é a manipulação de elementos (cobertos por uma força) impessoais, de forma a causar um efeito extraordinário. De certa forma, portanto, a magia está centralizada no homem servindo aos seus desejos.³⁸

O pressuposto que está por trás da magia é que os espíritos dos antepassados podem atrapalhar o bem-estar e a felicidade do homem. O indivíduo está preocupado em estar em paz, em conseguir prosperidade, o coração de alguém que cobiça para si ou outros desejos não se importando os meios a usar, inclusive a magia. A ideia de estar em paz com vivos e com mortos, leva os ovimbundos a procurarem adivinhos e feiticeiros para rituais, bem como o cumprimento de vários preceitos e tradições.

O homem que pensa poder resolver com seus poderes está se colocando no lugar do Rei. Ele torna-se seu próprio rei. Não compreende que quando age assim, o inimigo tornar-se o rei da vida dEle (Mt 6.24).

Jesus veio para ocupar o seu lugar. É necessária uma entrega de vida real e abandonar toda e qualquer tradição que contrarie esta verdade. É preciso desejar ver pessoas transformadas pelo Espírito Santo em discípulos de Jesus.³⁹

Os pressupostos da inauguração do Reino por Jesus garantem a certeza de um Deus presente, que cuida e que está no centro de nossas vidas. O homem não precisa e nem deve buscar soluções nos ritos e tradições contrários aos princípios do Reino. É necessário compreender que este Reino será consumado e que os pressupostos do Reino consumado devem reger nossa vida enquanto aguardamos por ele.

4.2 Pressupostos sobre o Reino Escatológico

“O reino de Deus afirma o presente governo de Deus e aponta para o governo final de Cristo na terra, no futuro” ... “qualquer que receba Cristo experimenta o poder do reino da era vindoura”.⁴⁰ O ovimbundo precisa considerar que, embora o pressuposto de que a vida

³⁸ LIDÓRIO, 2011, p. 92.

³⁹ KIMBALL, Dan. **A igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações.** São Paulo: Vida, 2008, p. 107.

⁴⁰ HIEBERT, 2016, p. 306.

continua seja bíblico, a ideia de que os mortos ainda podem interferir na vida dos que ainda vivem na terra é uma influência diabólica na cultura. É preciso um retorno aos ensinamentos de Jesus sobre a vida após a morte.

4.2.1 Jesus virá para aniquilar o reino das trevas e consumir o Seu reino

Tanto os que receberam a Jesus como Salvador quanto os que não o receberam aguardam o juízo final numa dimensão fora do limite do tempo presente. Não existe base bíblica para a existência de fantasmas. Em certa ocasião, os discípulos confundiram Jesus andando sobre o mar com um fantasma, denotando uma influência estranha aos pressupostos do Antigo Testamento. Eles pareciam crer em fantasmas, mas Jesus, disse para eles não terem medo (Mt 14.23).

Jesus expulsou demônios. Não se tratava de espírito de pessoas que perambulavam ou que possuíam outras pessoas, mas de espíritos chamados de imundos ou demônios (Mt 8.28; 9.32). Não são os mortos, mas os demônios que perambulam; entretanto, eles devem ser expulsos e não agradados. O destino final deles será o mesmo com o Diabo e aqueles que não receberam a Jesus como Rei, o castigo eterno.

4.2.2 Jesus separará os que não pertencem ao seu reino

Jesus ensinou que, quando ele voltasse para consumir o seu reino, separaria os que o receberam como Rei dos que o rejeitaram (Mt 25.31-46).

Os ovimbundos, que não têm uma compreensão correta sobre o reino escatológico, entendem a continuidade da vida como um reencontro com todos os antepassados de sua família ou clã. Entretanto, Jesus deixa claro que haverá, sim, um reencontro com os antepassados que pertencem a família de Deus para estarem juntos no “reino que está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.31). Mas também os que não se uniram a Jesus nesta vida terrena irão para o castigo eterno (Mt 25.46). Assim, a reunião final não será por laços consanguíneos, mas pelos que foram unidos pelo sangue de Cristo derramado na Cruz.

Portanto, o coração do ovimbundo entregue ao Rei Jesus, deve tranquilizar-se e confiar que aqui na terra, está sob proteção de Deus e nada acontece sem que Ele permita e cada um dará conta de si mesmo a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reino de Deus foi inaugurado com a vinda de Jesus. Ele veio para libertar-nos dos poderes do reino das trevas; veio para chamar ao arrependimento e participação do Reino do Seu Pai; veio estabelecer compromisso com seus discípulos e estabelecer um reino novo e diferenciado de súditos que servem, veio reinar na vida dos seres humanos.

O reino de Deus será consumado com a segunda vinda de Jesus. Ele virá com Sua glória julgar os que o rejeitaram; virá quando todos os povos da terra tiverem ouvido o evangelho; virá quando ninguém esperar, para julgar todas as nações; Ele virá como o grande Eu sou, com a glória do Pai.

A crença na existência de Deus, a vida comunitária e a crença na eternidade são valores a serem preservados. Entretanto as crenças de que Deus está distante, de que o homem é o centro de tudo, a necessidade de culto aos antepassados e o medo aterrador do sobrenatural devem ser deixados. É necessário que os crentes ovimbundos sejam libertos das crenças e tradições através da compreensão do reino e submissão ao Rei Jesus, sendo assim libertos do medo que os leva a prática dos rituais e procura da intermediação de feiticeiros e adivinhos.

Haverá um reencontro com os antepassados que pertencem a família de Deus. Todos os que receberam o reino estarão juntos e aqui na terra devem viver confiantes no seu Rei e vivendo para a Sua glória!

REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Banto**. 2.ed. Luanda: Edição do Secretariado Ariquidiocesano de Pastoral, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARRIKER, Timóteo. **Missões na Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

DOCKERY, D. (edit). **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GAMBA, Sabino Teck de. **A Odisséia do filhote bantu: o Umbundo entre Mitos e Milagres, Contracenando com o “Beschichte”, Bultmanniano**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo.

GRENZ, Stanley; OLSON, Stanley. **A teologia do século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exhaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

KIMBALL, Dan. **A igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações**. São Paulo: Vida, 2008.

KUNZ, Claiton. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MUNZA, Kasongo. **A letter to Africa about Africa**. Johannesburg: Trans-World Radio, 2008.

NASH, Ronald H. **World views in conflict: choosing christianity in a world of ideas**. Nashville: Zondervan, 1992.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. São Paulo: Vida, 1983.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 7.ed. Tradução de Lawrence Olson. EUA: Vida Nova, 1978. 233p.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS PERSPECTIVAS BÍBLICA E HISTÓRICA SOBRE VOCAÇÃO The biblical and historical perspectives about vocation

Delize Gabriela Grando¹

RESUMO

O tema vocação, que é o mesmo que chamado, é assunto discutido há muito tempo e seu significado vai além do que muitos pensam. Neste artigo foram abordadas tanto a perspectiva bíblica quanto a histórica em relação a este tema, e ainda, como o cristão deve ver e considerar a sua vocação. Por meio de exemplos bíblicos, é possível ver como Deus usou e deseja continuar usando as pessoas através de suas vocações. Além disso, foi explanado como o trabalho foi instituído por Deus; como Ele espera que o ser humano veja e pratique o trabalho de forma correta. E, para que isso seja possível, é necessária a compreensão do propósito de Deus para o ser humano, desde a sua criação. Só assim cada um poderá cumprir sua vocação por completo.

Palavras-chaves: Vocação. Chamado. Missão.

ABSTRACT

The topic vocation (or calling) have been discussed for a long time and its meaning goes beyond what people normally think. In this essay, both Biblical and historical perspectives in relation to this topic were addressed, and also how the Christian should see and consider his own vocation. Through biblical examples is possible to see how God used and wants to continue using people through their vocation. Beyond this, was explained how the labor was something created by God; and how He expects that the human being understands and execute his labor in a right way. And, to make this possible, is necessary the comprehension of God's purpose for the human being, since his creation. Only in this way, each one will be able to fulfill his vocation.

¹ A autora é graduada em Design Gráfico pela Univali; graduada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduanda em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR. E-mail: delizegg@gmail.com

Keywords: Vocation. Calling. Mission.

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado sobre vocação nos dias atuais. Porém, não é um assunto novo ou que tenha surgido recentemente. Tanto no meio eclesial como no meio profissional, usa-se este termo, mas nem sempre tem o mesmo sentido. Isso tem levantado dúvidas em relação ao tema, como também pensamentos e ideias errôneas. Vocação é uma ação feita por Deus ao longo de toda a história, onde todos os redimidos são chamados por Deus e para Deus. É um chamado de Deus para ser e realizar algo. Todos possuem uma vocação vinda de Deus. Parte dela é igual a todos os cristãos; já a outra parte, cada um exerce uma atividade, mas todos com o mesmo objetivo principal. A vocação de todo cristão está totalmente ligada à *Missio Dei*. É a partir dela que se pode compreender a essência da vocação e qual é o propósito de Deus para o ser humano.

1. MISSÃO E VOCAÇÃO DO CRISTÃO

“Sem missão é impossível falar de vocação”.² Por isso, primeiramente é preciso entender o que é missão, de quem é esta missão e tudo o que ela abrange. Bosch afirma que, durante muitos anos, missão foi interpretada de diversas maneiras. Era entendida em termos soteriológicos – salvação de indivíduos da condenação eterna; culturais – apresentar as bênçãos do Oriente cristão ao Ocidente; eclesiológicos – expansão da igreja ou de alguma denominação; ou ainda, em termos de história da salvação – a transformação do mundo no reino de Deus. Contudo, todas essas maneiras de ver a missão eram conflitantes. Diante disso, nos últimos 60 anos, houve uma grande e decisiva mudança no sentido do que é missão. Passou-se a entender missão como *Missio Dei*: missão de Deus.³

1.1 A *Missio Dei*

A história deste novo modo de ver a missão deu-se início com Karl Barth, em 1932. Ele foi um dos primeiros teólogos a manifestar esta ideia. Mais tarde, Karl Hartenstein mostrou apoio à missão como uma atuação de Deus. Contudo, o auge desse pensamento deu-se na Conferência de CoMIIn, em Willingen, no ano de 1952. Foi lá que a ideia de *Missio Dei* – não o termo – surgiu de maneira clara: Deus, o Pai, envia o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, envia o Espírito. E, Deus, o Pai, o Filho e o Espírito, envia a igreja para dentro do mundo.⁴ Ou seja, “Deus é um Deus missionário. ‘Não é a igreja que deve cumprir uma missão de salvação no mundo; é a missão do Filho e do Espírito mediante ao Pai que inclui a igreja’”.⁵ Ao compreender

² NASCIMENTO, Analzira. **Para entender a vocação**: uma história da missão. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/88b88c_3710cd9ad5f04bbe8fba6aa7edd0e014.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

³ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 466-467.

⁴ BOSCH, 2002, p. 467.

⁵ BOSCH, 2002, p. 468.

missão desta maneira, a igreja é vista como um instrumento para o cumprimento da missão de Deus.

Missio Dei é uma expressão de raiz latina, que, além de outras implicações, diz que Deus é pessoal e com características particulares. Pressupõe um sujeito, único, singular e eterno. Segundo Fernandes, a origem da missão de Deus não começa em Jesus. Ele é o cumprimento completo e final do que havia sido prometido ainda no Antigo Testamento, por isso a missão de Deus tem origem ainda na criação do mundo.⁶

Nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, Deus cria todas as coisas para o bem-estar do ser humano. Tudo estava em perfeita harmonia.⁷ A humanidade já havia recebido uma ordem dada por Deus em Gênesis 1.28,⁸ onde diz que “Deus os abençoou dizendo: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra [...]’”.⁹ Um pouco mais à frente, Deus também deu a eles o mandamento de cultivar e guardar o jardim,¹⁰ como diz no texto de Gênesis 2.15: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo”.¹¹ Até que a desobediência do homem trouxe consequências a toda criação. No entanto, Deus inicia sua missão de redenção da humanidade ao prover roupas para Adão e Eva. Depois da queda, de todo histórico de pecados e rebelião humana contra Deus – relatados no livro de Gênesis, capítulos 1-11 – vê-se o povo de Israel fazendo parte da missão de Deus. Tudo começa com o chamado de Abrão, em Gênesis 12.¹²

Segundo Cabrial,

Israel deveria transformar-se em um testemunho para todas as nações da terra, fazendo conhecida a promessa de Deus de renovação da sua criação, bem como o seu propósito de resgatar todas as suas criaturas e, tornar-se conhecido e glorificado entre todos os povos e nações da terra.¹³

Deus havia feito uma aliança com o povo de Israel, contudo o povo falhou em sua missão de fazer Deus conhecido nas nações e ser bênção a todos. Ao observar a vida do povo, é possível ver a influência do paganismo e do sincretismo - que eram resultado da desobediência ao Senhor - alterando os seus costumes e também o relacionamento com Deus. Devido a isto, o Senhor incluiu os gentios como parte do seu povo para cumprir a sua missão. Para isso, elegeu a igreja, fundamentada em Jesus Cristo, o enviado de Deus, que assumiu forma humana e, através da sua morte, anunciou a nova aliança.¹⁴ “Na obediência de Jesus, obediência até a morte, a missão de Deus alcançou o clímax, porque ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo’ (2 Co 5.19)”.¹⁵

⁶ FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014, p. 14.

⁷ CABRIAL, Silvano Silas R. **Missio Dei e o crescimento das igrejas históricas**. Londrina: Descoberta, 2004, p. 17.

⁸ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus: desenvolvendo a grande narrativa bíblica**. Tradução de Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 65.

⁹ **BÍBLIA de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003, p. 8.

¹⁰ WRIGHT, 2014, p. 65.

¹¹ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 9.

¹² WRIGHT, 2014, p. 65-66.

¹³ CABRIAL, 2004, p. 18.

¹⁴ CABRIAL, 2004, p. 33-34.

¹⁵ WRIGHT, 2014, p. 66.

A igreja herdou o compromisso de fazer Deus conhecido em todo o mundo, anunciando a redenção da humanidade por meio de Jesus.¹⁶ Ele confiou à igreja a missão de ser testemunha, como é visto no livro de Lucas 24.45-48:¹⁷

Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras. E lhes disse: "Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas."¹⁸

Na sua ascensão aos céus (At 1.8), Jesus repete este mandato. A partir de então, os discípulos, e conseqüentemente toda a igreja, estavam incumbidos de dar testemunho do Senhor até os confins da terra.¹⁹ Essa missão é universal e para todas as gerações. Ninguém que pertence ao corpo de Cristo, que é a igreja, está dispensado de cumprir esta tarefa.²⁰ Todas as igrejas, onde quer que estejam, são chamadas por Deus para cumprir a missão. Missão esta, que não é responsabilidade e privilégio de apenas um pequeno grupo de pessoas que se sentem chamadas ao campo missionário, mas a todos os membros. Afinal, "todos são membros do sacerdócio real e, como tais, foram chamados por Deus 'a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz' (1 Pe 2.9)".²¹

1.2 A Vocação

Depois de entender o que é missão, é preciso entender vocação, e então, será possível ver como estas estão interligadas. Para compreender melhor o que é vocação, é preciso examinar seu aspecto etimológico.²² No Antigo Testamento, a palavra hebraica *qara* significa "chamar para fora", "uma ordem que implica soberania na nomeação. Nomear no hebraico não era, porém, simplesmente adicionar um 'título verbal', mas 'ser chamado de algo para ser algo'". O termo "chamado" no Antigo Testamento é usado principalmente para o povo de Deus, convocado para participar da missão de Deus para o mundo.²³

Na literatura neotestamentária, a palavra vocação origina-se do verbo grego *kaleo*, que possui duas variações: o substantivo *klênis* e o adjetivo *kletós*. O verbo *kaleo* significa vocação, chamado, convoco.²⁴ Um exemplo é encontrado em Efésios 4.1: "Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam".²⁵ Já o substantivo *klêsis* tem o significado de vocação, chamado, convite,²⁶ como no versículo 26 de 1 Coríntios 1: "Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados [...]".²⁷ E ainda, o adjetivo *kletós*

¹⁶ CABRIAL, 2004, p. 35.

¹⁷ WRIGHT, 2014, p. 67.

¹⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1783.

¹⁹ WRIGHT, 2014, p. 69.

²⁰ CABRIAL, 2004, p. 45.

²¹ PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 17-18.

²² CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. **Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas.** Viçosa: Ultimato, 1997, p. 19.

²³ STEVENS, R. Paul. **Os outros seis dias.** Tradução de Neyd Siqueira. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 75-76.

²⁴ CÉSAR, 1997, p. 19.

²⁵ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2022.

²⁶ CÉSAR, 1997, p. 19.

²⁷ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1955.

significa chamado, convocado,²⁸ como em Romanos 1.6: “E vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus Cristo”.²⁹ O termo *kaleo* aparece no Novo Testamento grego 148 vezes e o substantivo *klêsis*, aparece oito. Paulo faz menção de *kaleo* 29 vezes, *klêsis*, oito e *kletós*, sete. Estes termos geralmente são empregados com sentido de vocação vinda de Deus. O Senhor chamando o homem para a salvação e para o serviço do seu reino.³⁰

O chamado, ou vocação, é uma ação feita por Deus ao longo de toda a história. Todos os redimidos são chamados por Deus e para Deus. “A origem do chamado não é o homem ou a igreja, mas sim Deus. E a finalidade do chamado não é puramente servir aos homens ou à igreja, mas a Deus”.³¹ Todos são chamados para amar e servir a Deus com todo coração, alma, mente e força, e também, amar e servir ao próximo.³² Contudo, com o passar dos anos, a palavra vocação tem perdido o seu total sentido. Popularmente, ao falar de vocação, tem a ver com trabalho ou carreira. Diante disso, é necessário voltar à essência da palavra segundo as Escrituras. Essa essência não é no aspecto humano, mas o divino: o que Deus chamou para fazer.³³

Vocação é muito mais que a inclinação para uma área profissional e muito mais que um conjunto de habilidades e competências. Vocação é uma convocação divina, um recrutamento celestial um comissionamento espiritual. Ela é um instrumento poderoso, que nos permite ouvir além do efêmero e detectar um eco na eternidade.³⁴

Diante disso, para entender melhor o que é vocação, é preciso fazer a distinção entre a vocação geral e a vocação específica.

1.2.1 Vocação geral

“A vocação geral de Deus não é tanto para fazer alguma coisa (um trabalho), mas para ser alguma coisa (uma pessoa)”. Primeiramente, ele chama a cada um para algo significativo. Este é um chamado para todos. Contudo, é necessário que cada um viva de modo digno desta vocação:³⁵ “[...]rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam” (Efésios 4.1).³⁶ A vocação geral apresenta algumas dimensões:

²⁸ CÉSAR, 1997, p. 19.

²⁹ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1920.

³⁰ CÉSAR, 1997, p. 19.

³¹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Belo Horizonte: Betânia, 2014, p. 9-10.

³² MORDOMO, João. De volta para o futuro: missão empresarial e missões transculturais. In: BRADFORD, K.; HAWTHORNE, S.; WINTER, R. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. Vários Tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 772.

³³ STOTT, John. Direção, vocação e ministério: a vontade de Deus para nossa vida e como descobri-la. In: BEZERRA, Durvalina; EVERY-CLAYTON, Joyce; NODA, Jorge (orgs). **Chamados por Deus**. João Pessoa: Betel Brasileiro, 2014, p. 37-38.

³⁴ BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA (org), 2014, p.16

³⁵ STOTT, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 38-41.

³⁶ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2022.

1.2.1.1 Salvação

O primeiro chamado é para a Salvação, ao qual todos os crentes devem responder. Deus deseja salvar o homem, pois o ama e o quer perto dele.³⁷ Paulo, ao escrever para Timóteo, diz que Deus “[...] deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Tm 2.5)”.³⁸

No momento da salvação, cada um é separado para participar da missão do reino de Deus.³⁹ O arrependimento e a fé são os dois fundamentos da salvação. O arrependimento envolve três aspectos: o intelectual – que subentende uma mudança de ideia, em relação ao pecado, a Deus e a si mesmo; o aspecto emocional – mudança de sentimento, passa a sentir tristeza pelo pecado e anseio pelo perdão; e ainda, o aspecto volitivo: mudança da vontade e da disposição, decisão de voltar-se contra o pecado.⁴⁰

Já a fé é o ato de aceitar as promessas da obra de Cristo. Ela é uma forma de conhecimento que atua junto com a razão, não contra ela. Como o arrependimento é o ato de voltar-se contra o pecado, a fé é o ato de voltar-se para Deus. Ela também apresenta três aspectos: o intelectual, que é a crença na revelação de Deus (sua natureza e nos fatos narrados pela Bíblia). Ela sempre é baseada em fatos e nunca em hipóteses. Também o aspecto emocional, porém ele não pode ser o único aspecto. E ainda, o aspecto volitivo, que abrange a rendição do coração humano e aceitação de Jesus Cristo como único Salvador.⁴¹

1.2.1.2 Ser sal e luz

No Evangelho de Mateus, Jesus afirma:

Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus (Mt 5.13-16).⁴²

“Sal e luz são distintos, penetrantes, transformadores – contrastes com a corrupção e a escuridão. É isso o que os cristãos são chamados a ser”.⁴³ O sal é um elemento que dá sabor e conserva. Diante deste mundo injusto e cheio de maldade, cada cristão precisa cumprir seu chamado de fazer a diferença e transformar a sociedade. Já a luz afasta a escuridão. Em meio

³⁷ STEUERNAGEL, Valdir. **Deus nos chama pelo nome... e para o serviço**. Jun, 2000. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/265/deus-nos-chama-pelo-nome-e-para-o-servico>>. Acesso em: 27 out. 2016.

³⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2068.

³⁹ MILLER, Darrow L. **Vocação**. [s.l.]: Transforma, 2012, p. 153.

⁴⁰ KUNZ, Claiton André. Todos somos chamados. **Proclamar Liberdade**, São Leopoldo, 39, 2014, p. 77.

⁴¹ KUNZ, 2014, p. 77.

⁴² **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1624.

⁴³ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 150.

de tanta maldade, Jesus manda que cada um brilhe diante dos homens; entretanto, a luz não vem do homem, e sim, é a presença de Cristo na vida de cada cristão. Ele é a luz do mundo.⁴⁴

1.2.1.3 Servir a Deus e ao próximo

Wright afirma que “o chamado de todo cristão é servir a Deus como grata resposta ao evangelho”.⁴⁵ O serviço não deve se restringir às esferas eclesiais. Todo ser humano, sem exceção, deve servir ao próximo. É na mutualidade do dar e receber que a sociedade se organiza.⁴⁶ Deus chama a todos para servir, e este chamado apresenta um aspecto comunitário, pois não somente aproxima o homem de Deus, como também todos os cristãos.⁴⁷ Jesus é o maior exemplo quando declarou: “[...] como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28).⁴⁸ É necessário servir ao próximo com a consciência de estar servindo a Deus:⁴⁹ “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens” (Cl 3.23).⁵⁰

Visto que todos têm uma vocação geral, ela não pode ser tratada como obrigação, mas como um grande privilégio e uma honra.⁵¹ Deus chama a todos para a salvação, para ser sal e luz e para servir; contudo, ele também vocaciona individualmente as pessoas para determinadas funções. E este chamado pode-se chamar de vocação específica.⁵²

1.2.2 Vocação específica

Se a vocação geral é igual para todos, a vocação específica tem a ver com detalhes individuais. Ou seja, é diferente para cada pessoa.⁵³ A vocação específica pode ser tanto o chamado daquele cristão que tem uma vocação para o ministério pastoral ou missionário, quanto daquele que se sente vocacionado para qualquer outra profissão.⁵⁴

O vocacionado para o ministério pastoral, ou missionário, é alguém disposto a largar tudo e ir aonde Deus o enviar, para fazer o que Ele mandar, da forma que Ele determinar. Essas pessoas só experimentam a realização e propósito na vida quando fazem aquilo que Deus as mandou.⁵⁵

⁴⁴ QUEIROZ, Edison. Identificando e despertando vocações na igreja local. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 108.

⁴⁵ PALMER, Nate. **Serviço como adoração**: o privilégio de servir na igreja local. Tradução de Flávia Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 14.

⁴⁶ BEZERRA, Durvalina. A espiritualidade da vocação. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 63.

⁴⁷ ALSDORF, Katherine Leary; KELLER, Timothy. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço do reino de Deus. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 64.

⁴⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1650.

⁴⁹ BEZERRA, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 63.

⁵⁰ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2047.

⁵¹ QUEIROZ, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 112.

⁵² LIDÓRIO, Ronaldo. A certeza da vocação. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 121.

⁵³ STOTT, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 41.

⁵⁴ QUEIROZ, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 112.

⁵⁵ QUEIROZ, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 112.

Contudo, nem todos foram chamados por Deus para largar sua profissão e se tornarem missionários de tempo integral. “Se assim fosse, quem sustentaria o missionário?”⁵⁶ O vocacionado, para ser um profissional, é alguém que servirá a Deus e ao próximo com as habilidades e dons específicos.⁵⁷ Infelizmente, nos dias atuais, há uma visão errada em relação ao trabalho. Muitos acreditam que Deus não está interessado no trabalho diário. Para eles, Deus está preocupado apenas com a igreja, com missões, missionários, em levar pessoas para o céu e não se importa com a sociedade e seus espaços.⁵⁸

Pearcey afirma que

A sociedade moderna é caracterizada por uma divisão entre o âmbito sagrado e secular, definindo que o trabalho e os negócios são estritamente seculares. Em consequência disso, os cristãos habitam em dois mundos separados, indo e vindo entre o mundo particular da família (onde a expressão da fé com toda totalidade) e da igreja e o mundo público (onde a expressão religiosa é suprimida com bastante firmeza).⁵⁹

Infelizmente, essa cosmovisão de secular e sagrado não é somente contemporânea. Ao recorrer à história, é possível vê-la presente há muito tempo.⁶⁰

1.2.3 Sagrado x Secular

As Escrituras não dividem a vida em dois reinos. Elas revelam Deus como criador de tudo, governa tudo e é Senhor de toda a vida. Diante disso, como esta cosmovisão dualista entre sagrado e secular começou? A igreja foi influenciada pela cultura e pelas filosofias pregadas pelo gnosticismo nos primeiros séculos. Esta distorção é visível até mesmo na vida de um dos pais da igreja: Eusébio. Com o passar do tempo, essa dualidade transformou a igreja na dicotomia clérigo X leigo. Pessoas que não viviam uma vida religiosa, eram vistas como inferiores. Dependiam da igreja para relacionar-se com Deus e para receber a salvação. Esta visão durou toda a Idade Média.⁶¹

No século XVI, com a Reforma Protestante, foi “reacendido o entendimento bíblico de viver e trabalhar consciente e intencionalmente na presença de Deus”.⁶² Os reformadores Lutero, Calvino e Zwinglio desafiaram a cosmovisão dualista que havia adentrado na igreja. Voltaram-se para a cosmovisão bíblica e holística, reconhecendo que não existe dicotomia entre sagrado e secular.⁶³

Nos anos seguintes, já nos séculos XIX e XX, mesmo sob efeito do Grande Avivamento, outra cosmovisão surgiu: o materialismo secular, baseado na era iluminista. Contudo, esta cosmovisão não fazia uma dualidade do sagrado e secular. Para eles, o sagrado simplesmente não existia. Como resposta ao materialismo, a igreja acabou dividida. Parte da igreja apoiou o

⁵⁶ MARTINS, Yago. **Você não precisa de um chamado missionário**. Joinville: BTBooks, 2015, p. 148.

⁵⁷ CÉSAR, 1997, p. 46.

⁵⁸ WRIGHT, 2012, p. 266.

⁵⁹ PEARCEY, Nancy. Continuar vivendo para Deus após sair do templo aos domingos. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 101-102.

⁶⁰ MILLER, 2012, p. 43.

⁶¹ MILLER, 2012, p. 43-48.

⁶² MILLER, 2012, p. 49.

⁶³ MILLER, 2012, p. 49.

secularismo moderno, enquanto outra parte condenou. Porém, em vez de defender a cosmovisão bíblica, voltaram à antiga cosmovisão grega, que separava os reinos espiritual e físico.⁶⁴

Ao adotarem esse paradigma gnóstico-dualista, os cristãos separaram o sagrado do secular, o domingo da segunda. Muitos se tornaram ‘cristãos domingueiro’ e abandonaram o conceito de ser igreja na segunda-feira levando o reino de Deus à sua vida de trabalho todos os dias da semana, negando funcionalmente que Cristo é soberano sobre toda a vida.⁶⁵

Com este avanço da cosmovisão secular na sociedade moderna, grande parte da igreja, no início do século XX, trocou a cosmovisão bíblica por cosmovisão dualista, que divide o universo entre o reino espiritual e o reino físico. Esta divisão levou o cristão a ver o trabalho de pastores, missionários, teólogos... como um “chamado superior”. Este pensamento dualista levou muitos a querer este “chamado superior” e deixar a arena secular de trabalho. Nesta mentalidade, aqueles que tinham um trabalho cristão de tempo integral eram considerados superiores e somente eles eram espirituais. Já as outras profissões eram consideradas inferiores. Por vezes, quando um cristão não se tornava um missionário, e continuava na comunidade realizando seu trabalho “secular”, levava-o a ter um sentimento de culpa.⁶⁶

A história mostra como a cosmovisão dualista influenciou a igreja de diversas formas. “Aquilo que a Reforma havia eliminado, no conceito e na prática, foi levado adiante e perpetuado por tradições posteriores”.⁶⁷ Hoje este grave problema da dicotomia entre sagrado e secular ainda permanece no pensamento de muitos cristãos.⁶⁸

Nada do que o cristão faz, pode ser considerado secular. Contudo, se o trabalho for motivado apenas pelo sucesso pessoal, então ele é secular, independentemente se for feito para a igreja ou para o mundo corporativo. Mas, se Jesus é o Senhor de todas as áreas da vida do cristão, ela trabalho, estudo, lazer ou qualquer outra,⁶⁹ não há dicotomia entre o secular e sagrado, pois a conduta e missão de cada um transformam tudo em um sagrado ofício, para glória de Deus.⁷⁰

2. EXEMPLOS BÍBLICOS DE VOCAÇÃO

Ao examinar a Palavra de Deus, no Novo Testamento, pode-se encontrar diversos exemplos de pessoas que receberam uma vocação relacionada com o dom que o Espírito Santo deu. E também, personagens no Antigo Testamento, que receberam uma vocação para viver e obedecer a um propósito particular de Deus.⁷¹

⁶⁴ MILLER, 2012, p. 57-59.

⁶⁵ MILLER, 2012, p. 59.

⁶⁶ MILLER, 2012, p. 39-40.

⁶⁷ MILLER, 2012, p. 63.

⁶⁸ MILLER, 2012, p. 63.

⁶⁹ BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 13-14.

⁷⁰ BEZERRA, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 67.

⁷¹ SHEDD, Russel. Uma doutrina bíblica da vocação. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 19-20.

2.1 Abraão

Abraão foi escolhido para uma missão global. Porém, não há mérito nenhum em sua pessoa, foi um gesto da graça de Deus. Ele é conhecido como pai da fé e foi usado por Deus para abençoar as famílias da terra.⁷² Ele recebeu uma vocação que mudou a história da humanidade.⁷³ Não foi por desejo próprio que Ele deixou sua terra, na Mesopotâmia, e partiu com sua família e criados para uma terra desconhecida. Ele saiu em obediência à ordem divina.⁷⁴ Deixou sua terra e sua parentela e viajou sem saber para onde iria, confiou inteiramente em Deus.⁷⁵

Deus prometeu-lhe fazer sua descendência numerosa como as estrelas do céu (Gn 15.5).⁷⁶ Contudo, os anos foram passando e sua esposa não lhe havia dado filhos. Abraão e Sara decidiram “apressar” os planos de Deus. Abraão deitou-se com uma das servas de sua mulher e com ela teve um filho, chamado de Ismael. Porém, não era este o filho da promessa.⁷⁷

Quando Abraão e Sara tinham 99 e 90 anos, respectivamente, Deus reafirmou sua promessa de fazer deles uma descendência numerosa como as estrelas do céu e a areia da praia. Mesmo Sara avançada em idade, ela deu à luz a Isaque. Deus cumpriu a promessa para com eles. Passado algum tempo, Deus pediu que Abraão sacrificasse seu filho Isaque como holocausto. Ele obedeceu à voz de Deus e Deus o recompensou, providenciando um cordeiro.⁷⁸

Shedd destaca que Abraão sempre ouviu e obedeceu à voz do Senhor, até mesmo quando Deus lhe ordenou sacrificar seu filho. Sua vida ilustra o chamado de todos aqueles que são regenerados: obedecer às ordens de Deus.⁷⁹ Abraão e seus descendentes, principalmente Jesus, foram usados como instrumentos nas mãos de Deus.⁸⁰ Abraão viveu 175 anos, mas tinha 75 quando Deus o chamou. Não se sabe a razão dele só ter conhecido sua vocação nesta idade.⁸¹

2.2 José

José foi o mais novo de onze irmãos. Foi o preferido de seu pai Jacó e, por isso, odiado pelos irmãos. Aos 17 anos, foi maltratado e vendido por eles como escravo.⁸² Depois de tudo isso, foi acusado injustamente pela esposa de seu patrão e foi parar na prisão. Porém, Deus estava com ele e, mesmo diante das circunstâncias difíceis, José viu a necessidade daqueles

⁷² FERNANDES, 2014, p. 39-41.

⁷³ SHEDD, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 21.

⁷⁴ CÉSAR, 1997, p. 50.

⁷⁵ SHEDD, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 21.

⁷⁶ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 30.

⁷⁷ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 31.

⁷⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 32-41.

⁷⁹ SHEDD, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 21.

⁸⁰ CÉSAR, 1997, p. 59.

⁸¹ CÉSAR, 1997, p. 84.

⁸² WONG, David W. F. **Vida e carreira**: decisões sábias em cada etapa da vida. Tradução de Patrícia Susana Chamorro. São Paulo: Vida, 2007, p. 129.

que estavam a sua volta. Usado por Deus, interpretou os sonhos de seus companheiros de cela.⁸³ Um deles, que era um oficial, foi libertado e José pediu-lhe que lembrasse dele, mas ele acabou se esquecendo de tudo. Dois anos depois, Faraó do Egito começou a ter alguns sonhos estranhos. Aquele oficial então lembrou-se de José e da sua habilidade de interpretar sonhos.⁸⁴

José foi trazido da prisão e, mais uma vez, Deus usou sua vida e ele interpretou os sonhos do Faraó. José disse-lhe que sete anos de fartura sobreviriam à terra do Egito, mas também sete anos de seca.⁸⁵ Depois aconselhou Faraó a colocar alguém para administrar tudo o que a terra produziria nos anos de fartura, para que nos anos de seca o Egito tivesse como sobreviver. Faraó não viu outro a não ser José para ocupar o cargo. Ele passou de prisioneiro a governador do Egito.⁸⁶

José era um estrangeiro no Egito. Tinha outra cultura, outra língua, outro Deus, outra religião e outros costumes. Além de forasteiro, era um escravo e um ex-presos, solteiro e muito jovem. Apesar de tudo isso, para enfrentar os problemas do poderoso Egito, Faraó fez dele a segunda maior autoridade do país, com total liberdade de ação em qualquer área.⁸⁷

Por todo sofrimento que José havia passado nos últimos treze anos da sua vida, ele poderia ter se revoltado contra Deus pelas injustiças passadas e não ter perdoado seus irmãos. Porém, ele permaneceu fiel ao Senhor durante toda sua vida, perdoou sua família e deixou o passado para trás.⁸⁸

Fassoni coloca que “na vida de José, a *missio Dei* estava em cumprimento. Deus o usou de um modo maravilhoso”,⁸⁹ não apenas de salvar o povo de Israel, mas também para socorrer os outros povos, inclusive o próprio Egito. Ele tinha consciência da sua vocação profissional e sabia que estava servindo a Deus, mas também aos homens.⁹⁰ Seu testemunho foi lindo. Nunca se esqueceu de Deus e nem chamou atenção para si.⁹¹ Mesmo trabalhando para um governante que não conhecia a Deus, José fez tudo da melhor maneira, com toda a sua inteligência e capacidade.⁹² Ele manteve acesa a chama da sua vocação por toda a vida⁹³ e “Deus se serviu dele como um colaborador em sua missão: a de ser glorificado por todos os povos da terra”.⁹⁴

⁸³ SWINDOLL, Charles R. **José: um homem íntegro e indulgente**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 65-106.

⁸⁴ WONG, 2007, p. 129.

⁸⁵ WONG, 2007, p. 129.

⁸⁶ SWINDOLL, 2000, p. 65-106.

⁸⁷ FASSONI, Klênia. José do Egito tinha consciência de sua vocação. **Ultimato**, Viçosa, XLVIII, 355, p. 23-25, jul/ago 2015.

⁸⁸ WONG, 2007, p. 129-131.

⁸⁹ FASSONI, 2015, p. 24.

⁹⁰ CÉSAR, 1997, p. 31.

⁹¹ FASSONI, 2015, p. 25.

⁹² CRAVEIRO, Braulio Filho. Vocação para o mundo dos negócios: como ser espiritual no mundo “secular”. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 175.

⁹³ CÉSAR, Elben M. Lenz. Mantendo acesa a chama da vocação missionária. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 163.

⁹⁴ FASSONI, 2015, p. 25.

2.3 Ester

Ester era judia e descendia dos judeus exilados na Pérsia. Ela vivia, juntamente com seu primo Mardoqueu, na cidadela de Susã. Mardoqueu era um homem piedoso, que criou Ester porque ela tinha perdido seus pais. Ela era uma bela mulher, tanto por dentro como por fora.⁹⁵

Durante o reinado do rei Xerxes, a rainha Vasti foi afastada do seu posto por não atender à ordem do rei. Com isso, os conselheiros do rei sugeriram que ele procurasse uma nova rainha. Foram trazidas ao harém de Susã virgens bonitas para que o rei escolhesse aquela que mais lhe agradasse. Dentre estas moças, estava Ester. Ela não revelou sua identidade judia, pois Mardoqueu havia proibido. Depois do tempo de tratamentos, que todas as moças passavam, chegou a vez de Ester apresentar-se ao rei.⁹⁶

O rei gostou mais de Ester do que de qualquer outra mulher, e ela foi favorecida por ele e ganhou sua aprovação mais do que qualquer das outras virgens. Então ele lhe colocou uma coroa real e tornou-a rainha no lugar de Vasti. E o rei deu um grande banquete, o banquete de Ester, para todos os seus nobres e oficiais. Proclamou feriado em todas as províncias e distribuiu presentes por sua generosidade real. (Ester 2.17-18)⁹⁷

Um tempo depois, o rei elegeu Hamã para uma posição mais alta que todos os demais nobres, ordenando que todos os oficiais do palácio se curvassem diante dele. Mardoqueu, porém, era o único que não se prostrava. Os outros oficiais, percebendo isso, indagaram-no, porém ele somente dizia que era judeu. A notícia chegou até Hamã, o qual ficou muito irado com a atitude de Mardoqueu. “Contudo, sabendo quem era o povo de Mardoqueu, achou que não bastava matá-lo. Em vez disso, Hamã procurou uma forma de exterminar todos os judeus, o povo de Mardoqueu, em todo o império de Xerxes (Ester 3.6)”.⁹⁸ Entretanto, segundo Wiersbe,

o extermínio dos judeus significaria o fim da promessa messiânica para o mundo. Deus prometeu proteger seu povo para que se tornasse o meio pelo qual ele poderia dar ao mundo sua Palavra e seu Filho. Israel deveria trazer a bênção da salvação às nações.⁹⁹

Hamã pediu permissão ao rei para destruir um povo perverso e que não obedecia às ordens do rei. Mesmo sem saber que era o povo judeu, o rei aprovou o que Hamã queria fazer. Uma data foi marcada e anunciada. Mardoqueu, ao saber do que aconteceria, entristeceu-se e vestiu-se de panos de saco, cobriu-se de cinza e foi ao palácio chorando e lamentando. Ester, ao saber do que estava acontecendo com Mardoqueu, mandou que Hatá fosse falar com ele. Mardoqueu contou-lhe tudo o que tinha acontecido. Também deu-lhe uma cópia do decreto, para que mostrasse a Ester, e que insistisse com ela, para que fosse à presença do rei clamar por misericórdia e interceder por seu povo. Depois de saber tudo, Ester respondeu a

⁹⁵ BÍBLIA de Estudo NVI, 2003, p. 796.

⁹⁶ BÍBLIA de Estudo NVI, 2003, p. 795-796.

⁹⁷ BÍBLIA de Estudo NVI, 2003, p. 797-798.

⁹⁸ BÍBLIA de Estudo NVI, 2003, p. 796.

⁹⁹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, v. 2, p. 702.

Mardoqueu, que por decreto ninguém poderia chegar até o rei sem ser chamado.¹⁰⁰ Ele, porém,

mandou dizer-lhe: "Não pense que pelo fato de estar no palácio do rei, de todos os judeus só você escapará, pois, se você ficar calada nesta hora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas você e a família de seu pai morrerão. Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?" (Ester 4.13,14)¹⁰¹

Shedd afirma que, dentre todas as mulheres vocacionadas do Antigo Testamento, nenhuma delas teve um chamado mais perigoso ou oportuno quanto Ester. A oportunidade de salvar a nação de um inimigo como esse, surgiu poucas vezes na história. O risco que Ester passou foi enorme. Mesmo assim, ela aceitou o clamor de Mardoqueu pelo povo e, com submissão ao seu chamado, disse que, se tivesse que morrer, morreria.¹⁰²

Dias depois, Ester vestiu-se com os trajes de rainha e foi para o pátio do palácio, esperando que o rei a chamasse. Ele a chamou perguntando-lhe o qual era o seu pedido. Então, Ester pediu que o rei e Hamã fossem a um jantar. No mesmo dia, Hamã mandou construir uma forca de vinte metros para enforcar Mardoqueu antes do jantar com a rainha, para que ele pudesse se alegrar. Durante a noite, o rei, sem conseguir dormir, começou a ler o livro das Crônicas, onde estava registrado que Mardoqueu havia denunciado os oficiais que haviam conspirado contra o rei. Mardoqueu não havia recebido nenhuma honra ou reconhecimento pelo feito e, assim, o rei chamou Hamã para que honrasse Mardoqueu.¹⁰³

Mesmo com os planos frustrados, Hamã foi para o jantar da rainha Ester. Então, durante o jantar, Ester pediu ao rei que poupasse a sua vida e de todos os judeus. O rei, ao descobrir que havia sido Hamã que estava tramando tudo, ficou furioso. Um dos oficiais falou ao rei sobre a forca que Hamã havia feito, então o rei mandou enforcá-lo. Hamã foi morto na forca que ele mesmo havia preparado para Mardoqueu.¹⁰⁴

Hamã havia morrido, mas o decreto não era irrevogável. Contudo, Ester implorou para que o rei revogasse o decreto. Então, o rei falou para Mardoqueu escrever outro decreto em favor dos judeus e selar com o anel do rei. E assim foi feito.¹⁰⁵

Para César, Ester foi um instrumento de Deus para libertar o povo hebreu, tanto física quanto politicamente. Ela tinha esta vocação designada por Deus e precisava cumprir.¹⁰⁶ Por meio dela, Deus continuou cumprindo as promessas de preservar o povo de Israel.¹⁰⁷

¹⁰⁰ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 798-799.

¹⁰¹ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 799.

¹⁰² SHEDD, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 26.

¹⁰³ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 799-800.

¹⁰⁴ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 801-802.

¹⁰⁵ SWINDOLL, Charles R. **Ester**: uma mulher de sensibilidade e coragem. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 176-177.

¹⁰⁶ CÉSAR, 1997, p. 28.

¹⁰⁷ CÉSAR, 1997, p. 60.

2.4 Dorcas

Pouco se sabe sobre vida da personagem Dorcas. O livro de Atos dos Apóstolos relata sobre sua história em apenas seis versículos. Dorcas vivia em Jope e é chamada de discípula. É nítida a sua devoção a Deus e dedicação às pessoas.¹⁰⁸ Naquela época, os órfãos e viúvas não tinham ajuda do governo e dependiam de amigos e conhecidos.¹⁰⁹ Assim como Jesus entendia a necessidade do amor por essas pessoas, Dorcas também compreendia.¹¹⁰

Um dia, Dorcas ficou doente e faleceu. Seu corpo foi lavado e colocado em um quarto do andar superior. Os discípulos ficaram sabendo que Pedro estava em Lida – que era perto de Jope – então foram chamá-lo dizendo que não demorasse para chegar a Jope. Pedro prontamente atendeu o pedido. Chegando a Jope, foi levado aonde estava o corpo de Dorcas. Também estavam ali todas as viúvas que Dorcas ajudava. Elas se lamentavam e mostravam as roupas que ela havia feito. “Pedro mandou que todos saíssem do quarto; depois, ajoelhou-se e orou. Voltando-se para a mulher morta, disse: “Tabita, levante-se”. Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se (Atos 9.40)”.¹¹¹

A cidade de Jope não foi mais a mesma. Ao saber do milagre da ressurreição de Dorcas, muitos se voltaram para o Senhor e creram. “Sem dúvida, essa generosa discípula, dotada de mãos hábeis e um coração voltado para o Senhor, pegou sua agulha e linha e continuou seu ministério benevolente e compassivo para todos os que viviam ao seu redor”.¹¹²

Coleman coloca que a vocação de Dorcas foi amar os necessitados de maneira madura e verdadeira, sem medir esforços para ajudar.¹¹³ Dorcas não pregou o Evangelho como os discípulos, nem operou milagres. Contudo, foi vocacionada na área social, para servir às viúvas pobres.¹¹⁴ Ela era costureira e fazia roupas para as viúvas, espalhava esperança e a mensagem de Cristo por meio do serviço.¹¹⁵ Ela aproveitou “a rede de contatos naturais que já possuía, sem nenhuma necessidade de deixar a vida comum e passar à condição de obreira de tempo integral”.¹¹⁶

2.5 Paulo

Antes de ser conhecido com Paulo, era chamado de Saulo de Tarso. Era filho de fariseu e foi educado por Gamaliel, um dos mestres supremos da época. Depois, tornou-se um fariseu devoto. Demonstrava tanto zelo à Lei que se tornou um perseguidor declarado. Matava os cristãos em dedicação ao Deus dos céus. A Bíblia relata sua primeira aparição no livro de Atos,

¹⁰⁸ COLEMAN, Willian L. **Doze cristãos intrépidos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1991, p. 102.

¹⁰⁹ WIERSBE, 2006, v. 1, p. 575.

¹¹⁰ COLEMAN, 1991, p. 104

¹¹¹ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1971.

¹¹² SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia da mulher**. São Paulo: 2005. 1741 p.

¹¹³ COLEMAN, 1991, p. 104

¹¹⁴ CÉSAR, 1997, p.32.

¹¹⁵ COLEMAN, 1991, p. 104

¹¹⁶ CLAYTON, Joyce. Vocação ou vocações? – Uma perspectiva histórica. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 73.

durante do apedrejamento de Estêvão.¹¹⁷ Atos 8.1 diz que “Saulo estava ali, consentindo na morte de Estêvão”.¹¹⁸

Na sequência, no capítulo nove de Atos dos Apóstolos, a história de Saulo começa a mudar. Ele estava indo para Damasco, quando subitamente uma luz vinda do céu brilhou tão forte que todos que estavam ao seu redor caíram. Uma voz do céu disse: “Saulo, Saulo, por que me persegue?” E ele respondeu: “Quem és tu, Senhor?” Era Jesus, que lhe disse para ir à cidade que alguém iria dizer a ele o que fazer.¹¹⁹

Wiersbe coloca que,

o líder teve de ser conduzido, pois ficou cego pela visão resplandecente. Seus olhos espirituais foram abertos, mas seus olhos físicos estavam fechados. Deus o humilhara inteiramente, preparando Paulo para ser ministrado por Ananias. Saulo orou e jejuou por três dias, durante os quais começou a reavaliar duas convicções. Havia sido salvo pela graça - não pela Lei - por meio da fé no Cristo vivo. Deus começou a instruir Saulo e a lhe mostrar a relação entre o evangelho da graça de Deus e a religião mosaica tradicional que havia praticado ao longo de toda a vida.¹²⁰

Paulo não se tornou um apóstolo por desejo próprio, mas porque recebeu uma ordem de Deus. Quando ia para Damasco, sua intenção era totalmente contrária, pois ele perseguia a igreja de Cristo. Porém, Deus mudou o rumo da vida de Paulo, transformou-o em um pregador do Evangelho, um dos maiores plantadores de igreja da história. Ele foi escolhido por Deus para levar as boas novas da salvação para os gentios.¹²¹ Provavelmente, sua conversão foi o fato mais marcante, depois do Pentecostes. Nenhum outro homem exerceu tanta influência no Cristianismo como Paulo.¹²²

Mas ainda, ao olhar para a vida de Paulo é possível ver que, além de apóstolo, ele exercia o dom de profecia (Atos 27); de evangelista (At 20.18,27); e o dom de pastorear. Ele servia a Deus em qualquer lugar, pregava tanto a crentes quanto para pagãos, escrevia cartas de encorajamento, exortação e orientações para as igrejas que mais precisavam.¹²³ Para Queiroz, um detalhe importante do chamado de Paulo é que ele sabia que sofreria por causa do nome de Jesus.¹²⁴ Mesmo assim, Paulo dava a Deus toda a glória da sua vocação. Ele compreendia que só Deus é merecedor.¹²⁵ Um dos motivos que levou Paulo a ser um vocacionado bem sucedido em sua missão é porque ele sabia o que Deus queria dele.¹²⁶

¹¹⁷ SWINDOLL, Charles R. **Paulo**: um homem de coragem e graça. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 18-21.

¹¹⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1865.

¹¹⁹ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1868.

¹²⁰ WIERSBE, 2006, v. 1, p. 569.

¹²¹ CÉSAR, 1997, p. 52.

¹²² LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: a atuação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 179.

¹²³ SHEDD, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 32.

¹²⁴ QUEIROZ, In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 116.

¹²⁵ CÉSAR, 1997, p. 96.

¹²⁶ CÉSAR, 1997, p. 124.

3. A VOCAÇÃO PROFISSIONAL A SERVIÇO DO REINO DE DEUS

Mordomo afirma que “Deus chama algumas pessoas para trabalhar para o Reino em atividades profissionais”.¹²⁷ E quando ele chama, ele equipa cada um conforme a sua área de atuação.¹²⁸ Segundo Miller,

As escrituras revelam que, tendo sido chamados ao reino, cada um de nós tem um papel singular em sua manifestação e expansão. Quer Deus nos conceda muitos ou poucos dias, devemos usá-los para descobrir e viver nossa tarefa particular. Quer ele nos conceda “emprego” ou “desemprego”, períodos de saúde ou doença, a tarefa continua. Sendo chamados por Deus, devemos evitar o sentido secular de “trabalho” [...] Como cidadãos do reino de Deus e membros do corpo de Cristo, somos chamados a pôr nossos pés, mãos e imaginação em ação para fazer valer a pena a oração “venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade”. A nossa vida é de paixão e não de apatia, de trabalho e não de facilidades.¹²⁹

O trabalho é ideia de Deus, de origem divina. Nos primeiros dois capítulos do livro de Gênesis, é possível ver Deus como um trabalhador.¹³⁰ “Ele trabalhou na criação do universo e continua trabalhando na preservação e direção de todas as coisas necessárias ao bem-estar de suas criaturas”.¹³¹ Ele está pensando, escolhendo, planejando, executando e avaliando.¹³² E, “o Deus que trabalha criou o homem para o trabalho. O trabalho é ordenança divina antes da entrada do pecado no mundo”,¹³³ como é visto em Gênesis 2.15: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo”.¹³⁴

Por mais que muitos pensem que o trabalho é uma punição, ele já era parte da criação do ser humano e surgiu em um contexto de pura felicidade.¹³⁵ É claro que depois da queda ele é afetado pelo pecado, mas o trabalho em si faz parte da essência humana.¹³⁶ “O trabalho é intrinsecamente bom para nós, bom para o mundo e bom para Deus”.¹³⁷ Quando a noção de sagrado não fica só na esfera física, mas penetra na esfera cotidiana, o trabalho passa a ser visto como sagrado.¹³⁸ “É preciso resgatar a visão do trabalho como vocação divina, a qual

¹²⁷ MORDOMO, In: BRADFORD; HAWTHORNE; WINTER, 2007, p. 772.

¹²⁸ NAZARO, Rudy. **Desenvolvendo habilidades:** posturas cristãs positivas na vida com Deus e nas relações pessoais. Blumenau: Letra Moderna, 2007, p. 21.

¹²⁹ MILLER, 2012, p. 161.

¹³⁰ WRIGHT, 2012, p. 266.

¹³¹ DIMARZIO, Nilson. **A escolha suprema.** Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 1999, p. 9.

¹³² WRIGHT, 2012, p. 266.

¹³³ LOPES, Hernandes Dias. **O trabalho glorifica a Deus, dignifica o homem e abençoa o próximo.** 12 set. 2016. Disponível em: <<http://hernandesdiaslopes.com.br/portal/o-trabalho-glorifica-a-deus-dignifica-o-homem-e-abencoa-o-proximo/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

¹³⁴ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 9.

¹³⁵ BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 11.

¹³⁶ WRIGHT, 2012, p. 267.

¹³⁷ BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 11.

¹³⁸ CUNHA, Mauricio J. S. Crescendo rumo às intenções de Deus: a aplicação da cosmovisão cristã na área do desenvolvimento comunitário. In: BRITO, P. **Jardim da cooperação:** evangelho, redes sociais e economia solidária. Viçosa: Ultimato, 2008, p. 180.

torna o trabalho cheio de significado”.¹³⁹ Este significado não está necessariamente na atividade realizada, mas em como ela é realizada.¹⁴⁰

Para Cunha,

O conceito bíblico de trabalho pode ser melhor compreendido por meio das palavras hebraicas do Antigo Testamento *eved* (o trabalho após a queda, ou seja, o trabalho escravo, forçado) e *avad* (o trabalho antes da queda, o trabalho criativo, sacerdotal). É muito significativo notar que a palavra *avad* é também a palavra utilizada para “adoração”. A aplicação da redenção nesta esfera do trabalho significaria a substituição de *eved* por *avad*, independente do sistema econômico vigente. Isto é, identificar a vocação das pessoas, e dar a elas a oportunidade para exercê-la, como um ato cotidiano de adoração a Deus.¹⁴¹

“É urgente uma retomada da visão cristã do trabalho, que não é apenas a do labor, mas de uma atuação cultural enraizada em Cristo, admitindo-o como Senhor sobre todas as ações criativas do cristão”. Com certeza, essa visão de trabalho pode libertar o ser humano do cativeiro imposto pelas cosmovisão não-cristã e coloca Deus e seus propósitos para o trabalho no centro.¹⁴²

3.1 Os perigos no trabalho

Realizar os propósitos de Deus para o trabalho nem sempre é fácil. Por vezes, é mais fácil cair um pensamento errado em relação ao trabalho do que viver constantemente os propósitos de Deus para ele. Há dois grandes perigos que são celebrados na sociedade atualmente, porém vão contra os princípios e propósitos de Deus acerca do trabalho: a idolatria do trabalho e a indolência no trabalho.¹⁴³

3.1.1 Idolatria do trabalho

Traeger afirma que o coração do homem é extremamente propenso a adorar ídolos. Isso faz parte da própria natureza humana. Contudo, essa compulsão para adorar algo não é ruim. Foi o próprio Deus que criou o ser humano para a adoração. Essa compulsão é muito boa, se aquilo que for adorado for digno de adoração. Deus é o único que merece toda a adoração.¹⁴⁴ Em Lucas 4.8 é possível ver que o próprio Jesus disse que somente Deus deve ser adorado: “Está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto’”.¹⁴⁵

No Antigo Testamento, as pessoas adoravam estátuas. Hoje em dia, não há somente estátuas para adorar. Porém, a tendência de colocar outras coisas no lugar de Deus é

¹³⁹ MOTTA, Fábio. Uma perspectiva contemporânea da vocação: algumas perguntas importantes. In: BEZERRA; EVERY-CLAYTON; NODA, 2014, p. 84.

¹⁴⁰ KIVITZ, Ed René. **Outra espiritualidade: fé, graça e resistência.** São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 239.

¹⁴¹ CUNHA, In: BRITO, 2008, p. 180.

¹⁴² MIGUEL, Igor. **Uma visão cristã do trabalho.** 10 out. 2010. Disponível em <<http://ultimato.com.br/sites/jovem2012/10/10/uma-visao-crista-do-trabalho/>>. Acesso em: 27 out. 2016.

¹⁴³ TRAEGER, Sebastian. **O evangelho no trabalho: servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito.** São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 23-25.

¹⁴⁴ TRAEGER, 2014, p. 31-32.

¹⁴⁵ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1731.

exatamente intensa, como sempre. Para muitas pessoas, o trabalho se tornou uma paixão tão grande que aprisiona o coração e toma o centro da vida. Mesmo muitos não admitindo, o trabalho se tornou um ídolo para essas pessoas.¹⁴⁶

O trabalho é um bem da criação, porém na Bíblia se vê a tentação de transformá-lo em um ídolo quando só se vive para a sua realização. Ou então, ainda mais, quando o trabalho é movido pela ganância.¹⁴⁷ Paulo afirma aos Colossenses 5.8 que a ganância é idolatria: “Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria”.¹⁴⁸

A idolatria do trabalho pode ir além. Há outros motivos para fazer do trabalho um ídolo. Segal diz que o ser humano faz do trabalho um ídolo porque fornece coisas que são tangíveis. O trabalho é algo que o homem consegue controlar e prever. Assim, por gostar de ter o controle nas mãos, investe o seu melhor e toda sua energia no trabalho, deixando o Senhor em segundo plano.¹⁴⁹

Traeger também apresenta algumas maneiras de idolatrar o trabalho. Uma delas é quando o trabalho é a fonte principal de satisfação. Porém, não é o trabalho que deve conceder satisfação suprema e duradoura para o homem; ela só é encontrada completa em Deus. A busca excessiva por excelência é outra maneira de idolatrar o trabalho. É claro que Deus deseja que todos façam seu trabalho bem feito, contudo, quando o desejo é de ser reconhecido, o trabalho pode facilmente tornar-se um ídolo. E ainda, o trabalho se torna um ídolo quando ele é o principal consumidor do tempo, atenção e paixão do ser humano.¹⁵⁰

Todas estas formas de idolatria do trabalho geram frutos amargos. Mesmo que inicialmente sejam

desejos bons e piedosos podem ser rapidamente transformados em ídolos, produzindo avareza, insatisfação e uma competitividade incessante. A idolatria é a clássica propaganda enganosa. Os ídolos prometem gratificação, mas nunca oferecem isso. [...] Nada neste mundo é digno da nossa adoração, exceto Jesus. Tudo o mais, inclusive o trabalho, falhará em trazer satisfação nesta vida e será inútil na vida por vir.¹⁵¹

A boa notícia é que há solução. Embora seja simples, não é fácil. É necessário arrepender-se, reconhecer e rejeitar a idolatria do trabalho para concentrar a mente no trabalho como um ato de adoração a Deus. Ao fazer isso, os propósitos de Deus para o trabalho estarão sendo cumpridos e gerará alegria e satisfação em Deus.¹⁵²

¹⁴⁶ TRAEGER, 2014, p. 32-33.

¹⁴⁷ WRIGHT, 2012, p. 285.

¹⁴⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2047.

¹⁴⁹ SEGAL, Marshall. **Work with your hands, not with your worship**. 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.desiringgod.org/articles/work-with-your-hands-not-with-your-worship>>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁵⁰ TRAEGER, 2014, p. 34-38.

¹⁵¹ TRAEGER, 2014, p. 38.

¹⁵² TRAEGER, 2014, p. 41-42.

3.1.2 Indolência no trabalho

Outro perigo no trabalho é a indolência. Ser indolente não significa necessariamente inatividade ou falta de produtividade. Indolência no trabalho, também, é a falha de não reconhecer os propósitos de Deus para cada cristão no local de trabalho. Alguém pode ser ativo no trabalho, cumprir tarefas, mas simplesmente achar que seu trabalho não é importante, ignorando os propósitos de Deus.¹⁵³

Porém, a indolência, no sentido de inatividade, também deve ser evitada. Ao escrever aos Tessalonicenses, Paulo ensinou que a indolência jamais deve ser uma marca dos cristãos. Ele diz que quem não quer trabalhar, também não coma.¹⁵⁴ A preguiça é pecado, porém o trabalho dignifica o homem.¹⁵⁵ Contudo, Paulo não só adverte sobre a inatividade, como também adverte contra o pecado de apenas “fazer algo”. Ao escrever aos Colossenses ele diz:

Escravos, obedeçam em tudo a seus senhores terrenos, não somente para agradar os homens quando eles estão observando, mas com sinceridade de coração, pelo fato de vocês temerem ao Senhor. Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo (3.22-24).¹⁵⁶

Paulo afirma que o trabalho não deve ser feito sem motivos. É preciso fazê-lo de todo o coração, para o Senhor, sem buscar reconhecimento de homens. Fazer tudo com o entendimento que Deus se preocupa com tudo o que o ser humano faz e que o trabalho é um ato de adoração, de serviço a Deus e tem propósitos.¹⁵⁷ Ao ter esse entendimento, de que Deus se importa com o trabalho, cada ação realizada, seja com clientes, patrão ou colegas de trabalho, torna-se uma oportunidade de demonstrar o amor de Deus para eles. Ou ainda, qualquer atividade realizada é uma chance de servir a Deus.¹⁵⁸

A solução para a indolência do trabalho, assim como a idolatria, é o arrependimento, o reconhecimento da indolência como pecado e a mudança de visão em relação ao trabalho. E assim, comprometer-se com os propósitos que Deus tem para o trabalho.¹⁵⁹

3.2 Os propósitos de Deus para o trabalho

O trabalho não é fonte de satisfação absoluta, nem é um mal necessário. É preciso ver o trabalho como algo para Deus.¹⁶⁰ Para Ele, importa o que o cristão faz, tanto no domingo quanto em todos os dias da semana. Ele não faz distinção de secular e sagrado.¹⁶¹ Deus tem

¹⁵³ TRAEGER, 2014, p. 47-48.

¹⁵⁴ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2063.

¹⁵⁵ LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses**: como se preparar para a segunda vinda de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 221.

¹⁵⁶ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2047.

¹⁵⁷ TRAEGER, 2014, p. 49-50.

¹⁵⁸ TRAEGER, 2014, p. 55.

¹⁵⁹ TRAEGER, 2014, p. 56.

¹⁶⁰ TRAEGER, 2014, p. 79.

¹⁶¹ LUCADO, Max. **O trabalho pode ser a adoração**. 12 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.irmaos.com/2276-o-trabalho-pode-ser-a-adoracao/>>. Acesso em: 27 set. 2016.

alguns propósitos para que o homem realize por meio trabalho: Glorificar a Deus, dignificar o homem, abençoar o próximo e criar pontes para a pregação do evangelho.

3.2.1 Glorificar a Deus

Paulo falou à igreja de Corinto que, seja comendo, bebendo ou fazendo qualquer coisa, tudo deve ser feito para glória de Deus.¹⁶² Isso é inclusive para o trabalho, é preciso fazer com todo o coração. Glorificar a Deus no trabalho também é refletir o caráter dele por meio de atitudes segundo a vontade de Deus e as diretrizes deixadas por Ele em sua Palavra.¹⁶³ Isso é possível quando o cristão contribui para um ambiente de paz e ordem, quando exerce a autoridade de forma positiva ou então exerce o respeito quando se está debaixo de alguma autoridade. E ainda, quando usa seus dons e talentos, sendo criativo para contribuir para realização de um bom trabalho, e também, para o bem de todos.¹⁶⁴

Outra maneira de glorificar a Deus por meio do trabalho, é fazê-lo com excelência. Contudo, a busca por excelência no trabalho deve ser guiada pelo motivo de glorificar a Deus, e não para impressionar o seu superior, porque deseja ganhar um melhor pagamento ou por qualquer outro motivo que não seja esse. Com esta perspectiva, todas as tarefas executadas ganham um novo significado. Não é preciso o reconhecimento de outros, afinal o trabalho é, em primeiro lugar, para Cristo, e ele merece o melhor.¹⁶⁵

Miller cita o maior exemplo de alguém que glorificou a Deus com seu trabalho: Jesus. Ele tinha uma tarefa específica e a conclusão desta trouxe a glória do Pai. Quando o trabalho é feito à maneira de Deus, ele é glorificado. Quando o cristão obedece a Cristo, cumprindo sua vocação, Ele é glorificado. “Deus é glorificado por meio do nosso trabalho – quando andamos no chamado particular que ele colocou em nossas vidas. Ele é glorificado quando terminando uma tarefa para qual ele nos fez, quando atingimos o nosso destino”.¹⁶⁶ O trabalho, portanto, é sempre para a glória de Deus.¹⁶⁷

3.2.2 Sustentar o ser humano

Depois de criar o homem e a mulher e dar-lhes a ordem de cultivar e cuidar do jardim, também lhes deu permissão de usufruir do fruto do trabalho. O sustento deles vinha dos frutos produzidos no Jardim do Éden.¹⁶⁸ E este é outro propósito de Deus para o trabalho. As pessoas necessitam trabalhar para que tenham seu sustento. Contudo, a deturpação do verdadeiro sentido do trabalho fez com que, muitas vezes, a remuneração do trabalho se

¹⁶² **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1968.

¹⁶³ TRAEGER, 2014, p. 84-87.

¹⁶⁴ DUNLOP, Jamie. **Honrar o evangelho no local de trabalho**. Atibaia, 29 mai. 2016. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2016/05/no-trabalho-honrar-o-evangelho-no-local-de-trabalho-jamie-dunlop-fiel-jovens-2016/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁶⁴ TRAEGER, 2014, p. 92.

¹⁶⁵ GREAR, J. D. **Como a graça deveria impactar a execução do seu trabalho**. 22 abr. 2014. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/671/Como_a_Graca_Deve_Impactar_a_Execucao_d_o_seu_Trabalho/>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁶⁶ MILLER, 2012, p. 202-205.

¹⁶⁷ CUNHA, In: BRITO, 2008, p. 180.

¹⁶⁸ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 9.

tornasse o único objetivo. “O trabalho deixou de ser uma fonte de realização pessoal e contribuição social e passou a ser apenas um meio de ganhar dinheiro para gozar a vida”.¹⁶⁹

A Bíblia também relata que para, alguns cristãos de Tessalônica, o trabalho não tinha nenhum sentido. Então, eles decidiram não mais trabalhar. Porém, Paulo lhes advertiu que se alguém não quisesse trabalhar, que, então, também não comesse. Neste contexto, o apóstolo estava apresentando algumas razões pelas quais o cristão deve trabalhar, e seu sustento é uma delas.¹⁷⁰

Para Traeger, o fato de o cristão trabalhar para o seu sustento e de sua família, e ainda ser bênção para outros, glorifica a Deus. Mostra que o contentamento do cristão está fundamentado em Deus, não nas coisas deste mundo.¹⁷¹

3.2.3 Abençoar o próximo

Paulo diz aos Efésios que “o que furtava não furtar mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade. (Ef 4.28)”.¹⁷² Paulo estava apresentando um novo estilo de vida, o qual os cristãos deveriam viver. Ele afirma que é preciso trabalhar, e não somente para seu sustento e de sua família, mas também para dar aos necessitados. Abençoar o próximo é outro propósito de Deus para o trabalho.¹⁷³

Segundo Lopes, não basta ser íntegro em seu trabalho, também é preciso agir com generosidade para com os necessitados. Deus deseja que o cristão seja alguém que tenha o coração aberto para socorrer aqueles que precisam. Para ser um bom mordomo dos bens que Deus concede, é necessário usar esses bens para “a expansão do reino de Deus e para o bem daqueles que foram criados à imagem e semelhança de Deus”.¹⁷⁴

3.2.4 Construir pontes para o evangelho

Em 2 Coríntio 5.20 diz: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus”.¹⁷⁵ Assim, além de trabalhar para glorificar a Deus, para sustentar-se e abençoar o próximo, como embaixadores de Cristo na terra, cada cristão precisa levar a mensagem de reconciliação com o Salvador. Reconciliação esta, que foi providenciada por Deus, por meio da morte de Jesus.¹⁷⁶

¹⁶⁹ KIVITZ, Ed René. **O projeto de Deus, missão e vocação**. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/88b88c_5b0991ed17e14e4084387730623ac41c.pdf>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁷⁰ FREITAS, Jonathan Simões. **Trabalho, fé e desafios**. Set. 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/332/trabalho-fe-e-desafios>>. Acesso em: 27 set. 2016.

¹⁷¹ TRAEGER, 2014, p. 88.

¹⁷² **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 2025.

¹⁷³ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 123.

¹⁷⁴ LOPES, 2016.

¹⁷⁵ **BÍBLIA de Estudo NVI**, 2003, p. 1993.

¹⁷⁶ LOPES, Hernandes Dias. **2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 146.

Segundo Dunlop, ser um embaixador envolve tanto a maneira de viver, como o que é comunicado. Por isso, é necessário viver de maneira digna para poder levar a mensagem de reconciliação.¹⁷⁷ O modo de viver não comunica plenamente as boas novas de Cristo, mas constrói pontes para que o cristão fale do Evangelho.¹⁷⁸ E este é outro propósito de Deus para o trabalho: que o cristão construa pontes para falar de Cristo.

Nachnani apresenta cinco pontos que os cristãos precisam levar em consideração para que possam falar do Evangelho de Cristo. Em primeiro lugar, ele diz ser essencial que os colegas de trabalho saibam que a pessoa é cristã. Isso servirá tanto para ajudar os crentes mais fracos, quanto para ser exemplo para os incrédulos. Em segundo lugar, é preciso trabalhar com excelência. De maneira que “reflita a criatividade, o propósito e a bondade de Deus”, e ainda, que demonstre fidelidade, integridade e submissão sem murmurações. Isto, em si mesmo, não é evangelismo, mas, Deus é glorificado, e ainda, é a construção de uma ponte para o Evangelho. O conteúdo da vida do cristão no trabalho deve reforçar, não enfraquecer, o conteúdo da mensagem do evangelho que ele irá compartilhar.¹⁷⁹

Amar os colegas de trabalho é o terceiro ponto colocado por Nachnani. Ele diz para investir em amizades com não-cristãos no local de trabalho, “não de forma superficial como ‘projetos’, mas amando-os como tendo sido feitos à imagem de Deus”.¹⁸⁰ É necessário gerar confiança. Por último, ele coloca dois pontos extremamente importantes: o preparo e a oração. Para poder falar do evangelho é preciso estar preparado, assim é necessário que o cristão busque estudar a Palavra de Deus. Mas, também, que ele ore por seus colegas de trabalho e para que surjam boas oportunidades para compartilhar o evangelho.¹⁸¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise que muitas pessoas têm em relação à vocação é devida às ideias erradas em relação ao tema. No meio profissional, vocação está ligada apenas à profissão que uma pessoa exerce. Ela possui características e aptidões que direcionam a uma vocação/profissão. Já no meio cristão, vocação é muito mais do que apenas uma profissão a ser desempenhada. É por meio da vocação que todos podem fazer parte da Missio Dei. Deus tem uma missão e chama ao ser humano para participar desta missão. Tanto por meio da vocação geral, que é direcionada a todos, como na vocação específica de cada um, que geralmente é exercida no trabalho. O qual não deve ser visto como algo penoso, afinal foi criado por Deus para o bem do ser humano e não para fazer o homem sofrer. Deus tem seus propósitos para serem

¹⁷⁷ DUNLOP, 2016.

¹⁷⁸ TRAEGER, 2014, p. 92.

¹⁷⁹ NACHNANI, Ashok. **Como evangelizar seus colegas de trabalho?** 21 jul. 2014. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/710/Como_Evangelizar_seus_Colegas_de_Trabalho>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁸⁰ NACHNANI, Ashok. **Como evangelizar seus colegas de trabalho?** 21 jul. 2014. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/710/Como_Evangelizar_seus_Colegas_de_Trabalho>. Acesso em: 31 out. 2016.

¹⁸¹ NACHNANI, 2016.

cumpridos por meio do trabalho. O principal propósito do trabalho deve ser o de glorificar a Deus, assim como qualquer outra ação do ser humano deve ser com este propósito.

REFERÊNCIAS

ALSDORF, Katherine Leary; KELLER, Timothy. **Como integrar fé e trabalho**: nossa profissão a serviço do reino de Deus. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014. 240 p.

BEZERRA, Durvalina; EVERY-CLAYTON, Joyce; NODA, Jorge (orgs). **Chamados por Deus**. João Pessoa: Betel Brasileiro, 2014. 272 p.

BÍBLIA de estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003. 2424 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 690 p.

BRADFORD, K.; HAWTHORNE, S.; WINTER, R. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. Vários Tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2007.

BRITO, P. **Jardim da cooperação**: evangelho, redes sociais e economia solidária. Viçosa: Ultimato, 2008.

CABRIAL, Silvano Silas R. **Missio Dei e o crescimento das igrejas históricas**. Londrina: Descoberta, 2004. 160 p.

CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. **Vocação**: perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. 170 p.

COLEMAN, Willian L. **Doze cristãos intrépidos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1991. 176 p.

DIMARZIO, Nilson. **A escolha suprema**. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 1999. 64 p.

DUNLOP, Jamie. **Honrar o evangelho no local de trabalho**. Atibaia, 29 mai. 2016. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2016/05/no-trabalho-honrar-o-evangelho-no-local-de-trabalho-jamie-dunlop-fiel-jovens-2016/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

FASSONI, Klênia. José do Egito tinha consciência de sua vocação. **Ultimato**, Viçosa, XLVIII, 355, p. 23-25, jul/ago 2015.

FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014. 107 p.

FREITAS, Jonathan Simões. **Trabalho, fé e desafios**. Set. 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/332/trabalho-fe-e-desafios>>. Acesso em: 27 set. 2016.

GREEAR, J. D. **Como a graça deveria impactar a execução do seu trabalho**. 22 abr. 2014. Disponível em:

<http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/671/Como_a_Graca_Deveria_Impactar_a_Execucao_do_seu_Trabalho/>. Acesso em: 31 out. 2016.

KIVITZ, Ed René. **O projeto de Deus, missão e vocação**. Disponível em:

<http://media.wix.com/ugd/88b88c_5b0991ed17e14e4084387730623ac41c.pdf/>. Acesso em: 31 out. 2016.

_____. **Outra espiritualidade: fé, graça e resistência**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. 243 p.

KUNZ, Claiton André. Todos somos chamados. **Proclamar Libertação**, São Leopoldo, 39, p. 75-80, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Belo Horizonte: Betânia, 2014. 48 p.

LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses: como se preparar para a segunda vinda de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2008. 229 p.

_____. **2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades**. São Paulo: Hagnos, 2008. 295 p.

_____. **Atos: a atuação do Espírito Santo na vida da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2012. 509 p.

_____. **Eféios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009. 191 p.

_____. **O trabalho glorifica a Deus, dignifica o homem e abençoa o próximo**. 12 set. 2016. Disponível em: <<http://hernandesdiaslopes.com.br/portal/o-trabalho-glorifica-a-deus-dignifica-o-homem-e-abencoa-o-proximo/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

LUCADO, Max. **O trabalho pode ser a adoração**. 12 nov. 2008. Disponível em:

<<http://www.irmaos.com/2276-o-trabalho-pode-ser-a-adoracao/>>. Acesso em: 27 set. 2016.

MIGUEL, Igor. **Uma visão cristã do trabalho**. 10 out. 2010. Disponível em

<<http://ultimato.com.br/sites/jovem2012/10/10/uma-visao-crista-do-trabalho/>>. Acesso em: 27 out. 2016.

MILLER, Darrow L. **Vocação**. [s.l.]: Transforma, 2012. 397 p.

MARTINS, Yago. **Você não precisa de um chamado missionário**. Joinville: BTBooks, 2015. 218 p.

NASCIMENTO, Analzira. **Para entender a vocação: uma história da missão**. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/88b88c_3710cd9ad5f04bbe8fba6aa7edd0e014.pdf/>. Acesso em: 20 jun. 2016.

NACHNANI, Ashok. **Como evangelizar seus colegas de trabalho?** 21 jul. 2014. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/710/Como_Evangelizar_seus_Colegas_de_Trabalho>. Acesso em: 31 out. 2016.

NAZARO, Rudy. **Desenvolvendo habilidades:** posturas cristãs positivas na vida com Deus e nas relações pessoais. Blumenau: Letra Moderna, 2007. 120 p.

PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009. 136 p.

PALMER, Nate. **Serviço como adoração:** o privilégio de servir na igreja local. Tradução de Flávia Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014. 101 p.

SEGAL, Marshall. **Work with your hands, not with your worship.** 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.desiringgod.org/articles/work-with-your-hands-not-with-your-worship>>. Acesso em: 31 out. 2016.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia da mulher.** São Paulo: 2005. 2154 p.

STEUERNAGEL, Valdir. **Deus nos chama pelo nome... e para o serviço.** Jun, 2000. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/265/deus-nos-chama-pelo-nome-e-para-o-servico>>. Acesso em: 27 out. 2016.

STEVENS, R. Paul. **Os outros seis dias.** Tradução de Neyd Siqueira. Viçosa: Ultimato, 2005. 272 p.

SWINDOLL, Charles R. **Ester:** uma mulher de sensibilidade e coragem. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 244 p.

_____. **José:** um homem íntegro e indulgente. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 275 p.

_____. **Paulo:** um homem de coragem e graça. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2003. 391 p.

TRAEGER, Sebastian. **O evangelho no trabalho:** servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito. São José dos Campos: Fiel, 2014. 216 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo:** Antigo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 1, 2 e 4.

WONG, David W. F. **Vida e carreira:** decisões sábias em cada etapa da vida. Tradução de Patrícia Susana Chamorro. São Paulo: Vida, 2007. 214 p.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus:** desenvolvendo a grande narrativa bíblica. Tradução de Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

_____. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012. 352 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A TEMPORALIDADE DO REINO DE DEUS NA PREGAÇÃO DE JESUS A PARTIR DE ALGUNS PENSADORES DA TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

The temporality of the Kingdom of God in the prediction of Jesus from some
thinkers of the New Testament Theology

Evandro Roque Rojahn¹

RESUMO

O Reino de Deus (*basileia tou theou*) aparece explicitamente na pregação do Batista. Logo após ser batizado e guiado pelo Espírito Santo ao deserto para ser tentado, Jesus começa seu ministério terreno com as mesmas palavras de João acerca do arrependimento e a preparação frente à realidade da irrupção do Reino de Deus. O próprio Salvador Jesus também ordena seus discípulos de forma semelhante, isto é, indo, deveriam pregar o evangelho da chegada do Reino. Percebe-se inicialmente a especial atenção dada pelo Senhor e pelos primeiros discípulos, bem como João Batista, ao conceito de Reino de Deus e sua recorrência na Teologia do Novo Testamento. A partir disto, para entendermos melhor a temática em pauta, analisamos os escritos de diversos autores, dentre os quais destacamos Roy B. Zuck, Joachim Jeremias e George Eldon Ladd, Rudolf Bultmann e Udo Schnelle, trazendo concepções antigas e atuais sobre o mesmo tema. Percebemos com isso que o reino de Deus é uma das mais importantes mensagens públicas de Jesus e dos discípulos. Este conceito de reino se apresenta ora como presente, ora como futuro. Nossa análise recai principalmente sobre os aspectos temporais do Reino.

Palavras Chave: Reino. Domínio. Proclamação. Temporalidade. Novo Testamento.

¹ Evandro Roque é graduado em Artes visuais pelo Centro Universitário Claretiano, graduado em Filosofia também pela mesma instituição, graduando em Letras-Inglês, Bacharel em Teologia pela Filemom Escola Superior de Teologia com Convalidação do Curso pela FABAPAR, Especialista em Teologia do Novo Testamento e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Rio Branco do Sul. E-mail: teologiaevandro@gmail.com

ABSTRACT

The Kingdom of God (basileia tou theou) appears explicitly in the preaching of the Baptist. Soon after being baptized and led by the Holy Spirit into the wilderness to be tempted, Jesus begins his earthly ministry with the same words of John concerning repentance and preparation before the reality of the irruption of the Kingdom of God. The Savior Jesus himself also ordains his disciples in a similar way, that is, by going, they should preach the gospel of the coming of the Kingdom. It is first noticed the special attention given by the Lord and the early disciples, as well as John the Baptist, to the concept of the Kingdom of God and its recurrence in New Testament Theology. From this, to better understand the subject, we analyze the writings of several authors, among which we highlight Roy B. Zuck, Joachim Jeremias and George Eldon Ladd, Rudolf Bultmann and Udo Schnelle. Bringing old and current concepts on the same theme. We realize therefore that the kingdom of God is one of the most important public messages of Jesus and of the disciples. This concept of the kingdom presents itself both as present and as future. Our analysis falls mainly on the temporal aspects of the Kingdom.

Keywords: Kingdom. Dominion. Proclamation. Temporality. New Testament.

INTRODUÇÃO

Um dos temas mais importantes presente na proclamação pública de Jesus é, sem dúvida, “O Reino de Deus”. Nos escritos de Mateus pode-se encontrar com mais frequência a expressão “Reino dos Céus”, possivelmente por uma preferência do autor. Justamente por ser um tema tão frequente e importante, a compreensão deste pode elucidar o objetivo da missão de Jesus, bem como abalzar o Novo Testamento em geral. O Reino é tema presente principalmente nos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Para os seguidores e discípulos do Mestre, certamente é assaz importante a compreensão deste tema, bem como aquilo que o Reino pode significar nos discursos atribuídos ao Senhor Jesus.

No Antigo Testamento não é possível encontrar esta expressão, embora o conceito esteja implícito. Algumas passagens² sugerem que Deus reina, ou seja, Ele é o Dominador de um Reino. Este Reino é compreendido em um sentido espacial e acrônico. O Reino de Deus é apresentado ao leitor, por meio dos evangelhos, como presente e futuro simultaneamente. É algo que já está entre a humanidade e, ao mesmo tempo, algo que ainda virá. Para entender este aspecto de presente e futuro do Reino, faz-se necessário analisar os escritos de alguns estudiosos do Novo Testamento que ao longo da história pesquisaram e comentaram o texto sagrado. O Reino presente é entendido como atemporal. Para se fazer parte deste reino já manifestado, o indivíduo deve se tornar discípulo de Cristo, assim fará seu ingresso no reino presente. O Reino apresentado como escatológico se refere, segundo os dispensacionalistas³,

² Êxodo 15.18; 1 Crônicas 16.31; Salmos 93.1.

³ Muitos teólogos dispensacionalistas chegam à conclusão de que há sete dispensações, isto é: 1. Inocência – que vai até a queda do homem; 2. Consciência – da queda até Noé; 3. Do governo humano – De Noé até Abraão (Gn 8.20-9.27); 4. Promessa – de Abraão até Moisés (Gn 12.1 – Êx 19.8); 5. Da Lei – de Moisés até Cristo (Êx 20.1 - 31.18); 6. Graça- da morte de Cristo até sua segunda vinda (Rm 3.24-26; Ef 3.1-10); 7. Reino – o reino milenial de Cristo na terra (Ap 20.4ss; 2 Sm 7.8-17; Lc 1.31-33). PFEIFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 13 Impressão. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 566.

tanto ao domínio territorial de Deus, quanto escatológico. O reino escatológico é aquele que se revelará ainda em toda a sua plenitude. É no reino escatológico que veremos o Senhor face a face e todas as dúvidas serão esclarecidas. Este reino é eterno.

A Teologia do Novo Testamento abrange os mais diversos temas, cada um com sua complexidade e variedade (como ética, oração, discipulado, etc.). Diversos são os autores que ao longo da história estudaram e analisaram os principais aspectos dessa teologia. Os autores que abalizam esse artigo são nomes que, além de conhecidos e bem conceituados, estão presentes em discussões atuais de Teologia do Novo Testamento. Com base nestes referenciais é possível partir para a análise da contribuição de cada um dentro da perspectiva abordada: os aspectos temporais do Reino apresentados nos Sinóticos.

Os autores analisados neste artigo, são tradicionais em temas neotestamentários (Bultmann⁴ e Jeremias⁵), com experiência de análise na Teologia do Novo Testamento (Ladd⁶) e mais contemporâneos e com análises mais pertinentes aos questionamentos levantados no século XXI (Schnelle⁷ e Zuck⁸). Outros importantes autores ainda foram deixados de fora, pois

⁴ Rudolf Bultmann nasceu em 1884, em Wiefelstede, no norte da Alemanha. Filho de pastor luterano e neto de missionário, iniciou seus estudos em Teologia em 1903. Em 1910, defendeu sua tese de doutorado e, em 1912, habilitou-se ao magistério com um estudo em exegese de Teodoro de Mopsuéstia. Em 1916, recebeu convite para docência extraordinária na disciplina do Novo Testamento, em Breslau. Em 1920, tornou-se professor catedrático e, um ano mais tarde, foi para a Universidade de Marburg, onde lecionou até se aposentar, em 1951. Bultmann faleceu em Marburg no ano de 1976, aos 92 anos de idade (BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 15,16).

⁵ Joachim Jeremias nasceu em 20 de setembro de 1900, na cidade alemã de Dresden. Viveu de 1910 até 1915 na cidade de Jerusalém. Em 1922 e 1923, concluiu seus estudos de Teologia e línguas orientais, com um doutorado em cada disciplina. Em 1925, obteve livre docência na área do Novo Testamento, em Leipzig. A partir de 1935, até sua aposentadoria, em 1968, exerceu a atividade de professor de teologia na Universidade Georgia Augusta, de Göttingen. Faleceu em 6 de setembro 1979, na cidade de Tübingen.

⁶ George Eldon Ladd (1911-1982) era um estudioso e professor de exegese do Novo Testamento e Teologia no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia. Obra magistral de Ladd, Teologia do Novo Testamento tem servido milhares de alunos do seminário desde a sua publicação, em 1974. Ladd converteu-se ao cristianismo em 1929, depois de ouvir um jovem graduado da faculdade de Gordon pregar em sua igreja. Em 1933, foi ordenado na Convenção Batista do Norte (agora Batista Americana) e pastoreou três congregações. Quando pastoreava na última congregação, Ladd ensinou no Gordon College. Mais tarde, recebeu Bacharelado em Teologia no Gordon College (1933) e participou de Gordon Divinity School. Ladd, em seguida, passou dois anos na Universidade de Boston, antes de se matricular na Universidade de Harvard, onde foi supervisionado por Henry J. Cadbury e recebeu seu PhD em bíblica e patrística grega, em 1949. Juntou-se à faculdade de Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, em 1950, onde permaneceu durante os últimos trinta anos de sua carreira acadêmica. Ladd teve um derrame em 1980, e morreu em 1982. Ladd "foi sem dúvida o mais importante estudioso do Novo Testamento sobre o ressurgimento evangélico do pós-guerra na América do Norte.

⁷ Udo Schnelle nasceu em 8 de setembro de 1952, em Nauen. É professor do Novo Testamento na Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Halle-Wittenberg e conhecido como o autor de várias obras teológicas. Ele estudou (1974-1979) na Universidade de Göttingen, onde recebeu seu doutorado, em 1981, e habilitado em 1985. De 1986 a 1992, foi professor de Novo Testamento na Universidade de Erlangen-Nuremberg. Desde 1992, ele ensina em Halle. De 2014 a 2015, ele era o presidente do Novo Testamento Research Society Studiorum Novi Testamenti Societas (SNTS).

⁸ Roy nasceu 20 de janeiro de 1932, e cresceu em Phoenix, Arizona. Dr. Zuck serviu na faculdade e lecionou em Dallas Theological Seminary, por vinte e três anos, de 1973 a 1996. Logo após o início da sua carreira docente em DTS, ele foi convidado para ser o editor associado da revista teológica do seminário, Bibliotheca Sacra. Ele tornou-se seu editor sênior em 1986 e serviu nessa função até sua morte. Roy B. Zuck, professor emérito

se trata de uma área da teologia demasiadamente grande para encaixar todos os especialistas dentro do espaço de um artigo. Esses autores também foram escolhidos por apresentarem a maior quantidade de material e comentários bem articulados sobre este importante tema que é o Reino de Deus.

1. O CONCEITO DE REINO OU REINADO DE DEUS

Para elucidar o uso do conceito de Reino (ou Reinado) de Deus serão utilizadas as ideias e interpretações de Roy B. Zuck, que apresenta uma definição menos abstrata que outros autores, como Schnelle⁹ e Ladd¹⁰, que tentam explicar o conceito ligando-o à pessoa de João Batista, como se ele fosse o elo entre o Antigo e o Novo Testamento, ou ainda que alguns teólogos de diferentes momentos históricos e de concepções teológicas diferenciadas. Joachim Jeremias não define o conceito, apenas indica que a literatura a respeito do termo é rara e escassa. Ele cita os poucos exemplos onde aparece por raras vezes o termo “Reino” de Deus, como, por exemplo, nos livros apócrifos e pseudoepigráficos, Targum, Fílon, Qaddish e em Josefo.¹¹ Para Zuck, o “Reino” indica um território dominado por um rei incluindo as pessoas que estão subjugadas.

O Reino também pode ser mais dinâmico, indicando apenas autoridade. A ideia de autoridade ligada ao “Reino” abrange os dois testamentos. Esse conceito de Reino como autoridade é mais dinâmico, pois abrange os domínios espiritual e territorial. A palavra “domínio” pode ilustrar esses sentidos, já que pode ser usada tanto para o exercício da autoridade como para a região, ou reino, em que se exerce essa autoridade.¹² É necessário destacar que, embora Zuck utilize a expressão “Reino”, ele entende que “Domínio” seria uma expressão mais adequada, pois indica a soberania divina absoluta e também sugere a presença do Reino nas relações sociais. Reino indica, primeiramente, um domínio territorial, enquanto “Domínio” não está restrito a isso, mas alcança também o reino espiritual, abrangendo tudo que existe nos domínios espiritual e físico.

Com relação à expressão preferida pelo autor do evangelho segundo Mateus, Reino dos Céus, ao invés de Reino de Deus, Zuck apresenta um ponto de vista mais sucinto. Segundo ele, os judeus usavam a voz passiva para descrever atos de Deus como uma forma respeitosa de descrever o que Ele fez, sem mencionar o seu nome. Assim, também a substituição do nome de Deus por “céus”, a moradia do Senhor, é outra forma desse tratamento respeitoso, sendo que essa expressão ocorre apenas no Evangelho de Mateus.¹³ O autor do primeiro evangelho demonstra que utiliza “Reino dos Céus” preferencialmente quando, deliberadamente, utiliza

sênior da exposição da Bíblia no Seminário Teológico de Dallas e editor da Bibliotheca Sacra, foi estar com o Senhor, na noite de sábado, 16 de março de 2013.

⁹ SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 111.

¹⁰ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 83.

¹¹ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 73.

¹² ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 36,37.

¹³ ZUCK, 2010, p. 37,38.

por algumas vezes a expressão “Reino de Deus” (12.28, 19.24, 21.31,43). Portanto, fica evidente que a diferença de nomenclatura é mais uma questão de “preferência que qualquer outra coisa”.¹⁴ A partir disto, é possível concluir que o uso da expressão “Reino dos Céus” é basicamente preferencial – e não envolve outras questões.

Outro ponto que pode corroborar a ideia de escolha preferencial de Mateus por “Reino dos Céus”, ao invés de unicamente “Reino de Deus”, é a quantidade de citações de ambas as expressões. Reino dos Céus aparece 25 vezes em Mateus. Reino de Deus aparece cinco vezes nesse evangelho (Mt 6.33; 12.28; 19.24; 21.31,43), e é largamente utilizada nos demais sinóticos (11 vezes em Marcos e 25 vezes em Lucas) e raras vezes em João (3 vezes, sendo que uma em 18.36 é indireta; “meu Reino”).¹⁵ A expressão “Reino dos Céus” é exclusiva de Mateus e não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento.

2. A IRRUPÇÃO DO REINO NA PROCLAMAÇÃO DE JESUS

Como já foi citado anteriormente, o grande número de vezes que a expressão “Reino” aparece, seja dita por Jesus, seja por João ou outro personagem/escritor, comprova que o tema central da proclamação pública de Jesus é o Reino ou Reinado de Deus. Essa ideia é defendida por Bultmann em sua Teologia do Novo Testamento, onde afirma que o conceito predominante da pregação de Jesus é o Reino de Deus.¹⁶ Sendo que a expressão preferida de Bultmann é “Reinado de Deus”, ao invés de “Reino de Deus”; talvez a escolha de Bultmann seja pela ideia de um Reino pleno onde Deus governa pessoalmente, pelo menos é isso que suas palavras sugerem. Para ele, o Reinado de Deus é um conceito escatológico (algo que foi profetizado que ocorrerá somente no futuro, nos últimos dias) e, baseado na literatura apocalíptica, afirma que esse conceito se refere a “uma esperança que não espera a salvação de uma maravilhosa mudança das condições históricas, políticas e sociais, e, sim, de uma catástrofe cósmica que põe termo a todas as condições do atual curso do mundo”.¹⁷ Essa sugestão de Bultmann sobre a abrangência do Reino e a forma como ele irromperá entra em choque com outras afirmativas suas. Bultmann ignora as afirmativas de Jesus sobre a presença imediata do Reino, por isso entende (equivocadamente?) que Jesus, de certa forma, enganou-se quando o Reino não irrompe como anunciado.¹⁸ Para Rudolf Bultmann, é sob esse conceito que os três primeiros evangelistas resumem sua mensagem.

Joachim Jeremias também escreve no mesmo sentido (escatológico) de Bultmann, mas utiliza um argumento histórico e paralelo aos escritos canônicos, os escritos do judaísmo. Segundo ele, o retorno do Espírito de Santo (após o período de silêncio) se manifesta não só em atos, mas também em palavras de autoridade. Segundo estas palavras de autoridade é que se pode constatar que o tema central da proclamação pública de Jesus foi o Reinado de Deus. A quantidade de vezes que estas formulações aparecem nos sinóticos (e também em

¹⁴ ZUCK, 2010, p. 37,38.

¹⁵ Pesquisa por palavra-chave no Software ABSVD.

¹⁶ BULTMANN, 2008, p. 41.

¹⁷ BULTMANN, 2008, p. 41.

¹⁸ BULTMANN, 2008, p. 60.

João, ainda que em quantidade reduzida) representa a importância do tema central da pregação de Jesus. Esse fato está em forte contraste com o número relativamente pequeno de exemplos no judaísmo contemporâneo e no resto do Novo Testamento.¹⁹

Segundo esses teólogos, o Reino de Deus é o tema central da proclamação pública de Jesus e também o eixo central dos escritos neotestamentários. Para Bultmann e Jeremias, o Reino não veio²⁰ como previsto por Jesus. Bultmann entende o discurso de Jesus como apenas um anúncio (que ele denomina Pregação Escatológica²¹) e não como fato concreto. Jeremias parte de um ponto oposto²² a Bultmann, mas acaba na mesma conclusão: o Reino anunciado e aguardado como uma catástrofe não aconteceu.²³ George Eldon Ladd parte da análise do Reino como tema central e conclui que este Domínio veio na pessoa²⁴ e mensagem de Jesus e que está entre a humanidade, mas não de forma absoluta, plena e irresistível²⁵, antes coexiste com a realidade histórica, de forma discreta e singela.

3. A DUALIDADE TEMPORAL DO REINO DE DEUS

No que tange à dualidade temporal do Reino, os autores selecionados são, em sua maioria, unânimes, concordam que a característica principal da pregação de Jesus acerca do Reino é ser este ao mesmo tempo presente e futuro. George Eldon Ladd, após citar algumas peculiaridades das perspectivas teológicas de alguns estudiosos, conclui que: “se há algum tipo de consenso entre a maioria dos estudiosos, este é que o Reino é, em sentido verdadeiro, tanto presente quanto futuro”.²⁶ Essa dualidade temporal pode ser observada em diversas passagens, como por exemplo: Marcos 1.15, onde se pode ler na NVI: “o tempo é chegado, dizia ele. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas”²⁷, e Lucas 17.20,21: “certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: Aqui está ele, ou Lá está; porque o Reino de Deus está entre vocês”.²⁸

3.1 O Reino Presente

Em Mateus 12.28 se pode ler: “mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus”.²⁹ O termo grego traduzido para o português

¹⁹ JEREMIAS, 2008, p. 160.

²⁰ BULTMANN, 2008, p. 61.

²¹ BULTMANN, 2008, p. 40.

²² A Teologia do Novo Testamento de Joachim Jeremias parte na análise de Jesus de Nazaré como pessoa histórica, algo que Bultmann desprezava por completo.

²³ JEREMIAS, 2008, p. 202.

²⁴ BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007, p. 18.

²⁵ LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: Estudos Bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008, p. 57.

²⁶ LADD, 2003, p. 85.

²⁷ NVI. **Bíblia do Ministro Com Concordância**: Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007, p. 797.

²⁸ Nova Versão Internacional, 2007, p. 837.

²⁹ ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2013, p. 1110.

como “chegado” é φθάνω (*phthano*), que significa vir antes, preceder, antecipar³⁰, ou literalmente “chegou”.³¹ Jesus relaciona os sinais produzidos por ele mesmo como sendo evidências de que o Reino de Deus chegou. Assim Satanás está sendo destronado³² e o Reino de Deus chegou na pessoa de Cristo e expande-se cada vez mais.

Com relação ao aspecto preliminar do Reino de Deus como presente podemos ler em Lucas 17.20,21: “Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Pois o reino de Deus está dentro de vós”. A preposição εντος (*entos*³³) significa tanto “dentro de vocês” como “entre vocês”. Tendo essas duas possibilidades de interpretação, opta-se frequentemente pelo significado que mais se adequa ao contexto. Nesse caso, “entre vocês”³⁴ é uma tradução melhor, pois Jesus dirige essas palavras aos fariseus, que eram legalistas exibidos e destituídos de misericórdia, pois também o rejeitaram. Nesse caso, a NVI (Nova Versão Internacional) está muito bem traduzida - “porque o Reino de Deus está entre vocês”.

Com relação à presença do Reino entre os homens (entre vocês em Lucas 17.20³⁵), também vale destacar que, em momento algum do seu ministério terreno, Jesus afirmou ou deu a entender que o Reino se tratava de uma experiência apenas interior³⁶, antes, a presença do Reino estava relacionada a sinais e experiências externas (Lc 11.20).³⁷

Um traço singular no anúncio de Jesus consiste no fato de que, para ele, o Reino de Deus, que vem e que está próximo, já está presente entre nós e dentro de nós³⁸. No entanto, não se refere à presença geral de Deus (como no templo ou no tabernáculo), mas à presença já antecipada do futuro.³⁹ A presença geral de Deus, à qual se refere Schnelle, é aquela que ocorreu no templo,⁴⁰ enquanto que a presença antecipada do futuro significa que já podemos perceber os sinais de Deus aqui e agora.⁴¹

Schnelle, com relação ao Reino descrito nas bem-aventuranças, explica que “a pessoa corporalmente pobre, sem direitos, oprimida e impedida de determinar sua vida autonomamente pode somente esperar por misericórdia e ajuda de fora e que nessa situação de dependência incondicional, Jesus concede a participação no Reino de Deus”.⁴² Essa é a

³⁰ VINE, William Edwy; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 465.

³¹ Novo Testamento Interlinear Grego-Português, 2004, p. 47.

³² Lucas 10.18 (ARA).

³³ Novo Testamento Interlinear Grego-Português, 2004, p. 300.

³⁴ VINE; et.al., 2012, p. 544.

³⁵ SAYÃO, Luiz. **Bíblia de Estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 935.

³⁶ CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1516.

³⁷ ALMEIDA, Antônio. et al. **Bíblia Sagrada Harpa Sagrada**. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1023.

³⁸ “Porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17.21, NVI).

³⁹ SCHNELLE, 2010, p. 114,115.

⁴⁰ 2 Crônicas 5.14: “E os sacerdotes não podiam permanecer em pé, para ministrar, por causa da nuvem; porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus”.

⁴¹ Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus. Lucas 11.20

⁴² SCHNELLE, 2010, p. 115.

perspectiva do Reino presente. Aqueles que são excluídos, injustiçados e oprimidos pela sociedade, esses são recebidos no reino de Deus presente porque Ele não faz acepção de pessoas (Dt 10.17; At 10.34; Rm 2.11; Ef 6.9). O Reino presente está associado à pessoa de Jesus. Os que vem a ele são bem recebidos e passam a fazer parte do Reino presente. Schnelle também compreende que tanto o combate ao mal como as curas realizadas por Jesus testemunham a irrupção presente do reino de Deus. Isto é afirmado pelo autor a partir da análise de Lucas 11.20: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus”.

Frank Thielman também partilha da mesma ideia com relação ao Reino presente. A partir de citações de Isaías em Marcos, ele afirma, em sua Teologia do Novo Testamento, que “a proclamação de Jesus sobre o Reino de Deus e o estabelecimento desse Reino mediante exorcismos, curas, e a alimentação de multidões eram sinais de que Deus, por meio dele (Jesus), visitara seu povo para efetuar a restauração”.⁴³

Schnelle ainda menciona outras passagens para elucidar a ideia da presença do Reino de Deus. Dentre as tais, vale citar a mais relevante, Lucas 17.20,21: “Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Pois o reino de Deus está dentro de vós”. Schnelle ainda apresenta variações que ampliam a possibilidade de interpretação desse texto. Por exemplo: “O reino de Deus está interiormente em vocês”, “no meio de vocês”, o domínio de Deus está “à disposição de vocês” ou “dentro do âmbito das experiências de vocês”⁴⁴ ou também “ao seu alcance”.⁴⁵

Bultmann também partilha a mesma ideia de Schnelle, ainda que de forma assaz reduzida. Ele entende que o reino de Deus irrompe no presente através do “aparecimento, atuação e pregação de Jesus”. Segundo Bultmann, Jesus “considera que o reino de Deus já irrompe no fato de Ele começar a expulsar, pelo poder de Deus que o preenche, os demônios, aos quais atribui, como acontecia em seu tempo, muitas doenças”. E na sequência cita a passagem de Lucas 11.20, e conclui que: “se ele (Jesus) arranca uma presa de Satã, é porque veio alguém mais forte que Satã”.⁴⁶

É preciso destacar que Bultmann concebia a ideia de reino de Deus apenas como escatológico e não presente, pois, segundo ele, “tudo isso não significa que o reino de Deus já é presente; significa, porém, que ele está chegando”.⁴⁷ Por isso, vale esclarecer que, como acima citado, Bultmann entende o reino presente apenas de forma reduzida, ou seja, as passagens citadas por ele, apesar de serem as mesmas que os estudiosos mais atuais entendem como se referindo ao reino na temporalidade presente, Bultmann as compreende como sendo apenas apontamentos de um Reino que não veio, mas que virá. A forma reduzida do Reino na concepção bultmaniana é que o Reino somente virá; ele não está entre os

⁴³ THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética; Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007, p. 80,81.

⁴⁴ SCHNELLE, 2010, p. 117.

⁴⁵ CARSON, 2009, p. 1516.

⁴⁶ BULTMANN, 2008, p. 44.

⁴⁷ BULTMANN, 2008, p. 44.

homens, ou seja, não veio, não irrompeu nos moldes preditos por Jesus. As passagens bíblicas que declaram o Reino presente, na verdade, (segundo Bultmann) são apenas anúncios que apontam para o futuro.

Roy B. Zuck expõe o mesmo tema através de uma abordagem diferente. Para ele, o Reino de Deus está presente na pessoa e autoridade de Jesus. O autor cita (para embasar essa colocação) o Salmo 145.12 – “para que façam saber aos filhos dos homens os teus feitos poderosos e a glória do esplendor do teu reino”. Ele conclui que “no ministério de Jesus, o poder do Espírito dá expressão à autoridade de Deus e a demonstra”. Provavelmente, Zuck está se referindo aos milagres e sinais que Jesus evidencia em seu ministério.⁴⁸ Assim sendo, os membros do Reino são aqueles que se submetem ao governo de Deus – são servos, que realizam a vontade dEle.⁴⁹ Pelo mesmo viés, o autor acrescenta que João Batista tinha, como missão, preparar o coração do público para responder à mensagem e à pessoa de Jesus. Por isso, o arrependimento exigido por João é altamente necessário aos receptores da mensagem de Jesus.⁵⁰ O Reino de Deus é presente pela pessoa e anúncio de Jesus. Todos quantos almejam ser recebidos nesse Reino devem prontamente arrepender-se dos pecados, pois esta é a condição primária e favorável ao anúncio do Senhor.

3.2 O Reino Futuro

No sentido de futuro, o Reino de Deus pode ser entendido de forma escatológica, ou seja, a vinda do Reino em que Deus exercerá plenamente seu governo. “É importante notar, entretanto, que o Reino pode designar tanto a manifestação ou a vinda do governo de Deus como também o Reino escatológico no qual o governo de Deus é desfrutado”.⁵¹ Com relação à perspectiva futura do Reino de Deus, Bultmann entende o Reinado de Deus, como um conceito escatológico,⁵² ou seja, algo que - na forma descrita nos discursos atribuídos a Jesus - ocorrerá apenas no futuro, possivelmente por ocasião da segunda vinda. Bultmann ainda acrescenta que esse Reinado de Deus, que finalizará o atual curso do mundo,⁵³ ou seja, algo que irromperá de forma extremamente abrupta, surpreenderá a muitos. Esse mesmo Reinado destruirá tudo que é contrário a Deus, tudo que é satânico, tudo que agora faz o mundo gemer, e, pondo desse modo um fim a todo sofrimento e dor, estabelece a salvação plena para o povo de Deus, que espera pelo cumprimento das promessas proféticas”.⁵⁴ Para Bultmann, o Reino assim descrito por Jesus não veio⁵⁵, ou não aconteceu e levanta uma curiosa questão: “Ante o fato de não se ter cumprido o anúncio da irrupção do Reino de Deus,

⁴⁸ Lucas 11.20.

⁴⁹ ZUCK, 2010, p. 39.

⁵⁰ ZUCK, 2010, p. 39.

⁵¹ LADD, 2003, p. 91.

⁵² BULTMANN, 2008, p. 41.

⁵³ BULTMANN, 2008, p. 41.

⁵⁴ BULTMANN, 2008, p. 41.

⁵⁵ BULTMANN, 2008, p. 61.

e que, portanto, a expectativa de Jesus do fim próximo deste mundo velho se revelou como um engano, surge a pergunta se sua concepção de Deus não foi uma fantasia”.⁵⁶

Udo Schnelle cita algumas passagens do Novo Testamento⁵⁷ e explica o componente futuro da dualidade temporal do Reino da seguinte forma: 1) O segundo pedido do Pai Nosso, “Venha o teu Reino”, visa à manifestação da santidade, da glória e do domínio de Deus, que se revelará no futuro. 2) “Muitos virão do oriente e do ocidente, do Norte e do Sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus”. Para Schnelle, essa afirmativa de Jesus soa como uma grave ameaça a Israel, pois aqueles que eram eleitos não podem mais contar sua ascendência como um tipo de graça especial de Deus. João Batista também segue na mesma direção, quando fala aos judeus na passagem de Mateus 3.9: “não presumais de vós mesmos, dizendo: temos por pai a Abraão...”. Isso significa basicamente que descender de Abraão não é suficiente⁵⁸, antes é necessário se arrepender dos pecados.

A passagem de Marcos 14.25, “Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beber, novo, no reino de Deus”. Schnelle mostra que “Jesus tinha provavelmente a esperança de que o Reino de Deus irrompesse tão prontamente que ele seria poupado do caminho que passava pela morte”.⁵⁹ Essa afirmativa de Schnelle parece um tanto equivocada, semelhante à posição de Bultmann, pois Jesus, como o Messias prometido, tinha consciência de sua natureza divina, bem como conhecia as profecias acerca da própria morte. Prova disso são as palavras dele mesmo aos discípulos no caminho de Emaús. Como se pode observar: “E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! [Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas] e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, e por todos os profetas, [explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras]”.⁶⁰ Jesus tinha uma clara consciência sobre sua pessoa. As alegações que Jesus fez sobre sua própria pessoa não teriam sentido, se Ele não tivesse sobre si mesmo a clara noção de divindade.

Tudo indica que Ele sabia que era Deus, pois ele mesmo afirma: 1) Que os anjos eram seus, e os poderia enviar (Mt 13.41). Em Lucas 12.8,9 e 15.10, os anjos são chamados anjos de Deus. 2) Que o reino dos Céus (Mt 13.24,31,33,44,45,47), que é o reino de Deus (Lc 17.20), é também o seu reino (Mt 13.41). 3) Que julgará todos os homens, separando os bons dos maus (Mt 25.31-46; Lc 13.23-30). No AT, o Deus Todo-Poderoso é o único chamado de Juiz de toda a terra (Gn 18.25) e o único com prerrogativa de julgar as nações (Jz 11.27; Sl 75.7; Sl 82.8; Ec 11.9 e 12.4). Só Deus pode exercer tal autoridade e poder. 4) Ter autoridade pessoal no mesmo nível que a autoridade do AT (Mt 5.21,22,27,28). Nessas passagens, Jesus deixa claro ter autoridade para estabelecer novos ensinamentos, no mesmo nível da autoridade que era dispensada ao ensino de Moisés e dos profetas das Escrituras. 5) Ter poder para vivificar e ressuscitar os mortos (Jo 5.21). Somente Deus tem poder para vivificar os mortos. Jesus não

⁵⁶ BULTMANN, 2008, p. 61.

⁵⁷ Lucas 11.2 que Schnelle chama de fonte Q se referindo ao material exclusivo de Lucas. Também Lucas 13.29,30.

⁵⁸ CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 133.

⁵⁹ SCHNELLE, 2010, p. 112,113.

⁶⁰ Lucas 24.25-27, grifo meu.

só alegou isso, como também ressuscitou diversas pessoas (Lc 7.11-15; Mt 9.18,19,23-26; Jo 11.17-44). Mas dos milagres do Novo Testamento, sem dúvida, a sua ressurreição foi o maior sinal (Mt 12.39). Deus é o autor da ressurreição de Jesus (At 2.24,32; 3.15; 4.10,5,30; 10.40,41; 13.30,37), e Jesus deixa clara sua consciência divina quando em seu ministério terreno ressuscitou algumas pessoas, sendo a ressurreição de Lázaro a mais evidente. Sobre ela, D. A. Carson faz uma referência a um comentário rabínico que atesta a crença recorrente da época em que se acreditava que a alma paira sobre o corpo da pessoa falecida por três dias tentando reentrar nele, mas, logo que percebe a mudança na aparência decorrente da decomposição, ela parte.⁶¹ Após os três dias, nenhum profeta ou homem comum, por mais piedoso que fosse, poderia fazer alguma coisa, a partir daí, somente Deus era poderoso suficientemente para fazer algo a respeito. Pode-se perceber também que Jesus faz questão de aguardar que os três dias se cumprissem, pois a distância entre ele e Lázaro era de apenas “três quilômetros de Jerusalém”.⁶²

O próprio Jesus discursa sobre sua passagem pelo sofrimento e morte, como bem se pode conferir: “Desde aquele momento Jesus começou a explicar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse para Jerusalém e sofresse muitas coisas nas mãos dos líderes religiosos, dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei, e fosse morto e ressuscitasse no terceiro dia”.⁶³ Jesus está ciente de que sua missão contém um final que envolve seu sacrifício pela humanidade. Parece improvável que Jesus, em algum momento, tenha hesitado quanto à sua missão como alguém receoso do futuro e que, com medo, tenta fugir.

George Eldon Ladd faz a mesma distinção que Joachim Jeremias sobre a vinda do Reino de Deus como encerrando um tempo e inaugurando outro. Para Ladd, “é importante notar, entretanto, que Reino pode designar tanto a manifestação do governo de Deus como o Reino escatológico no qual o governo de Deus é desfrutado”.⁶⁴ Ele também assimila a expressão “Reino de Deus” ao “Século Futuro”, também mencionado por Jesus.⁶⁵

Uma concepção um tanto curiosa é a apresentação e explicação do Reino de Deus no Dicionário Bíblico Wycliffe. Segundo os autores:

(...) as parábolas do Reino (Mt 13) foram dadas para revelar o mistério de que o reino deve primeiro desenvolver-se espiritualmente e discretamente na Era do evangelho. (...) A última pergunta feita pelos discípulos do Senhor dizia respeito ao aspecto futuro do reino. (...) Uma vez que Ele não disse nada antes e nem nesta última reunião que mudasse seu conceito de convicção no que diz respeito ao reino milenial do Filho de Davi sobre o seu povo,

⁶¹ CARSON, 2007, p. 411.

⁶² Os textos tradicionais de Almeida como as versões Almeida Corrigida Fiel e Almeida Revista e Corrigida afirmam que a distância era de quinze estádios. A NVI traduz literalmente “três quilômetros”. Um estádio equivale a 185 metros; quinze estádios são, portanto, três quilômetros. Essa distância pode ser percorrida em menos de um dia (CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Viviam do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2007, p. 411).

⁶³ Mateus 16.21 (ARC).

⁶⁴ LADD, 2003, p. 91.

⁶⁵ Mateus 12.32 (ARC).

evidentemente eles estavam corretos sobre a natureza do reino, mesmo que ainda estivessem confusos sobre quando ele viria.⁶⁶

Essa nota de Pfeifer sobre o Reino de Deus é interessante, pois, de alguma forma, ele aponta que o aspecto futuro do Reino diz respeito ao Milênio. Ora, em momento algum Jesus assimila o aspecto futuro pleno do Reino com o “Milênio”.⁶⁷ Quando os autores – Schnelle e Bultmann – abordam o aspecto futuro do Reino, entendem-no como escatológico, isto é, o Domínio pleno e absoluto de Deus que aniquilará as ações satânicas. Isso é compreendido melhor como o momento em que o Reino será absolutamente estabelecido e não como apenas um espaço de tempo com paz e bênçãos especiais.⁶⁸ Bultmann aponta para o Reino como escatológico, referindo-se ao Reino plena e absolutamente estabelecido.

Ladd afirma que a chegada do Reino de Deus significará a destruição total e final do diabo e de seus anjos (Mt 25.41), a formação de uma sociedade redimida que não se mistura com o mal (Mt 13.36-43) e a comunhão perfeita com Deus no banquete messiânico (Lc 13.28,29).⁶⁹ Aí está a ideia de que o Reino escatológico não se refere a um possível período específico de paz (Milênio), de perfeição, mas da vinda do reino em sua completude, com a extinção total do mal e o estabelecimento dos salvos na vida eterna.

De todos os autores estudados, Schnelle é o que fornece maior quantidade de informação sobre os principais temas neotestamentários – talvez por ter editado sua Teologia do Novo Testamento baseado nos autores históricos de Teologia, em que o próprio Bultmann é por ele citado com frequência, como podemos perceber pelo volume de sua obra, com 1111 páginas. Schnelle propõe uma observação alternativa sobre a dualidade temporal do Reino.

Além de comentar sobre o reino como futuro e presente, ele sugere uma interpretação como uma espécie de “elo” que liga o reino futuro ao presente: o Reino Presentemente Futuro. Ele explica que as passagens escriturísticas sugerem um reino presente/escatológico e também futuro/escatológico. Para ele, “a compreensão Jesuânica” do tempo, isto é, Deus, na pessoa de Jesus, é o elo de ligação entre o futuro escatológico e o presente escatológico. Ou, como ele mesmo conclui: “porque o futuro como domínio régio de Deus que está vindo já alcançou o presente”.⁷⁰

Para Schnelle, Jesus anuncia um Reino que já veio e que também virá. Na pessoa de Jesus, o Reino irrompe e se inicia um novo período da história. Cristo também fala de um Reino que virá. O Reino escatológico presente foi expresso na pessoa de Jesus. O Reino escatológico futuro se refere aos acontecimentos sobre os últimos dias descritos pelos autores neotestamentários; esse período se inicia com a primeira vinda de Cristo e se encerra na segunda vinda.⁷¹ Desta forma, o futuro escatológico já alcançou o presente, pois, segundo

⁶⁶ PFEIFER; VOS; REA, 2013, p. 1661.

⁶⁷ Milênio é um termo teológico baseado nos mil anos mencionados em Apocalipse 20.2-1. Segundo essa concepção teológica o milênio será uma época de bênçãos especiais, durante a qual satanás estará confinado, e o evangelho será propagado sem obstáculos (PFEIFFER; VOS; REA, 2013, p. 1272).

⁶⁸ PFEIFFER; VOS; REA, 2013, p.1272.

⁶⁹ LADD, 2003, p. 91.

⁷⁰ SCHNELLE, 2010, p. 118.

⁷¹ Hebreus 1.2; 1 Pedro 1.20.

Schnelle, já vivemos os últimos dias, os dias que antecedem a segunda vinda do Senhor. Deus não está sujeito ao tempo, e o domínio de Deus não tem passado, mas tem seu tempo próprio: o futuro presente.⁷²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto da dualidade temporal do Reino de Deus como parte da mensagem, da proclamação de Jesus, ajuda a compreender a base do Novo Testamento. As apresentações diversas do conceito de Reino e seus aspectos temporais de presente e futuro no Novo Testamento, principalmente nos evangelhos, nos ajuda a entender a intenção divina com relação à igreja. O conceito de Reino é altamente presente no Novo Testamento. Esse conceito proclamado pelo Senhor e ensinado pelos seus discípulos é entendido pela maioria dos teólogos de duas formas, como presente e futuro simultaneamente. Como foi apontado ao longo deste artigo, a perspectiva temporal futura do Reino é escatológica, segundo Rudolf Bultmann e George Eldon Laad. Escatológico no sentido de uma plenitude que será atingida futuramente, onde os salvos desfrutarão do governo de Deus em todos os aspectos.

O reino escatológico remete ao tempo da eternidade em que Deus reinará e seu reino jamais terá fim. Esse será o sentido mais pleno do Reino, isto porque, apesar da possibilidade de adentrar o Reino agora no presente, não é possível compreendê-lo em sua totalidade. Isso é percebido pela presença do mal no mundo, o que significa que Satanás ainda opera. Mas naquele Reino pleno futuro o mal já não existirá, nem morte, nem doenças, nem algum tipo de tristeza. Foi abordado também o aspecto presente do Reino, onde Roy B. Zuck aponta que os milagres de Jesus – curas e exorcismos – demonstravam que o dedo de Deus ali estava, e que, por isso, o Reino de Deus já estava entre eles. O fato de Jesus operar esses sinais aponta para a superioridade do poder de Deus. Se Jesus invade o “reinado” de Satanás neste mundo e expulsa os demônios de suas vítimas, significa que chegou alguém mais poderoso que ele e que é capaz de reduzir seu domínio a cinzas.

O Reino de Deus invade a história destronando Satanás e seus aliados. O arrependimento é apontado por Zuck como pressuposto para a admissão ao Reino presente, e a perseverança no desenvolvimento da comunhão é o pressuposto para a entrada no Reino futuro. O arrependimento dos pecados significa uma mudança de ideia, de atitude e de caminho. A condição de reconhecimento de que tudo aquilo que fora feito até agora deve ser deixado para trás. O reino de Deus como presente significa que já está entre os homens, e que, para fazer parte do mesmo, basta se tornar discípulo de Cristo. O Reino presente é parcial, isto é, não manifestado plenamente. Todavia, esta parcialidade do Reino não é menos importante que sua plenitude, pois indica que, assim como o Reino atua agora, será maior em grau e amplitude no futuro, de forma absoluta.

O fato de Jesus curar os enfermos e isto se tornar uma evidência da irrupção do Reino, pode dar uma pista de que o Reino futuro e absoluto será isento de doenças e sofrimentos físicos. O fato de Jesus expulsar demônios na era cristã significa que, quando o Reino definitivo

⁷² SCHNELLE, 2010, p. 118.

se manifestar, será absolutamente livre da ação de Satanás e de seus súditos. O Reino como Presente e ao mesmo tempo Futuro, a princípio, pode parecer conflitante, porém, segundo a ótica dos teóricos abordados nesse artigo, suas diferentes noções podem ser conciliadas em alguma medida. Assim é possível considerar que o Reino de Deus possui dois aspectos temporais, presente e futuro. Mas, além dessas duas concepções temporais, ainda vale destacar o apontamento de Schnelle sobre o Reino presentemente futuro. De acordo com esse autor, o Reino escatológico anunciado por Jesus e pelos discípulos já desponta no horizonte e pode ter nos alcançado. Isto de forma alguma significa que esse Reino Futuro já chegou em sua plenitude, antes significa que, à medida que o tempo prossegue, aproxima-se cada vez mais dessa plenitude.

Schnelle ainda indica que o fato de Deus não estar sujeito ao tempo e ser presciente, permite chamar à existência as coisas que ainda não são, isto significa que o Reino será revelado plenamente no futuro, mas pela ótica divina, o Reino em sua plenitude é uma realidade inevitável. Assim sendo, o Reino em seus aspectos temporais é classificado como Presente, Futuro e Presentemente Futuro. Sendo que, do Reino futuro somente participarão aqueles que seguirem os ensinamentos de Jesus e obedecerem a sua vontade deliberada e conscientemente. É possível fazer parte do reino já, agora e também no futuro, na eternidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio. et al. **Bíblia Sagrada Harpa Sagrada**. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2013.

BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Viviam do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2007.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino: Estudos Bíblicos sobre o Reino de Deus**. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008.

NVI. **Bíblia do Ministro Com Concordância**: Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

PFEIFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 13 Impressão. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

SAYÃO, Luiz. **Bíblia de Estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética; Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007.

VINE, William Edwy; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

VERDADES ARQUEOLÓGICAS

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia.** 3.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Dr^a Marivete Zanoni Kunz¹

O autor da obra “Escavando a Verdade” possui formação em teologia e filosofia. É mestre em teologia histórica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Fez seu doutorado pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção, em São Paulo. Tem experiência e participou de escavações em Israel, Espanha, Sudão e Jordânia. É professor na Faculdade Adventista de Teologia e da UNASP, membro da Society Biblical Literature e curador do Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork, no UNASP. Sua obra trata de evidências arqueológicas sobre fatos do Antigo Testamento e da vida de Jesus, para mostrar a veracidade dos textos bíblicos. O autor inicia abordando questões de arqueologia, mostrando o desafio desta tarefa no que diz respeito a identificação e métodos de tudo o que envolve a arqueologia.

Inicialmente o foco está no Egito e alguns achados, como a Pedra de Roseta, por ser este achado considerado o marco histórico que envolve a arqueologia bíblica moderna. Há também destaques para a Palestina e alguns pesquisadores que foram importantes, como William Faxwell Albright, pois, com suas contribuições, revelaram ao mundo céptico verdades das histórias bíblicas, por meio de achados arqueológicos. Ainda nos capítulos iniciais, Silva mostra como estão os debates sobre achados e questionamentos dos críticos, bem como tudo o que envolve um trabalho de campo com as diferentes equipes e capacitações específicas.

¹ A autora é graduada em Teologia e Pedagogia, mestra e doutora em Teologia. É professora da Faculdade Batista Pioneira e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

As técnicas utilizadas para datação e classificação de materiais são extremamente significativas, sendo este assunto desenvolvido no capítulo 4 da obra.

A partir do capítulo 5, o autor começa a desenvolver e falar daquilo que envolve questões bíblicas de forma mais direcionada, como por exemplo, a história de Adão. O texto escrito deixa muito claro, por meio da exposição de materiais encontrados no Antigo Oriente, que essa história não é lenda. Além da origem comum, o autor entra em questões que envolvem histórias dos primórdios da humanidade na Mesopotâmia, como o dilúvio. Com uma exposição excelente, são apresentadas listas com nomes e histórias similares às encontradas no texto sagrado; o autor não deixa dúvida da autenticidade dos fatos bíblicos.

No capítulo 8, o autor desenvolve o assunto ‘Babel e os patriarcas’, evidenciando que a história, de forma geral, mostra que o monoteísmo, e não o politeísmo, foi a primeira forma de religião seguida no mundo, o que veio a sofrer mudanças com o passar dos anos. Uma das causas das mudanças foram as guerras tribais, bem como a prática e ideia do henoteísmo. Esse inclusive, conforme o autor, deve ter sido o contexto em que surgiu Ninrode, guerreiro e fundador de várias cidades (Gn 10), entre elas Babel. Ao que parece, Ninrode, diante desse contexto, deve ter “se aproveitado da crescente onda politeísta/henoteísta para executar um mirabolante plano político: fundar um reino unificado pela religião que teria ele mesmo como principal monarca” (p. 71). Certamente, ele pensou em unificar politicamente a região e ter o controle das cidades-estados. Isso aconteceria se ele conseguisse promover a paz e se tornasse o procurador de todos os deuses. Foi por isso que ele promoveu esse tão gigantesco empreendimento.

O autor mostra a existência tanto de sítios arqueológicos, como de tabletes, que comprovam vários fatos descritos na Bíblia, tais como a torre de Babel e a localização de Ur dos Caldeus. Todos esses materiais estão expostos em diversos museus espalhados pelo mundo, os quais são citados na obra.

Com certeza, a arqueologia tem encontrado e comprovado a veracidade de vários relatos bíblicos. Os detalhes que o autor apresenta, sobre os locais e materiais encontrados, nomes de personagens bíblicos identificados em várias regiões, costumes locais, negociação de escravos com detalhes de preços e valores, ocupação de cargos de poder, a história de José com possibilidade de localização de sua morada e de sua família (cap. 9), entre outros, são simplesmente impressionantes e valiosos ao mundo acadêmico e cristão.

No capítulo 10, o autor fala de Moisés e do Êxodo. Ele traz relatos da vida deste personagem e sua história mostrando que os críticos não puderam negar a historicidade dos acontecimentos, mediante as descobertas que mostraram que os textos que relatam a vida deste personagem não podem ser meros relatos de mitos da Babilônia, mas sua história tem ligações com o Egito. Fatos como os relatos de Êxodo sobre a forma da fabricação dos tijolos revelam isso; ruínas que evidenciam as pragas do Egito e o lamento escrito por um antigo sacerdote egípcio chamado Ipuwer, que descreve fatos de Êxodo 7.14-24, também são significativos nessa história e corroboram para a comprovação da história do Êxodo.

No capítulo 12, o autor traz informações sobre as vitórias de Josué e questões culturais que envolviam os combates na posse de território. Materiais encontrados revelam que as

religiões canaanitas eram extremamente cruéis, inclusive piores que de Roma. Nesse sentido, foi bom e importante que os israelitas fossem rudes para sobreviver. Caso os israelitas não tivessem exterminado a grande maioria dos cananeus, tais costumes seriam assimilados ainda mais pelos hebreus e assim o padrão do povo de Deus seria baixado. Sendo assim, a selvagem forma de vida dos cananeus, “...e a sua mitologia grosseira, foram substituídos por Israel com sua simplicidade nômade e pureza de vida, seu elevado monoteísmo e seu severo código de ética” (p. 113).

Na sequência, nos capítulos 13, 14 e 15, há destaques para o período dos reis de Israel e achados, como a Estela de Tel Dã, que traz a inscrição “casa de Davi”, e mostra que esse personagem existiu de fato e era reconhecido e aceito no 9º século a.C. Além disso, há destaque para as tumbas reais, que foram encontradas quase intactas, e selo com o nome de Jeroboão, que pode ser o rei de Israel, citado na Bíblia. Nesse mesmo capítulo, o achado do túnel de Ezequias, um aqueduto muito sofisticado encontrado por garotos palestinos, tem destaque. Não somente o túnel de Ezequias, mas também selos monárquicos que identificam o rei Ezequias, foram encontrados, e Silva apresenta tais materiais. Fatos que comprovam histórias de reis como Jeú, Nabucodonossor, Belsazar, entre outros, são citados juntamente com os materiais que trazem veracidade a suas histórias.

A arqueologia e Jesus é contemplada nos capítulos finais do livro. Nessa parte do texto, Silva começa descrevendo o racionalismo do século 18, que atingiu a Europa, período esse que tinha por pretensão formar uma religião menos sentimental, e acabou fazendo distinção entre o Jesus Histórico e o Cristo da fé. Nessa concepção, o Cristo da fé seria um mito. A existência de Cristo e a confiabilidade dos Evangelhos é foco dos últimos capítulos apresentados por Silva. Para esses questionamentos, o autor mostra que as respostas para tais dúvidas surgem a partir das escavações na Palestina. Para o autor da obra mencionada, o período das escavações na Palestina trouxe provas, a partir da descoberta de documentos romanos e judaicos, da existência de Jesus de Nazaré. Um dos argumentos trazidos por Silva é o fato de Flávio Josefo, historiador do primeiro século d.C., citar Jesus. Além de Flavio Josefo, ainda há outros historiadores, como Tácito e Suetônio, que são importantes e ajudam a comprovar a história de Cristo.

Achados como o barco do mar da Galileia, comprovam a realidade de episódios do período de Cristo, algo questionado por minimalistas. Há vários achados, tais como: o ossuário de Tiago, que contém a mais antiga menção do nome de Jesus fora dos escritos bíblicos; o palácio de Pilatos, localizado na Cesareia Marítima; a pequena e modesta vila de Nazaré, que vai ao encontro da fala de Natanael em João 1.46; Cafarnaum e sua Sinagoga; a Casa de Pedro. Cada um destes locais e construções são expostos por Silva, mostrando os costumes orientais na forma de construir, a presença de símbolos cristãos nesses locais, as explorações que aconteceram ali e achados, que confirmam a veracidade e sua conexão com o relato bíblico.

As dúvidas, questionamentos e diálogos que surgiram após a apresentação de cada material arqueológico encontrado é exposta ao leitor, bem como, os argumentos que derrubaram tais dúvidas apresentadas, de forma muito especial por grupo de minimalistas, tanto no que diz respeito a descobertas relacionadas com texto do Antigo como do Novo

Testamento. Percebe-se que muito do que envolve achados arqueológicos, como por exemplo, a localização da rota do Êxodo, algumas cidades conquistadas por Josué, bem como, achados do período da conquista de Canaã, no Tell Hesban, fomentam discussão entre os especialistas, pois não conseguem chegar a resultados definitivos. Entretanto, ainda assim, muitos desses achados podem ser considerados “numa categoria de historicidade bastante plausível” (p. 105).

O texto faz uso de materiais de cunho histórico e arqueológico, na busca de trazer mais compreensão da Bíblia. Evidentemente, a Bíblia é respeitada e valorizada, por isso o material é recomendado a todos que buscam mais conhecimento e comprovação da veracidade histórica tanto de textos do Antigo Testamento como do Novo Testamento. O uso de tabelas, gráficos, imagens e versículos bíblicos, auxiliam na leitura do livro e trazem mais compreensão ao conteúdo.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

REDESCOBRINDO A MISSÃO DA IGREJA

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 286 p.

André Souza Silva¹

Diante das inúmeras questões existentes sobre eclesiologia, a editora Vida Nova traz à luz a obra intitulada “*A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*”, de Michael Goheen. A obra não é um manual de como fazer missões, mas busca demonstrar que a igreja não deve simplesmente fazer, ela deve ser missional em sua própria natureza e identidade. Goheen é PhD (pela Universidade de Utrecht), diretor de educação teológica no Missional Training Center, além de professor de cosmovisão e estudos religiosos na Trinity Western University. Sua dissertação de doutorado foi na área de missiologia, assunto também abordado na presente obra.

O autor apresenta a ideia de missão como o papel e a identidade da igreja num contexto da história bíblica, buscando dissociar esse conceito da visão baseada em expansão geográfica e anúncio das boas novas a um lugar distante. A partir de um breve panorama histórico, destacou-se como a igreja tornou-se cativa da sua história cultural, obscurecendo assim sua identidade missional fundamental. A Bíblia utiliza diversas imagens para representar a igreja, mas o legado da cristandade, Iluminismo e consumismo tem distorcido essas imagens, tornando a igreja refém da cultura. Para compreender uma igreja missional é preciso observar

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e também licenciado em Letras-Espanhol e suas literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria, além de mestrando em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como obreiro na Igreja Batista Emanuel de Panambi e professor de Ensino Religioso para o ensino fundamental do Centro Educacional Primeiros Passos em Augusto Pestana. E-mail: andresouzas@hotmail.com.br

desde sua conexão com o povo de Deus, no Antigo Testamento, até o que é radicalmente novo, a partir da obra culminante de Jesus e a vinda do Espírito Santo.

A natureza missional da igreja está arraigada no chamado de Israel, por isso o segundo capítulo busca demonstrar a partir do Antigo Testamento como este era um povo missional. O povo de Deus no Novo Testamento assume a identidade e o papel de Israel. Elucidando o conceito de missão, o autor afirma que se trata do que Deus está fazendo em favor do mundo, e a identidade missional é desempenhar essa iniciativa redentora que é do próprio Deus. O chamado para eles era tornar-se um povo sacerdotal e nação santa, e a igreja herda esse chamado.

Para reconhecer o papel e a identidade do povo de Deus, é preciso realizar uma análise hermenêutica dos textos de Gênesis 12.2,3 e Êxodo 19.3-6, nos quais Deus faz do pequeno povo de Israel o centro da história e alvo da criação. Deus escolhe realizar sua missão por seu povo e por meio deles. Destacando os contextos em que Israel vive seu chamado missional, o autor percorre a história do povo de Israel para demonstrar que eles haviam sido colocados no meio da terra para brilhar como luz para as nações e, ao longo da história, Deus proveu meio para que eles cumprissem o seu chamado. Entretanto, continuamente deixavam de ser santos e separados.

Como Israel frequentemente fracassava em sua missão, o autor pontua que o objetivo de toda a atividade de Jesus era reunir um povo escatológico para que este assumisse seu chamado missional. O reino era uma esperança comum aos judeus, e Jesus abre uma era na história redentora na qual o reino está aqui, mas aguarda a consumação final. O anúncio do reino significava que o verdadeiro destino de Israel estava se cumprindo. Os que respondessem a mensagem de Jesus com arrependimento e fé, assumiriam o papel do povo de Deus na história.

No quinto capítulo, o autor fala da ressurreição de Jesus e a identidade missional da igreja. Tais eventos primeiro deveriam acontecer para capacitar o povo de Deus, para compartilhar o poder do reino de Deus, fazendo parte não somente do centro da comunidade cristã, mas também no centro da história. O Novo Testamento registra a reflexão histórica e teológica desse povo enviado às nações para dar seguimento à lógica da missão de Jesus de maneira criativa em seus contextos variados.

Em “A igreja missional na história do Novo Testamento”, Goheen mostra como a igreja de Atos levou adiante a missão do povo de Deus que foi dada ainda ao povo no Antigo Testamento, porém, agora ao povo messiânico e capacitado pelo próprio Espírito Santo. No sétimo capítulo, o autor aborda cinco categorias de imagens: imagens que conectam a igreja como “povo de Deus”; imagens que indicam o povo de Deus pertencendo a nova ordem escatológica; imagens cristológicas que mostram o relacionamento do povo de Deus com o Messias; imagens que demonstram a vida do Espírito na comunidade; imagens que dizem respeito ao lugar da igreja no mundo. Entretanto, nenhuma dessas imagens pode ser entendida adequadamente se não estiver associada à identidade missional da igreja.

No penúltimo capítulo, “A igreja missional na história bíblica”, o autor apresenta um resumo das conclusões já tratadas no livro. Goheen afirma que descrever uma igreja missional

significa que ela participa na missão de Deus, dá continuidade à missão de Israel, continua a missão do anúncio do reino e testemunho da igreja primitiva. O autor afirma que cada uma dessas características amplia e intensifica a natureza missional do reino de Deus.

Por fim, após analisar os Testamentos e o panorama histórico, Goheen propõe o que seria uma igreja missional hoje; com o que ela se parece no século 21 e como implementá-la. Entre algumas características, destacam-se o uso do culto como instrumento de cultivo de uma identidade missional, a necessidade de se entender o contexto cultural da igreja, o treinamento para o confronto missionário, cultos familiares e a educação cristã. Por último, Goheen lembra que em Deuteronômio uma das ameaças que o povo de Deus enfrenta em sua tarefa missional é “o fracasso em transmitir a fé à geração seguinte”.

Nesta obra, Goheen utiliza de maneira magistral a metanarrativa bíblica transformando-a no fundamento para uma teologia de missões. Goheen frequentemente destaca a importância da eclesiologia para a identidade missional da igreja, porém, sem oferecer uma definição precisa do termo, acaba associando demasiadamente a ideia de eclesiologia à sua teologia de missões. O autor utiliza uma linguagem clara e a forma como está elaborada a distribuição dos capítulos colabora para a leitura da obra. A proposta do livro é atingida ao tratar sobre teologia de missões evitando soluções enlatadas e interagindo com a grande história da redenção bíblica. A obra é recomendada para pessoas interessadas em eclesiologia, teologia de missões, mas também a pastores, teólogos, seminaristas e cristãos em geral, que desejam compreender a proposta de uma igreja chamada missional.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.